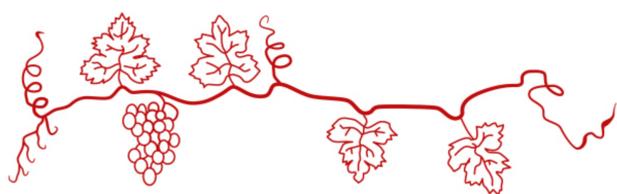




O *Evangelho*
Redivivo

 **LIVRO V** 

**ESTUDO INTERPRETATIVO DO
EVANGELHO SEGUNDO JOÃO**



O EVANGELHO **REDIVIVO**

LIVRO V
ESTUDO INTERPRETRATIVO DO
EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

Organização-Coordenação

Marta Antunes Moura

O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO V
ESTUDO INTERPRETATIVO DE O
EVANGELHO SEGUNDO JOÃO



Copyright © 2023 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 1ª impressão – 1 mil exemplares – 5/2023

ISBN 978-65-5570-568-3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 – Conjunto F – Av. L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6161

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6161 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

O evangelho redivivo: estudo interpretativo do evangelho segundo João / organização de Marta Antunes de Oliveira de Moura. – 1. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2023.

V. 5; 360 p.; 25cm

Inclui referências

ISBN 978-65-5570-568-3

1. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 60.07.01

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	9
Dia <i>sombra</i> de João Evangelista	10

LIVRO V

Estudo Interpretativo do Evangelho segundo João 15

TEMA 1 – O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO	16
TEMA 2 – PRÓLOGO (JO 1:1 A 18).....	23

PARTE I

O Ministério de Jesus e o anúncio da nova economia..... 35

TEMA 3 – O TESTEMUNHO DE JOÃO [BATISTA]. OS PRIMEIROS DISCÍPULOS (JO 1:19 A 51)	36
TEMA 4 – AS NÚPCIAS DE CANÁ. A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO. ESTADA EM JERUSALÉM (JO 2:1 A 25).....	49
TEMA 5 – O ENCONTRO DE JESUS COM NICODEMOS (JO 3:1 A 21).....	60
TEMA 6 – O MINISTÉRIO DE JESUS NA JUDEIA. ÚLTIMO TESTEMUNHO DE JOÃO [BATISTA] (JO 3:22 A 36)	69
TEMA 7 – JESUS ENTRE OS SAMARITANOS (JO 4:1 A 42).....	75
TEMA 8 – JESUS NA GALILEIA. SEGUNDO SINAL EM CANÁ: CURA DO FILHO DE FUNCIONÁRIO REAL (JO 4:43 A 54)	85

PARTE II

Segunda Festa em Jerusalém: primeira oposição à Revelação 93

TEMA 9 – CURA DE ENFERMO NA PISCINA DE BETESDA (JO 5:1 A 18)	94
TEMA 10 – DISCURSO SOBRE A OBRA DO FILHO (JO 5:19 A 47).....	103

PARTE III

A Páscoa do Pão da Vida: nova oposição à Revelação 111

TEMA 11 – A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES. JESUS VEM AO ENCONTRO DE SEUS DISCÍPULOS CAMINHANDO SOBRE O MAR (JO 6:1 A 21)..	112
TEMA 12 – DISCURSO NA SINAGOGA DE CAFARNAUM – 1ª PARTE (JO 6:22 A 40).....	120
TEMA 13 – DISCURSO NA SINAGOGA DE CAFARNAUM – 2ª PARTE – A CONFISSÃO DE PEDRO (JO 6:41 A 71)	126

PARTE IV

A Festa das Tendias – A Grande Revelação Messiânica: a grande rejeição 135

- TEMA 14 – JESUS SOBE A JERUSALÉM PARA A FESTA E ENSINA. DISCUSSÕES DO POVO SOBRE A ORIGEM DE CRISTO. JESUS ANUNCIA SUA PRÓXIMA PARTIDA. PROMESSA DA ÁGUA VIVA (JO 7:1 A 52)..... 136
- TEMA 15 – A MULHER ADÚLTERA. JESUS, LUZ DO MUNDO. DISCUSSÃO SOBRE O TESTEMUNHO QUE JESUS DÁ DE SI MESMO (JO 8:1 A 30)..... 147
- TEMA 16 – JESUS E ABRAÃO. CURA DE CEGO DE NASCENÇA (JO 8:31 A 59; 9:1 A 41)..... 157
- TEMA 17 – O BOM PASTOR (JO 10:1 A 21)..... 169

PARTE V

A Festa da Dedicção. A decisão de matar Jesus..... 179

- TEMA 18 – A VERDADEIRA IDENTIDADE DE JESUS. JESUS RETIRA-SE DE NOVO PARA O OUTRO LADO DO JORDÃO (JO 10:22 A 42)..... 180
- TEMA 19 – A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (JO 11:1 A 44) 188

PARTE VI

Fim do Ministério Público e preliminares da última Páscoa..... 197

- TEMA 20 – OS CHEFES JUDEUS DECIDEM A MORTE DE JESUS. A APROXIMAÇÃO DA PÁScoa (JO 11:45 A 57) 198
- TEMA 21 – A UNÇÃO DE BETÂNIA. ENTRADA MESSIÂNICA DE JESUS EM JERUSALÉM (JO 12:1 A 19)..... 204
- TEMA 22 – JESUS ANUNCIA SUA GLORIFICAÇÃO ATRAVÉS DA MORTE. CONCLUSÃO: A INCREdulIDADE DOS JUDEUS (JO 12:20 A 50)...214

PARTE VII

A hora de Jesus: a Páscoa do Cordeiro de Deus 223

- TEMA 23 – O LAVA-PÉS. O ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS. A DESPEDIDA DE JESUS – 1ª PARTE (JO 13:1 A 38) 224
- TEMA 24 – A DESPEDIDA DE JESUS – 2ª PARTE (JO 14:1 A 31) 237
- TEMA 25 – A DESPEDIDA DE JESUS – 3ª PARTE – A VERDADEIRA VIDEIRA. OS DISCÍPULOS E O MUNDO (JO 15:1 A 27)..... 249
- TEMA 26 – A DESPEDIDA DE JESUS – 4ª PARTE – A VINDA DO PARÁCLITO (JO 16:1 A 15)..... 257
- TEMA 27 – A DESPEDIDA DE JESUS – 5ª PARTE – ANÚNCIO DE PRONTO RETORNO (JO 16:16 A 33)..... 263

TEMA 28 – A DESPEDIDA DE JESUS – 6ª PARTE – ORAÇÃO DE JESUS (JO 17:1 A 26).....	273
TEMA 29 – A PRISÃO DE JESUS. JESUS DIANTE DE ANÁS E CAIFÁS. NEGAÇÕES DE PEDRO (JO 18:1 A 27).....	280
TEMA 30 – JESUS DIANTE DE PILATOS – 1ª E 2ª PARTES – (JO 18:28 A 40; 19:1 A 11).....	290
TEMA 31 – A CONDENAÇÃO À MORTE. A CRUCIFICAÇÃO (JO 19:12 A 22) ...	301
TEMA 32 – A PARTILHA DAS VESTES. JESUS E SUA MÃE. A MORTE DE JESUS (JO 19:23 A 30)	311
TEMA 33 – O GOLPE DE LANÇA. O SEPULTAMENTO (JO 19:31 A 42)	323
TEMA 34 – O SEPULCRO ENCONTRADO VAZIO. APARIÇÃO A MARIA MADALENA. APARIÇÕES AOS DISCÍPULOS. A PRIMEIRA CONCLUSÃO (JO 20:1 A 31).....	332
TEMA 35 – EPÍLOGO. APARIÇÃO À MARGEM DO LAGO DE TIBERÍADES. CONCLUSÃO (JO 21:1 A 25).....	346

AGRADECIMENTOS

Manifestamos nossa irrestrita gratidão à equipe que realizou a revisão gramatical dos textos e a conferência das Referências do quinto livro da Série O Evangelho Redivivo, intitulado *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo João*: Dalva Silva Souza, Janice Luzia Oliveira Schultz Barbosa, Jorge Leite de Oliveira, Manoel de Medeiros Rodrigues Craveiro, Nilva Polônio Craveiro e Wagna Carvalho.

A valorosa contribuição do confrade Severino Celestino da Silva que sempre faz a abertura geral dos livros que compõem a Série O Evangelho Redivivo, é uma bênção sempre presente.

A nossa sincera gratidão se estende a Carlos Roberto Campetti que, além de realizar a tradução dos livros de O Evangelho Redivivo para a Língua Espanhola, também, desenvolve trabalho de organizar e capacitar equipes de estudo, no Brasil e alhures, pelo Sistema de Ensino a Distância (EaD).

Da mesma forma, expressamos o nosso “muito obrigada” aos facilitadores e Temas de O Evangelho Redivivo pelo envio de contribuições doutrinárias e pelo empenho de levar a mensagem do Cristo ao Movimento Espírita.

Acima de tudo, somos profunda e imensamente agradecidos a Deus, Pai e Criador, a Jesus, o amado Senhor Jesus, Guia e Modelo da humanidade terrestre, e a Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, orientador do Programa O Evangelho Redivivo, que, do Plano Espiritual, coordena a equipe de devotados benfeitores espirituais incumbidos de levar a mensagem do Cristo aos habitantes do planeta. Sem o permanente e devotado auxílio desses benfeitores espirituais, que agem em nome do Mestre Nazareno, absolutamente nada poderíamos realizar.

Brasília (DF), 20 de outubro de 2022.

MARTA ANTUNES DE O. DE MOURA
(Organizadora e coordenadora)

DIA SOMBRA DE JOÃO EVANGELISTA*

JOANNA DE ÂNGELIS

Trata-se do mais jovem discípulo de Jesus, esse notável filho da zelosa Salomé e do tranquilo Zebedeu.

Nascido em Betsaida (que significa Casa de pesca), onde residiam muitos *homens do mar da Galileia*, nasceu aproximadamente no ano 10 d.C. e ofereceu a existência à mensagem de Jesus, a quem conheceu ainda muito jovem.

Ao lado de seu irmão Tiago, acompanhou o Rabi nazareno desde quando chamado até o momento da Cruz e prosseguiu fiel no mister, sofrendo perseguições. Desencarnou em Éfeso (Turquia).

A ele Jesus entregou a sua mãe, antes da morte no Calvário, tornando-a genitora da Humanidade, e dela o fez filho, embora nascido em outra carne, outro clã.

Após a Ressurreição sublime do Divino Amigo, não tergiversou um momento sequer, sendo-lhe fiel e amado em toda parte, especialmente em Éfeso, onde passou a residir por longos anos, interrompidos pelo período em que esteve exilado na ilha grega de Patmos, por imposição do imperador Domiciano, cruel perseguidor de Jesus e dos seus discípulos.

Mais tarde, no período do imperador Nerva, já idoso, foi libertado e voltou à sua igreja em Éfeso, tornando a cidade um dos mais respeitados centros da doutrina libertadora.

A sua doçura era cativante e os seus exemplos recordavam o Rabi amado, que procurava imitar com absoluta fidelidade.

* REFORMADOR, Brasília, DF, p. 13(587)-15(589), out. 2022. (Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão da noite de 13 de janeiro de 2021, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Ele participou dos momentos gloriosos da Mensagem: da transfiguração no Tabor, da pesca milagrosa, acompanhado pelo seu irmão Tiago e por Simão Pedro, assim como da multiplicação dos pães e dos peixes, como também da inesquecível *Via crucis*...

Convivera com Ele, após a luminosa Ressurreição e tornou-se *carta viva* do Evangelho.

Jamais deixaria de exemplificá-lo, de vivê-lo.

No seu íntimo, clareada pelo amor, pairava, porém, uma sombra que se iluminava a pouco e pouco, até atingir o *self* coletivo e diluir o seu ego de tal forma que a ponte dual se fez por intermédio do amor.

Sua sede de Jesus era tal, que sempre se atirava à abnegação, de modo a viver o Amigo, tornando-se o espelho que o refletisse em todos os atos.

Apesar desse devotamento e consciência do que deveria fazer para ser feliz, havia a inquietação defluente do que considerava a sua inferioridade espiritual.

Havendo conseguido fruir uma larga existência física, sendo a última testemunha da Presença, todos desejavam vê-lo, tocá-lo, ouvir-lhe as narrativas.

Fiel à promessa de ser o filho da Senhora a partir daquele momento no Calvário, foi buscá-la em Nazaré, na casa de parentes e a trouxe para o seu carinho em Éfeso, onde, realmente, se tornou a mãe da Humanidade sofredora.

Todos que passavam pela região e tinham notícias daquela mulher extraordinária, buscavam-na para ter notícias do filho, deixar-se abrasar pela sua ternura e levar o seu exemplo a outras mães.

Enquanto se encontrava na igreja da cidade, no promontório em que residia, ela abençoava os transeuntes, amparava os enfermos, narrava os acontecimentos da sublime existência do Menino...

Acompanhou-a com ternura filial até o momento em que desencarnou.

Um pouco antes, acolheu a arrependida Maria de Magdala nos seus últimos momentos físicos, devorada pelas febres e a hanseníase.

No íntimo desejava viver o holocausto, a fim de igualar-se-lhe.

Quando escreveu as cartas aos discípulos e especialmente o *Apocalipse*, iluminou a sombra com as narrativas em grande parte da obra, em razão

dos conflitos humanos que remanesciam na conduta desde o berço no lar humilde onde nascera.

A sombra não conseguiu em momento algum turvar-lhe o discernimento e o carinho pelo Amado Benfeitor, cuja saudade impunha-lhe lágrimas de justa saudade, embora a comunhão psíquica mantida.

Era tão grande a sua afeição e entrega, que o Senhor vaticinou que o martírio não o eliminaria, conforme aconteceu.

Foi o único discípulo que teve morte natural mediante o longo desgaste normal dos órgãos.

Ao analisar as dificuldades humanas no processo da evolução, Allan Kardec refere-se às más inclinações que são heranças de existências transatas, muito bem representando a sombra junguiana.

O trabalho de educação moral dá-se através da mente saudável, de modo a diluir a ignorância e o primarismo até manter o discernimento edificante e *dourar-se*, isto é, desaparecer a treva e fazer-se brilhante.

Essas más inclinações perturbadoras são as heranças dos instintos predominantes e resultado do processo da evolução antropológica, cujas experiências em contínua transformação terminam por manter somente os instintos básicos: dormir, comer e reproduzir-se.

Bem mais tarde, quando transcorridos onze séculos, na personalidade do Santo de Assis, João atingiu o clímax como *Cantor das estrelas*, vivendo os dias gloriosos da Galileia e suas regiões que constituíam a sonhadora Israel do Deus único.

Tende ânimo e não se turbe o vosso coração, para que a sombra perturbadora não abra espaço à verdade e ao amor, confirmando que sois *filhos da Luz*.

No predomínio da sombra há muitos desafios a vencer, graças aos quais a vitória íntima faz-se mais expressiva e ansiada por todos os viandantes da evolução.

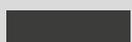
Eis por que enunciou Jesus a respeito da dedicação dos seus discípulos, quando se refere àqueles que forem fiéis até o fim, não sucumbindo às tentações, com devotamento à vigilância e à oração.

Até hoje as lembranças do apostolado do *filho do trovão*, como o denominara Jesus e ao seu irmão Tiago, admoestando-os docemente, após

a explosão do temperamento, permanecem convidando todos ao mesmo ministério de amor e autodoação.

A jornada de sublimação é larga e difícil, o que equivale dizer: exige o empenho de todas as forças para a superação dos impositivos materiais.

...E o modesto pescador tomou das redes luminosas e alcançou a Humanidade quase toda.



O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO V

Estudo Interpretativo do Evangelho segundo João

O EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

POR SEVERINO CELESTINO DA SILVA

João, o discípulo bem-amado de Jesus, nasceu em Betsaida (*casa da pesca*) e era filho de Salomé e Zebedeu e irmão de Jacó (Tiago). Seu pai era comerciante em Cafarnaum, ao tempo que Jesus morava na casa de Pedro e realizava seu ministério na Galileia.

No começo de sua vida ele era pescador (Mc 1:17 a 20). Provavelmente um dos discípulos de João Batista, mencionado em *João*, 1:40, cujo nome não é citado. Mais tarde, ele recebeu o chamado para ser discípulo de Jesus, o Cristo (Mt 4:21 e 22; Lc 5:1 a 11).

João escreveu o seu Evangelho, três epístolas e o livro *Apocalipse*. Foi um dos três que estavam com Jesus quando a filha de Jairo foi ressuscitada (Mc 5:35 a 42), também estava no Monte Tabor na Transfiguração (Mt 17:1 a 9) e no Getsêmani (Mt 26:36 a 46, na Crucificação do Senhor. Em alguns de seus escritos refere-se a si mesmo como o discípulo a quem Jesus amava (Jo 13:23; 21:20) e como o “outro discípulo” (Jo 20:2 a 8). Jesus também chamou a ele e ao seu irmão de *Boanerges*, que significa “filhos do trovão” (Mc 3:17). Há frequentes referências a ele nos relatos da Crucificação e da Ressurreição (Lc 22:8; Jo 18:15; 19:26 e 27; 20:2 a 8; 21:1 e 2). Posteriormente, João foi exilado na ilha de Patmos, onde escreveu o livro *Apocalipse* (1:9).

O seu Evangelho é considerado o mais espiritualizado de todos e tem como símbolo uma águia, ave que voa muito alto. A sua redação ocorreu entre os anos 80 e 100 d.C. e o local onde foi redigido é citado como tendo sido na Ásia Menor, na cidade de Éfeso (segundo citação de Irineu) e Antioquia (citação de Efrém).

Efrém da Síria ou simplesmente Efrém, o Sírio, foi um prolífico compositor de hinos e teólogo do século IV, venerado por cristãos do mundo inteiro, especialmente pela Igreja Ortodoxa Síria, como um santo. Nascido em Nísibis, foi discípulo de Tiago de Nísibis na famosa escola da cidade.

Existem muitas opiniões acerca da autoria do quarto evangelho. No entanto, a maioria dos pais da igreja confirmam a autoria joanina. A mais antiga referência é o fragmento muratoriano do ano 140–170 d.C. O fragmento muratoriano é uma cópia da lista mais antiga que se conhece dos livros do Novo Testamento. Foi descoberta na Biblioteca Ambrosiana de Milão por Ludovico Antonio Muratori e publicada em 1740.

Ernest Renan (1929) fala de um grupo de indivíduos que no fim do primeiro século, foi considerado testemunha ocular da vida de Jesus, acrescentando-se, inclusive, que Pápias de Hierápolis teria conhecido esses discípulos ou teve correlações próximas com eles, guardando consigo as suas tradições. Desse pequeno grupo sairia, mais tarde, uma redação evangélica de caráter peculiar, que parece ter merecido a confiança do velho Apóstolo João, e que poderia ser autorizada a falar em seu nome. Renan acrescenta que é provável que *João* nada escrevesse e que o Evangelho com o seu nome fosse obra realizada por seus discípulos, durante a sua vida. São hipóteses, mas não desistimos de pensar que a vida de Jesus foi contada por *João* de um modo diferente das narrativas originárias da Bataneaia, sendo o relato superior em certos pontos de vista e, particularmente, mais desenvolvida nas referências aos episódios da vida de Jesus passados em Jerusalém.

Bataneaia é uma região que ficava a leste do Mar da Galileia e era parte da antiga Basã; Gaulanítide: região da Transjordânia, assim chamada por causa da cidade de Golan; Itureia: região da Transjordânia, ocupada por uma tribo árabe aramaizada.

Eusébio de Cesareia afirma que João, inicialmente, utilizava o seu evangelho de forma oral, diferenciando dos seus antecessores sinópticos, *Mateus*, *Marcos* e *Lucas*. Assim, João teria sido mais fiel aos princípios judaicos e, pela sua convivência e afinidade espiritual com Jesus, iniciou sua pregação de forma oral. João reconheceu a veracidade dos três evangelhos precedentes e sentiu a necessidade de registrar a história das primeiras ações do Cristo. Este registro se encontra na *História eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia (2000).

Eusébio acrescenta ainda em sua obra, que João teria sido solicitado a transmitir em seu Evangelho os acontecimentos que os outros três evangelistas haviam omitido e as ações de Jesus nesse espaço de tempo, isto é, antes da prisão de João, o Batista. João assinala ao declarar: “Este foi o início dos sinais que Jesus fez [...]” (Jo 2:11), e enfatiza o fato, ao lembrar as atividades de Jesus, de que João, o Batista, ainda estava batizando no deserto

da Judeia a leste do rio Jordão. Este registro se encontra na citação: “João ainda não havia sido encarcerado” (Jo 3:23 e 24).

Essas observações de Eusébio objetivam ratificar que não existe discordância entre os evangelhos, porque o *Evangelho de João* contém as ações iniciais da vida do Cristo e os outros falam dos acontecimentos do final de sua vida. Eusébio conclui suas observações afirmando que provavelmente João omitiu a genealogia de Jesus, segundo a carne, porque *Mateus* e *Lucas* já a haviam elaborado, no entanto, João aborda a divindade messiânica do Senhor.

Champlin (Russell Norman, 1995), apresenta argumentos importantes relacionados à autoria do quarto evangelho ser de João. O mais importante desses argumentos é a declaração de *João* (21:24): “Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas, e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro”. Esse mesmo discípulo, que evidentemente é referido como o “outro discípulo”, também é salientado nos trechos de *João* (13:23, 19:26 e 21:7 a 20). (Ver também Jo 18:15 e 16; 20:2). Embora vários dos 12 apóstolos tenham sido mencionados pelo nome no texto, João e seu irmão Tiago nunca são chamados pelos seus respectivos nomes. Contudo, por uma vez, os filhos de Zebedeu são incluídos entre aqueles que estiveram presentes quando do último aparecimento do Senhor ressuscitado, quando uma atenção especial é dada à pessoa do discípulo amado. O “outro discípulo, a quem Jesus amava”, conforme se lê em *João* (20:1 a 10), e que correu até o sepulcro, a fim de confirmar a história do túmulo vazio, quase certamente deve ser identificado com o próprio Apóstolo João. Parece, assim, que se reunirmos todas essas referências, o próprio livro asseveraria a autoridade de uma testemunha ocular, a saber, o testemunho de um discípulo de João.

João apresenta Jesus como *Verbo Divino* e *Luz do Mundo* e isto nos leva a meditar sobre sua afinidade espiritual com o Senhor. “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8:12). Luz e trevas são temas abordados por *João*, lembrando-nos a Criação como se encontra no primeiro capítulo de *Gênesis*. O Prólogo do seu Evangelho revela a sua natureza semítica e a resposta dada por Deus aos seus filhos que esperavam a vinda do Messias.

A estrutura literária do *Evangelho de João* segue as linhas gerais do plano dos sinóticos: batismo, ministério na Galileia, ministério na Judeia, paixão, crucificação e ressurreição.

Segundo Chouraqui (1977), Jesus é a *testemunha* e o *caminho* que conduzem a Deus e à sua *Torá*. Este tema é um dos mais constantes do

Evangelho de João. O gênio de João consiste justamente em empregar o grego para exprimir uma visão hebraica, mas ninguém contesta o evidente caráter semítico do *Evangelho de João*. O problema é saber se o texto grego atual é um original ou a tradução de uma obra escrita em hebraico ou aramaico. O substrato linguístico de João é essencialmente o hebraico, independentemente de ter existido ou não um documento material, anteriormente escrito nesta língua. Esta reflexão vale, em graus variáveis, para todos os livros do Novo Testamento.

Chouraqi acrescenta que o livro é a obra de um filho de Israel, tão bem versado nas letras hebraicas quanto nas aramaicas e que não pretende esconder nada das suas raízes em proveito de algum conformismo literário: basta-lhe ser ele próprio e assim sendo, *João* não hesita diante do emprego de *parataxes* (sequência de frases justapostas, sem conjunção coordenativa), inclusões, *quiasmos* (quiasmo ou quiasma é uma figura de linguagem em que elementos são dispostos de forma cruzada), paralelismos, característicos da expressão hebraica. Ele reproduz em seu texto palavras hebraicas ou aramaicas seguidas de tradução. O evangelista acumula semitismos pela repetição de verbos, de uso corrente na literatura hebraica. Dá a certos verbos gregos o sentido que teriam se fossem empregados em hebraico: assim, *ver* quer dizer “provar” ou “gozar”; *responder* tem o sentido do verbo *aná* que significa, em hebraico, “tomar a palavra” ou “responder”.

Estudiosos afirmam que um livro com a natureza e o estilo do quarto evangelho, vai muito além do grego, do aramaico ou do hebraico, parece emanar das fontes do silêncio, em que o verbo se revela como *logos*, palavra viva. E é a partir de uma contemplação silenciosa que deve ser lida, compreendida, comentada e, eventualmente, traduzida a obra de João.

O *Evangelho de João* apresenta um estilo e uma afinidade com as comunidades de *Qumran*. As narrativas de *Qumran*, palavra hebraica, são textos cujos conteúdos fazem sintonia com os textos do *Evangelho de João*. Confira as observações de André Chouraqi no texto abaixo:

A descoberta dos manuscritos do Mar Morto confirmou haver uma vasta e profunda difusão do hebraico na Judeia. Os ascetas de Qumran viviam, se expressavam, ensinavam e escreviam na língua da *Bíblia*. O *Manual de Disciplina ou regra da comunidade*, o *Comentário de Habacuc*, os *Hinos de Ações de Graças*, *A Regra de Guerra* e *O Documento de Damasco* evocam ideias e preocupações semelhantes das de João: **as oposições entre a luz e as trevas**, seus filhos, seus príncipes e seus anjos são, aqui como lá, igualmente marcados. João realça como o faziam os monges de Qumran, ao antagonismo entre o

Messias de Luz e o príncipe deste mundo. Daí a hipótese de que *Iohanan ben Zabid*, (João, filho de Zebedeu) autor do quarto Evangelho, pudesse ser um discípulo de *Iohanan*, o *Imersor* (João, o Batista), como se a ele estivesse ligado por laços provavelmente estreitos ao movimento contemplativo dos eremitões de Qumran. (CHOURAQUI, 1977).

Diferentemente dos Evangelhos sinópticos, João não fala do nascimento de Jesus, do batismo, da tentação de satanás, nem de parábolas, nem fala da angústia suprema (Mt 26:36 a 46). João registra apenas oito dos milagres de Jesus e, destes, quatro milagres não se encontram nos sinópticos: transformação de água em vinho (Jo 2:1 a 11); o paralítico de Betesda/Betzaida (Jo 5:1 a 16); o cego de nascença (Jo 9:1 a 38) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11:1 a 44).

A história do povo hebreu é marcada por “sinais” (*otot*, do hebraico) ou “milagres”, indicados como testemunhos da vontade de Deus. O mesmo ocorre no *Evangelho de João*, quando Jesus transformou a água em vinho; salva uma criança da morte; cura um homem paralítico há trinta e oito anos; alimenta cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes; cura um cego de nascença; ressuscita Eleazar (Lázaro) de Betânia dentre os mortos. Estes seis sinais maiores acentuam os eixos profundos da teologia de João e anunciam o sinal decisivo, a seus olhos: a ressurreição do crucificado (Jo 20:1 a 29), o poder de um homem que nada pode deter, nem mesmo o suplício da crucificação: ele ver manifestado o *Mashiach ben Elohim* (o *Messias Filho de Deus*), Salvador de Israel e da Humanidade, que vence o Príncipe deste mundo, o que triunfa sobre a morte.

Em relação aos Evangelhos sinópticos, João substitui o tema fundamental da pregação de Jesus, o anúncio do Reino (que só aparece nele em 3:35 e 18:36), pelo da *vida eterna* concebida como um bem escatológico, divino e do qual é possível tomar posse desde agora. Como Jesus, e outros evangelistas, João fala bastante da necessidade de guardar as *mitsvot* (os mandamentos) de Deus, expressos na *Torá*. Mas o mandamento supremo que resume todas elas, é para João como para Jesus, o amor divino e fraterno, fonte de vida, de justiça, de liberdade, de paz e de unidade.

João dá nova dimensão à escatologia:* ele não inclui em seu Evangelho passagens apocalípticas, não faz menção da vinda do Filho do Homem sobre as nuvens, para seu último triunfo no momento do Juízo Final. Mais sóbrio

* **Escatologia:** doutrina que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico.

que os sinópticos, ele atualiza parcialmente a glória de Jesus, sua salvação e seu julgamento. Tanto que as passagens sobre a ressurreição corporal no fim dos tempos que os fariseus ensinavam, são consideradas por bons autores (e erradamente, talvez) como adições posteriores. João acredita de fato no progresso da história que encontrou sentido com a vida, morte e ressurreição do Messias. Para ele, a história de Jesus anuncia o fim da História do mundo; o Messias venceu o mundo e rechaçou para as trevas exteriores o Príncipe deste mundo. Sua missão consiste em revelar para os homens os tesouros inefáveis da vida, do amor e da paz de Deus.

João realça, mais que seus antecessores, os mistérios da pessoa de Jesus, de sua antecedência e de sua preexistência. Por isso ele compreende a paixão e o suplício do Crucificado como o início de sua Glorificação. Toda leitura de *João* deve, pois, levar em conta o caráter sacramental, sob certos aspectos simbólicos do seu livro; seu simbolismo, inerente ao pensamento hebraico, enraíza-se nos fatos dos quais ele realça o significado teológico e soteriológico.* Mais que no sincretismo helenístico ou na gnose oriental, João busca sua inspiração no legado tradicional do pensamento de Israel, em um momento em que a esperança messiânica parece ser o único recurso contra o abismo do desamparo que Roma impôs a Jerusalém. Assim, o misticismo joanino tem suas razões não apenas nos *Salmos* e nos profetas, mas também nas preocupações imediatas dos hebreus no momento de suas grandes provações.

Diante das considerações finais acima apresentadas por Chouraqui, podemos avaliar toda a espiritualidade do *Evangelho de João* e sua sintonia com o projeto de amor de Jesus. É assim que ele afirma que na *Bíblia* e na literatura universal não existe nenhum livro que possa ser comparado ao *Evangelho de João*.

Só alguém que viveu com Jesus os momentos mais importantes, fundamentais e espirituais de sua vida, como foi o caso de João, só poderia escrever uma obra tão importante e tão singular como é o caso do quarto Evangelho.

Procuremos captar, entender, assimilar e viver esta obra tão importante para nossas vidas.

* **Soteriologia:** é o estudo da salvação humana. A palavra é formada a partir de dois termos gregos: *soterios*, que significa "salvação" e *logos*, que significa "palavra", "princípio" ou "ensino".

REFERÊNCIAS

CESAREIA, Eusébio de. *História eclesiástica*. Coleção Patrística, v. 15. São Paulo: Paulus, 2000. Livro III, cap. 24, it. 11 a 18, p. 144 a 147.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Ed. Candeia, 1995.

CHOURAQUI, André. *O evangelho segundo João*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1977.

RENAN, Ernest. *Os evangelhos e a segunda geração cristã*. Porto, Portugal: Ed. Lello & Irmão, 1929. cap. XVIII, p. 219 a 227.

PRÓLOGO (JO 1:1 A 18)

João (do hebraico, *Y'hôhanan*, “Jeová tem sido gracioso”. No grego é *Ioannes*),¹ mencionado em *Mateus*, 4:21 e 10:3; *Marcos*, 3:17; *Lucas*, 6:14 e *Atos dos apóstolos*, 1:13, era filho de Zebedeu e Salomé (Mt 27:56 e Mc 16:1),² irmão do também apóstolo, Tiago, denominado “Maior”, para distingui-lo de outro membro do colégio apostolar, Tiago Menor: “[...] Pela descrição, “o menor” (gr.: *ho mikros*, “o pequeno”) ele é distinguido do filho de Zebedeu, ou por ser menor em estatura ou por ser mais jovem que seu homônimo”.³ Importa destacar que Salomé, a mãe de João e Tiago Maior, era irmã de Maria, mãe de Jesus (Jo 19:25): “[...] Se essa identificação é correta, João era primo de Jesus pelo lado de sua mãe. Seus pais parecem ter sido pessoas de certa posição, pois Zebedeu, sendo pescador, contava com ‘empregados’ (Mc 1:20); e Salomé era uma das mulheres *que lhe prestavam assistência com os seus bens* (Lc 8:3; Mc 15:40) [...]”.^{4,5} João e seu irmão eram pescadores e trabalhavam com o pai.

Acredita-se que João tenha sido discípulo de João Batista, acompanhando-o em suas pregações, tendo presenciado o batizado de Jesus (Jo 1:35 a 40)^{4,5} e, desde este instante, passou a acompanhá-lo:

Sem dúvida, acompanhou Jesus até a Galileia e assistiu ao casamento em Caná (Jo 2:1-11) [onde Jesus transformou água em vinho]. Ainda não havia sido chamado para o apostolado, limitando a sua atividade às lides do mar, em companhia de Pedro e do pai (Lc 5:10). Dessa ocupação, Jesus os foi tirar para o seguimento (Mt 4:21-22; Mc 1:19-20) e depois foram chamados apóstolos (Mt 10:2) [...].⁵

Jesus apelidou João e Tiago Maior de *boanerges*, que significa “filhos do trovão”, talvez devido ao temperamento forte de ambos (Mc 3:17)⁵ ou, possivelmente, porque eles eram barulhentos ao se expressarem. De qualquer forma, João aprendeu a domar as expressões impetuosas e apaixonadas do temperamento juvenil, naquela longa reencarnação, desde o momento em que foi tocado pelas luzes do Evangelho e pela contínua convivência com o Mestre Nazareno, a quem amava profundamente.

Desde muito jovem, João se revela pessoa muito espiritualizada. O avançar da idade, porém, o transformou em pessoa sábia, tanto em moral como em conhecimento; soube associar a prática do bem e as lições do Evangelho, ensinadas por Jesus, às tradições do Judaísmo e às ideias de alguns filósofos gregos, sobretudo os socráticos e platônicos. Dessa forma, o grande apóstolo desenvolveu um senso moral superior, esforçando-se para vivenciar e seguir os passos de Jesus. Para Léon Denis, a causa da marcante diferença constatada entre os *Evangelhos Sinópticos* – escritos por *Mateus*, *Marcos* e *Lucas*, assim denominados porque há muitas semelhanças entre os três textos evangélicos – e o *Evangelho segundo João* seria o conhecimento dos filósofos gregos adquirido pelo apóstolo:

Os três Evangelhos sinóticos acham-se fortemente impregnados do pensamento judeu-cristão, dos apóstolos, mas já o *Evangelho de João* se inspira em influência diferente. Nele se encontra um reflexo da Filosofia grega, rejuvenescida pelas doutrinas da escola de Alexandria.⁶ [Grifo nosso].

O fato é que o *Evangelho segundo João* apresenta uma dimensão diferente da dos demais evangelhos quanto aos aspectos interpretativos dos ensinamentos e exemplos de Jesus, a historicidade do relato dos fatos e acontecimentos que marcaram a trajetória do Cristo e a própria estrutura literária concebida por João que divide os seus registros evangélicos em duas partes: “[...] uma enfatizando as ações poderosas de Jesus [cap. 1 a 11] e a outra refletindo sobre os eventos que conduziram à sua morte e ressurreição [cap. 12 a 21]”⁷ Essas duas partes são antecedidas por um *Prólogo* composto de 18 versículos e indicam, logo no início, uma reflexão filosófica sobre a preexistência de Jesus junto a Deus que, como *logos* ou *verbo*, encarna para manifestar a Lei de Deus.⁷

2.1 PRÓLOGO DO EVANGELHO SEGUNDO JOÃO (JO 1:1 A 18)⁸

Esse *Prólogo* não foi inserido aleatoriamente pelo evangelista. Trata-se de um recurso introdutório de textos, utilizado na literatura grega da Antiguidade, colocado obrigatoriamente no início dos escritos dos filósofos e na primeira parte da encenação teatral denominada *Tragédia*: “[...] peça em verso, em que figuram personagens ilustres ou heroicos e a ação, elevada, nobre e própria para suscitar o terror e a piedade, termina por um acontecimento funesto. [...]”⁹ O prólogo podia ser apresentado como um diálogo entre os personagens ou por meio de monólogo.⁹ Com o passar do tempo, o prólogo passou a ser denominado *Prolegômenos*, *Prefácio* ou *Introdução*,

nem sempre vinculado à ideia de um acontecimento fatal, evocado nas tragédias.¹⁰ Modernamente, prólogo traz o significado de “estudo preliminar, introdutivo e simplificado.”¹¹ Nos séculos XVIII e XIX, o uso comum era a palavra Prolegômenos, enquanto no século passado e no atual, os termos preferidos são Prefácio ou Introdução.

Em relação ao Prólogo do *Evangelho segundo João*, o erudito escritor evangélico britânico, Frederick Fyvie Bruce (1910–1990), declara:

Provavelmente não há outro lugar no Novo Testamento em que se diga tanto, como aqui, com tão poucas palavras. Aqui estão afirmadas a singularidade do Cristo e as grandes consequências desse autossacrifício incorporado na encarnação. Nesse prólogo, João anuncia o seu tema principal, que é a história de Jesus Cristo demonstrada por meio do que ele disse e fez. [...].¹²

Na tentativa de melhor compreender os textos escritos por João, é de fundamental importância conhecer algumas ideias desenvolvidas pelo apóstolo, que não se limitou a fazer meros registros de fatos da vida e obra do Mestre Nazareno. Para tanto, constam, em seguida, breves informações do pensamento dos filósofos que exerceram influência na construção da mentalidade do apóstolo.

2.1.1 HERÁCLITO DE ÉFESO (?–500 A.C.)

Filósofo pré-socrático, era integrante da Escola Jônica que desenvolvia estudos a respeito da *physis* – a substância física da qual todas as coisas eram feitas e também uma espécie de princípio interno organizador ou estruturador das coisas.¹³

A propósito, os filósofos pré-socráticos estavam organizados em dois grupos ou escolas: a) *Escola Jônica*, formada por estudiosos das teorias sobre a organização da Natureza: Tales de Mileto (?–585 a.C.), Anaximandro (610–547 a.C.) Anaxímenes (585–528 a.C.), Xenófanes de Colofon (580–480 a.C.) e Heráclito de Éfeso (?–500 a.C.); b) *Escola Italiana* cujos integrantes tinham uma visão mais abstrata e menos naturalista da realidade. Daí foram considerados precursores da lógica e da metafísica: Pitágoras de Samos (?–530 a.C.), Alcmeon de Crotona (?– início do séc. V a.C.), Filolau de Crotona (?–final do séc. V a.C.), Parmênides de Eleia (?–500 a.C.), Zenão de Eleia (?–464 a.C.) e Melisso de Samos (?–444 a.C.).¹³

Os filósofos da Antiguidade que defendiam a ideia do *fixismo/imobilidade* da Natureza demonstravam muitas dificuldades para interpretar as ideias do *mobilismo* de Heráclito, a ponto de nomeá-lo “o Obscuro”.¹⁴

Entretanto a maioria das ideias de Heráclito está de acordo com as atuais conquistas científicas:

[Heráclito] [...] Pode ser considerado, juntamente com os atomistas, como o principal representante do mobilismo, isto é, da concepção segundo a qual a realidade natural se caracteriza pelo movimento, todas as coisas estando em fluxo. Este seria o sentido básico da famosa frase atribuída a Heráclito: “*Panta rei*” (Tudo passa). [...] A noção de *logos* desempenha papel central em seu pensamento, como o princípio unificador do real e elemento básico da racionalidade do cosmo [...].¹⁴

2.1.2 FÍLON DE ALEXANDRIA (20 A.C.–50 D.C.?)

Filósofo notável, Fílon desenvolveu método interpretativo do Antigo Testamento que utilizava o conhecimento de alguns postulados da filosofia grega e da alegoria (modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, ideias, qualidades sob forma figurada). Conseguiu, assim, extrapolar as usuais interpretações literais do Judaísmo, extraindo dos textos sagrados o verdadeiro sentido espiritual. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, em que expôs a visão platônica do Judaísmo, sendo reconhecido como o primeiro pensador a tentar conciliar o conteúdo bíblico à tradição filosófica ocidental.¹⁵ “[...] Seus trabalhos mostram que ele tinha um conhecimento de teorias estoicas de primeira mão, e seu pensamento é bastante influenciado por Platão e os estoicos [...].¹⁶

Fílon de Alexandria, às vezes conhecido como *Philo Judæus* ou *Philo Alexandrinus*, foi uma espécie de ovelha negra no pensamento clássico. Judeu desde o nascimento, ele é principalmente lembrado pelos seus comentários filosóficos sobre as escrituras. Sua família, de linhagem sacerdotal, foi uma das mais poderosas da populosa colônia judaica de Alexandria. [...] Fílon recebeu educação judaica, estudando as leis e as tradições nacionais, mas ele também seguiu o sistema grego de estudos (gramática, com leitura dos poetas, geometria, retórica, dialética), o qual ele considera como uma preparação à filosofia. [...].¹⁶

2.1.3 ESTOICISMO–ESTOICOS

Trata-se de Escola de Filosofia Grega fundada por Zenão de Cítio por volta de 308 a.C. Os estoicos acreditavam que a felicidade está em aceitar a lei do Universo e aconselham absorver com tranquilidade os momentos bons e ruins da vida, acrescentando que o ser humano será totalmente feliz, quando se libertar das paixões e aprender com as ocorrências da manifestação da vontade divina.¹⁷

Os fundamentos do ensinamento estoico podem ser resumidos da seguinte forma:

- 1º) divisão da filosofia em três partes: lógica, física e ética;
- 2º) concepção da lógica como dialética [...];
- 3º) teoria dos signos [sinais que indicam algum significado] [...], antecedente da semiótica moderna;
- 4º) conceito de uma Razão divina que rege o mundo e todas as coisas do mundo, segundo uma ordem necessária e perfeita [...];
- 5º) doutrina segundo a qual, assim como o animal é guiado infalivelmente pelo instinto, o homem é guiado infalivelmente pela razão [...];
- 6º) condenação total de todas as emoções e exaltação da apatia como ideal do sábio [...];
- 7º) *cosmopolitismo*, ou seja, doutrina de que homem não é cidadão de um país, mas do mundo;
- 8º) exaltação da figura do sábio e do seu isolamento dos outros, com a distinção entre loucos e sábios.¹⁸

2.1.4 PLATÃO (427–347 A.C.)

Considerado, junto com Sócrates, como um dos mais respeitados filósofos que existiu no planeta, ele foi discípulo de Sócrates “[...] e fundador da Academia – a primeira instituição de ensino superior. Nenhum outro filósofo teve tamanha importância ou ampla e abrangente influência na história da filosofia que Platão”.¹⁹ Para o Espiritismo, Sócrates e Platão foram precursores do Cristianismo e do Espiritismo.

A obra de Platão se caracteriza como a síntese de uma preocupação com a *ciência* (o conhecimento verdadeiro e legítimo), com a *moral* e com a *política*. Envolve assim um reconhecimento da função pedagógica e política da questão conhecimento. Sua conclusão é que o *conhecimento* (o *saber*) se identifica com o *bem*.²⁰

Segundo Platão, a busca pela prática do bem passa pela aquisição do conhecimento, condições que garantem a melhoria moral e intelectual do ser humano, ideias que foram claramente identificadas por João na mensagem do Evangelho. Contudo tanto para o filósofo como para o evangelista é natural que, durante o período ascensional do espírito humano, surjam oposições entre o bem e o mal, entre o verdadeiro e o falso. Daí a necessidade do diálogo ou dialética para que haja bom entendimento entre as pessoas, independentemente de cargos ou posições que ocupem na sociedade:

O diálogo é a forma pela qual tal consenso pode estabelecer. O método dialético – em suas primeiras versões nos diálogos socráticos de Platão – visa expor

e denunciar a fragilidade, a ausência de fundamento, o caráter de aparência das opiniões e preconceitos dos homens habitualmente em seu senso comum. Visa, portanto, fazer com que o interlocutor tenha consciência disso.²¹

2.2 O VERBO OU LOGOS DE DEUS (JO 1:1 A 5)²²

¹No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. ²No princípio, ele estava com Deus. ³Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. ⁴O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens; ⁵e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam.

Em tais versículos consta claramente a concepção do *Logos* (ou Verbo), difundida por renomados filósofos gregos, entre eles o pré-socrático Heráclito de Éfeso, Platão e do filósofo grego-judeu neoplatônico, Fílon de Alexandria, contemporâneo do Evangelista João. *Logos* transmite, em síntese, a ideia da existência de um emissário ou mensageiro celestial que atua na obra da Criação Divina, em nome do Criador Supremo, que é Deus. De acordo com o pensamento joanino, Jesus é o Messias ou Mensageiro de Deus em relação à humanidade terrestre.

Não resta dúvida que uma das concepções mais notáveis de Fílon foi a do *Logos*, ideia plenamente absorvida por João e que já aparece nesses versículos introdutórios e que pode ser assim resumida: a) *Logos* não é Deus, Causa ou Razão primordiais, criadoras do Universo e dos seres, mas um instrumento do Criador, criado à sua imagem e semelhança; b) *Logos* (instrumento do Criador) da idealização helenística corresponde ao sentido de *Messias*, o mensageiro de Deus (*Jeová/Yahweh*), ensinado pelo Judaísmo. Essas concepções fazem distinção entre Deus, Pai e Criador dos seres e das coisas existentes no Universo, e o Cristo, o mensageiro celestial ou *Logos/Verbo* de Deus.

Percebe-se, dessa forma, a dificuldade de interpretação dos textos joaninos que, para serem bem entendidos, exigem do leitor que vá além do símbolo. O estudioso que não consegue ir além da letra ou do símbolo, nada ou pouco compreende. Os escritos de João não se restringem a registros eruditos, mas requisitam também um certo grau de entendimento moral-intelectual da mensagem do Cristo, tão bem compreendida pelo evangelista. Contudo, o aprendizado de João foi gradual, exemplificado pelo estudo e vivência do Evangelho, quando decidiu seguir o roteiro que Jesus indicou.

Um exemplo que se destaca foi o fato de Jesus, já na cruz, entregar a sua mãe, Maria, aos cuidados de João que, a partir daquele momento, a aceitaria como se fora a sua própria mãe (Jo 19:25 a 27). De fato, Maria

permaneceu junto a João até o final da sua existência física. Outro exemplo que marca a trajetória e missão do apóstolo foi transferir a residência para Éfeso, cidade situada na costa ocidental da Ásia Menor, que foi sede da comunidade cristã, à qual Paulo de Tarso dirigiu sua Epístola aos Efésios. O próprio Paulo residiu aí por dois anos. Éfeso era uma cidade esplendorosa, caracterizada pela presença de filósofos, religiosos, mágicos e taumaturgos, uma miscelânea cultural e artística sem precedentes,²³ “reconhecida como a mais notável metrópole da província romana da Ásia”.²³ Foi aí que João escreveu o seu Evangelho, por volta dos anos 98–100 d.C. A mudança de domicílio para Éfeso não foi decisão imediata, mas ponderada. Tudo indica que, em verdade, ele queria conviver mais tempo com os membros do colégio apostolar. Outra, porém, seria a vontade de Deus, principalmente porque a perseguição em Jerusalém era contínua:

Depois da Ascensão, esse apóstolo residiu por algum tempo com os dez em um quarto alto de Jerusalém (At. 1:13), e depois do Pentecostes, foi companheiro de Pedro em trabalho missionário (At.3:1). Ambos sofreram prisão por ordem das autoridades judias (At. 4:9). Os dois foram em comissão para a Samaria auxiliar o trabalho que Filipe havia começado (At. 8:14). João foi um dos que permaneceram em Jerusalém depois da perseguição que assaltou a igreja [cristã] nascente, e ali ainda se achava, quando Paulo visitou a cidade, depois da sua primeira viagem missionária (At. 15: 6; Gl. 2:9) [...].²⁴

As seguintes ponderações, tendo como base o pensamento de Emmanuel, são úteis à nossa reflexão.

2.2.1 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO (JO 1:1)

Nenhuma expressão fornece imagem mais justa do poder d'Aquele a quem todos os espíritos da Terra rendem culto, do que a de João, no seu Evangelho: – “No princípio era o Verbo...”.

Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras, personificando a sabedoria e o amor, tem orientado todo o desenvolvimento da humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos, aos agrupamentos humanos e, assim como presidiu à formação do orbe, dirigindo, como divino Inspirador, a quantos colaboraram na tarefa da elaboração geológica do planeta e da disseminação da vida em todos os laboratórios da natureza, desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo a ideia da sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do Espírito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger.²⁵

Assim, o *Logos* ou *Verbo* na expressão do evangelista indica que “Deus é amor e vida, e a mais perfeita expressão do Verbo para o orbe

terrestre era e é Jesus, identificado com a Sua Misericórdia e Sabedoria, desde a organização primordial do planeta”.²⁶ O cuidado interpretativo, portanto, é não transformar a Causa e o Efeito em uma única entidade, como algumas interpretações literais sugerem: Deus é Deus, o Criador Supremo; Jesus é Jesus, criado por Deus, enviado como Messias ao planeta Terra. Contudo, Jesus, como todos seres e coisas criados pelo Pai celestial, reflete a grandeza divina: “Visível ou oculto, o Verbo é traço da Luz divina em todas as coisas e em todos os seres, nas mais variadas condições do processo de aperfeiçoamento”.²⁶

2.3 JESUS CRISTO, O MESSIAS DO PLANETA TERRA E A LUZ DO MUNDO (JO 1:6 A 18)²⁷

⁶Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era João. ⁷Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. ⁸Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.

⁹Ele era a luz verdadeira que ilumina todo homem; ele vinha ao mundo. ¹⁰Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. ¹¹Veio para o que era seu e os seus não o receberam. ¹²Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome, ¹³eles, que não foram gerados nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus.

¹⁴E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade.

¹⁵João dá testemunho dele e clama: “Este é aquele de quem eu disse: o que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim”.

¹⁶Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça. ¹⁷Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.

¹⁸Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer.

Nesses versículos, o evangelista declara enfaticamente que Jesus é o Messias aguardado pelo povo judeu, e o que Ele representa para a humanidade terrestre como *a luz do mundo*. Ideia totalmente acatada pela Doutrina Espírita, sendo considerada um dos seus fundamentos doutrinários: Jesus Cristo “[...] o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo”.²⁸

Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava.²⁹

O Espírito Emmanuel analisa algumas ideias apresentadas por João no *Prólogo* do seu Evangelho, ao referir-se a Jesus Cristo como o Messias de Deus, assim destacadas:

2.3.1 ELE NÃO ERA A LUZ, MAS VEIO PARA DAR TESTEMUNHO DA LUZ. ELE ERA A LUZ VERDADEIRA QUE ILUMINA TODO HOMEM; ELE VINHA AO MUNDO (JO 1:8 E 9)

Jesus, porém, não obstante conhecer a força da verdade que trazia consigo, não se prevaleceu da sua superioridade para humilhar ou ferir.

Acima de todas as preocupações, buscou invariavelmente o bem, através de todas as situações e em todas as criaturas.

Não perdeu tempo em reprovações descabidas.

Não se confiou a polémicas inúteis.

Instituiu o reinado salvador de que se fizera mensageiro, servindo e amando, ajudando sempre e alicerçando cada ensinamento com a sua própria exemplificação.

[...]

Não nos esqueçamos de que milhares de quilômetros de treva, no seio da noite, não conseguem apagar milímetros de chama brilhante de uma vela, contudo, basta um leve sopro de vento para extingui-la.³⁰

2.3.2 E O VERBO SE FEZ CARNE, E HABITOU ENTRE NÓS; E NÓS VIMOS A SUA GLÓRIA, GLÓRIA QUE ELE TEM JUNTO AO PAI COMO FILHO ÚNICO, CHEIO DE GRAÇA E DE VERDADE (JO 1:14)

– Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas.

Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito.

Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.³¹

O *Evangelho segundo João* não é melhor nem pior que os demais escritos neotestamentais, representa, sim, o entendimento do legado do Cristo, uma preciosa contribuição para o nosso entendimento espiritual, como esclarece Emmanuel:

– Ainda aí, temos de considerar a especialização das tarefas, no capítulo das obrigações conferidas a cada um. As peças nas narrações evangélicas identificam-se naturalmente, entre si, como partes indispensáveis de um todo, mas somos compelidos a observar que, se Mateus, Marcos e Lucas receberam a tarefa de apresentar, nos textos sagrados, o Pastor de Israel na sua feição sublime, a João coube a tarefa de revelar o Cristo Divino, na sua sagrada missão universalista.³²

As anotações inseridas aqui, neste Tema 2, são contribuições para melhor compreendermos os ensinamentos de Jesus, fazendo-nos perceber, cada vez mais, o valor da orientação de Alcíone: “[...] A mensagem do Cristo precisa ser conhecida, meditada, sentida e vivida. [...]”³³

REFERÊNCIAS

- 1 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: João, p. 680.
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: João, o apóstolo, p. 685.
- 3 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Tiago, p. 1.335.
- 4 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: João, o apóstolo, p. 689.
- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: João, o apóstolo, p. 874.
- 6 DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 17. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap 1 – *Origem dos evangelhos*.
- 7 BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 9, p. 211.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 1:1-18 – Prólogo, p. 1.842 e 1.844.
- 9 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. verbete: Tragédia, p. 1.863.
- 10 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. verbete: Prólogo, p. 1.560.

- 11 ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes: 2000. verbete: Prolegômenos, p. 800.
- 12 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. cap. João, it.1 Prólogo, p. 1.174.
- 13 MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. cap. 2, p. 31.
- 14 MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. it. b, p. 35.
- 15 FÍLON DE ALEXANDRIA. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/F%-C3%ADlon_de_Alexandria](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%ADlon_de_Alexandria) Acesso em: 28 dez. 2021.
- 16 STOKES, Philip. *Filosofia: os grandes pensadores*. Trad. Guilherme Fialho. 2. ed. Belo Horizonte, MG: CEDIC, 2009. cap. *Filon de Alexandria*, p. 204.
- 17 STOKES, Philip. *Filosofia: os grandes pensadores*. Trad. Guilherme Fialho. 2. ed. Belo Horizonte, MG: CEDIC, 2009. Glossário: Estoicismo, p. 300.
- 18 ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 1. ed. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes: 2000. verbete: Estoicismo, p. 375.
- 19 STOKES, Philip. *Filosofia: os grandes pensadores*. Trad. Guilherme Fialho. 2. ed. Belo Horizonte, MG: CEDIC, 2009. cap. *Platão*, p. 206.
- 20 MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. cap. 4, p. 51.
- 21 MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p. 53.
- 22 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 1:1-5, p. 1.842.
- 23 METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael. (Orgs.). *Dicionário da bíblia*. v. 1 – As pessoas e os lugares. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. verbete: Éfeso, p. 65.
- 24 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: João, o apóstolo, p. 874.
- 25 XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. 2 – *A ascendência do Evangelho*.
- 26 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 261.

- 27 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 1:6-18, p. 1.842 a 1.844.
- 28 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 625.
- 29 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. comentário de Kardec à q. 625.
- 30 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 106 – *Sirvamos ao bem*.
- 31 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 283.
- 32 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 284.
- 33 XAVIER, Francisco Cândido. *Renúncia*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 2ª pt., cap. 3 – *Testemunhos de fé*.

PARTE I

O Ministério de Jesus e o anúncio da nova economia

- 1) A semana inaugural
- 2) A primeira Páscoa

O TESTEMUNHO DE JOÃO [BATISTA]. OS PRIMEIROS DISCÍPULOS (JO 1:19 A 51)

Este tema apresenta três ordens de ideias: a primeira, desenvolvida em dez versículos (Jo 1:19 a 28), indica as respostas de João Batista aos membros do clero judaico de Jerusalém que o interrogaram a respeito da pregação e do batismo que ele vinha realizando publicamente.¹ A segunda, consubstanciada em seis versículos (Jo 1:29 a 34), traz informações relacionadas ao batismo de Jesus e aos fenômenos espirituais manifestados na ocasião.¹

[...] O assunto é introduzido por uma indagação dos judeus de Jerusalém. A expressão “os judeus” ocorre com frequência nesse evangelho, mas nem sempre da mesma forma. Às vezes ela é usada para diferenciar os habitantes da Judeia dos da Galileia; outras vezes se refere aos judeus como os que não creem em Jesus; em geral, simboliza os líderes judeus em sua oposição a Jesus. Aqui esses líderes são representados pelos *sacerdotes e levitas*. O ponto principal dessa passagem é distinguir o arauto [pessoa que tornava pública uma notícia] da pessoa anunciada. O autor [João Evangelista] registra as perguntas sobre a identidade de João Batista porque elas claramente têm relação com a validade do seu testemunho. [...]¹

Na terceira e última ordem de ideias, organizada em 17 versículos (Jo 1:35 a 51), o evangelista transmite esclarecimentos sobre a organização inicial do colégio apostolar, cita o nome dos primeiros discípulos, a começar por André, irmão de Simão Pedro, sem apresentar mais detalhes, exceto em relação ao apelido de *Cefas* (“Pedra”) que Jesus dá a Pedro e ao diálogo estabelecido entre Jesus e Natanael (também conhecido como Bartolomeu), quanto este foi convidado a fazer parte do grupo dos Doze.²

O Evangelista João assinala nessa passagem evangélica a forte vinculação que há entre a missão de João Batista e a de Jesus. Todavia, enfatiza que João Batista foi o precursor das ideias cristãs, enquanto Jesus era o Messias aguardado pelo povo judeu. Na verdade, João Batista sempre demonstrou que fazia parte de sua missão anunciar a de Jesus.²

3.1 O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA (JO 1:19 A 28)³

¹⁹Este foi o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogarem: “Quem és tu?” ²⁰Ele confessou e não negou; confessou: “Eu não sou o Cristo”. ²¹Perguntaram-lhe: “Quem és, então? És tu Elias?” Ele disse: “Não o sou”. “És o profeta?” Ele respondeu: “Não”. ²²Disseram-lhe, então: “Quem és, para darmos uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?” ²³Disse ele: “Eu sou *a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor*, como disse o profeta Isaías”. ²⁴Alguns dos enviados eram fariseus. ²⁵Perguntaram-lhe ainda: “E por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?” ²⁶João lhes respondeu: “Eu batizo com água. No meio de vós, está alguém que não conheceis, ²⁷aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da sandália”. ²⁸Isso se passava em Betânia do outro lado do Jordão, onde João batizava.

O texto joanino assinala, aqui, dois importantes assuntos: a convicção de João Batista quanto à própria missão e à de Jesus; informações sobre o batizado de Jesus. Tais assuntos encontram-se mais detalhados nos evangelhos sinópticos, no entanto, o Apóstolo João optou por registrar apenas o essencial dos acontecimentos, procurando conduzir o leitor para o entendimento da grandeza espiritual de Jesus, enviado por Deus como o Cristo ou Logos Divino. Essa compreensão é mais bem percebida nos itens que se seguem, os quais refletem as respostas dadas por João Batista durante o interrogatório ao qual ele foi submetido.

3.1.1 JOÃO BATISTA É INTERROGADO POR SACERDOTES E LEVITAS

À época de Jesus existiam diversos grupos religiosos entre os judeus e os não judeus (denominados povos gentílicos ou gentios). Eram grupos muito fechados entre si, corporativistas que desconfiavam de tudo e de todos.

A estrutura política e religiosa dos judeus havia se tornado muito rígida, como uma forma de se proteger de ameaças externas. Eles estavam constantemente sofrendo perseguições e sendo mortos, e de modo geral os primeiros a serem executados eram os líderes. Assim, não iriam aceitar facilmente alguém que quisesse intrometer-se no meio deles e estabelecer o caos.

Os que buscavam o poder o faziam por diversas razões. Alguns eram corruptos e só desejavam a segurança e prosperidade inerentes ao cargo, ou então o domínio e prestígio que ele conferia. Por vezes ambicionavam ambas as coisas. Mas alguns judeus agarravam-se obstinadamente à sua posição política por desejarem com sinceridade prestar benefícios a seu povo. Pensavam até estar servindo a Deus dessa maneira. [...].⁴

Nesse cenário de desconfiança e intrigas surge João Batista que, devido às características da sua pregação (muito direta e retumbante) e do seu modo de vida: ele passava mais tempo no deserto que na cidade, alimentava-se com extrema frugalidade e trazia o corpo coberto com simples pele de ovelha. Pregava o batismo do arrependimento, atraindo inúmeros seguidores, os quais fundaram uma seita religiosa que persistiu até o primeiro século da Era Cristã ou um pouco mais. A movimentação provocada por João Batista chamou a atenção das autoridades religiosas que, de imediato, enviaram representantes para interrogá-lo, assim como, mais tarde, Jesus também o seria. O texto evangélico indica que os interrogadores representavam três tipos diferentes de religiosos: constituído de sacerdotes (*kohen*), levitas (Jo 1:19) e fariseus (Jo 1:24). Importa destacar que o termo “sacerdote” era genericamente utilizado pelo clero judaico para indicar qualquer membro integrante das diferentes ordens religiosas existentes em Israel:

Ministro investido de autoridade. Às vezes denota um ministro de Estado, assistente responsável junto ao rei. [...] Com frequência, os ministros do santuário são denominados sacerdotes levíticos, porquanto o sentido da palavra *kohen*, ministro, sacerdote, exige qualidades descritivas. Um ministro devidamente autorizado, para officiar perante uma divindade, em favor de um povo e tomar parte em outros ritos, é denominado sacerdote. A função essencial a seu cargo era a de mediador entre Deus e o homem. [...].⁵

Os levitas, por sua vez, também eram sacerdotes, mas se distinguiam dos demais por serem descendentes de Levi, cujo filho, Aarão, deu origem a uma das tribos de Israel.⁶ Por tradição histórica, instituída desde a época de Moisés, os homens descendentes da tribo de Levi deviam tomar conta do Santuário,⁶ também denominado Tabernáculo ou Tenda da Congregação – local considerado sagrado onde ocorria a reunião entre Deus e o povo judeu. No Santuário estavam guardados a Arca da Aliança (os Dez Mandamentos) e outros objetos sagrados. “[...] Arão e seus filhos foram separados para o sacerdócio que se perpetuou na sua família. [...]”⁶ Cuidar do Santuário era atribuição muito honrosa. Moisés e Arão eram levitas.⁶

O interrogatório conduzido pelos sacerdotes e levitas restringiu-se a obter informações sobre quem era João Batista e quais os propósitos dele, como confere os seguintes versículos de *João* (1:19 a 23):

[...] quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogarem: “Quem és tu?” Ele confessou e não negou; confessou: “Eu não sou o Cristo”. Perguntaram-lhe: “Quem és, então? És tu Elias?” Ele disse: “Não o

sou”. – “És o profeta?” Ele respondeu: “Não”. Disseram-lhe, então: “Quem és, para darmos uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?” Disse ele: “Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”.

João Batista tinha plena convicção de que ele não era o Messias, ainda que alguns dos seus discípulos defendessem essa ideia. Batista afirma também que ele não era a reencarnação de Elias ou de outro profeta, até porque, como nos ensina Allan Kardec, não existia, à época, um bom entendimento a respeito do assunto, confundindo-se os significados de reencarnação com o de ressurreição. A ideia de João Batista ser Elias reencarnado é aceita pelo Espiritismo, mas não significa dizer que ele recordasse dessa experiência reencarnatória. O esquecimento do passado é recurso que auxilia o reencarnado a executar o seu planejamento reencarnatório com mais independência, sem estar preso a recordações.

Kardec pontua a respeito:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. [...].⁷

A respeito de si mesmo, João Batista afirmou ser *a voz que clama no deserto, nascendo para endireitar o caminho do Senhor*, citando uma previsão do profeta Isaías (40:3), que é analisada por Emmanuel na mensagem *Endireitai os caminhos*. Tal mensagem reflete a essência espiritual da resposta transmitida pelo precursor aos judeus, demonstrando que havia pouca importância o fato de ele ser ou não um profeta ou a reencarnação de um deles, como Elias:

A exortação do Precursor permanece no ar, convocando os homens de boa vontade à regeneração das estradas comuns.

Em todos os tempos, observamos criaturas que se candidatam à fé, que anseiam pelos benefícios do Cristo. Clamam pela sua paz, pela Presença Divina e, por

vezes, após transformarem os melhores sentimentos em inquietação injusta, acabam desanimadas e vencidas.

[...]

Para que alguém sinta a influência santificadora do Cristo, é preciso retificar a estrada em que tem vivido. Muitos choram em veredas do crime, lamentam-se nos resvaladouros do erro sistemático, invocam o céu sem o desapego às paixões avassaladoras do campo material. Em tais condições, não é justo dirigir-se a alma ao Salvador, que aceitou a humilhação e a cruz sem queixas de qualquer natureza.

Se queres que Jesus venha santificar as tuas atividades, endireita os caminhos da existência, regenera os teus impulsos, desfaz as sombras que te rodeiam e senti-lo-ás, ao teu lado, com a sua bênção.⁸

3.1.2 JOÃO BATISTA É TAMBÉM INTERROGADO POR FARISEUS

A passagem evangélica relata que, em sequência à arguição dos sacerdotes e levitas, João Batista também foi interrogado por alguns fariseus, filiados a outro grupo religioso, talvez mais esclarecidos que os demais, porém muito vaidosos, orgulhosos e exageradamente ritualistas: “Fariseu é nome dado a uma das três principais seitas judias, com os saduceus e os essênios. Era a seita mais segura da religião judia. [...]”⁹

[...] Os fariseus sustentavam a doutrina da predestinação, que consideravam em harmonia com o livre-arbítrio. Acreditavam na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo e na existência do espírito, nas recompensas e castigos na vida futura, de acordo com o modo de viver neste mundo; que alma dos ímpios eram lançadas em prisão eterna, enquanto as dos justos reviveriam [...]. A religião consistia na prática de atos externos, em prejuízo das disposições do coração. A interpretação da lei e a sua aplicação nos pormenores da vida comum veio a ser um trabalho de graves consequências [...].⁹

As perguntas que os fariseus dirigiram a João Batista estão relacionadas às manifestações de culto externo, no caso o batismo, conforme estes registros de *João* (1:24 a 26): “Alguns dos enviados eram fariseus. Perguntaram-lhe ainda: ‘E por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?’ João lhes respondeu: ‘Eu batizo com água [...]’”

Em termos históricos, sabemos que o ingresso em uma nova fase da vida, como da infância para a adolescência, e da adolescência para a idade adulta, ou de um compromisso de renovação espiritual, era marcado por práticas ritualísticas, usuais nas tradições dos povos. Entre os judeus, destaca-se a circuncisão, uma operação no órgão masculino de reprodução, a fim de remover o prepúcio, que tem significado especial: assinala a aliança

com Abraão (Gn 17:11); a partir desse rito, subentende-se que ocorrerá uma mudança interna no indivíduo, efetuada por Deus (Dt 1:16; 30:6).¹⁰

Há muitas outras iniciações ritualísticas, religiosas ou não, utilizadas em sociedades secretas ou em outros tipos de associações, algumas das quais cometiam o absurdo de fazer sacrifícios humanos e de animais.¹¹ Com a melhoria intelecto-moral da Humanidade, desaparecerão paulatinamente tais manifestações simbólicas.

Para os fariseus, cultores de rituais por excelência, estava evidente que, para João Batista poder batizar, ele só poderia fazê-lo se estivesse investido de alguma autoridade: ou ele seria o Cristo, o Messias aguardado, ou um dos profetas. João Batista, porém, não se detém no assunto de ter ou não autoridade para batizar, apenas lhes responde que batizava com água. João Batista pregava a iniciação de uma vida nova pela imersão do iniciado nas águas do rio Jordão. Essa iniciação era denominada *o batismo da purificação*,¹² cuja prática de imersão na água foi absorvida pelas igrejas cristãs dos últimos milênios:

O batismo não é uma invenção de João [Batista]. Há muito tempo os judeus já vinham realizando os rituais de lavação como símbolo de purificação de batismo dos convertidos. O batismo de João, entretanto, era diferente, pois marcava o início de um novo relacionamento com Deus, algo que evoluiu rapidamente para se tornar o sinal externo de uma nova vida com Jesus (Atos, 2:38-41).

A palavra “batizar” provém do grego *baptizo*, que significa “imersão”. O batismo na época do Novo Testamento era realizado por imersão total na água, e não por aspersão ou derramamento, práticas que se desenvolveram mais tarde. A imersão era uma forma particularmente apropriada para representar o conceito fundamental do batismo: lavar os pecados, abandonar a vida anterior e mergulhar em uma nova vida com Jesus.¹³

O surgimento de João Batista no cenário social e religioso da época provocou uma notável movimentação religiosa e social, repetimos, considerado pelos cristãos como o último dos profetas do Judaísmo, a despeito do não reconhecimento pelo clero judaico. Por outro lado, não podemos esquecer, havia a crença entre muitos dos seguidores de que ele, João Batista, era o Messias aguardado. João Batista, porém, jamais apoiou ou divulgou tal ideia, até mesmo quando informou aos fariseus que o interrogavam (Jo 1:26 a 28):

[...] Eu batizo com água. No meio de vós, está alguém que não conheceis, aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia

da sandália. Isso se passava em Bethabara, do outro lado do Jordão, onde João batizava.

3.2 O BATISMO DE JESUS (JO 1:29 A 34)¹⁴

²⁹No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. ³⁰Dele é que eu disse: *Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim*. ³¹Eu não conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água. ³²E João deu testemunho dizendo: “Vi o Espírito descer como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. ³³Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água, disse-me: ‘Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo’. ³⁴E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus.”

A questão dos rituais, inclusive o adotado por João Batista no batismo por ele instituído, é algo que ainda continua enraizado na cultura religiosa, do Oriente e do Ocidente. O problema não é o símbolo, em si, mas o apego que se dá a ele, a ponto de impor obstáculos à capacidade pensante e reflexiva do ser humano, mantendo-o prisioneiro de representações materiais, a maioria sem sentido, enquanto os ensinamentos espirituais são relegados a planos secundários. A propósito, recorda o espírita João de Jesus Moutinho (1926–2022) que significativa parte dos representantes de doutrinas tradicionais se submentaram a certos condicionamentos, movidos pelo apego à vida física e à vaidade, que os fizeram instituir diretrizes estranhas “[...] à religião de origem, de cujos fundamentos excluem a imortalidade do Espírito, a moral e a humildade, substituídas por salvação simbólica, com base em atos litúrgicos de rígida observação [...]”¹⁵

Para os religiosos e o povo judaico existia a necessidade da aplicação de rituais. Nesse sentido, João Batista utilizou o rito de batizar com imersão na água – no caso, fazia-se a imersão do crente nas águas do rio Jordão –, batismo que era *considerado símbolo de purificação da alma*. O próprio Jesus, como consta nos versículos ora citados (Jo 1:29 a 34) submeteu-se ao ritual do batismo, pois em sua missão messiânica Ele não contrariou as tradições histórico-culturais. Contudo jamais perdeu a oportunidade de destacar o significado espiritual dos simbolismos. Reportava-se aos profetas do Antigo Testamento ou pregava por meio de parábolas, a fim de esclarecer devidamente os que o escutava. O certo é que o Cristo proporcionava, de uma forma ou de outra, embates entre a fé e a razão, preparando-nos o caminho para a vivência da fé raciocinada, como orienta o Espiritismo,

assim resumida neste texto de Vinícius (Pedro de Camargo, 1878–1966), intitulado *A Verdade e o dogma*:

[...] Não precisamos violentar a razão para que aceite o que não compreende e creia no que não sente. Não precisamos passar de alto e pela rama por um problema de tanta relevância, podemos enfrentá-lo com desassombro, sujeitando-o ao cadinho do raciocínio e calor da meditação. [...] Nenhuma dúvida haverá mais em nosso espírito criando incompatibilidade entre a razão e a fé, a inteligência e o sentimento. Nossa fé e nosso amor serão luminosos, dardejando rajadas de luz sobre o carreiro do destino que palmilharmos. Não creremos pelo testemunho de terceiros, mas pela nossa experiência pessoal. Abriremos mão das exterioridades, dos ritualismos e das querelas sectaristas que dividem e separam os homens, alimentando zelos e fomentando vaidades. Concentraremos nossa atenção sobre o que passa, não fora, mas dentro de nós mesmos, no dealbar duma aurora que surge nos arcanos recônditos da nossa alma como energia propulsora do aperfeiçoamento intelectual e moral que em nós vai processando. Cuidaremos, então, da nossa autoeducação, exemplificando, demonstrando em nós próprios, ao vivo, a obra da redenção [...].¹⁶

O texto de *João*, ora sob estudo, relata que no dia seguinte à arguição a que João Batista fora submetido, Jesus aproxima-se dele para ser batizado, atentando-se às tradições. Trata-se de um momento muito especial, que assinala o encerramento da missão de João Batista, na condição de precursor, e início da de Jesus, o Mensageiro Divino que veio nos recordar a Lei de Deus, ensinando-nos como praticá-la. Assim, frente a frente com Jesus, João Batista o reverencia e exclama: “[...] *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Dele é que eu disse: Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim. Eu não conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água*” (Jo 1:29 a 31). Entretanto importa enfatizar: o batismo se deu não porque Jesus tivesse pecado, “*mas [para] cumprir toda a justiça*”, como assinalou o Evangelista *Mateus* (3:15): “[...] Identificando-se com a humanidade, Jesus estabelecia uma nova maneira de viver. [...]”¹⁷

O batismo de Jesus é o momento em que Ele se apresenta ao mundo como o Messias enviado por Deus à humanidade terrestre. Ciente desse fato, João Batista dá o seu testemunho:

Vi o Espírito descer como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água, disse-me: “Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo”. E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus. (Jo 1:32 a 34).

As manifestações ocorridas posteriormente ao batizado de Jesus (materializações da pomba e da voz ecoando na atmosfera, no ar) foram consideradas por João Batista e por João Evangelista como evidências de que Jesus era o Messias: *E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus* (Jo 1:34). Ainda que a materialização da pomba e da voz sejam fenômenos mediúnicos incomuns, produzidos por intermédio de médiuns de efeitos físicos, nada têm de mágico ou de sobrenatural, quando se lhes conhecem as causas: “Os *médiuns de efeitos físicos* são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, os ruídos etc. [...]”¹⁸

Todas as manifestações de efeitos físicos implicam a utilização, maior ou menor, de ectoplasma, que é o fluido vital, também conhecido como bioenergia, naturalmente liberado por todos os seres vivos da Criação. Nos médiuns de efeitos físicos os fluidos ectoplásmicos são mais abundantes, favorecendo a materialização de Espíritos, animais, vegetais, objetos inertes, sons e ruídos variados, transporte de objetos e curas de enfermidades. Quanto ao fenômeno de voz direta, apresenta as seguintes características, de acordo com a Doutrina Espírita:

Já que os Espíritos podem produzir ruídos e pancadas, podem igualmente fazer que se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, tanto ao nosso lado como no ar. Damos a este fenômeno o nome de *pneumatofonia*. [...]”¹⁹

João Batista também anuncia que o batismo realizado por ele era por meio da água que, simbolicamente, significava “lavar a alma das impurezas”, mas que Jesus batizaria com o *Espírito Santo* (Jo 1:34) ou *pelo fogo* – segundo algumas traduções neotestamentais – que é o batismo de natureza divina, pois propicia condições ao Espírito imortal de reajustar-se às Leis Divinas pelo cumprimento das determinações da Lei de Causa e Efeito, como esclarece Vinícius:

Assim, pois, o batismo de fogo a que se reporta o Profeta dos desertos – consuma-se na luta incruenta, nas provas e nas expiações que resultam da encarnação. A alma que enverga a libré da carne é lançada na liça. [...] A dor, portanto, sob suas múltiplas modalidades, constitui o batismo de fogo, de cuja ação ninguém escapa e cuja aplicação independe do concurso humano. Vem de cima, atua como lei natural que é, atingindo indistintamente os grandes e os pequenos, os sábios e os inscientes, os poderosos e os humildes, os ricos e os pobres, os crentes e os descrentes.²⁰

O *batismo do Espírito* refere-se ao homem que, esclarecido pelas luzes do Evangelho, se renova diariamente, esforçando-se para vivenciar o bem, independente das circunstâncias.

O batismo de Jesus não é o da água. O da água é o batismo terreno, inócuo, inoperante, ineficaz, conforme o atestam os fatos. O batismo de Jesus é, como disse o Precursor, o do fogo e o do Espírito, representando, respectivamente, a lei e a graça, ou seja, a Justiça e a Misericórdia Divina. Tais são os batismos do Céu, eficazes e positivos, por isso que realmente transformam, convertem e redimem as almas!²¹

3.3 OS PRIMEIROS DISCÍPULOS (JO 1:35 A 51)²²

³⁵No dia seguinte, João se achava lá de novo, com dois de seus discípulos. ³⁶Ao ver Jesus que passava, disse: “Eis o Cordeiro de Deus”. ³⁷Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus. ³⁸Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: “Que procurais?” Disseram-lhe: “Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?” ³⁹Disse-lhes: “Vinde e vede”. Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente. ⁴⁰André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram as palavras de João e seguiram Jesus. ⁴¹Encontra primeiramente seu próprio irmão Simão e lhe diz: “Encontramos o Messias (que quer dizer Cristo)”. ⁴²Ele o conduziu a Jesus. Fitando-o, disse-lhe Jesus: “Tu és Simão, o filho de João; chamar-te-ás Cefas” (que quer dizer Pedra). ⁴³No dia seguinte, Jesus resolveu partir para a Galileia e encontrou Filipe. Jesus lhe disse: “Segue-me”. ⁴⁴Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. ⁴⁵Filipe encontrou Natanael e lhe disse: “Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré”. ⁴⁶Perguntou-lhe Natanael: “De Nazaré pode sair algo de bom?” Filipe lhe disse: “Vem e vê”. ⁴⁷Jesus viu Natanael vindo até ele e disse a seu respeito: “Eis verdadeiramente um israelita, em quem não há fraude”. ⁴⁸Natanael lhe disse: “De onde me conheces?” Respondeu-lhe Jesus: “Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas sob a figueira”. ⁴⁹Então Natanael exclamou: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel”. ⁵⁰Jesus lhe respondeu: “Crês, só porque te disse: ‘Eu te vi sob a figueira’? Verás coisas maiores do que essas”. ⁵¹E lhe disse: “Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem”.

Essa passagem evangélica é um breve resumo de como ocorreu a organização inicial do colégio apostolar, constituído de 12 discípulos ou auxiliares diretos de Jesus. Segundo se deduz dos relatos do Evangelista João, os primeiros apóstolos (o próprio João, André, Simão Pedro, Filipe e Natanael) faziam parte do círculo de João Batista. Contudo tais informações não constam ou estão um pouco diferente dos evangelhos sinópticos (Mt 4:18 a 22; Mc 1:16 a 20; 35; 40).²³ Essa constatação, porém, não apresenta relevância quanto ao estudo e vivência do Evangelho, salvo do ponto de vista histórico.

Daí Emmanuel, em sua sabedoria, deter-se na interpretação do versículo 38 (*Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: “Que procurais?”*) que, na essência, sintetiza o motivo do chamamento do Mestre Nazareno que repercute, ao longo dos tempos, no íntimo de todos nós:

Que buscais?²⁴

E Jesus, voltando-se e vendo que eles o seguiam, disse-lhes: Que buscais? (João, 1:38.)

A vida em si é conjunto divino de experiências.

Cada existência isolada oferece ao homem o proveito de novos conhecimentos. A aquisição de valores religiosos, entretanto, é a mais importante de todas, em virtude de constituir o movimento de iluminação definitiva da alma para Deus.

Os homens, contudo, estendem a esse departamento divino a sua viciação de sentimentos, no jogo inferior dos interesses egoísticos.

Os templos de pedra estão cheios de promessas injustificáveis e de votos absurdos.

Muitos devotos entendem encontrar na Divina Providência uma força subornável, eivada de privilégios e preferências. Outros se socorrem do Plano Espiritual com o propósito de solucionar problemas mesquinhos.

Esquecem-se de que o Cristo ensinou e exemplificou.

A cruz do Calvário é símbolo vivo.

Quem deseja a liberdade precisa obedecer aos desígnios supremos. Sem a compreensão de Jesus, no campo íntimo, associada aos atos de cada dia, a alma será sempre a prisioneira de inferiores preocupações.

Ninguém olvide a verdade de que o Cristo se encontra no umbral de todos os templos religiosos do mundo, perguntando, com interesse, aos que entram: “Que buscais?”

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. João, it. 1:19; 2:11 Eventos introdutórios, p. 1.545.
- 2 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. João, it. 1:35-51: O chamado dos primeiros discípulos, p. 1.546.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 1:19-28, p. 1.844.

- 4 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 18, p. 256.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Sacerdote, p. 1.079.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Levitas, p. 743.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 4, it. 4.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 16.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Fariseus, p. 472.
- 10 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. v. I (A-D). 2. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. verbete: Circuncisão, p. 281.
- 11 BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Edwino Royer. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1990. verbete: Iniciação, p. 151.
- 12 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. v. I (A-D). 2. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. verbete: Batismo, p. 148 e 149.
- 13 BEAUMONT, Mike. *Guia prático da bíblia*. Trad. Vanderlei Ortigoza Júnior. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. cap. *João Batista*, it. Batismo, p. 80.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo São João*, 1:29-34, p. 1.844 e 1.845.
- 15 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 6 – *Batismo*.
- 16 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. 2. reimp. Brasília, DF: FEB, 2011. cap. *A Verdade e o dogma*.
- 17 BEAUMONT, Mike. *Guia prático da bíblia*. Trad. Vanderlei Ortigoza Júnior. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. cap. *O Ministério de Jesus*, p. 88.
- 18 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 14, it. 160.
- 19 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 12, it. 150.
- 20 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. 2. reimp. Brasília, DF: FEB, 2011. cap. *Os três batismos: o da água, o do fogo e o do Espírito*.

- 21 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. 2. reimp. Brasília, DF: FEB, 2011. cap. *Os três batismos: o da água, o do fogo e o do Espírito*.
- 22 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo São João*, 1:35-51, p. 1.844 a 1.846.
- 23 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. it. 1:35, p. 364.
- 24 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 22.

AS NÚPCIAS DE CANÁ. A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO. ESTADA EM JERUSALÉM (JO 2:1 A 25)

Após aproximadamente uma semana do batizado de Jesus, realizado por João Batista, e três dias das escolhas dos primeiros discípulos, os quais comporiam o colégio apostolar, surge um convite para eles (Jesus e os discípulos) participarem de uma festa de núpcias, na cidade de Caná da Galileia. Nesse encontro festivo, Jesus transformaria água em vinho, o primeiro sinal – palavra utilizada por João Evangelista em substituição a milagre, mais usada – de que Ele era Mensageiro de Deus, condição obrigatória (para ser aceito como tal, de acordo com a tradição do Judaísmo:

Como Moisés (Êx 4:1-9; 27-31), Jesus deveria realizar “sinais” para provar que foi enviado por Deus, pois só Deus pode dominar as leis naturais (Jo 3:2; 9:31-33). Durante a sua vida terrestre, realizará seis deles (Jo 2:1-11; 4:46-54; 5:2s; 6:5-14; 9:1-16; 11:1s; cf. 12:18), sendo o último a ressurreição de Lázaro, que prefigura a própria ressurreição, o sinal por excelência (Jo 2:18-19); cf. 10:17-18). Esses sinais, e muitos outros que não são explicitamente descritos, devem provocar a fé na missão do Cristo [...].¹

No capítulo dois do *Evangelho segundo João* (1 a 25), estudaremos o início do Mandato de Jesus, quando Ele visita três cidades: Caná da Galileia para a festa de núpcias; Cafarnaum; e Jerusalém para a primeira Páscoa judaica. A respeito dessas cidades, inserimos as seguintes informações histórico-cultural e etimológicas:

» **Caná da Galileia**

(Gr.: *Kana*, provavelmente do hebraico *Qanah* = “lugar de juncos”) – Vila da Galileia nas terras altas, a oeste do Lago [de Genesaré ou mar da Galileia]. [...] Foi a cena do primeiro milagre de Jesus (Jo 2:1-11), local onde, com uma palavra, ele curou o filho de um nobre que estava acamado em Cafarnaum

(Jo 4:46-50) e era terra de Natanael [Bartolomeu] [...]. Não tendo sido definitivamente localizada, tem sido identificada como por alguns *como Kefr Kenna*, cerca de 7 Km a nordeste de Nazaré, sobre a estrada para Tiberíades, onde tem sido feitas escavações [...]. Muitos eruditos modernos, entretanto, preferem identificá-la com *Khirbet Kana*, um local arruinado a 14 Km ao norte de Nazaré, que os árabes locais continuam chamando de Caná da Galileia.²

» **Cafarnaum**

Cidade situada na praia noroeste do mar da Galileia. Seu nome se deriva claramente do hebraico *Kʿfar nahum* = “vila de Naum”, que o grego transformou em uma única palavra. Se ali está em vista ou não o profeta Naum, é impossível dizer. A cidade não é mencionada no AT, mas era cidade importante no tempo de Cristo. Era sede de uma coletoria de impostos; e a presença de um centurião (Mt 8:5) bem pode ter significado que ali havia um posto militar romano. Jesus fê-la de seu quartel general por algum tempo, e, portanto, se tornou conhecida como “sua” cidade (Mt 9:1). Finalmente Ele a condenou pela sua falta de fé, e predisse a sua queda [...].³

» **Jerusalém**

É uma das cidades mais famosas do mundo. Data do segundo milênio a.C., no mínimo; e atualmente é considerada sagrada pelos aderentes das três grandes fés monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. A cidade está estabelecida bem alto nas colinas de Judá, mais de 48 Km do Mediterrâneo, e mais de 32 Km ao extremo norte do Mar Morto. Repousa sobre um platô não muito plano, que se inclina notavelmente para o sudeste. A leste fica o Monte das Oliveiras [...].

O significado do nome Jerusalém não é certo. A palavra hebraica é usualmente escrita *Yerushalaim*, no AT, mas essa é uma forma anômala, visto que o hebraico não pode contar com duas vogais consecutivas. A anomalia foi solucionada no hebraico posterior mediante a inserção da letra “y”, que deu em resultado *Yerushalayim* [...]. [Em aramaico] é evidenciado pela abreviação *Shalem*, em português, “Salém” [...].

A maior parte das autoridades concorda que a parte final da palavra significa “paz (cf Hb 7:2). A primeira parte da palavra pode significar “possessão” ou “fundamento”. [...].⁴

4.1 AS NÚPCIAS DE CANÁ (JO 2:1 A 12)⁵

¹No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. ²Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. ³Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”. ⁴Respondeu-lhe Jesus:

“Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou”.⁵ Sua mãe disse aos serventes: “*Fazei tudo o que ele vos disser*”.

⁶Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. ⁷Jesus lhes disse: “Enchei as talhas de água”. Eles as encheram até à borda. ⁸Então lhes disse: “Tirai agora e levai ao mestre-salá”. Eles levaram. ⁹Quando o mestre-sala provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água – chamou o noivo ¹⁰e lhe disse: “Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora!” ¹¹Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele. ¹²Depois disso, desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali ficaram apenas alguns dias.

No *Evangelho segundo João*, o autor faz questão de destacar sinais que comprovam ser Jesus o Messias da Humanidade. É algo frequente. Vemos, então, nas bodas de Caná da Galileia a ocorrência do primeiro desses sinais: a transformação de água em vinho. O relato do texto evangélico inicia-se com uma declaração de Maria de Nazaré a Jesus de que o vinho havia acabado (Jo 2:3). Segue-se a surpreendente resposta de Jesus à sua mãe (Jo 2:4) que, após ouvi-lo, ela orienta os servos da casa, onde ocorria a festa de casamento, para fazer o que o seu filho recomendasse (Jo 2:5).

A respeito desses cinco primeiros versículos, o respeitável estudioso e religioso estadunidense Russell Norman Champlin (1933–2018) faz as seguintes considerações:

Usualmente, a festa de casamento prolongava-se por sete dias, e já perto do fim da festa é apenas natural que o vinho estivesse acabando, especialmente em face da chegada de sete novos convidados, isto é, Jesus, sua mãe e cinco discípulos. [...].⁶

O episódio faz surgir, naturalmente, algumas perguntas: Por que Maria se preocupou com o fato de o vinho ter acabado? Seria ela íntima dos donos da residência? Ela queria que Jesus resolvesse o problema? ou seria uma forma de dizer que era o momento de o grupo deixar a festa? A verdade é que nada sabemos a respeito, porém há muitas especulações. Champlin prossegue em suas reflexões:

[...] Os comentadores diferem imensamente quanto à razão pela qual Maria se aproximou de Jesus com esse problema, e alguns explicam que ela simplesmente esperava que, de alguma forma, ele pudesse ser capaz de prestar ao casal [noivos] alguma ajuda, embora não esperasse nenhum milagre (essa é provavelmente a explicação mais certa); outros, porém, fazem desse versículo

um ensinamento altamente teológico, revelando que Maria esperava alguma espécie de milagre da parte de Jesus, e que, por isso mesmo, explicou-lhe a situação. [...].⁶

A par dessa situação, surge outra, no mínimo surpreendente, isso se o texto evangélico estiver correto. Trata-se a estranha resposta de Jesus à sua mãe: “Respondeu-lhe Jesus: ‘que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou’ (Jo 2:4). Pode-se pensar, de imediato, que seria um acréscimo editorial ou tradução não muito fiel ao texto original, mas, ainda segundo Champlin, “[...] esse versículo se tem transformado no fulcro de uma gigantesca controvérsia, que gira em torno da atitude para com sua mãe e das relações familiares que mantinha com ela [...]”.⁷

Tem havido inúmeras interpretações sobre as duas expressões principais desse versículo: primeiramente a forma de tratamento – mulher – e, em segundo lugar, a indagação: “que tenho eu contigo?” [conforme outras traduções]. Os protestantes se têm apegado a ambos os pontos como oportunidade para combater a *mariolatria* ou adoração a Maria, procurando mostrar que o próprio Jesus não tinha a sua mãe em tão elevado conceito, conforme tem sido interpretado pela igreja [cristã] ocidental. [...].⁷

O Espiritismo procura não se deter em querelas teológicas, preferindo focar a atenção na grandeza de Jesus, no seu desmesurado amor, cotidianamente demonstrado, aos familiares, amigos e a todas as demais pessoas. Aliás, Ele enfatizou, inclusive, amar os inimigos, que se oferecesse a outra face ao agressor, recomendando fazer o bem aos perseguidores e caluniadores (Mt 5:39 a 42; Lc 6:27 a 49). Jesus amava profundamente sua mãe, Maria de Nazaré, e sempre agiu com respeito e carinho em relação a ela. Assim, o tratamento que Jesus deu à sua mãe não foi insolente nem ríspido, sendo usual àquela época e, até muito recentemente, encontrávamos a palavra *mulher* nos colóquios íntimos, como recorda Amélia Rodrigues:

A expressão *mulher*, não obstante soe aos ouvidos modernos como rude, em Israel era verbete de carinho e respeito na intimidade familiar, desde os antigos. Na cruz, novamente Ele repetirá a palavra num tom de inesquecível angústia, mas também de devoção.⁸

Allan Kardec, por sua vez, destaca:

Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus, por contrastarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que Ele se contradizia. Um fato irrecusável é que sua doutrina tem por base essencial, por pedra angular, a Lei de Amor e de Caridade; Ele não podia, pois, destruir de um lado o que estabelecia do outro. Daí esta consequência rigorosa: se certas

proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que lhe atribuem foram mal reproduzidas, mal compreendidas ou não são suas.⁹

Quanto à transformação da água em vinho, não de difícil compreensão o feito operado por Jesus, considerando-se as qualidades superiores do seu Espírito, o conhecimento e domínio das Leis da Natureza, entre elas, as propriedades da matéria. Nesse sentido, Emmanuel prefere focar na interpretação do conteúdo do versículo 5, que, sem dúvida, é o mais urgente e importante para o nosso aprendizado moral, hoje e sempre:

Palavras de mãe¹⁰

Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo quanto Ele vos disser. (João, 2:5.)

O Evangelho é roteiro iluminado do qual Jesus é o centro divino. Nessa Carta da Redenção, rodeando-lhe a figura celeste, existem palavras, lembranças, dádivas e indicações muito amadas dos que lhe foram legítimos colaboradores no mundo.

Recebemos aí recordações amigas de Paulo, de João, de Pedro, de companheiros outros do Senhor, e que não poderemos esquecer.

Temos igualmente, no Documento Sagrado, reminiscências de Maria. Examinemos suas preciosas palavras em Caná, cheias de sabedoria e amor materno.

Geralmente, quando os filhos procuram a carinhosa intervenção de mãe é que se sentem órfãos de ânimo ou necessitados de alegria. Por isso mesmo, em todos os lugares do mundo, é comum observarmos filhos discutindo com os pais e chorando ante corações maternos.

Interpretada com justiça por anjo tutelar do Cristianismo, às vezes é com imensas aflições que recorreremos a Maria.

Em verdade, o versículo do Apóstolo João não se refere a paisagens dolorosas. O episódio ocorre numa festa de bodas, mas podemos aproveitar-lhe a sublime expressão simbólica.

Também nós estamos na festa de noivado do Evangelho com a Terra. Apesar dos quase vinte séculos decorridos, o júbilo ainda é de noivado, porquanto não se verificou até agora a perfeita união... Nesse grande concerto da ideia renovadora, somos serventes humildes. Em muitas ocasiões, esgota-se o vinho da esperança. Sentimo-nos extenuados, desiludidos... Interpelamos ternura maternal e eis que Maria nos responde: *Fazei tudo quanto Ele vos disser.*

O conselho é sábio e profundo e foi colocado no princípio dos trabalhos de salvação.

Escutando semelhante advertência de Mãe, meditemos se realmente estaremos fazendo tudo quanto o Mestre nos disse.

4.2 A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO (JO 2:13 A 22)¹¹

¹³Estando próxima a Páscoa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. ¹⁴No Templo, encontrou os vendedores de bois, de ovelhas e de pombas e os cambistas sentados. ¹⁵Tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, com as ovelhas e com os bois; lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas ¹⁶e disse aos que vendiam pombas: “Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio”. ¹⁷Recordaram-se seus discípulos do que está escrito: *O zelo por tua casa me devorará.*

¹⁸Os judeus interpelaram-no, então, dizendo: “Que sinal nos mostras para agires assim?” ¹⁹Respondeu-lhes Jesus: “Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei”. ²⁰Disseram-lhe, então, os judeus: “Quarenta e seis anos foram precisos para se construir este Templo, e tu o levantarás em três dias?” ²¹Ele, porém, falava do templo do seu corpo. ²²Assim, quando ele ressuscitou dos mortos seus discípulos lembraram-se de que dissera isso, e creram na Escritura e na palavra dita por Jesus.

Esses registros de João refletem o estado de decadência moral dos religiosos que, distanciados das lições edificantes da Lei de Deus, deixam-se conduzir por manifestações de cultos externos, permitindo que a prática religiosa se transforme em algo banal que não estimula a mudança, para melhor, do ser humano. E o pior: deixando-se envolver em transações comerciais que alimentam a superficialidade dos rituais. Justifica-se, pois, a indignação de Jesus que, viajando a Jerusalém para acompanhar as festividades de comemoração da Páscoa judaica, deparou com intensa movimentação do comércio e dos cambistas à entrada do Templo. Neste sentido, o filósofo, teólogo e professor britânico, Mike Beaumont (1950–) destaca a importância de conhecermos a metodologia educativa da pregação de Jesus, que é refletida em suas palavras, atos e exemplos:¹²

» **Jesus estimulava à reflexão**

[...] Jesus não queria que as pessoas aprendessem apenas por repetição, mas queria que pensassem por si mesmas. Para atingir esse objetivo, Jesus questionava os seus ouvintes, confrontava-os com reflexões, propunha enigmas e narrava parábolas, a fim de apresentar a verdade de um modo renovado, e, dessa forma, estimular o pensamento crítico.

» **Jesus alcançava todas as pessoas**

Além para a sua aptidão para discutir com os doutores da lei, Jesus era capaz de cativar também pessoas comuns com parábolas e histórias ilustradas a partir das experiências cotidianas do povo.

» **Jesus demonstrava autoridade**

Ao contrário da maioria dos mestres da época, os ensinamentos de Jesus não eram apenas um belo discurso. Antes, tudo que ele ensinava era condizente com a sua maneira de viver e agir.

Sendo assim, como a maioria dos religiosos ainda precisa de um local (templo ou igreja) para orar e para conhecer as deliberações da Lei Divina, é sempre útil refletir quanto a esta instrução do Mestre, anotada por *João* (2:16 e 17): “[...] não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio”. Recordaram-se seus discípulos do que está escrito: *O zelo por tua casa me devorará*”.

Como informação adicional, o final do versículo 17 (*O zelo por sua casa me devorará*) é uma citação de *Salmos* (69:9). Não resta dúvida de que, com tais atitudes, Jesus atrairia a incompreensão e a ira do clero e dos governantes, acomodados em suas benesses materiais. Contudo há outro ponto que merece ser destacado: a descrição dos acontecimentos por *João* difere dos registros de *Mateus*, *Marcos* e *Lucas*, como analisa Champlin – ainda que esse estudioso aprove a validade de alguns rituais:

[...] João frisou a irreverência daquele tráfico comercial, ao passo que os evangelhos sinópticos enfatizam a missão universal do judaísmo, a saber, a de anunciar os preceitos de Deus a todas as nações. No entanto, essa missão fica corrompida por alguns poucos, que faziam dos ritos espirituais de grande seriedade um motivo para negócio. O autor desse quarto evangelho, ao citar uma passagem do livro de *Salmos* [...], salienta a energia do ministério de Jesus, bem como o ministério criar uma aura de autoridade. O salmo 69 é reputado como salmo messiânico no NT, e aparece novamente nos textos de *João*, 15:25; 19:29; *Atos*, 1:29; *Romanos*, 11:9 e 15:3. O tempo verbal (na citação desse versículo) foi alterado do passado para o futuro, e a metáfora usada pelo salmista, que fala de uma flama interna consumidora, cheia de energia, é alterada para servir de antecipação da condenação que espera o Messias reformador, cujo ataque contra os interesses dos partidos religiosos haveria de lhe custar a vida.¹³

São detalhes do *Evangelho segundo João* que sempre procura apresentar um significado espiritual para além do simbolismo, bem de acordo com a filosofia socrática, que, a rigor, não deve ser ignorada pelo aprendiz. É o que se percebe, inclusive, no restante da passagem evangélica: a) os judeus reagem, questionando a respeito da autoridade do Cristo (“Que sinal nos mostras para agires assim?” – Jo 2:18); b) alusão à destruição e reconstrução do Templo de Jerusalém, que os religiosos entenderam literalmente (“Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei”. Disseram-lhe, então, os judeus: “Quarenta e seis anos foram precisos para se construir este Templo,

e tu o levantarás em três dias?” Ele, porém, falava do templo do seu corpo. – Jo 2:19 a 21).

Essas duas ordens de ideias, é mais um esforço da pregação de Jesus, que ensina, uma vez mais, que Templo é palavra que deveria ser entendida como Casa do Pai, o local espiritual onde os fiéis se reuniam e adoravam a Deus. O Templo poderia ser em qualquer lugar, independentemente da edificação material. Outra ideia que se deveria dessa, diz respeito ao ato, em si mesmo, de adorar a Deus, o qual deveria ser realizado em Espírito e Verdade, muito além do imediatismo dos cultos externos. Finalmente, mais uma ideia consta no texto joanino: Jesus faz correlação entre a construção e destruição do templo com a morte e a sobrevivência do Espírito, manifestada, inclusive por Ele na crucificação e ressurreição: “Assim, quando ele ressuscitou dos mortos seus discípulos lembraram-se de que dissera isso, e creram na Escritura e na palavra dita por Jesus” (Jo 2:22).

Amélia Rodrigues esclarece-nos a respeito da temática tratada nesse registro de João, ora sob estudo, conduzindo-nos à reflexão de que, passados mais de vinte e um séculos, não estaríamos ainda repetindo as mesmas insensatezes daqueles tempos?

A orgulhosa Israel experimentava o silêncio multissecular das profecias, como se a Divindade submetesse o povo escolhido ao testemunho das provações demoradas: escravidão, sofrimentos no deserto, submissão aos gentios, que lhe usurparam a administração política, ameaçando a religião oficial, que tentavam substituir pelos deuses pagãos impostos através da adoração à figura do Imperador de Roma...

Multiplicavam-se, então, a hediondez, o suborno, de consciências, as intrigas palacianas e as traições de todo porte.

A busca do poder e da sobrevivência assumira papel preponderante no comportamento hebreu, e os indivíduos haviam se transformados em lobos que se devoravam reciprocamente, insaciáveis e cruéis.

A rapina e a desconfiança faziam parte do dia a dia de Jerusalém, que se orgulhava do templo majestoso, ora transformado em covil de raposas políticas e hienas astutas, sempre famélicas. Adorava-se ao Deus Único, enquanto arquitetavam planos maquiavélicos em seu nome, sob a máscara da sordidez.

A pureza de sentimentos, que deve caracterizar o indivíduo de fé, cedera espaço para a hipocrisia religiosa, sem lugar para a verdadeira fraternidade, a irrestrita confiança em Deus.

[...]

O clima moral apresentava-se empestado pelos vapores da deslealdade e da luxúria, combatidas em público e preservadas em particular.

[...]

Nesse terrível contubérnio, Jesus levantou Sua voz e deu início a dias venturosos, que jamais acabarão, abrindo espaço para o amor desprezado, para a esperança esquecida, para a felicidade não mais sonhada.

A sua voz suave e forte soou, de quebrada em quebrada, desde os vales profundos do Esdrelon às altas montanhas do Tabor e do Sinai, convidando ao despertar, conduzindo na direção do Reino de Deus, que estava esquecido por quase todos, embora o seu nome estivesse na boca dos religiosos, que o utilizavam como instrumento de dolo, de sofisma e de indigna justiça.

[...]

Tomando as imagens simples do cotidiano, Ele teceu as redes de amor com que resgataria a humanidade de si mesma, retirando-a do oceano encapelado das paixões, a fim de encaminhá-la no rumo da Grande Luz.¹⁴

4.3 ESTADA EM JERUSALÉM (JO 2:23 A 25)¹⁵

²³Enquanto estava em Jerusalém, para a festa da Páscoa, vendo os sinais que fazia, muitos creram em seu nome. ²⁴Mas Jesus não tinha confiança neles, porque os conhecia a todos ²⁵e não necessitava que lhe dessem testemunho sobre o homem, porque ele conhecia o que havia no homem.

Jesus sabia, de antemão, que a maioria dos que diziam crer n'Ele revelavam uma crença superficial, interesseira e passageira, como é demonstrada, sobretudo, nos momentos finais que antecederam a crucificação. No seguinte trecho, extraído da mensagem *A exemplo do Cristo*, Emmanuel analisa o versículo: *e não necessitava que lhe dessem testemunho sobre o homem, porque ele conhecia o que havia no homem.* (Jo 2:25):

Sim, Jesus não ignorava o que existia no homem, mas nunca se deixou impressionar negativamente.

[...]

Jesus preocupou-se, acima de tudo, em proporcionar a cada alma uma visão mais ampla da vida e em quinhoar cada espírito com eficientes recursos de renovação para o bem.

Não condenes, pois, o próximo porque nele observes a inferioridade e a imperfeição.

A exemplo do Cristo, ajudas quanto possas.

O Amigo Divino sabe o que existe em nós... Ele não desconhece a nossa pesada e escura bagagem do pretérito, nas dificuldades do nosso presente, recheado de hesitações e de erros, mas nem por isso deixa de estender-nos amorosamente as mãos.¹⁶

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 1:6-11. Nota de rodapé i, p. 1.846.
- 2 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Caná, p. 190.
- 3 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Cafarnaum, p. 182.
- 4 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Jerusalém, p. 667 e 668.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 2:1-12, p. 1.846.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas /João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 2, it. 2.3, p. 375.
- 7 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas /João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 2, it. 2.4, p. 376.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 2, p. 27.
- 9 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 14, it. 6.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 171.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 2:13-22, p. 1.847.
- 12 BEAUMONT, Mike. *Guia prático da bíblia*. Trad. Vanderlei Ortigoza Júnior. 1. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. cap. Os ensinamentos de Jesus, it. O estilo de ensino de Jesus, p. 91.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas /João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 2, it. 2.17, p. 383.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. Prólogo: Dias venturosos, p. 7 a 9.

- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 2:23-25, p. 1.847.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 109.

O ENCONTRO DE JESUS COM NICODEMOS (JO 3:1 A 21)

O encontro entre Jesus e Nicodemos revela esclarecimentos a respeito da reencarnação, ideia muito superficialmente compreendida pelos judeus, a ponto de confundi-la com ressurreição. Um ponto relevante foi Nicodemos, membro do Sinédrio, fariseu e doutor da lei, ter solicitado o encontro com Jesus:

Um homem como esse estaria familiarizado com o ensino judaico e teria compreendido as alusões feitas por Jesus. Embora João com frequência mencione os fariseus com desprezo, aqui ele volta o foco a um fariseu com o propósito sério de falar com Jesus.

[...]

Aqui estava um homem que tinha visto os sinais e estava pronto a fazer mais perguntas. No entanto, é evidente que o ponto de vista de Nicodemos sobre Jesus não ia além de vê-lo como um mestre que tinha estampado em si o selo de Deus. Pelo menos era um começo, embora muito longe de uma compreensão plena. O comentário de Jesus no v. 3 vai muito além da pergunta implícita de Nicodemos. A necessidade do novo nascimento desafiava o direito de Nicodemos de fazer uma avaliação de Jesus em uma esfera puramente humana. [...].¹

A despeito de a ideia da reencarnação indicar o princípio da manifestação da justiça e misericórdia divinas, claramente anunciada por Jesus no colóquio com Nicodemos, a constituição das igrejas cristãs preferiu manter o assunto sob o véu do simbolismo, sem esclarecer a respeito do assunto, como ensina a Doutrina Espírita e sábios que existiram na Antiguidade, como Pitágoras, Sócrates e Platão. Chegará o momento, no futuro da Humanidade, em que a reencarnação, assim como outras ideias, será plenamente entendida pelos habitantes do planeta, que terão plena consciência a respeito de onde vieram, por que se encontram reencarnados e qual a destinação deles como seres inteligentes da Criação:

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, é inexplicável; que é eminentemente

consoladora e conforme a mais rigorosa justiça; que representa para o homem a âncora de salvação que Deus, na sua misericórdia, lhe concedeu.²

5.1 O ENCONTRO COM NICODEMOS (JO 3:1 A 21)³

¹Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, um notável entre os judeus. ²À noite ele veio encontrar Jesus e lhe disse: “Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como um mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele”. ³Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” ⁴Disse-lhe Nicodemos: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?” ⁵Respondeu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. ⁶O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito. ⁷Não te admires de eu te haver dito: vós deveis nascer de novo. ⁸O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”. ⁹Perguntou-lhe Nicodemos: “Como isso pode acontecer?” ¹⁰Respondeu-lhe Jesus: “És o mestre de Israel e ignoras essas coisas? ¹¹Em verdade, em verdade, te digo: falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos, porém não acolheis o nosso testemunho. ¹²Se não credes quando vos falo das coisas da terra, como creereis quando vos falar das coisas do céu? ¹³Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem. ¹⁴Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do Homem, ¹⁵a fim de que todo aquele que crer tenha nele vida eterna. ¹⁶Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna. ¹⁷Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. ¹⁸Quem nele crê não é julgado; quem não crê, já está julgado, porque não creu no Nome do Filho único de Deus. ¹⁹Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas obras eram más. ²⁰Pois quem faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, para que suas obras não sejam demonstradas como culpáveis. ²¹Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se manifeste que suas obras são feitas em Deus”.

O comentário de Jesus, registrado no versículo 3 (*Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus*), extrapolou, possivelmente, as expectativas de entendimento de Nicodemos, naquela ocasião. Contudo, fazia-se necessário que ele, como doutor da lei, assim como o homem comum, começasse a compreender com lucidez que a busca pela perfeição espiritual (ou Reino de Deus), passa pela reencarnação:

O Mestre sabia que o único sentido da existência humana é o de adquirir a flama do amor e desenvolvê-la, deixando-se abrasar pela sua labareda, e

ampliar os horizontes da solidariedade, expandindo os sentimentos em favor do próximo e de todas as manifestações da Natureza [...].⁴

Fazia-se necessário, então, que os assuntos *ressurreição* e *reencarnação*, equivocadamente interpretados pelos judeus, fossem adequadamente interpretados, pois, pergunta-se, como entender o processo evolutivo humano sem aquisição desses conceitos básicos? Como adquirir tais esclarecimentos em uma única existência corporal? Percebemos, assim, que a finalidade maior do encontro de Jesus com Nicodemos foi a de esclarecer a respeito dessa temática: era importante que cultos e incultos começassem a compreender que o homem é um Espírito imortal, sobrevivente à morte do corpo físico, que renasce em outros corpos físicos quantas vezes se fizerem necessárias ao seu aprimoramento espiritual. A volta do Espírito ao mesmo corpo, estando ele ainda vivo, é o que se denominava *ressurreição*, tal como aconteceu a Lázaro, irmão de Marta e Maria (Jo 11:1 a 46) ou à filha de Jairo (Mt 9:18 a 26; Lc 8:40 a 56; Mc 5:21 a 43). Pode-se dizer, ainda hoje, que há ressurreição quando alguém retorna à vida depois de passar por um estado de morte aparente ou até mesmo após um coma profundo. A “[...] *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem em comum com o antigo. [...]”⁵ São dois conceitos distintos!

Para melhor entendimento do assunto, apresentaremos, em seguida, interpretações de reconhecidos autores espíritas do texto joanino, ora sob análise.

5.1.1 NICODEMOS (JO 3:1)

Setenta eram os doutores da Lei, escolhidos em Israel entre os letrados e os de ascendência nobre.

Nicodemos era dos mais jovens entre os respeitáveis mestres, que desfrutavam o privilégio de ocupar a alta Corte do Sinédrio. Fariseu, além de ser doutor da Lei, era chefe dos judeus.

Sequioso da verdade, não se contentava com as velhas fórmulas da exegese religiosa e sentia, depois daqueles tormentosos séculos em que Israel se vira privada de revelações, que algo de estranho e grandioso pairava no ar.

De caráter nobre, era severo na interpretação da Lei e zeloso cumpridor dos deveres.⁶

5.1.2 COMO CONHECER O REINO DE DEUS (JO 3:2 E 3)

Nicodemos [...] ao cabo de grandes preocupações e longos raciocínios, procurou a Jesus, em particular, seduzido pela magnanimidade de suas ações e pela grandeza de sua doutrina salvadora. [...]

Após a saudação habitual e revelando as suas ânsias de conhecimento, depois de fundas meditações, Nicodemos dirigiu-se-lhe respeitoso:

– Mestre, bem sabemos que vindes de Deus, pois somente com a luz da assistência divina poderíeis realizar o que tendes efetuado, mostrando o sinal do céu em vossas mãos. Tenho empregado a minha existência em interpretar a lei, mas desejava receber a vossa palavra sobre os recursos de que deverei lançar mão para conhecer o Reino de Deus!

O Mestre sorriu bondosamente e esclareceu:

– Primeiro que tudo, Nicodemos, não basta que tenhas vivido a interpretar a lei. Antes de raciocinar sobre as suas disposições, deverias ter-lhe sentido os textos. Mas, em verdade, devo dizer-te que ninguém conhecerá o Reino do Céu, sem nascer de novo.⁷

5.1.3 NECESSIDADE DE NASCER DE NOVO (JO 3:4 E 5)

» O Messias fixou nele os olhos calmos, consciente da gravidade do assunto em foco, e acrescentou:

– Em verdade, reafirmo-te ser indispensável que o homem nasça e renasça, para conhecer plenamente a luz do reino!...⁸

» Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* [v. 5] foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, dizia simplesmente: *não renasce da água e do Espírito*, ao passo que em algumas traduções as palavras – *do Espírito* – foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. [...]”⁹

» Para se compreender o sentido verdadeiro dessas palavras, é preciso igualmente se atentar na significação do termo água, que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Os conhecimentos dos Antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos. Eles acreditavam que a Terra havia saído das águas e, por isso, consideravam a água como o elemento gerador absoluto. [...]

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o símbolo da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma”. É nesse sentido que foram compreendidas inicialmente.¹⁰

Há outro sentido que, também pode ser considerado em relação à expressão “nascer de novo”, ensinado por Emmanuel:

Deixa-te reviver, cada dia, na corrente cristalina e incessante do bem.

Não olvides a assertiva do Mestre: “Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.”

Renasce agora em teus propósitos, deliberações e atitudes, trabalhando para superar os obstáculos que te cercam e alcançando a antecipação da vitória sobre ti mesmo, no tempo...¹¹

5.1.4 NASCER DA CARNE E NASCER DO ESPÍRITO (JO 3:6 A 12)

» Um ponto capital que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para ideias dessa ordem e para as suas consequências, foi a grande e importante lei da reencarnação. Contudo, assentou o princípio da referida lei, como o fez relativamente a tudo mais. Estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, a lei da reencarnação constitui a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem verdadeiros contrassensos.¹²

» Tal interpretação se justifica, ademais, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito é independente do corpo.¹³

» [João] [...] Aprofundou a sonda reveladora e adentrou no colóquio do Mestre com Nicodemos sobre um *novo renascimento*, desse colóquio, possivelmente, participara como ouvinte. Começa o seu estudo com a transcendente questão do Verbo e encerra no Apocalipse com a fulgurante visão medianímica de *Jerusalém Libertada*. O seu, é o Evangelho espiritual.¹⁴

O diálogo entre Jesus e Nicodemos prossegue, sendo que dos versículos 7 ao 12, o Mestre Nazareno reforça a ideia da pluralidade da reencarnação como recurso divino de aprendizado moral e intelectual, assim como de reparação de possíveis equívocos cometidos contra a Lei de Deus:

A palavra de Jesus a Nicodemos foi suficientemente clara.

Desviá-la para interpretações descabidas pode ser compreensível no sacerdócio organizado, atento às injunções da luta humana, mas nunca nos espíritos amantes da verdade legítima.

A reencarnação é lei universal.

Sem ela, a existência terrena representaria turbilhão de desordem e injustiça; à luz de seus esclarecimentos, entendemos todos os fenômenos dolorosos do caminho.¹⁵

As reencarnações sucessivas representam a base necessária da evolução do Espírito, a qual está diretamente subordinada à sua liberdade de fazer escolhas ou usar o livre-arbítrio. O bom ou mau uso do livre-arbítrio, por sua vez, manifesta-se na forma de ações boas ou más que, inevitavelmente, geram reações, no tempo e no espaço. Sem dúvida, o ponto mais sensível e impulsionador do

processo evolutivo é fazer escolhas acertadas. Questão primordial a respeito da qual devemos nos deter com muita atenção, como orienta Emmanuel:

Eis por que a Doutrina Espírita fulge, da atualidade, diante da mente humana, auxiliando-nos a descobrir os Estatutos Divinos, funcionando em nós próprios, no foro da consciência, a fim de aprendermos que a liberdade de fazer o que se quer está condicionada à liberdade de fazer o que se deve.

Estudemos os princípios da reencarnação, na Lei de Causa e Efeito, à luz da Justiça e da Misericórdia de Deus e perceberemos que, mesmo encarcerados agora em constringentes obrigações, estamos intimamente livres para aceitar com respeito e humildade as determinações da vida, edificando o espírito de trabalho e compreensão naqueles que nos observam e nos rodeiam, marchando, gradativamente, para a nossa emancipação integral, desde hoje.¹⁶

5.1.5 O FILHO DO HOMEM: O MENSAGEIRO DE DEUS (JO 3:13 A 21)

A passagem evangélica é mais uma reafirmação de *João* de que Jesus, o Filho do Homem, é o *Logos* de Deus, Messias ou Mensageiro Divino para a humanidade terrestre que, corporificado, teve a missão de trazer ao planeta o Caminho, a Verdade e a Vida, semelhantemente a Moisés que, vencendo os inúmeros obstáculos, trouxe o Decálogo. Norman Russell Champlin, conhecido autor protestante, faz as seguintes considerações, muito condizentes com as ideias espíritas:

É muito apropriado o fato de o autor sagrado ter-se utilizado da expressão *Filho do Homem*, porque a ênfase dessa revelação de Deus aos homens é que ela é feita por intermédio de Jesus, aquele que, tornando-se homem, veio em carne, fez-se a encarnação do *Logos*, a fim de que nos pudesse revelar os mistérios celestiais. [...] Contudo, nesse termo, veio a expressão não somente da humanidade autêntica de Jesus Cristo, mas igualmente da sua exaltada posição de Messias [...].¹⁷

Na verdade, para que missão de Jesus seja cumprida, o homem precisa renovar-se profundamente, aprendendo a amar integralmente ao Pai e Criador Supremo e ao próximo como a si mesmo, como ensinou Jesus (Mt 22:37 a 39).

Como ilustração desse assunto, citamos um trecho da conversa ocorrida entre Jesus, Tiago e André, relatada por Humberto de Campos, logo após a retirada de Nicodemos:

[...] Como poderá alguém amar o Pai, aborrecendo-lhe a obra? Contudo, não estranho a exiguidade de visão espiritual com que examinaste o texto dos

profetas. Todas as criaturas não feito o mesmo. Investigando as revelações do Céu com o egoísmo que lhes é próprio, organizaram a justiça como o edifício mais alto do idealismo humano. E, entretanto, coloco o amor acima da justiça do mundo e tenho ensinado que só ele cobre a multidão dos pecados. Se nos prendemos à lei de talião, somos obrigados a reconhecer que onde existe um assassino haverá, mais tarde, um homem que necessita ser assassinado; com a lei do amor, porém, compreendemos que o verdugo e a vítima são dois irmãos, filhos de um mesmo Pai. Basta que ambos sintam isso para que a fraternidade divina afaste os fantasmas do escândalo e do sofrimento.¹⁸

Em síntese, o admirável evangelista transmite a mensagem do Cristo de forma irrepreensível: somente a Lei de Amor, manifestada em toda a obra da Criação, conduzirá a Humanidade à plenitude da vida, assim declarada e consubstanciada em *João (3:16): Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna.* Emmanuel ilumina-nos o entendimento contido na pérola desse versículo 16:

Ante o poder do amor¹⁹

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.
(*João, 3:16.*)

Ninguém conseguiria manter a ordem sem a justiça, mas ninguém constrói a paz sem amor.

Não se negará merecimento à colônia penal que reúne os doentes de espírito, como não se recusa apreço ao hospital que congrega os doentes do corpo; mas assim como na instituição de saúde somente o desvelo do amor é capaz de assegurar o preciso êxito às instruções da medicina, nos estabelecimentos de regeneração apenas o trabalho do amor garante a recuperação da lei que traça disposições para o equilíbrio social.

Muitos falarão de esforço corretivo perante os erros do mundo; não lhes desconsiderarás as razões, quando justas, todavia, precedendo quaisquer medidas de coerção referir-te-ás ao amor que restaura.

Muitos apontarão os perigos resultantes das deficiências do próximo; não lhes desrespeitarás a argumentação, quando sincera, mas antes de tudo providenciarás a obtenção de remédio que as reduza.

Assim deve ser, uma vez que por enquanto, na Terra, para legiões de acusadores, diante das vítimas do mal, existem raros advogados para o socorro do bem.

Ama sempre e, quando estiveres a ponto de descreer do poder do amor, lembra-te do Cristo; o Senhor sabia que o mundo de seu tempo estava repleto de Espíritos endividados perante a Lei, que Ele não poderia invalidar os arestos da Justiça para o reajustamento dos culpados, compreendia que as criaturas

hipnotizadas pelo vício não lhe dariam atenção, que deveria contar com a hostilidade daqueles mesmos a quem se propunha beneficiar e permanecia convicto de que o extremo sacrifício lhe seria o coroamento da obra; entretanto, consubstanciando em si mesmo o infinito amor que Deus consagra à Humanidade, veio ao mundo, mesmo assim.

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. it. 3.1-21 O novo nascimento, p. 1.559.
- 2 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 222.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 3:1-21. Nota de rodapé i, p. 1.847 a 1.849.
- 4 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vivendo com Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. 2 imp. Salvador, BA: LEAL, 2017. cap. 18, p. 122.
- 5 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 4, it. 4.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 4, p. 68.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 14 – *A lição de Nicodemos*.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 14 – *A lição de Nicodemos*.
- 9 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 4, it. 7.
- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 4, it. 8.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 56 – *Renasce agora*.
- 12 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 17, it. 46.
- 13 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 4, it. 8.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. *Posfácio*, p. 223.

- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 110 – *Vidas sucessivas*.
- 16 EMMANUEL. *Ante o livre-arbítrio*. (Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 26 de setembro de 1962, em Uberaba, MG). In: *Reformador*, Brasília, DF, maio, p. 25(119)-26(120), 1964.
- 17 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 3, it. 3.14, p. 398.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 14 – *A lição de Nicodemos*.
- 19 EMMANUEL. [seção Esflorando o Evangelho]. *Ante o poder do amor*. In: *Reformador*, Brasília, DF, p. 8(268), dez. 1965.

O MINISTÉRIO DE JESUS NA JUDEIA. ÚLTIMO TESTEMUNHO DE JOÃO [BATISTA] (JO 3:22 A 36)

O assunto que consta nesse texto é exclusivo de *João*. Os evangelhos sinópticos não fazem referências à pregação de Jesus na Judeia (o que, efetivamente, deve ter ocorrido) e, sobretudo, que Jesus realizaria batismos. Aliás, há um certo grau de contradição entre duas citações do evangelho joanino. Em *João* (3:22) está escrito: “Depois disso, Jesus veio com os seus discípulos para o território da Judeia e permaneceu ali com eles e batizava”. Contudo em *João* (4:1 a 3) consta que: “Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais que João – ainda que, de fato, Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos – deixou a Judeia e retornou à Galileia.”, texto que será objeto de estudo do Tema 7. Nesse sentido, os estudiosos preferem ignorar ou não tecer comentários sobre o assunto. Norman Russell Champlin apresenta as seguintes argumentações:

[...] Ao apresentar esses detalhes, João tinha em vista: primeiramente, mostrar que Jesus, a partir de João Batista, tinha um ministério, que haveria de produzir certo número de convertidos e estes, tal como no caso dos que foram levados à conversão por João Batista, eram iniciados pelo rito do batismo, administrado ou pelo próprio Cristo ou por seus discípulos. Em segundo lugar, apesar da seita dos seguidores de João Batista ter continuado [...], a verdade é que João não era o Messias, antes deu crédito e glória a Jesus, como o Messias. É por isso que nos v. 26, 28-30, encontramos firmes declarações no sentido de que João Batista teve o grande privilégio de apresentar o Messias a Israel [...].¹

6.1 MINISTÉRIO DE JESUS NA JUDEIA. ÚLTIMO TESTEMUNHO DE JOÃO (JO 3:22 A 36)²

²²Depois disso, Jesus veio com os seus discípulos para o território da Judeia e permaneceu ali com eles e batizava. ²³João também batizava em Enon, perto de Salim, pois lá as águas eram abundantes e muitos se apresentavam

para serem batizados. ²⁴João ainda não fora encarcerado. ²⁵Originou-se uma discussão entre os discípulos de João e certo judeu a respeito da purificação; ²⁶eles vieram encontrar João e lhe disseram: “Rabi, aquele que estava contigo do outro lado do Jordão, de quem deste testemunho, está batizando e todos vão a ele”. ²⁷João respondeu: “Um homem nada pode receber a não ser que lhe tenha sido dado do céu. ²⁸Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: ‘Não sou eu o Cristo, mas sou enviado adiante dele’. ²⁹Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa! ³⁰É necessário que ele cresça e eu diminua. ³¹Aquele que vem do alto está acima de todos; o que é da terra é terrestre e fala como terrestre. Aquele que vem do céu ³²dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém acolhe o seu testemunho. ³³Quem acolhe o seu testemunho certifica que Deus é verdadeiro. ³⁴Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida. ³⁵O Pai ama o Filho e tudo entregou em sua mão. ³⁶Quem crê no Filho tem vida eterna. Quem recusa crer no Filho não verá vida. Pelo contrário, a ira de Deus permanece sobre ele”.

O versículo 22 do texto joanino informa que Jesus permaneceu na Judeia e que, durante a sua estadia na região, Ele batizava. É plausível aceitar a possibilidade de Jesus ter permanecido algum tempo na região, depois de ter sido batizado por João Batista e ter escolhido os primeiros discípulos para compor o seu colégio apostolar, entretanto, a informação de que Jesus batizava (v. 22) é, no mínimo, controversa, considerando que Jesus raramente seguia qualquer tipo de ritual ou outras manifestações de culto externo, exceto quando fosse absolutamente necessário – a exemplo de ter sido batizado por João Batista. É possível que tenha ocorrido algum acréscimo editorial. Outra informação da passagem evangélica (v. 23) indica que João Batista passou a batizar em outra localidade, denominada Enon, situada perto de Salim, na Judeia. Apresentamos, em seguida, alguns dados históricos dessas localidades.

6.1.1 A JUDEIA

É região montanhosa situada no sul de Israel, entre a margem oeste do mar Morto e o mar Mediterrâneo. Estende-se, ao norte, até as colinas de Golã e, ao sul, até a Faixa de Gaza. Atualmente, a Judeia é considerada, pelos árabes, parte da Cisjordânia, mas os judeus entendem que é de Israel, constituindo-se o território Judeia e Samaria. Essa discussão é causa de uma série de conflitos existentes entre árabes e judeus.³ Sabe-se, porém, que, no passado mais remoto, a Judeia foi uma província do império persa. Depois, como é citado na *Bíblia* (1Mac, 5:45; 7:10), ficou sob o domínio

greco-macedônio e, mais tarde, a Judeia foi anexada à província romana da Síria, que era governada por procuradores nomeados pelo imperador de Roma. Havia, pois, uma miscigenação racial e cultural na Judeia, inclusive os integrantes da tribo de Judá.⁴ O procurador romano nomeado por César residia na cidade de *Cesareia Marítima* – também chamada *Cesareia Palestina*, antiga cidade e porto marítimo, construída por Herodes, o Grande, cerca de 25–13 a.C. Situava-se na costa mediterrânica de Israel, entre Tel Aviv e Haifa, em um local anteriormente chamado *Pirgo Estratono* (em latim, *Turris Stratonis*). Cesareia Marítima não deve ser confundida com outras cidades que receberam o mesmo nome em honra de César, como Cesareia de Filipe.⁵

6.1.2 ENON E SALIM

Como consta em *João* (3:23), João Batista deslocou-se para outra região do rio Jordão, onde as águas eram mais abundantes, denominada *Enon*, perto de *Salim*. Ali, ele fez suas pregações e praticou o batismo da purificação, ou do arrependimento, que culminava com o rito da imersão do convertido nas águas: “Enon (no grego é *ainon*, de origem aramaica, quer dizer “fontes”) – nome de uma vila, ou simplesmente uma localidade de fontes perenes, perto de Salim, onde João [Batista] batizava por haver ali muitas águas. [...]”⁶ A localidade ainda não foi identificada, existindo duas ou três hipóteses a respeito. Entre elas, a mais aceita é que, provavelmente, seja um sítio conhecido “[...] atualmente por *Ed-Deir*, em cujas vizinhanças existem sete fontes e extensas ruínas [...]”⁶ Em síntese: *Enon* era o local propriamente dito onde existiam as fontes, sendo que *Salim* era o território onde Enon estava situada.⁷

6.1.3 O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA: JESUS É O MESSIAS DE DEUS (JO 3:24 A 36)

São registros evangélicos que nos transmitem três principais informações:

- » João Batista ainda pregava e batizava livremente, mas a sua prisão estava próxima.
- » Os discípulos de João Batista iniciam discussão de quem, efetivamente, seria o Cristo aguardado pelo povo judeu: o Batista ou Jesus?
- » O testemunho de João Batista sobre si mesmo e sobre Jesus.

Amélia Rodrigues esclarece-nos a respeito dessas e outras ideias na mensagem *Testemunho Emocionado*,⁸ da qual retiramos o seguinte trecho:

Naqueles incomparáveis dias, enquanto ainda se ouvia o Batista proclamar chegada a hora, após haver recebido Jesus, a Quem banhara nas águas de Bethabara, no Jordão, os seus discípulos ficaram enciumados pelo que escutaram no diálogo formoso entre o preparador dos caminhos e o Viandante divino.

Assim, surgiram controvérsias e discussões acaloradas, em torno de quem era o maior, aquele que representava o Deus vivo nos horizontes humanos.

Não faltavam motivos para tricas e confusões verbais, acirrados debates de inutilidade, quando uma questão mais palpitante se desenhou entre os seguidores de João e os judeus, em torno da purificação pela água e pelo fogo, e quem era a pessoa credenciada para fazê-la.

Em Enon, próximo a Salim, o filho de Isabel continuava a pregar, convidando os ouvintes ao arrependimento e à penitência, posteriormente ao batismo purificador das faltas cometidas. As multidões sucediam-se, ansiosas, desejosas de purificação, mas não de transformação moral, *da morte do homem velho para que nascesse o homem novo*, conforme o recomendado.

Foi então, que os discípulos inexperientes e enciumados, interrogam o seu guia [João Batista]:

– *Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, e do qual deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com Ele?*

O Pioneiro alonga-se pelo pensamento até Àquele que deverá cingir a coroa de Messias, trabalhada em espinhos pontiagudos e segurar o cetro de majestade, em uma simbologia ridícula e mesquinha, percebendo que o seu ministério já se vai encerrando, como o dia festivo se apaga com a chegada da noite, para que, mais tarde volte a brilhar e esplender o Sol...

Fazia tempo que ele aguardava o Anunciado.

[...]

Retornando ao mundo objetivo, enquanto os discípulos aguardavam-lhe a resposta, Ele disse em tom festivo:

– *O homem não pode receber coisa alguma se lhe não for dada no céu. Vós mesmos sois testemunhas de que eu disse: não sou o Cristo, mas sou enviando diante dele.*

Fez uma pausa suave, como dando oportunidade a que ficasse bem compreendida a sua resposta, e logo prosseguiu:

– *Aquele que tem a esposa é o esposo, mas o amigo do esposo que o assiste e ouve, alegra-se com a voz do esposo. Assim, pois, este meu prazer está cumprido.*

[...]

Do outro lado, aqueles que ouviram a resposta de João ficaram perplexos, quase hebetados. Não podiam ou não queriam compreender.

O Precursor, porém, não se deteve e prosseguiu nos comentários:

– Ele deve crescer e eu diminuir. Aquele que vem do alto está acima de todos: o que é da Terra, pertence à Terra e fala da Terra. Aquele que vem do Céu dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém recebe o seu testemunho. Quem recebe o seu testemunho certifica-se de que Deus é verdadeiro. Porque aquele a quem Deus enviou refere as palavras de Deus, pois Deus não lhe dá o Espírito por medida. O Pai ama o Filho e pôs todas as coisas nas Suas Mãos.

A voz do Batista se ergue como um canto forte e ele diz, emocionado:

– Quem acredita no Filho tem a vida eterna. Quem se recusa a crer no Filho não verá a Vida...

Os versículos finais do registro de *João* (3:28 a 36) reforçam o testemunho de João Batista de que ele não era o Messias, mas, sim, Jesus, o Guia e Modelo da humanidade terrestre como o Espiritismo confirma. Mas logo após ter proferido o seu testemunho, o Precursor afirma:

Quem tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo. Essa é a minha alegria e ela é completa! É necessário que ele cresça e eu diminua. (Jo 3:29 e 30; grifo nosso).

Emmanuel explica o significado dessas palavras:

– O esposo da humanidade terrestre é Jesus Cristo, o mesmo Cordeiro de Deus que arranca as almas humanas dos caminhos escusos da impenitência.

O amigo do esposo é o seu precursor, cuja expressão humana deveria desaparecer, a fim de que Jesus resplandecesse para o mundo inteiro, no seu Evangelho de Verdade e Vida.⁹

Emmanuel destaca também a importância do registro que faz parte do versículo 30 (*É necessário que ele cresça e que eu diminua*):

A assertiva de João Batista, nessa passagem é significativa. Traça um programa a todos os que pretendem funcionar em serviço de precursores do Mestre, nos corações humanos.¹⁰

Como fechamento do estudo, retornamos a Amélia Rodrigues:

João iniciara o ministério e Jesus aprofundava-o, assinalando-o nas almas de maneira indelével.

Desde Jericó até a Betânia, os bons e auspiciosos ventos da esperança carregam as notícias do Esperado, que difere de todos quantos já passaram por ali. A Sua não é a preocupação com as coisas comuns e vulgares do dia a dia, a que os fariseus, doutores e escribas dão exagerada importância, porque dizem respeito ao exterior. As Suas são as questões profundas da alma, do ser em si mesmo, os valores eternos, e por isso, Ele cuida da liberação do Espírito enjaulado nos prejuízos morais.

[...]

A Terra, a partir daqueles dias, nunca mais será a mesma, assim como as criaturas agora dispõem de uma bússola e um mapa que lhes facilitarão a travessia pelo oceano tempestuoso das paixões.¹¹

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 3, it. “e”: O testemunho de João Batista, p. 405.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 3:22-36, p. 1.849 e 1.850.
- 3 JUDEIA: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Judeia#> Acesso em: 6 mar. 2022.
- 4 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Judeia, p. 719.
- 5 CESAREIA MARÍTIMA: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cesareia_Mar%C3%ADtima# Acesso em: 6 mar. 2022.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Enom, p. 409 e 410.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Salim, p. 1.086.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *...Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 9, p. 62 a 64.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 309.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 76 – *Na propaganda eficaz*.
- 11 FRANCO, Divaldo Pereira. *...Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 9, p. 65.

JESUS ENTRE OS SAMARITANOS (JO 4:1 A 42)

Os longos discursos é uma das características do *Evangelho segundo João*, talvez porque, como ele residia em Éfeso – uma comunidade caracterizada pela diversidade histórica, cultural e religiosa, residência de sábios e de pessoas incultas; de filósofos e religiosos politeístas e monoteístas –, o apóstolo sentisse necessidade de explicar com detalhes as lições de Jesus àquele público tão heterogêneo, inclusive os cristãos. Assim, o diálogo entre Jesus e a samaritana apresenta detalhes os quais, segundo nota explicativa da *Bíblia de Jerusalém*, teriam sido acrescentados o trecho original de *João* como, por exemplo, referências aos discípulos e a intervenção deles na conversa (v. 8, 27, 31 a 38).¹

A conversa ocorrida entre Jesus e a samaritana gerou controvérsias não somente entre discípulos do colégio apostolar, naquele momento, mas também de outros cristãos, ao longo dos primeiros séculos de constituição das igrejas cristãs, que ainda se mantinham demasiadamente presos às tradições seculares do Judaísmo. Segundo essa tradição, em essência equivocada e preconceituosa, ainda que se pese as normas vigentes das relações sociais da época, o encontro com a mulher samaritana colocaria Jesus em uma situação comprometedor, exposta a críticas, de ser “amigo de publicanos e pecadores”, como enfatiza os evangelhos sinópticos.² Na verdade, toda a questão está relacionada a antiquíssima e recíproca inimizade existente entre judeus e samaritanos.

Samaria, no hebraico, *vigia*, é o nome dessa cidade situada em um morro alto, e que fora a capital do reino israelita do Norte e do território circunvizinho, o qual se opunha ao reino de Judá, ao Sul, onde está Jerusalém.³

Os samaritanos vieram a existir como resultado da mistura do pouco da população judia deixada na terra pelos assírios na época do cativo, com povos do norte que o conquistador enviou para ocupar a terra. [...] Depois do cativo (722 a.C.), Sargão II [rei do império assírio] transformou o local em

uma província e deu a ela o nome de *Samerena*. [...]. Os judeus remanescentes conseguiram preservar muitos de seus antigos costumes, mas os do Sul (Judá) e os de períodos posteriores os consideravam pagãos.

[...]

A época do controle judeu, contudo, não durou muito. Pompeu [general romano, em 63 a.C.] capturou toda a Palestina e anexou a Samaria à província síria. A história da Samaria é muito parecida com a da própria Israel. Ela passou de poder a poder, à medida que a maré de impérios humanos subia e descia.³

Originalmente, os samaritanos eram, na verdade, uma mistura racial de hebreus que viviam na região montanhosa do Norte da Palestina que, possivelmente, se miscigenaram com os invasores persas, assírios e egípcios.³ Com o passar do tempo foi definida uma etnia racial e cultural denominada *samaritana*, a despeito de ter mantidas as raízes judaicas, assim como acontece com os samaritanos da atualidade. Outra grande divergência entre judeus e samaritanos é que estes tinham o seu próprio templo, localizado no monte *Gerizim*, considerado o primeiro local de louvor a Israel, construído por Josué séculos antes da construção do Templo de Jerusalém. Finalmente, talvez a maior divergência seja porque os samaritanos só aceitam o pentateu-co de Moisés, rejeitando os demais livros e profetas do Antigo Testamento.⁴

Passados tantos séculos, as divergências entre judeus e samaritanos ainda persistem:

Ainda hoje um pequeno grupo de samaritanos vive em Nablo e Jafa, hoje subúrbio de Tel Aviv. [...] O monte Gerizim continua a ser o local sagrado para eles, que ainda seguem os antigos festivais hebraicos, como a Páscoa e o Dia da Expição (seu dia mais sagrado). Além disso, o sábado é observado rigidamente. Seu sumo sacerdote é o líder político-religioso, com quem os “forasteiros” (como o governo de Israel) devem tratar no tocante a qualquer questão relacionada ao grupo. Embora pequena, eles ainda representam uma forte seita religiosa.⁴

7.1 JESUS ENTRE OS SAMARITANOS (JO 4:1 A 42)⁵

¹Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais que João – ²ainda que, de fato, Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos – ³deixou a Judeia e retornou à Galileia. ⁴Era preciso passar pela Samaria. ⁵Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José. ⁶Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. ⁷Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!” ⁸Seus discípulos haviam ido à cidade comprar

alimento.⁹ Diz-lhe, então, a samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos.)¹⁰ Jesus lhe respondeu: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!”¹¹ Ela lhe disse: “Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva?”¹² És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?”¹³ Jesus lhe respondeu: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; ¹⁴mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna.”¹⁵ Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!”¹⁶ Jesus disse: “Vai, chama teu marido e volta aqui”.¹⁷ A mulher lhe respondeu: “Não tenho marido”. Jesus lhe disse: “Falaste bem: ‘não tenho marido’,¹⁸ pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade”.¹⁹ Disse-lhe a mulher: “Senhor, vejo que és um profeta...”²⁰ Nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar”.²¹ Jesus lhe disse: “Acredita-me, mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. ²²Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. ²³Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. ²⁴Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade”.²⁵ A mulher lhe disse: “Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo”.²⁶ Disse-lhe Jesus: “Sou eu, que falo contigo”.²⁷ Naquele instante, chegaram os seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: “Que procuras?” ou: “O que falas com ela?”²⁸ A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: ²⁹“Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?”³⁰ Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro. ³¹Enquanto isso, os discípulos rogavam-lhe: “Rabi, come!”³² Ele, porém, lhes disse: “Tenho para comer um alimento que não conheceis”.³³ Os discípulos se perguntavam uns aos outros: “Por acaso alguém lhe teria trazido algo para comer?”³⁴ Jesus lhes disse: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra. ³⁵Não dizeis vós: ‘Ainda quatro meses e chegará à colheita’? Pois bem, eu vos digo: Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita. Já ³⁶o ceifeiro recebe seu salário e recolhe fruto para a vida eterna, para que o semeador se alegre juntamente com o ceifeiro. ³⁷Aqui, pois, se verifica o provérbio: ‘um é o que semeia, outro o que ceifa’. ³⁸Eu vos envie a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam e vós entrastes no trabalho deles”.³⁹ Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: “Ele me disse tudo o que fiz!”⁴⁰ Por isso, os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias. ⁴¹Bem mais numerosos foram os que creram por

causa da palavra dele⁴² e diziam à mulher: “Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo”.

Esses registros de João começam com a afirmação do evangelista de que Jesus, efetivamente, não batizava, mas, sim, os seus discípulos (Jo 4:1 a 3), questão essa, já analisada no tema anterior. Em seguida, João informa que o Mestre Nazareno decide sair da Judeia e viajar para a Galileia, passando pelo território da Samaria (v. 3 e 4). Tudo indica que essa viagem ocorreu depois do testemunho de João Batista aos seus seguidores: de que ele, João Batista, era o precursor do Messias, não o Messias.

Havia duas rotas possíveis da Judeia para a Galileia. A rota mais longa passava pela terra dos gentios, ao lado Leste do rio Jordão; a mais curta cruzava o território da Samaria, e era a mais utilizada, apesar da animosidade que havia entre judeus e samaritanos. O v. 4 sugere que esse percurso foi escolhido por necessidade. João talvez esteja querendo dizer que havia uma razão Divina no que dizia respeito a Jesus. [...].⁶

Na Samaria, Jesus e os discípulos chegam à cidade de Sicar e fazem uma parada próximo a uma fonte de água, denominada Fonte de Jacó, local histórico de significativa representatividade para os judeus e samaritanos, inclusive (v. 12), pois nas vizinhanças estavam as terras que Jacó dera ao seu filho José (Jo 4:5 e Gn 48:22). Jacó era irmão gêmeo de Esaú, ambos filhos de Isaque (filho de Abraão e Sara) e Rebeca.⁷ De acordo com a tradição, os descendentes de Jacó seriam considerados os verdadeiros filhos de Israel, pois assim está designado nas escrituras (Êx 14:16 e 29; 15:1). Ou seja, Jacó e Israel são sinônimos.^{8,9} Aliás, foi a partir dessa tradição que a nação judaica recebeu o nome de Israel (no hebraico, “que luta com Deus”), entendido como o nome que o Senhor denominou Jacó (Gn 32:22 a 32) e os seus descendentes. Ainda em vida, o patriarca Jacó passou a ser conhecido como Israel (Gn 34:7), denominação mantida por toda a sua vida, desde a peregrinação que ele e os seus descendentes fizeram pelo deserto (Êx 32:4; Dt 4:1; 27:9).⁹

A cidade de Sicar, localizada na encosta oriental do monte Ebal, um pouco ao Norte do Poço de Jacó, não existe mais. Em seu lugar há a aldeia de Ascar.¹⁰ Essa região, e a Palestina como um todo, a despeito de ser pedregosa e de clima desértico, possui muitas fontes:

Nascentes de água, brotando de uma rocha, de uma ribanceira ou rebentando à flor da terra (Dt 8:7). Na geografia da Palestina, deve-se fazer cuidadosa distinção entre poços, tanques e cisternas. As fontes desse país são numerosas

e dão origem permanente aos rios, contribuindo para comunicar vida e fertilidade ao solo. Os nomes de algumas cidades recebem, na sua composição, o prefixo *En*, “fontes”, como Endor e outras. Figuradamente, esse nome [fonte] simboliza a origem permanente e inesgotável das bênçãos espirituais (Sl 36:9. Jr. 2:13. Ap 7:17 e 21:6). Os filhos também são comparados a fontes procedentes de seus pais (Dt 33:28. Sl 68:26).¹¹

Jesus e os apóstolos chegam nos arredores de Sicar por volta da hora sexta, ou do meio-dia (v. 6). Os discípulos vão à cidade para buscar alimentos, enquanto Jesus permanece junto ao Poço de Jacó. Dois fatos relevantes acontecem em seguida: uma samaritana desacompanhada que vai pegar água no poço; Jesus que, espontaneamente, passa a conversar com ela, transmitindo ensinamentos superiores, os quais devem merecer nossa reflexão. Realmente, havia um propósito divino nesse encontro: primeiro porque uma mulher não andava sozinha naquela sociedade patriarcal, então só poderia ser alguém excluído do convívio social; segundo, e, ainda de acordo com as regras das relações sociais vigentes, um homem não poderia dirigir a palavra à mulher, muito menos estabelecer um diálogo com ela. O estudioso britânico Donald Arthur Carson (1946–) esclarece:

Não era comum uma mulher ir desacompanhada até o poço. Ela poderia ter sido considerada socialmente excluída. *João* acrescenta uma nota dizendo que os discípulos estavam ausentes (v. 8) para destacar o diálogo entre a mulher e Jesus. A ação de Jesus superou dois preconceitos dos judeus: conversar com um samaritano e conversar com uma mulher. O preconceito racial é realçado pela observação da mulher (v. 9). Jesus deve ter previsto a perplexidade dela, pois a usou para aprofundar a conversa. A ideia de *beber* por necessidade física conduziu naturalmente ao comentário sobre o *dom de Deus* (v. 10), que transformou a conversa em um assunto espiritual. [...].¹²

As informações de Jesus sobre a vida particular da mulher e os ensinamentos da “água viva” (expressão que tem duplo significado no Judaísmo) fazem a samaritana perceber, perplexa, que se encontra diante de alguém muito superior. Carson reforça essa ideia: “[...] Se ela soubesse quem ele era, teria pedido por *água viva* [...]”.¹³

[...] Essa expressão tinha um significado duplo, água corrente, ou seja, água de uma fonte, e água espiritual, ou seja, relacionada ao Espírito. Os rabinos pesavam na *Torá* como água viva, o que pode ser comprovado pelo seu uso metafórico. No entanto, não é de admirar que, até aquele momento, a mulher pensasse apenas na dimensão humana, como mostra o v. 11. Não lhe parecia sensato pensar na água de um poço profundo sem ter meios para retirá-la. Sua visão não ia além do balde. A comparação com Jacó, que cavou o poço, sugere a ela que Jesus era inferior. Por duas vezes, portanto, ela fez um julgamento

incorreto. Ela não podia conceber que alguém pudesse ser superior ao venerado Jacó. [...]. A verdadeira superioridade de Jesus estava na qualidade da água fornecida, *água viva*. O Poço de Jacó só poderia saciar a sede temporariamente (v. 13). [...]. A referência à *vida eterna* (v. 14) está claramente relacionada à atividade do Espírito [...].¹³

O fato de Jesus ter mantido um diálogo com a samaritana e, posteriormente, com os samaritanos da cidade de Sicar, gerou questionamentos por parte dos discípulos e também entre os adversários do Mestre, quando ficaram a par dos acontecimentos. Criou-se, então, uma situação de intriga por parte de representantes do clero judaico, primeiro em razão da inimizade entre judeus e samaritanos, segundo por Jesus ter ousado romper os costumes de conversar com uma mulher que, devidas as características da vida íntima era excluída do convívio social – ela tivera cinco maridos e mantinha uma atual relação conjugal sem estar efetivamente casada (v. 18).

O que se destaca é que ninguém se preocupou em saber o teor moral e/ou espiritual do diálogo ocorrido entre Jesus e a samaritana, nem mesmo os seus discípulos. Prisioneiros das convenções sociais e limitados pelo entendimento fornecidos pelos símbolos e rituais, não perceberam que as palavras e atos de Jesus refletiam a Lei de Amor, sempre manifestada em todas as circunstâncias. Por intermédio daquele diálogo inesquecível, Jesus demonstrou a necessidade de cessar as rivalidades e separações entre indivíduos e nações, pois todos, sem exceção, somos irmãos, filhos do mesmo Pai.

A respeito, Emmanuel transmite-nos sábias advertências e esclarecimentos na mensagem *Afirmção e ação*, que interpreta o versículo 34 dessa passagem de *João*, 4:34 (*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra*), da qual extraímos o seguinte trecho:

Aqui e ali, encontramos crentes do Evangelho invariavelmente prontos a alegar a boa intenção de satisfazer os ditames celestiais. Entregam-se alguns à ociosidade e ao desânimo e, com manifesto desrespeito as sagradas noções da fé, asseguram ao amigo ou ao vizinho que vivem atendendo às determinações do Todo-Poderoso.

[...]

Programa elevado, sem concretização, é projeto morto.

Deus não expressaria propósitos a esmo.

Em razão disso, afirmou Jesus que vinha ao mundo fazer a vontade do Pai e cumprir-lhe a obra.

Segundo observamos, não se reportava somente ao desejo paternal, mas igualmente à execução que lhe dizia respeito.

Não é razoável permanecer o homem em referências infundáveis aos desígnios do Alto, quando não cogita de materializar a própria tarefa.¹⁴

Ao refletirmos mais profundamente a respeito do *alimento espiritual*, que a mensagem do Evangelho transmite e, conscientes dos desafios que a vivência dos ensinamentos de Jesus impõe ao cidadão moderno, guardamos sintonia com as ideias do professor e pesquisador escocês, Craig Blomberg, que alerta religiosos e discípulos sobre a importância de manter o foco de que, a pregação do Evangelho deve, necessariamente, estar associada a ações concretas. Complementa ao afirmar também que, até por questões éticas tais ações devem estar desvinculadas de ideologias e de políticas. Ao contrário, o cristão deve esforçar-se na prática do bem, segundo as determinações da Justiça e Misericórdia Divinas. O professor Craig faz outras considerações com base nos textos evangélicos de *Lucas e João*:

Implementar a ética do reino de Jesus, especialmente sua ética de preocupação social e em particular numa sociedade democrática moderna, distinta do mundo romano do século I, exige considerável sensibilidade e sofisticação. [...] No entanto, não podemos nem pensar em contar com a legislação ou os partidos políticos para a realização daquilo que somente o povo de Deus, atuando como igreja [ou entidade religiosa], pode fazer. Devemos assumir uma agenda completamente pró-vida: tentar impedir o aborto e evitar endossar o pecado [abuso] sexual ou glamorizar a vida familiar desajustada. Mas, ao mesmo tempo, devemos também trabalhar para a melhor qualidade de vida dos nascidos, incluindo cuidados médicos adequados aos pobres, moradia para os sem-teto, empregos para os desempregados e alternativas positivas para os que caíram numa vida de crimes. Precisamos demonstrar uma preocupação genuína com a destruição do meio ambiente, também uma criação de Deus. Nas sociedades, o que inclui a nossa, onde o racismo, o sexismo, a separação de classes e o etnocentrismo ainda mantêm milhões de pessoas separadas uma das outras, não sendo oferecidas a todos as mesmas oportunidades de usufruir os direitos humanos básicos, devemos nos opor à injustiça e promover a libertação dos oprimidos. Entretanto, jamais devemos supor ser isso o fim em si mesmo, para que as pessoas não conquistem liberdades terrenas sem estarem preparadas para seguirem Jesus Cristo na eternidade.¹⁵

Amélia Rodrigues, por meio de processo de síntese, transmite-nos as principais ideias do diálogo que aconteceu entre Jesus e a samaritana, e, posteriormente, entre os demais samaritanos de Sicar, os quais compreenderam que Jesus, efetivamente, era o Messias de Deus:¹⁶

O Mestre desvelara-se, há pouco, junto à fonte de Jacó, nas cercanias de Sicar, à mulher samaritana, que saíra a anunciá-lo, como profeta, a todos da cidade que a conheciam. Penetrando-lhe a alma, o Senhor conquistara-lhe o coração,

porque lhe não revolveu as feridas morais, antes as balsamizou, confortando-a nos duros golpes sofridos durante a existência dorida.

Quem não a conhecesse não lhe imaginaria as noites indormidas, as inquietações disfarçadas com sorrisos, as humilhações experimentadas.

O tributo à felicidade terrestre é pesada canga, que junte a padecimentos inomináveis. Somente aqueles que a carregam conhecem-lhe o peso, a constrição.

A mulher samaritana é um símbolo de perene atualidade.

Vítima, era tida como algoz pelo crime de ser mulher.

Espezinhada na sua fragilidade, era condenada por haver-se deixado seduzir...

Sempre tem sido assim. Os que tombam são acusados por haverem caído, como as violetas esmagadas sob as patas dos animais, que não deveriam estar no caminho por onde eles passam...

Jesus conhecia as criaturas humanas, suas grandezas e prejuízos, amando-as conforme eram e como se apresentavam.

Na Sua condição de Pastor, jamais elegia as ovelhas, deixando que essas O escolhessem.

Ao espanto dos discípulos, que O surpreenderam em quase êxtase solitário, ao retornarem da cidade, onde foram para a compra de alimentos e atendimento de necessidades outras, sucedeu-se a alegria das pessoas que tomaram conhecimento da ocorrência à borda do poço.

Profundamente tocada pela magia do Nazareno belo, a mulher samaritana não se cansava de elogiá-lo, embora Ele a houvesse desnudado.

Ela agora sabia que o pecado é desgraça, é morte e que somente a virtude é bênção de vida.

[...]

Agora não. Acabara de vislumbrar a claridade; alcançara outra dimensão...

A benfeitora conclui, revelando-nos que a compreensão a respeito das realidades imortais ou sobre a realidade do Reino de Deus pode surgir de onde menos se espera: de um pecador, de alguém desprezado pela sociedade, de pessoa inculta, entre outros. O importante é não menosprezar a ninguém, pois todos somos filhos de Deus:

Sensibilizados, os samaritanos vieram pedir-Lhe para que ficasse um pouco com eles, após ouvirem a mulher testemunhar a Seu favor.

Compadecido, o Mestre aquiesceu, ali ficando por dois dias, que passaram céleres.

A alegria, o bem-estar, passam rápidos, em outra dimensão do tempo.

À sombra do arvoredado, falou-lhes do *Reino de Deus*, e os enriqueceu de esperanças, confortando-os e amparando os combalidos, que receberam cargas novas de energia vitalizadora.

[...]

Ao terceiro dia, quando se dispôs a prosseguir na marcha, estava cercado de carinho e amor.

[...]

Mas, à mulher abençoada pela Sua revelação, a uma só voz os patrícios afirmaram:

– *Já não é por causa das tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo.*¹⁷

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 4:1-42.
- 2 BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 4ª pt., cap. 12, it. Historicidade, p. 300.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Território de Samaria, p. 1.577.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Samaritanos, p. 1.578.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 4:1-42, p. 1.850 a 1.852.
- 6 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 4:4-42, it. 4:4-26, p. 1.553.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Jacó, p. 617.
- 8 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Jacó, p. 619.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Israel, p. 608 e 609.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Sicar, p. 1.148.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Fonte, p. 498.

- 12 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 4:4-42, it. 4:4-26, p. 1.553 e 1.554.
- 13 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. p. 1.554.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 42.
- 15 BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. 5ª pt., cap. 19, it. Preocupação
- 16 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 12 – *Serviço e Galardão*, p. 83 a 85.
- 17 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 12 – *Serviço e Galardão*, p. 87 e 88.

JESUS NA GALILEIA. SEGUNDO SINAL EM CANÁ: CURA DO FILHO DE FUNCIONÁRIO REAL (JO 4:43 A 54)

Constatamos que na primeira metade do *Evangelho segundo João* “[...] os capítulos 2-11 são compostos por sete milagres (João os chama de ‘sinais’) e sete importantes discursos de Jesus. [...] Os capítulos 2-4 começam e terminam com milagres em Caná, os dois únicos ‘sinais’ de Jesus explicitamente os enumerados nesse evangelho. [...]”¹ Em geral, esses sinais fazem correlação com os discursos, fato que revela mais uma característica dos textos joaninos, demonstrando que a pregação de Jesus é exemplificada na prática.

[...] Por exemplo, a multiplicação dos pães (6:1-15) remete ao discurso do pão da vida (6:25-71). A cura do cego de nascença (9:1-41) ilustra a afirmação de Jesus ser a luz do mundo (8:1-59). Mas nem tudo pode ser emparelhado de modo tão nítido. Mais notáveis são os indicadores estruturais que sugerem que os grupos de capítulo 2-4 e 5-10 devam ser tomados cada um como uma unidade. [...]¹

8.1 JESUS NA GALILEIA (JO 4:43 A 45)²

⁴³Depois daqueles dois dias, ele partiu de lá para a Galileia. ⁴⁴O próprio Jesus havia testemunhado que um profeta não é honrado em sua própria pátria.

⁴⁵Quando, pois, ele chegou à Galileia, os galileus o receberam, tendo visto tudo o que ele fizera em Jerusalém, por ocasião da festa: pois também eles tinham ido à festa.

Essa passagem inicia com o relato da partida de Jesus de Nazaré, terra que viveu a sua infância, onde Ele foi rejeitado, como conta no versículo 44. Ele também já havia passado pela Samaria, onde dialogou com a mulher samaritana na beira do Poço de Jacó. Agora, Ele retorna à Galileia onde estivera antes, por ocasião das Bodas de Caná, logo no início da sua missão.

Em termos históricos e doutrinários, os evangelhos sinópticos fornecem mais detalhes a respeito do ministério de Jesus na Galileia do que o Evangelista João, que se revela mais conciso. Importa destacar, porém, que a missão de Jesus sempre foi assinalada por muitos desafios, incompreensões e oposições, ainda que Ele procurasse, em todas as circunstâncias, aliviar a dor do próximo, das pessoas mais humildes, esclarecendo a todos com bondade. Humberto de Campos informa a respeito:

Aquelas atividades, entretanto, começaram a despertar a reação dos judeus rigoristas, que viam em Jesus um perigoso revolucionário. O amor que o Profeta nazareno pregava vinha quebrar antigos princípios da lei judaica. Os senhores da terra observavam cuidadosamente as palestras dos escravos, que permutavam imenso júbilo, proveniente das esperanças num novo reino que não chegavam a compreender. Os mais egoístas pretendiam ver no Profeta generoso um conspirador vulgar, que desejava levantar as iras populares contra a dominação de Herodes; outros presumiam na sua figura um feiticeiro incomum, que era preciso evitar.

Foi assim que a viagem do Mestre a Nazaré redundou numa excursão de grandes dificuldades, provocando de sua parte as observações quase amargas que se encontram no Evangelho, com respeito ao berço daqueles que o deveriam guardar no santuário do coração. Não foram poucos os adversários de suas ideias renovadoras que o precederam na cidade minúscula, buscando neutralizar-lhe a ação por meio de falsas notícias e desmoralizá-lo, argumentando com informações mal alinhavadas de alguns nazarenos.³

De qualquer forma destacamos, em seguida, as principais características do retorno de Jesus à Galileia:⁴

- » João Batista é preso e Jesus inicia, propriamente dita, a sua missão.
- » A pregação de Jesus é assinalada pelo anúncio da vinda do Reino de Deus e, concomitantemente, Ele realiza curas e realiza outros feitos extraordinários.
- » Ele revela autoridade no que fala e faz.
- » Surgem controvérsias, sobretudo entre os religiosos e outras autoridades (Herodes e os romanos), os quais passam a persegui-lo.

Galileia (do hebraico *Galil*, significa “anel” ou “círculo”, mas, atualmente, traz o sentido de “distrito”), é nome da região Norte da Palestina, local onde Jesus passou a sua infância e iniciou, efetivamente, a sua missão.⁵ Originalmente, a Galileia “[...] fazia parte das terras distribuídas entre as doze tribos, mas, devido à pressão de povos do norte, a sua população judaica

se encontrava numa espécie de saliente norte, rodeada por três lados por povos não-israelitas. [...]”⁵

[À época] dos Macabeus, a influência dos gentios sobre os judeus se tornou tão intensa que os últimos, em realidade, foram empurrados para o sul, onde permaneceram por meio século. Dessa maneira, a Galileia teve de ser recolonizada e esse fato, juntamente com a diversidade de sua população, contribuía para o desprezo em que os galileus eram tidos pelos judeus do sul.

A demarcação exata da região da Galileia é difícil, exceto, conforme os termos das fronteiras provinciais do império romano. O nome evidentemente era aplicado às terras fronteiriças do norte de Israel, cuja localização variava com o passar do tempo. No tempo do Cristo, entretanto, a província da Galileia formava um território retangular com cerca de 64 Km de norte a sul, e com cerca de 40 km de leste a oeste, tendo ao leste a fronteira natural do rio Jordão e do mar da Galileia [lago de Tiberíades], e cortado na região próxima do Mediterrâneo pela faixa de terra da Síria-fenícia, que se estendia para o sul ao longo da costa.

Assim definida, a Galileia consistia essencialmente de um planalto, cercado por todos os lados, menos ao norte, de planícies. [...]”⁵

Para os ortodoxos do Judaísmo, os judeus considerados legítimos ou que honrasse a sua tradição não se miscigenavam com povos gentílicos. Nesse sentido, os descendentes da tribo de Judá (comumente denominada tribo de Davi), eram considerados de linhagem pura, desde Abraão e Isaque, de onde descendia o rei Davi, Salomão, José, pai de Jesus, entre outros. Esse era um dos motivos para não aprovarem nem os samaritanos – como vimos no Tema anterior – nem os galileus. A questão da miscigenação racial era apenas um dos fatores para a rejeição, mas havia outros. É algo que, naturalmente, nos convida à reflexão e explica a causa de tantas divergências, sobretudo à época, mas que ainda persiste entre os judeus ortodoxos.

8.2 SEGUNDO SINAL EM CANÁ: CURA DO FILHO DE UM FUNCIONÁRIO REAL (JO 4:46 A 54)⁶

⁴⁶Ele voltou novamente a Caná da Galileia, onde transformara água em vinho. Havia um funcionário real, cujo filho se achava doente em Cafarnaum.

⁴⁷Ouvindo dizer que Jesus viera da Judeia para a Galileia, foi procurá-lo, e pedia-lhe que descesse e curasse seu filho, que estava à morte. ⁴⁸Disse-lhe Jesus: “Se não virdes sinais e prodígios, não creereis”. ⁴⁹O funcionário real lhe disse: “Senhor, desce, antes que meu filho morra!” ⁵⁰Disse-lhe Jesus: “Vai, o teu filho vive”. O homem creu na palavra que Jesus lhe havia dito e partiu.

⁵¹Ele já descia, quando os seus servos vieram-lhe ao encontro, dizendo que o seu filho vivia. ⁵²Perguntou, então, a que horas ele se sentira melhor. Eles lhe

disseram: “Ontem, à hora sétima, a febre o deixou”.⁵³Então o pai reconheceu ser precisamente aquela a hora em que Jesus lhe dissera: “O teu filho vive” e creu, ele e todos os da sua casa.⁵⁴Foi esse o segundo sinal que Jesus fez, ao voltar da Judeia para a Galileia.

A boa recepção que os galileus deram a Jesus não foi, apenas, em razão do ocorrido nas Bodas de Caná, em que Jesus, logo no início do seu ministério, transformou água em vinho (Jo 2:1 a 11), mas porque eles “[...] ficaram claramente impressionados com os relatos dos sinais realizados em Jerusalém na época da Páscoa”⁷ (Jo 2:23). E o texto de *João*, ora sob análise, relata que em Caná da Galileia ocorre outro sinal prodigioso: Jesus traz à vida o filho de um funcionário real, como é mencionado no versículo 46. Este “[...] era sem dúvida, um oficial a serviço de Herodes Antipas. Herodes tinha o título de tetrarca e, embora nunca tenha sido rei de verdade, era popularmente considerado como tal. [...]”⁸

Percebe-se claramente que Jesus e os seus apóstolos deslocavam-se por diferentes cidades, vilarejos e regiões rurais, levando a Boa-Nova a todos os indivíduos, judeus e gentílicos, como a propósito recorda Amélia Rodrigues:

Sem dúvida, a sua movimentação foi incessante. Ele percorreu toda a Galileia, visitando Jerusalém, várias vezes, onde morreu; transitou pela Judeia e foi além, à Fenícia, às cidades de Tiro e de Sidon. Venceu o Tiberíades e alcançou a Decápole, especialmente a cidade de Gadara; também foi à Bataneia, à Cesareia de Filipe e atravessou a Samaria repetidamente...

[...]

Ele não conheceu repouso.

[...]

À semelhança de uma aragem perfumada, percorreu as distâncias sem cessar. Não havia tempo a perder.

As multidões acolhiam-nO, seguiam-nO.

A Sua voz arrebatava, a Sua lógica perturbava os astutos, que O queriam pegar em equívoco, dúbios e venais.

E das suas mãos as energias renovavam, curando, libertando os enfermos e os infelizes.⁹

Agora, Jesus retorna a Caná da Galileia, e, lá chegando, se depara com a presença de um pai aflito em razão do iminente processo de morte do seu filho. Junto ao Mestre Nazareno, o funcionário de Herodes suplica ao Senhor que impeça a morte do filho amado. Jesus atende à súplica paterna, realizando o ato prodigioso a distância, pois o enfermo encontrava-se em Cafarnaum. A superioridade da natureza de Jesus tornava possíveis essas

ocorrências comuns, por ser Ele, como lembra Allan Kardec, “[...] um dos Espíritos de ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. [...]”¹⁰

Para ampliar o nosso entendimento, o Codificador acrescenta:

Como homem, tinha a organização dos seres carnais, mas como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corpórea, de cujas fraquezas não era passível. *A superioridade de Jesus com relação aos homens não resultava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e da do seu perispírito, haurido da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres. [...]* Sua alma não devia achar-se presa ao corpo senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava *dupla vista*, não só permanente, como de excepcional penetração e muito superior à que comumente possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispiríticos ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem.¹⁰

A despeito da inegável superioridade de Jesus, há uma explicação racional para os feitos operados por Ele e que foram julgados miraculosos, como, igualmente, esclarece Allan Kardec:

Os fatos relatados no Evangelho e que foram até agora considerados miraculosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, os que têm como causa primeira as faculdades e os atributos da alma. [...] A História registra outros fatos análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram. [...]

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispirítico, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da Natureza. Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.¹¹

Outro ponto que merece destaque está assinalado nas palavras proferidas pelo Senhor, ante o apelo do pai aflito: “Disse-lhe Jesus: ‘Se não virdes sinais e prodígios, não creereis’ (Jo 4:48). Significa dizer que o entendimento a respeito do Cristo só se abriria se o funcionário real fosse tocado no íntimo. Não resta dúvida que ele sabia que Jesus operava prodígios, seja porque presenciara alguns fatos ou porque ouvira relatos a respeito, pois soube onde, exatamente, Jesus se encontrava quando foi procurá-lo.

A questão que se coloca, aqui, é: pode-se presenciar inúmeros prodígios e fatos miraculosos, mas se transformar, adquirindo-se nova percepção de uma realidade, é algo bem diferente. Aquele homem transformou-se e percebeu a grandeza do Cristo não somente por Ele ter trazido o seu filho à vida física, mas, porque foi tocado nas fibras do coração, percebendo a grandeza moral de Jesus e o seu imenso amor pelo próximo. A partir de então, o funcionário de Herodes e família converteram-se ao Cristo, como assinala o seguinte versículo: “Então o pai reconheceu ser precisamente aquela a hora em que Jesus lhe dissera: ‘O teu filho vive’ e creu, ele e todos os da sua casa” (Jo 4:53).

Ser tocado pela grandeza do amor divino é o grande diferencial que a história evangélica nos transmite. Perguntamos, a propósito: quantos milagres ou bênçãos inundam diariamente a nossa existência, provenientes de Deus? Em geral, porém, nos mantemos indiferentes a eles, quando muito surpresos ante um ou outro acontecimento. No entanto, a partir do momento em que fomos tocados no íntimo do ser por qualquer uma dessas bênçãos divinas, inicia-se a nossa transformação para melhor.

Retornemos à Amélia Rodrigues para outras ponderações:

Nunca a Terra experimentou presença igual. [...]

Ele fazia-se semelhante a todos, e agigantava-se.

Buscava apagar-se, e refulgia.

Calava, e o silêncio comovia.

Falava, e alterava o comportamento dos ouvintes.

Ninguém que O encontrasse ficava-Lhe indiferente; jamais O esqueceria.

[...]

Com Jesus, não havia meio termo: aceitação ou recusa, entrega ou distância.¹²

Jesus compadece-se do pai aflito e, ao lhe escutar a intimidade da alma, localiza ali a pureza do amor paternal que, a despeito da posição social que desfrutava, nada podia fazer para impedir a morte física do seu filho. Jesus, porém, percebeu algo que escapava aos circunstâncias e que ia além do pedido de socorro: aquele pai trazia, em si, o embrião do amor universal, ao amar o próprio filho verdadeiramente. Amor esse que poderia transformá-lo em um homem de bem. Para tanto, bastava que o Senhor lhe concedesse um pequeno auxílio. O Mestre entendeu que o amor paterno e o sentimento de gratidão impulsionariam aquele Espírito ao processo ascensional. Mais uma vez estava declarada a divina sentença: *Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ouça!* (Mt 11:15.)

Há volumosa necessidade de fenômenos no mundo. O homem sensorial quer ver, tocar para crer, quando, em realidade, é imperioso primeiro crer, para depois ver.

Os sentidos físicos, em razão de sua pequena capacidade de percepção, se enganam, perdem detalhes e profundidades, para permanecerem na superfície.

O mais importante é sempre invisível aos olhos nus e, não raro, muito daquilo que se vê, já não existe mais naquela forma.

Certas estrelas vistas hoje fulgurantes desintegraram-se ou consumiram-se há milênios...

O maior fenômeno produzido por Jesus, e mais importante, é o da renovação do ser, da sua transformação moral para melhor.

A integração da criatura harmonizada no equilíbrio cósmico é a Sua meta.

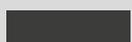
As vestes orgânicas decompõem-se, são substituídas ou transformadas, mas o ser que as mantém é imperecível.

A mensagem essencial, profunda, é a que produz o bem eterno, impregnando de paz e de sabedoria. E ela se encontra ínsita no amor, do qual ninguém foge para sempre.¹³

REFERÊNCIAS

- 1 BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 9 – *O Evangelho de João*, it. Estrutura, p. 212.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 4:43-45, p. 1.852.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 10 – *O perdão*.
- 4 BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 13, it. Curas, controvérsias, discipulado e oposição, p. 305 a 310.
- 5 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Galileia, p. 534.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 4:46-54, p. 1.852 e 1.853.
- 7 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. João, it. 4:43-54, p. 1.556.

- 8 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. João, it. 4:43-54, p. 1.557.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap.18 – *O Ministério*, p. 121 e 122.
- 10 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 2.
- 11 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it.1.
- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap.18 – *O Ministério*, p. 122.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap.18 – *O Ministério*, p. 124.



PARTE II

Segunda Festa em Jerusalém: primeira oposição à Revelação

CURA DE ENFERMO NA PISCINA DE BETESDA (JO 5:1 A 18)

O capítulo 5 do *Evangelho segundo João* refere-se a diversas controvérsias a respeito das curas e outros sinais realizados por Jesus, sobretudo por acontecerem no dia de sábado. Os 18 primeiros versículos, objeto deste estudo, falam da cura de um enfermo que apresentava dificuldades de locomoção para mergulhar-se nas águas de uma piscina denominada *Betesda* (em hebraico *Bethzada*), tidas como curativas. O Evangelista João não nos informa de que festa dos judeus Jesus participava antes de viajar para Jerusalém. Na verdade, a “[...] longa e rica história do povo de Israel ocasionou-lhe inúmeras oportunidades de comemorações. E muitas das festas duravam cerca de uma semana, durante a qual as pessoas podiam extravasar seus profundos e sinceros sentimentos”.¹

Essas festas tinham diversos propósitos. Algumas eram mais uma espécie de culto ou adoração a Deus. Nessas ocasiões, o povo, arrependido dos seus pecados, buscava o perdão e a bênção de Deus; era o momento de purificar a alma e marcar um novo começo. Outras festas eram ocasiões de adoração também, mas se manifestavam em alegres ações de graça. Sempre que as colheitas eram abundantes e os rebanhos se multiplicavam bem, o povo expressava grande gratidão a Deus, e o fazia dançando pelas ruas. Cantavam e tocavam instrumentos musicais em louvor a Deus que tanto os abençoara. Em algumas festas, havia instantes de oração e meditação. Contudo, sua forma de adoração mais comum era o regozijo, com muita música, alegria e banquetes. Todos esses festivais tinham cunho educativo. Cada uma de suas sete festas anuais continha em si uma lição sobre a história da nação, sobre suas vitórias, sua esperança, e também sobre suas derrotas e desespero. Elas lhes ofereciam o vislumbre de um Deus que operava milagres, dava-lhes plantações exuberantes, que os amava e perdoava. Muitas vezes, essas celebrações deixavam na mente dos participantes uma impressão mais forte do que livros e aulas.¹

Aproveitando-se o ensejo dessa passagem de *João*, parece-nos importante transmitir algumas informações, ainda que breves, a respeito das festas judaicas que muito contribuíram para a formação da mentalidade

cristã do passado e do presente. A origem religiosa dos povos do Ocidente revela-se construída sobre uma sólida base judaico-cristã, cujas influências histórico-culturais nos alcançam ainda hoje, moldando, de certa forma, nossa mentalidade, hábitos, preferências e, até mesmo, justificam certos atavismos da nossa personalidade. Assinalamos, então, alguns registros a respeito das sete principais festas dos judeus:

- 1) PÁSCOA – festa de grande importância, presente desde os tempos do Antigo Testamento, e que foi absorvida pela igreja cristã. A Páscoa refere-se à libertação dos israelitas do cativeiro onde viviam no Egito. A comemoração acontece entre os meses de março e abril, no dia 14 do mês nisã, segundo o calendário judaico. Com o passar do tempo, algumas modificações foram introduzidas na forma de comemorar a Páscoa, mas ainda são válidas as descrições que contam em *Êxodo*, 12. Inserida na Páscoa, a Festa dos Pães Asmos, considerada parte das comemorações da Páscoa, traz um louvor à colheita e acontece no primeiro dia (14 nisã). A festa dos Pães Asmos é coletiva ou comunitária, a Festa da Páscoa acontece na residência de cada pessoa.² A Páscoa Cristã refere-se à última ceia de Jesus que, em sequência, seria crucificado como o *Cordeiro de Deus*.³
- 2) O PENTECOSTES – festa que acontece cinquenta dias após a celebração da Páscoa, época da colheita dos grãos de cevada e trigo. Muitos teólogos argumentam que a Festa de Pentecostes é o marco do surgimento da igreja cristã.⁴
- 3) A FESTA DOS TABERNÁCULOS – também conhecida como Festa das Tendas, Festa da Colheita ou Festa do Senhor, está relacionada à agricultura, sobretudo à colheita da uva e das azeitonas, ocorrendo as festividades no início do outono (dia 15 nisã: entre os meses de setembro e outubro) – o Dia de Ações de Graças, a festa mais popular dos Estados Unidos, assemelha-se à festividade dos tabernáculos.⁵
- 4) O ANO NOVO – festa relativamente recente, conhecida em língua hebraica como *Rosh Hashana*, que significa “a cabeça do ano”. As comemorações acontecem entre março e abril.⁶
- 5) YOM KIPUR – festa que traz significado muito importante ao povo judeu como para os cristãos. A festividade oferece à pessoa um momento de pausa e reflexão a respeito de como ela tem conduzido a sua vida. É ocasião para buscar o arrependimento e

a purificação dos pecados, analisando a própria condição espiritual. Os fiéis meditam também sobre os pecados cometidos pela nação. Acontece em outubro, antes da Festa dos Tabernáculos.⁷ É possível que se origine nessa comemoração a *teologia da graça*, tradicional nas igrejas cristãs, muito questionada por cristãos e não cristãos. Essa teologia determina que, independentemente dos pecados cometidos pelo cristão, Deus pode perdoá-lo, como uma espécie de manifestação de “favor” divino. Tal ideia contraria o princípio da Justiça Divina.

- 6) CHANUCÁ – trata-se de alegre festividade conhecida por diferentes nomes: Festa da Dedicção, das Luzes, dos Macabeus, da Iluminação e Festa da Dedicção. Reporta-se ao ano 167 a.C., quando Judas Macabeu retoma e reconstrói o Templo de Jerusalém, que era mantido sob o domínio do governante sírio, Antíoco Epifanes, que impôs, ali, o próprio culto e renomeou o Templo de “Júpiter Olympus”, proibindo toda e qualquer prática da religião judaica. É a festa que acontece entre os meses de novembro e dezembro. O sentido da festividade está relacionado à alegria e união familiar, daí o costume de acender muitas velas ou luzes que são colocadas nas janelas, as ruas são iluminadas para que o povo cante e dance até tarde.⁸
- 7) PURIM – é outra alegre festa que os judeus acrescentaram após o exílio babilônico. A festa é para lembrar que o povo judeu foi poupado do extermínio por Deus, a despeito das inúmeras provações e cativeros. As crianças e adultos compartilham das alegrias, do júbilo manifestado por meio de danças, cânticos, peças teatrais e farta alimentação. A comemoração acontece entre os meses de fevereiro e março.⁹

9.1 CURA DE UM ENFERMO NA PISCINA DE BETESDA (JO 5:1 A 18)¹⁰

¹Depois disso, por ocasião de uma festa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. ²Existe em Jerusalém, junto à Porta das Ovelhas, uma piscina que, em hebraico, se chama Bethzata, com cinco pórticos. ³Sob esses pórticos, deitados pelo chão, numerosos doentes, cegos, coxos e paralíticos ficavam esperando o borbulhar da água. ⁴Porque o Anjo do Senhor se lavava, de vez em quando, na piscina e agitava a água; o primeiro, então, que aí entrasse, depois que a água fora agitada, ficava curado, qualquer que fosse a doença. ⁵Encontrava-se aí um homem, doente havia trinta e oito anos. ⁶Jesus, vendo-o deitado e sabendo

que já estava assim havia muito tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?”⁷ Respondeu-lhe o enfermo: “Senhor, não tenho quem me jogue na piscina, quando a água é agitada; ao chegar, outro já desceu antes de mim.”⁸ Disse-lhe Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e anda!”⁹ Imediatamente o homem ficou curado. Tomou o seu leito e se pôs a andar. Ora, esse dia era um sábado.¹⁰ Os judeus, por isso, disseram ao homem curado: “É sábado e não te é permitido carregar teu leito”.¹¹ Ele respondeu: “Aquele que me curou, disse: ‘Toma o teu leito e anda!’”¹² Eles perguntaram: “Quem foi o homem que te disse: ‘Toma o teu leito e anda?’”¹³ Mas o homem curado não sabia quem fora. Jesus havia desaparecido, pois havia uma multidão naquele lugar.¹⁴ Depois disso, Jesus o encontrou no Templo e lhe disse: “Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior!”¹⁵ O homem saiu e informou aos judeus que fora Jesus quem o tinha curado.¹⁶ Por isso os judeus perseguiram Jesus: porque fazia tais coisas no sábado.¹⁷ Mas Jesus lhes respondeu: “Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho”.¹⁸ Então os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, ele dizia ser Deus seu próprio pai, fazendo-se, assim, igual a Deus.

Betsda, ou *Betzada* era o nome de um tanque de água existente, possivelmente, na região norte de Jerusalém, cercado por cinco pórticos suficientemente espaçosos para conter grande número de pessoas (Jo 5:2 e 3). *Betzada* é a forma usualmente utilizada, que é tradução grega do aramaico *bet hasd* = *casa da misericórdia*. Atualmente, há um bairro em Jerusalém com esse nome, *Betzada*, situado ao norte da cidade, talvez em razão da história do tanque de água. Contudo escavações realizadas no século XX encontraram na região nordeste um tanque contendo cinco pórticos que, possivelmente, seja o relatado pelo evangelista.¹¹

De acordo com o registro de *João* (5:3 e 4), as águas da piscina ou tanque eram movimentadas de tempos em tempos, formando borbulhas, *porque o Anjo do Senhor se lavava, de vez em quando, na piscina e agitava a água*. Acredita-se, porém, que a movimentação cíclica das águas estava relacionada ao fluxo e refluxos ocorridos nas nascentes. Obviamente, essa agitação suspendia e misturava os elementos minerais de natureza medicinal que se achavam depositados no fundo da piscina.

O poder curativo das águas é tradicionalmente conhecido e, ainda hoje, é buscado por enfermos nas fontes, frias ou termais, distribuídas em diferentes partes do mundo. Entretanto, causa muita perplexidade duas informações citadas explicitamente por *João* (5:5 a 10), mesmo quando se pesa o contexto da época: primeira, o paralítico encontrava-se no local há trinta e oito anos e nunca alguém lhe deu a merecida atenção, para mergulhá-lo nas águas; a segunda informação é que, após o enfermo ser curado

por Jesus, os judeus não aprovaram a cura por ela ter sido realizada no dia de sábado: “O problema para os judeus inicialmente não foi a cura, mas o fato de que ela havia acontecido no sábado. O ato de carregar o leito era considerado um ato de trabalho. [...]”¹² E mais, as autoridades judaicas, quando perceberam o paralítico ainda aturdido pela cura, andando e trazendo sobre os ombros o leito, foram indagá-lo, exigindo que identificasse quem era a pessoa que o curara.

[...] A discussão entre o homem curado e os judeus lança luz sobre a ignorância do homem, que não tinha a menor ideia da identidade daquele que o havia curado (v. 13), bem com sobre a teimosia das autoridades, cuja principal preocupação era com o desrespeito às suas regras. Há aqui um contraste implícito entre a compaixão de Jesus pelo pobre homem e a falta de interesse dos judeus por ele. A retirada estratégica de Jesus (v. 13) seguia sua política consistente nesse evangelho de evitar a aclamação popular. [...].¹³

O fato de o homem curado não se lembrar de Jesus não tem a menor importância, principalmente quando se considera a longa espera por aquele auxílio divino. Por outro lado, Jesus quis que fosse assim ao desaparecer na multidão (Jo 5:13), imediatamente após a realização da cura. A intransigência das autoridades, isso sim, é algo estarrecedor, fato que nos convida à reflexão, ainda que considere a literalidade da interpretação das normas religiosas, como era habitual. Importa considerar que o excessivo zelo na aplicação de rituais, nas manifestações de culto externo e nas interpretações dogmáticas muito têm contribuído para o desamor que campeia no mundo. Em contraposição a esse comportamento humano, surge a maravilhosa lição que o Cristo nos transmite de que é necessário ser simpático à dor do próximo, estabelecendo com ele algum elo de empatia, exemplificada no sentimento de compaixão:

Em todas as passagens do Evangelho, perante o coração humano, sentimos no Senhor o campeão da simpatia, ensinando como sanar o mal e construir o bem. E desde a Manjedoura, sob a sua divina inspiração, um novo caminho redentor se abre aos homens, no rumo da paz e da felicidade, com bases no auxílio mútuo e no espírito de serviço, na bondade e na confraternização.¹⁴

Por outro lado, e à luz do entendimento espírita, observamos que não nos devemos esquecer também dos enfermos da alma, muitos dos quais, às vezes, aparentam saúde biológica. Favorecer a cura dos enfermos pela transfusão de fluidos reparadores do passe, da água magnetizada, da prece, do diálogo fraterno aos encarnados e desencarnados são ações comumente desenvolvidas nos centros espíritas. Mas, em qualquer situação, é importante que as energias salutares desprendidas alcancem o Espírito imortal.

O caminho da caridade nos ensina como auxiliar o próximo a superar as provações, independentemente do plano de vida em que se situe, encarnado ou desencarnado:

Cada vez que nos reportamos aos serviços da cura, é justo pensar nos enfermos, que transcendem o quadro da diagnose comum. Enxameiam, aflitos, por toda parte, aguardando medicação.

[...]

Ajuda, sim, aos doentes do corpo, mas não desprezes os doentes da alma, que caminham na Terra aparentemente robustos, carregando enfermidades imanifestas que lhes consomem o pensamento e desfiguram a vida.

Todos podemos ser instrumentos do bem, uns para com os outros.

Não esperes que o companheiro se acame prostrado ou febril para estender-lhe esperança e remédio.

Auxilia-o, hoje mesmo, sem humilhar ou ferir, de vez que a verdadeira caridade, tanto quanto possível é tratamento indolor da necessidade humana.

Os emissários do Cristo curam os nossos males em divino silêncio.

Diante dos outros, procedamos nós igualmente assim.¹⁵

Outro ponto relevante do texto é o conselho incisivo de Jesus ao paraplético, impregnado de magnetismo curador: “Disse-lhe Jesus: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda!’ Imediatamente o homem ficou curado. Tomou o seu leito e se pôs a andar.” (Jo 5:8 e 9). Mais tarde, ao encontra-se com Jesus no Templo, o Mestre alerta-o, mais uma vez, sobre a necessidade de não repetir erros, que poderiam produzir sofrimentos maiores do que o estado anterior, o de paralisia: “Eis que estás curado; não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior!” (Jo 5:14).

Essa exortação exprime a importância de erguer-se para a vida, enfrentando-lhe os desafios e adquirindo os necessários aprendizados. Mesmo sob o peso das provações, aqui representadas pelo símbolo de “leito”, o ex-paraplético, assim como todos nós, deveria prosseguir na sua caminhada evolutiva. É o que, a propósito, Emmanuel nos esclarece nesta página psicografada por Waldo Vieira:

O sublime convite¹⁶

Levanta-te, toma o teu leito e anda. JESUS (João, 5:8.)

A palavra do Senhor é sempre luz direta.

A partir do momento em que fala incisivo, o doente inicia uma nova jornada.

Os músculos parapléticos vibram, fortes de novo.

O tônus orgânico circula mais ativo.

O equilíbrio ressurgue no cosmo celular.

A prisão em forma de leito liberta o prisioneiro.

E múltiplas consequências são criadas no processo sublime quais sejam a responsabilidade maior para o irmão socorrido, estudo e meditação nos circunstâncias admirados, reafirmação categórica das potencialidades sublimes do amor de Nosso Divino Mestre, através do trabalho messiânico de libertação das consciências humanas que impôs generosamente a Si Mesmo...

Em seguida, mais uma crônica ajustar-se-á aos ensinamentos narrados pelos evangelistas expressando, até hoje, lição palpitante na escola da Humanidade.

Em soerguendo o enfermo desditoso do leito de provação, convoca-nos Jesus a levantar-nos, todos, do ninho de imperfeições, em que nos comprazemos, de coração cansado e mente corrompida.

Se egoísmo e orgulho, inveja e ciúme, cobiça e vaidade ainda nos prendem o coração ao catre do infortúnio, ouçamos o convite do Senhor Amorável: “Levanta-te, toma o teu leito e anda”.

E erguendo-nos pela fé, saberemos sofrer a consequência ainda amarga de nossa própria sombra, caminhando, por fim, ao encontro da Luz.

A partir do momento em que os judeus identificaram Jesus como o autor da cura do enfermo, na piscina de Betesda, e no dia de sábado, passaram a perseguir-lo (Jo 5:16). A resposta do Senhor, ainda que serena, ampliou a animosidade dos intransigentes seguidores da lei, a ponto de desejar-lhe a morte:

Por isso os judeus perseguiram Jesus: porque fazia tais coisas no sábado. Mas Jesus lhes respondeu: “Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho”. Então os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, além de violar o sábado, ele dizia ser Deus seu próprio pai, fazendo-se, assim, igual a Deus. (Jo 5:16 a 18).

Eis o que Emmanuel tem a dizer a respeito da resposta de Jesus aos perseguidores:

Trabalho, solidariedade, tolerância¹⁷

O trabalho edifica.

A solidariedade aperfeiçoa.

A tolerância eleva.

Trabalhando, melhoramos a nós mesmos.

Solidarizando-nos, enriqueceremos o mundo.

Tolerando-nos, engrandeceremos a vida.

Para trabalhar, com êxito, é necessário obedecer à lei.

Para solidarizar-nos, com proveito, é indispensável compreender o bem e cultivá-lo.

Para tolerar-nos, em sentido construtivo, é imprescindível amar.

Em vista disso, o Mestre Divino, há quase dois milênios, afirmou para o mundo:

“Meu Pai trabalha até hoje, e eu trabalho também.

Estarei convosco até o fim dos séculos.

“Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.”

Trabalhemos, então, construindo.

Solidarizemo-nos, beneficiando.

Toleremo-nos, amando sempre.

Vinculada aos fundamentos divinos, a sublime trilogia da Allan Kardec é plataforma permanente, em nossos círculos doutrinários, constituindo lema substancial que não pode morrer.

REFERÊNCIAS

- 1 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 277.
- 2 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 277 a 279.
- 3 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 280 e 281.
- 4 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 281 e 282.
- 5 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 282 e 283.
- 6 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 282 a 285.
- 7 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 285 e 286.
- 8 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 287 e 288.
- 9 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 288 e 289.

- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 5:1-18, p. 1.853 e 1.854.
- 11 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Betesda, p. 164.
- 12 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. João, it. 5:1-47 – Cura e discurso em Jerusalém, p. 1.557.
- 13 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. João, it. 5:1-47 – Cura e discurso em Jerusalém, p. 1.557 e 1.558.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 7. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 19 – *Evangelho e simpatia*.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Ideal espírita*. Por diversos Espíritos. 1. ed. Brasília, DF: FEB; Uberaba, MG: CEC, 2015. cap. 1 – *Cura e caridade* [mensagem de Emmanuel, psicografia de Chico Xavier].
- 16 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Ideal espírita*. Por diversos Espíritos. 1. ed. Brasília, DF: FEB; Uberaba, MG: CEC, 2015. cap. 42 – *O sublime convite* [mensagem de Emmanuel, psicografia de Waldo Vieira].
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no caminho*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: CEU, 2022. cap. 11.

DISCURSO SOBRE A OBRA DO FILHO (JO 5:19 A 47)

Essa passagem evangélica faz referência a um discurso proferido por Jesus – possivelmente em resposta às controvérsias das autoridades judaicas a respeito das curas, por Ele realizadas no dia de sábado – o qual ratifica a sua posição de Emissário Celestial e a perfeita sintonia com o Pai e Criador, na qualidade de Filho que dá vida à humanidade terrestre.¹

A mensagem central desse discurso é que Jesus, na qualidade de Filho de Deus e Messias, não reivindica ser independente de Deus Pai, e, sim, que mediante uma união perfeita com Ele, era-lhe forçoso realizar as suas obras e os seus propósitos, exibindo o amor do Pai pelo mundo; e assim Jesus cumpriu os seus deveres como Filho perfeito, e não como um filho rebelde, que era como os judeus interpretavam as suas ações.

Deus Pai delegou a autoridade ao Filho, incluindo a própria vida, e isso quer dizer que Jesus é o dispenseiro da vida eterna, e também o juiz de todos. Além disso, honrar o Filho equivale a honrar o Pai, e rejeitar o Filho é a mesma coisa que rejeitar o Pai. [...].²

O discurso de Jesus define, então, declarado conflito entre os propósitos messiânicos que Ele estava incumbido por Deus e as expectativas dos religiosos judeus assim como do povo, em geral, a respeito do Messias tão ansiosamente aguardado: eles aguardavam um Enviado Celestial que fosse, ao mesmo tempo, um guerreiro poderoso dotado de poderes divinos e consolidador da fé judaica. Um Mensageiro que, em nome de Deus, libertaria a nação judaica do jugo do invasor romano e que, também, projetaria os judeus como o povo escolhido. Assim, como Jesus pregava o advento do Reino de Deus, de paz, concórdia e união fraternal, ocorreu uma cisão, logo de início, a despeito dos inúmeros prodígios e benefícios realizados por Jesus. O clero judaico agindo em comum acordo com as autoridades palacianas promoveram sucessivas perseguições, as quais culminaram com a morte do Mestre Nazareno.

10.1 DISCURSO SOBRE A OBRA DO FILHO (JO 5:19 A 47)³

¹⁹Retomando a palavra, Jesus lhes disse: “Em verdade, em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz o Filho o faz igualmente. ²⁰Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz; e lhe mostrará obras maiores do que essas para que vos admireis. ²¹Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer. ²²Porque o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento, ²³a fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou. ²⁴Em verdade, em verdade, vos digo: quem escuta a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vem a julgamento, mas passou da morte à vida. ²⁵Em verdade, em verdade, vos digo: vem a hora – e é agora – em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que o ouvirem, viverão. ²⁶Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo ²⁷e lhe deu o poder de exercer o julgamento, porque é Filho do Homem. ²⁸Não vos admireis com isto: vem a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a sua voz ²⁹e sairão; os que tiverem feito o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento. ³⁰Por mim mesmo, nada posso fazer: eu julgo segundo o que ouço, e meu julgamento é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. ³¹Se eu der testemunho de mim mesmo, meu testemunho não será verdadeiro; ³²um outro é que dá testemunho de mim, e sei que é verdadeiro o testemunho que presta de mim. ³³Vós enviastes emissários a João e ele deu testemunho da verdade. ³⁴Eu, no entanto, não dependo do testemunho de um homem; mas falo isso, para que sejais salvos. ³⁵Ele era a lâmpada que arde e ilumina e vós quisestes alegrar-vos, por um momento, com sua luz. ³⁶Eu, porém, tenho um testemunho maior que o de João: as obras que o Pai me encarregou de consumir. Tais obras, eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou. ³⁷Também o Pai que me enviou dá testemunho de mim. Jamais ouvistes a sua voz, nem contemplastes a sua face, ³⁸e sua palavra não permanece em vós, porque não credes naquele que ele enviou. ³⁹Vós perscrutais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; ora, são elas que dão testemunho de mim; ⁴⁰vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida. ⁴¹Não recebo a glória que vem dos homens. ⁴²Mas eu vos conheço: não tendes em vós o amor de Deus. ⁴³Vim em nome de meu Pai, mas não me acolheis; se alguém viesse em seu próprio nome, vós o acolheríeis. ⁴⁴Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, mas não procurais a glória que vem do Deus único? ⁴⁵Não penseis que vos acusarei diante do Pai; Moisés é o vosso acusador, ele, em quem pusestes a vossa esperança. ⁴⁶Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim, porque foi a meu respeito que ele escreveu. ⁴⁷Mas se não credes em seus escritos, como creereis em minhas palavras?”

O conhecimento e a vivência da mensagem de amor revelados pelo Cristo são, mais uma vez, enaltecidos nesse registro de João. E mesmo considerando o progresso evolutivo já alcançado pela Humanidade, ainda nos encontramos muito distanciados dessa vivência do Evangelho, o exemplo vivo da necessidade e da prática educativa do amor nas variáveis da vida, em quaisquer momentos e lugares, pois ainda que o conhecimento intelectual do homem seja grandioso, o progresso moral vem por intermédio da Lei de Amor. Nesse sentido, o Espírito André Luiz endossa tal posição, manifestada na mensagem que se segue, recebida pela psicografia de Waldo Vieira, quando da análise do item 4, capítulo 8 – *Bem-aventurados os que têm puro o coração*, de *O evangelho segundo o espiritismo*:

Educação⁴

O amor é a base do ensino.

Professor e aluno, cooperação mútua.

O autoaprimoramento será sempre espontâneo.

Disciplina excessiva, caminho de violência.

A curiosidade construtiva ajuda o aprendizado.

Indagação ociosa, dúvida enfermiza.

Egoísmo n'alma gera temor e insegurança.

Evangelho no coração, coragem na consciência.

Cada criatura é um mundo particular de trabalho e experiência.

Não existe vocação compulsória.

Toda aula deve nascer do sentimento.

Automatismo na instrução, gelo na ideia.

A educação real não recompensa nem castiga.

A lição inicial do instrutor envolve em si mesma a responsabilidade pessoal do aprendiz.

Os desvios da infância e da juventude refletem os desvios da maturidade.

Aproveitamento do estudante, eficiência do mestre.

Maternidade e paternidade são magistérios sublimes.

Lar, primeira escola; pais, primeiros professores; primeiro dia de vida, primeira aula do filho.

Pais e educadores! Se o lar deve entrosar-se com a escola, o culto do Evangelho em casa deve unir-se à matéria lecionada em classe, na iluminação da mente em trânsito para as esferas superiores de vida.

O texto de *João* (5:19 a 47), ora sob estudo, apresenta-nos outras informações que subsidiam a sua tese de que Jesus é o Messias Divino, ainda que algumas comunidades não-cristãs considerem o Senhor como um grande e respeitável profeta, mas não como o mensageiro de Deus. Tal interpretação será naturalmente revista à medida que o Evangelho for amplamente conhecido e meditado. O certo é que as comunidades cristãs planetárias, inclusive os espíritas, aceitam sem vacilações que Jesus é o Messias de Deus. Na verdade, tal convicção é um dos postulados anunciados pela Doutrina Espírita, assim expressa por Allan Kardec:

Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava.

Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na Lei de Deus algumas vezes o transviaram por meio de falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como Leis Divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e para dominar os homens.⁵

É importante refletir, porém, que a crença cristã de Jesus ser o Messias, não basta por si, quando se considera as distorções interpretativas manifestadas pelos dirigentes das igrejas cristãs, ao longo da História religiosa do Ocidente. De forma imprudente, estudiosos cristãos imprimiram um caráter dogmático à natureza do Cristo, igualando-o ao próprio Deus, fato que nega e entra em rota de colisão com citações do próprio Jesus, inclusive as citadas por *João* (5:19 a 47), objeto do presente estudo. Aqui, nessa passagem evangélica, Jesus faz questão de revelar-se como o Filho (ou Filho do Homem), que, claramente, é distinto do Pai, que é Deus. Kardec pronuncia-se a respeito:

A questão da natureza do Cristo tem sido debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e pode-se dizer que ainda não se acha resolvida, pois continua a ser discutida até hoje. Foi a divergência das opiniões sobre este ponto que deu

origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos [hoje, há 21 séculos], sendo de notar-se que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros titulados do clero. Eram, por conseguinte, homens esclarecidos, muitos deles escritores de talento, versados na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas a favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como hoje, as opiniões se firmaram mais sobre abstrações do que sobre fatos. Procurou-se saber principalmente o que o dogma continha de plausível, ou de irracional, deixando-se, em geral, de um lado e de outro, de assinalar os fatos capazes de lançar uma luz decisiva sobre a questão.⁶

O Codificador apresenta outras considerações ao dogma, incompreensível, de Jesus ser Deus ou fazer parte da Trindade Divina, que a Igreja Católica definiu em um dos seus concílios, que contraria, repetimos, citações existentes nos textos evangélicos. Os riscos da fé não raciocinada geram o dogma e o dogmatismo, ação perigosa que se contrapõe à evolução intelecto-moral do ser humano e que pode conduzi-lo ao fanatismo, religioso ou filosófico, gerador de ideologias destrutivas e criminosas, como as conhecidas “guerras santas” e os regimes políticos extremistas. Ao contrário, o ser humano, dotado de razão, desenvolve pelo conhecimento a capacidade de observação, análise, comparação, dedução, não se deixando guiar por interpretações pessoais ou de grupos, realizando testagens, buscando evidências comprobatórias. Assim, considerar Jesus como o próprio Deus, mesmo em razão das condições peculiares e superiores do seu Espírito, ou, pior, idealizar a configuração de uma “trindade” diretora do Universo, formada pelo Pai, Filho e Espírito Santo, representa, um retrocesso evolutivo, uma mumificação dos ensinamentos evangélicos que foram reduzidos, em sua maioria, a simples rituais e manifestações de culto externo.

O dogma da divindade de Jesus se baseou na igualdade absoluta entre a sua pessoa e Deus, visto que Ele próprio é Deus. Trata-se de um artigo de fé. Ora, estas palavras, que Jesus tantas vezes repetiu: *Aquele que me enviou*, não só comprovam uma dualidade de pessoas, como também excluem, [...] a igualdade absoluta entre elas, porquanto aquele que é enviado necessariamente está *subordinado* ao que envia, praticando um ato de submissão ao obedecer a este último. [...]

Estas palavras: *Aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou*, não implicam absolutamente a igualdade nem, ainda menos, a identidade. [...] Os apóstolos tinham a palavra de Jesus, como este a de Deus. Quando lhes diz: *Aquele que vos ouve a mim me ouve*, certamente não queria dizer que seus apóstolos e Ele fossem uma só e a mesma pessoa, igual em todas as coisas.

A dualidade das pessoas, assim como o estado secundário e de subordinação de Jesus com relação a Deus, ressaltam, além disso, sem equívoco possível [...].⁷

A grandeza moral e intelectual do Cristo, assim como os milagres ou feitos milagrosos realizados por Ele, serviram também de base para a interpretação equivocada de que Jesus é Deus. Retornemos às considerações do Codificador do Espiritismo que indaga: *Os milagres provam a divindade do Cristo?*

Segundo a Igreja, a divindade do Cristo está firmada principalmente pelos milagres que testemunham um poder sobrenatural. Esta consideração pode ter tido certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; hoje, porém, que a Ciência levou suas investigações até as Leis da Natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres, para cujo descrédito contribuíram bastante o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que se tem feito dessas imitações. [...]
[...]

No sentido teológico, o caráter essencial do milagre é o de ser uma exceção aberta às Leis da Natureza e, por conseguinte, inexplicável por meio dessas mesmas leis. Desde o instante em que um fato pode explicar-se e se liga a uma causa conhecida, deixa de ser milagre. Desse modo, as descobertas da Ciência colocavam, no domínio do natural, muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto se desconheciam suas causas. [...].⁸

O texto joanino é de significativa importância para todo cristão, pois apresenta-nos uma ardorosa e verdadeira defesa da tese de que Jesus é o Cristo de Deus, enviado pelo Criador Supremo ao planeta Terra para fazer seus habitantes ascenderem aos píncaros da evolução, conforme as determinações da Lei de Amor, segundo estas palavras pronunciadas pelo inesquecível e sábio Orientador Maior:

Por mim mesmo, nada posso fazer: eu julgo segundo o que ouço, e meu julgamento é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. (Jo 5:30).

Emmanuel esclarece a respeito, com a sua sabedoria de sempre, que essa orientação seguida por Jesus deve ser o nosso modelo de conduta:

Tudo em Deus⁹

Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma.

JESUS (João, 5:30.)

Constitui ótimo exercício contra a vaidade pessoal a meditação nos fatores transcendentais que regem os mínimos fenômenos da vida.

O homem nada pode sem Deus.

Todos temos visto personalidades que surgem dominadoras no palco terrestre, afirmando-se poderosas sem o amparo do Altíssimo; entretanto, a única realização que conseguem efetivamente é a dilatação ilusória pelo sopro do mundo, esvaziando-se aos primeiros contatos com as verdades divinas. Quando aparecem, temíveis, esses gigantes de vento espalham ruínas materiais e aflições

de espírito; todavia, o mesmo mundo que lhes confere pedestal projeta-os no abismo do desprezo comum; a mesma multidão que os assopra incumbe-se de repô-los no lugar que lhes compete.

Os discípulos sinceros não ignoram que todas as suas possibilidades procedem do Pai Amigo e Sábio, que as oportunidades de edificação na Terra, com a excelência das paisagens, recursos de cada dia e bênçãos dos seres amados, vieram de Deus que os convida, pelo espírito de serviço, a ministérios mais santos; agirão, desse modo, amando sempre, aproveitando para o bem e esclarecendo para a verdade, retificando caminhos e acendendo novas luzes, porque seus corações reconhecem que nada poderão fazer de si próprios e honrarão o Pai, entrando em santa cooperação nas suas obras.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, it. b – Unidade do Pai e do Filho: o Filho dá vida (5:19-47), p. 443.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, it. b – Unidade do Pai e do Filho: o Filho dá vida (5:19-47), p. 443 e 444.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13 imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 5:19-47, p. 1.854 a 1.856.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 16 – Educação [mensagem de André Luiz, psicografia de Waldo Vieira].
- 5 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. comentário de Kardec à q. 625.
- 6 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. *Estudo sobre a natureza do Cristo*, it. I – Fontes das provas sobre a natureza do Cristo.
- 7 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. *Estudo sobre a natureza do Cristo*, it. III – As palavras de Jesus provam a sua divindade?
- 8 KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. *Estudo sobre a natureza do Cristo*, it. II – Os milagres provam a divindade do Cristo?
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 101.



PARTE III

A Páscoa do Pão da Vida: nova oposição à Revelação

A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES. JESUS VEM AO ENCONTRO DE SEUS DISCÍPULOS CAMINHANDO SOBRE O MAR (JO 6:1 A 21)

O capítulo 6 do *Evangelho segundo João* contém 71 versículos, que serão analisados em três reuniões de estudo: Tema 11 (Jo 6:1 a 21); Tema 12 (Jo 6:22 a 40) e Tema 13 (Jo 6:41 a 71). Trata-se de um conjunto harmonioso relacionados à pregação de Jesus sobre advento do Reino de Deus; as curas e os feitos extraordinários, conhecidos como milagres (ou sinais, segundo João); e a certeza de que Ele é o Messias Divino, além de perseguições do clero, cada vez mais evidentes.

No atual estudo (Jo 6:1 a 21), destacam-se dois extraordinários acontecimentos: a) multiplicação dos pães e peixes – que alimentou uma multidão de cinco mil pessoas, episódio registrado em todos os quatro evangelhos (Mt 14:13 a 21; Mc 6:31 a 34 e Lc 9:10 a 17);¹ e b) Jesus caminhando sobre as águas – fato que não foi relatado apenas pelo Evangelista Lucas.¹ Os paralelos com os demais evangelistas estão em *Mateus*, 14:22 a 23 e *Marcos*, 6:45 a 52, porém o relato de João é mais dramático.²

11.1 A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (JO 6:1 A 15)³

¹Depois disso, passou Jesus para a outra margem do mar da Galileia ou de Tiberíades. ²Uma grande multidão o seguia, porque tinha visto os sinais que ele realizava nos doentes. ³Subiu, então, Jesus à montanha e aí se sentou com os seus discípulos. ⁴Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. ⁵Levantando Jesus os olhos e vendo a grande multidão que a ele acorria, disse a Filipe: “Onde compraremos pão para que eles comecem?” ⁶Ele falava assim para pô-lo à prova, porque sabia o que faria. ⁷Respondeu-lhe Filipe: “Duzentos denários de pão não seriam suficientes para que cada um recebesse um pedaço”. ⁸Um de seus discípulos, André, o irmão de Simão Pedro, lhe disse:

⁹ “Há aqui um menino, que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tantas pessoas?”. ¹⁰Disse Jesus: “Fazei que se acomodem”. Havia muita grama naquele lugar. Sentaram-se pois os homens, em número de cinco mil aproximadamente. ¹¹Tomou, então, Jesus os pães e, depois de dar graças, distribuiu-os aos presentes, assim como os peixinhos, tanto quanto queriam. ¹²Quando se saciaram, disse Jesus a seus discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca”. ¹³Eles os recolheram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada deixados de sobra pelos que se alimentaram. ¹⁴Vendo o sinal que ele fizera, aqueles homens exclamavam: “Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo!”. ¹⁵Jesus, porém, sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo, sozinho, na montanha.

A multiplicação dos pães e peixes passou à posteridade como um milagre, palavra que podemos utilizar naturalmente, porém, atentos ao significado *etimológico* não ao *teológico* ou popular, como Allan Kardec pondera:

Na sua acepção etimológica, a palavra *milagre* (de *miracŭlum*) significa: *prodígio, maravilha; coisa extraordinária*. A Academia a definiu assim: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza*.

Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral que era, tornou-se de acepção restrita. No entender das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das Leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. [...].⁴

Para o Espiritismo todo fato extraordinário tem uma explicação que, cedo ou tarde, será compreendida. Como não há derrogação das Leis Divinas, entendemos que o

[...] caráter do milagre é o fato de ser insólito, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea ou voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, que desde então, seja ou não conhecida a lei, não pode ser um milagre.⁵

Antes de realizar o milagre da multiplicação dos pães e peixes, Jesus transmitiu uma orientação muito importante que merece aqui ser enfatizada: “Disse Jesus: ‘Fazei que se acomodem.’” (Jo 6:10). Recorramos a Emmanuel para nos esclarecer a respeito:

Esta passagem do *Evangelho de João* é das mais significativas. Verifica-se quando a multidão de quase cinco mil pessoas tem necessidade de pão, no isolamento da Natureza.

Os discípulos estão preocupados.

[...]

Todos discutem.

Jesus, entretanto, recebe a migalha sem descrever de sua preciosa significação e manda que todos se assentem, pede que haja ordem, que se faça harmonia. E distribui o recurso com todos, maravilhosamente.

A grandeza da lição é profunda.

Os homens esfomeados de paz reclamam a assistência do Cristo. Falam n'Ele, suplicam-lhe socorro, aguardam-lhe as manifestações. Não conseguem, todavia, estabelecer a ordem em si mesmos, para a recepção dos recursos celestes. Misturam Jesus com as suas imprecações, suas ansiedades loucas e seus desejos criminosos. Naturalmente se desesperam, cada vez mais desorientados, porquanto não querem ouvir o convite à calma, não se assentam para que se faça a ordem, persistindo em manter o próprio desequilíbrio.⁶

A passagem evangélica da multiplicação dos pães e peixes traz também dois conjuntos de ideias que merecem ser destacados: primeiro, o significado literal ou simbólico; segundo, o sentido espiritual do extraordinário acontecimento. Com certeza, Jesus saciou a fome física ou biológica daquela multidão que o seguia, envolvida no seu magnetismo de Espírito puro. Contudo o mais importante foi o alimento espiritual que Jesus alimentou aos famintos das verdades imortais. Kardec afirma:

É o que também ressalta com a mesma clareza do discurso que Jesus proferiu sobre o pão do céu, empenhado em fazer que seus ouvintes compreendessem o verdadeiro sentido do alimento espiritual. [...] Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo. “Eu sou”, declara Ele, “o pão da vida; *aquele que vem a mim não terá fome e aquele que crê em mim jamais terá sede*”.⁷

O certo é que, com a multiplicação dos pães e dos peixes, a multidão foi tranquilizada, a paz reinou, as pessoas estavam felizes porque traziam o corpo e o espírito nutridos. Atento aos mínimos detalhes, o Senhor recomenda também: “Quando se saciaram, disse Jesus a seus discípulos: ‘Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca’” (Jo 6:12). Excelente essa recomendação do Mestre Nazareno! O Senhor nos alerta, nesse momento, não negligenciarmos ou desperdiçarmos os bens físicos e espirituais que possuímos. Trata-se de um novo preceito que Jesus ensina a respeito da *lei do uso*, como esclarece Emmanuel:

Observada a lei do uso, a miséria fugirá do caminho humano.

Contra o desperdício e a avareza, é imperioso o trabalho de cada um, porque, identificado o equilíbrio, o serviço da justiça econômica estará completo, desde que a boa vontade habite com todos.

A passagem evangélica que descreve o trabalho de alimento à multidão assinala significativas palavras do Senhor quanto às sobras de pão, transmitindo ensinamento de profunda importância aos discípulos.

[...]

A caridade reclama entusiasmo, entretanto, exige também discernimento generoso, que não incline o coração à secura.

Na grande assembleia de necessitados do monte, por certo, não faltariam preguiçosos e perdulários prontos a inutilizar a parte restante de pão, sem necessidade justa. Jesus, porém, antes que os levianos se manifestassem, recomendou claramente: – “Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca.” É que, em todas as coisas, o homem deverá reconhecer que o uso é compreensível na Lei, desprezando o abuso que é veneno mortal nas fontes da vida.⁸

Essa primeira parte dos registros de *João* é concluída com a reação da multidão, após ter sido alimentada: “Jesus, porém, sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo, sozinho, na montanha” (Jo 6:15). Felizes pelos benefícios recebidos, aquelas pessoas retomam à realidade em que viviam que, tal como acontece ainda hoje, priorizam concessões, cargos, posições ou títulos honoríficos. Com Jesus não foi diferente: a multidão queria fazê-lo rei. Ante tal comportamento, Jesus se afasta, isola-se e busca abrigo na montanha. Nesse sentido, Irmão X (Humberto de Campos) nos transmite reflexões do Cristo quando Ele se afasta temporariamente da multidão. Jesus analisa que a dualidade da personalidade humana, que aplaude ou critica de acordo com os próprios interesses, tem como causa principal a escassez de amor no coração humano:

Quando Jesus se fazia acompanhar pela multidão, na manhã rutilante, refletia, amorosamente, consigo mesmo:

– Ensinará as lições básicas do Reino de Deus aos filhos da Galileia, que o seguiam naquele instante divino... Todos permaneciam agora cientes do amor que devia espalhar-se sobre as noções da lei antiga! [...] Para isso, porém, era indispensável que compreendessem e amassem com o espírito... Quantas pequenas lutas em vão? Quantos atritos desnecessários? A multidão, por vezes, assumia atitudes estranhas e contraditórias. Diante dos prepostos de Tibério, que a visitavam, aplaudia delirantemente; todavia, quando se afastavam os emissários de César, manchava os lábios com palavras torpes e gastava tempo na sementeira de ódios e divergências sem fim... Se aparecia algum enviado do Sinédrio, nas cidades que marginavam o lago, louvava o povo a lei antiga e abraçava o mensageiro das autoridades de Jerusalém. Bastava, entretanto, que o visitante voltasse as costas para que a opinião geral ferisse a honorabilidade dos sacerdotes, perdendo-se nos desregramentos verbais de toda espécie... Oh! sim – pensava –, todo o problema do mundo era a necessidade de amor e realização fraternal!⁹

11.2 JESUS VEM AO ENCONTRO DE SEUS DISCÍPULOS, CAMINHANDO SOBRE O MAR (JO 6:16 A 21)¹⁰

¹⁶Ao entardecer, seus discípulos desceram ao mar ¹⁷e, subindo num barco, dirigiram-se a Cafarnaum, do outro lado do mar. Já estava escuro e Jesus ainda não viera encontrá-los. ¹⁸Além disso, soprava vento forte e o mar se encrespava. ¹⁹Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar. Ficaram com medo. ²⁰Jesus, porém, lhes disse: “Sou eu. Não temais”. ²¹Quiseram, então, recolhê-lo no barco, mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam.

Esse extraordinário acontecimento realizado por Jesus só não foi registrado por *Lucas* e, a despeito da ênfase que João dá às preocupantes condições climáticas (escuridão, por ser final do dia, vento forte, mar encrespado), não consta o impulso de Pedro de querer igualmente caminhar sobre as águas e quase se afogando, como relatam *Mateus* e *Marcos*. O quarto evangelista também não faz qualquer comentário a respeito do episódio, limitando-se, apenas, a registrá-lo. Aliás, os estudiosos da linha católica e protestante não fornecem explicações sobre o “andar sobre as águas”, afirmando que é um milagre porque Jesus encontrava-se sob o efeito do Espírito Santo,¹¹ como informa o estadunidense Russell Norman Champlin:

[...] Quanto a essa forma de milagre, não temos explicações, exceto que, sem dúvida, teve ele [o Evangelista João] a intenção de demonstrar não só a grandeza de Jesus, bem como acentuar que qualquer coisa pode acontecer em sua presença [...].¹¹

À luz da Doutrina Espírita, a explicação para o fenômeno é racional e facilmente compreendida. Entendemos, porém, que para as pessoas que desconhecem a realidade das manifestações psíquicas e/ou ainda se encontram presas aos interesses imediatistas, o “andar sobre as águas” escapa-lhes ao entendimento. Esclarece Amélia Rodrigues a respeito:

Não é fácil, com a compreensão de hoje, entender aqueles acontecimentos conforme a psicologia da época. Os parâmetros diversificados, a cultura humanística e as circunstâncias totalmente diversas, dificultam o entendimento.¹²

Allan Kardec esclarece que o fenômeno nada tem de miraculoso e pode “[...] operar-se de duas maneiras”:

Jesus, embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, enquanto seu corpo permaneceu em outro lugar. É a hipótese mais provável. Pode-se mesmo reconhecer, nessa narrativa, alguns sinais característicos das aparições tangíveis.

Por outro lado, também pode ter sucedido que seu corpo fosse sustentado e neutralizada a sua gravidade pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço, sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.¹³

A primeira possibilidade levantada por Kardec, como a mais viável, é conhecida como fenômeno da *bicorporeidade*: “[...] Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. [...]”¹⁴ Na bicorporeidade, também denominada de “homens duplos”, o Espírito se desliga parcialmente do corpo físico e, enquanto o seu corpo encontra-se adormecido em um local, o seu Espírito adquire tangibilidade momentânea em outro lugar.^{14,15} A outra explicação para o fenômeno é denominada de *levitação*, isto é, o Espírito unido ao corpo físico se desloca no ar, neutralizando a força da gravidade, fato testemunhado pelo próprio Codificador, ao presenciar a levitação de Daniel Dunglas Home.¹⁶

Inclusive, já que estamos no campo das probabilidades, é possível que Jesus tenha executado os dois tipos de fenômenos: no primeiro, é possível que seu corpo se encontrasse adormecido na montanha para onde se retirara e, por meio da bicorporeidade, o seu Espírito tenha se tornado tangível sobre as águas, acalmando, assim, os discípulos que se encontravam apavorados pelo impacto da tempestade (Jo 6:18 a 20). No segundo momento, em que Jesus retornara ao seu corpo físico e, em seguida, levitasse até a outra margem do Lago de Genesaré (ou mar da Galileia), onde aguarda os discípulos atracarem o barco em terra firme (Jo 6:21).

Finalmente, sempre devemos extrair as lições espirituais que a mensagem de Jesus transmite, nesse e em outros contextos, como nos faz ver o espírita João de Jesus Moutinho:

Sem derrogar, pois, as leis que facultam o equilíbrio à vida física na Terra, quer caminhando sobre as águas, quer acalmando tempestades, o Cristo demonstra autoridade que possui sobre leis que, embora desconhecidas do homem, mais tarde, quando os próprios méritos o permitirem, constituirão aquisições da ciência terrena.
[...]

Buscando, todavia, o lado simbólico que a lição encerra, conclui-se que, assim como a gravidade confere peso aos corpos físicos, igualmente as imperfeições morais exercem expressivo domínio à vida do Espírito em evolução.¹⁷

E Jesus permanece conosco, sempre, na alegria e na tristeza, acolhendo-nos generosamente em seus braços, seja durante as tempestades da vida, seja quando caminhamos firmes na estrada do Bem.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. “c” – 6:1-15, p. 455.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. “d” – 6: 16-21, p. 457.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 1. ed. 13. imp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 6:1-15, p. 1.856.
- 4 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 13, it. 1.
- 5 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 13, it. 1.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 25 – *Tende calma*.
- 7 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 51.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 171.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 13. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 35 – *Retirou-se, Ele só*.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 1. ed. 13. imp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 6:16-21, p. 1.857.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. “d” – 6:1-15, p. 457.
- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 6 – *Eles não o mereciam...*, p. 44.
- 13 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 42.
- 14 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7, it. 119, q. 1.
- 15 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7, it. 119.

- 16 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 2, it. 16.
- 17 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 67 – *Jesus anda sobre o mar*.

DISCURSO NA SINAGOGA DE CAFARNAUM – 1ª PARTE (JO 6:22 A 40)

O discurso proferido por Jesus na sinagoga de Cafarnaum foi registrado em detalhes por *João* (6:22 a 66) e, por ser longo (abrange 43 versículos), é estudado em duas partes, no Tema 12 e no Tema 13. Em ambos os textos, o evangelista tem em mente demonstrar que Jesus é o Cristo, simbolizado como o *pão da vida*, no atual estudo. A sua convicção fundamenta-se nas lições de sabedoria que o Mestre Nazareno transmitiu e os sinais por Ele realizados, como os que serão analisados, em seguida: multiplicação dos pães e peixes,

[...] Conforme tão frequentemente sucede nesse quarto evangelho, um acontecimento significativo qualquer e seguido por uma explicação de natureza espiritual [...]. A primeira parte desse capítulo registra o milagre da multiplicação dos pães para cinco mil homens, e agora o pão deve ser o símbolo, como também serviram de símbolo a “luz” (Jo 1:4-9 e 3:19-21), a “água” (Jo 3:5), após Jesus ter instruído a Nicodemos com respeito à regeneração ou o novo nascimento. [...].¹

12.1 DISCURSO NA SINAGOGA DE CAFARNAUM – 1ª PARTE (JO 6:22 A 40)²

²²No dia seguinte, a multidão que permanecera no outro lado do mar percebeu que aí havia um único barco e que Jesus não tinha entrado nele com os seus discípulos; os discípulos haviam partido sozinhos. ²³Outros barcos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde tinham comido o pão. ²⁴Quando a multidão viu que Jesus não estava ali, nem os seus discípulos, subiu aos barcos e veio para Cafarnaum, à procura de Jesus. ²⁵Encontrando-o do outro lado do mar, disseram-lhe: “Rabi, quando chegaste aqui?” ²⁶Respondeu-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. ²⁷Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece para a vida eterna, alimento

que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, o marcou com seu selo”.
²⁸Disseram-lhe, então: “Que faremos para trabalhar nas obras de Deus?”
²⁹Respondeu-lhes Jesus: “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou”.
³⁰Então lhe perguntaram: “Que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti? Que obra fazes?”
³¹Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: *Deu-lhes pão do céu a comer*”.
³²Respondeu-lhes Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas é meu Pai que vos dá o verdadeiro pão do céu; ³³porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo”.
³⁴Disseram-lhe: “Senhor, dá-nos sempre deste pão!”
³⁵Jesus lhes disse: “Eu sou” o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede.
³⁶Eu, porém, vos disse: “vós me vedes, mas não credes.
³⁷Todo aquele que o Pai me der virá a mim, e quem vem a mim eu não o rejeitarei,
³⁸pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.
³⁹E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia.
⁴⁰Sim, esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”.

O pensamento joanino nessa passagem evangélica revela que Jesus é capaz de alimentar a alma de todos os seres humanos, pois Ele é *o pão espiritual* ou *o pão do céu*, como alimentou o corpo faminto de cinco mil pessoas pela multiplicação de alguns pães.

Allan Kardec comenta:

É o que também ressalta com a mesma clareza do discurso que Jesus proferiu sobre o pão do céu, empenhado em fazer que seus ouvintes compreendessem o verdadeiro sentido do alimento espiritual. “Trabalhai”, diz Ele, “não por conseguir o alimento que perece, mas pelo que se conserva para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará”. Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo. “Eu sou”, declara Ele, “o pão da vida; *aquele que vem a mim não terá fome e aquele que crê em mim jamais terá sede*”.³

A multidão, contudo, estava longe de entender o significado espiritual dos ensinamentos de Jesus, revelando-se, na verdade, maravilhada pela multiplicação dos pães e peixes e o deslocamento para Cafarnaum sem utilização de um barco como meio de transporte. É natural que fosse assim, como pondera o Codificador:

Tais distinções, porém, eram muito sutis para aquelas naturezas rudes, que só compreendiam as coisas tangíveis. Para eles, o maná que alimentara o corpo de seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; aí é que estava o milagre. Se, pois, o fato da multiplicação dos pães houvesse ocorrido materialmente, por que teria impressionado tão fracamente aqueles mesmos homens, em

benefício dos quais essa multiplicação se realizara poucos dias antes, a ponto de perguntarem a Jesus: “Que milagre farás para que, vendo-o, te creiamos? Que farás de extraordinário?” É que eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais que aparecessem no céu por ordem de Jesus, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era simples demais e não se afastava das Leis da Natureza; as próprias curas não possuíam caráter estranho, nem muito extraordinário. Para eles, os milagres espirituais não representavam grande coisa.³

O processo evolutivo do ser humano é lento, porque nos detemos no atendimento das necessidades materiais, como a alimentação do corpo. Ordinariamente, não priorizamos as necessidades do espírito, nem cuidamos com a devida atenção da nossa vida psíquica, esquecidos que há “[...] vida animal e há vida espiritual. Há pão para o corpo e há pão para o espírito”,⁴ como assinala Vinícius. Ora, se o corpo não recebe os nutrientes necessários pela alimentação, o corpo definha e sobrevém a morte. Da mesma forma, se o Espírito não se nutre de valores morais e intelectuais, desarmoniza-se, mantendo-se sob o domínio da ignorância e do escasso desenvolvimento das virtudes. Aliás, se o Espírito persiste nessa situação, adoece profundamente, adquirindo perturbações que lhe desestruturam o psiquismo. No sentido oposto, a pessoa que mantém o próprio espírito alimentado é mais feliz e mais grata a Deus, desenvolvendo uma fé natural, espontânea, que lhe garante a própria sanidade mental.

A verdadeira fé só nasce, floresce e frutifica no espírito bem alimentado, forte, sadio. Essa fé não teme a razão. Ela a encara face a face, porque é o produto dessa mesma razão, como o sangue é o produto de uma boa e sã alimentação, perfeitamente digerida e assimilada. O sangue é a base da vida animal. A fé é o fundamento da vida espiritual. Os órgãos da digestão preparam o sangue. A razão bem equilibrada produz a fé. Não há saúde animal com mau estômago. Não há saúde espiritual quando a razão é falha em sua função.

Jesus é o emblema do pão espiritual, porque personifica a moral divina em sua plenitude: é o Verbo de Deus que se fez carne.

Ele dá-se a si mesmo, como alimento, a toda alma faminta, morta para a vida espiritual. Não obstante, Jesus exige que a razão funcione, digira, assimile o pão fornecido. De outra sorte, não haverá aproveitamento: a anemia persistirá, a ressurreição jamais se operará.⁵

A questão levantada por João a respeito de Jesus ser o enviado de Deus é muito mais profunda do que parece à primeira vista: a multidão estava maravilhada com os prodígios de Jesus, mas pediu provas que comprovassem ser Ele o mensageiro do Pai, como assinala o versículo: “Então lhe

perguntaram: Que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti? Que obra fazes?” (Jo 6:30).

A situação atual não é muito diferente. Mesmo passados mais de dois milênios da vinda do Cristo entre nós, priorizamos a vida da matéria, que é sempre passageira. Estamos tão focados no aqui e agora que, quando nos defrontamos com um ou outro acontecimento inédito, clamamos por provas ou evidências para que neles possamos acreditar. Alheios às necessidades do Espírito, somos incapazes, muitas vezes, de perceber que diariamente somos cumulados de bênçãos e sinais de Deus. Assim também é, quando o Mestre afirma ser *o pão da vida*.

Como no tempo do Cristo, numerosas pessoas se acercam dos círculos religiosos, pedindo provas do céu.

Comumente, os católicos romanos rogam “milagres”, os espiritistas esperam “fenômenos”, os protestantes reclamam “experiências”.

[...]

O homem está sempre rodeado de sinais do céu. A questão não é de exhibir fatos: resume-se em possuir a necessária visão espiritual para compreendê-los.

A operação mais simples da natureza revela o mecanismo sagrado que a fez surgir na vibração do poder criador da Divindade. Mas são raros os homens que observam além da superfície. Eis por que, entendendo as criaturas, afirmou o Mestre que seus discípulos sinceros não o procuram pelos sinais que haja visto, fortuitamente, mas pelo pão da vida e de bom ânimo que receberam de suas mãos generosas.

[...]

Atingindo essa compreensão o discípulo conhece que a Terra oferece muito pão para o corpo, mas que a fome da alma só o do Cristo sacia.⁶

É por isso que a resposta do Cristo transmitida àquela multidão ainda ecoa nos tempos atuais e, sabe Deus, quanto tempo ainda será necessário para entendermos esta verdade:

[...] aquele que o Pai me der virá a mim, e quem vem a mim eu não o rejeitarei, pois desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia. Sim, esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. (Jo 6:36 a 40).

Importa também considerar o sentido que Jesus dá de *Céu*, que é diametralmente diferente do significado dado pela ortodoxia e teologia religiosas do passado e do presente:

O Céu de Jesus Cristo é diferente de todos os outros céus. Nada tem de comum com os Campos Elísios dos gregos, nem com o Nirvana dos hindus, nem com o seio de Abraão dos judeus, nem com a mansão dos privilegiados da graça, nem com os tabernáculos de beatitude inerme, cujas portas se abrem mercê de cerimônias mercantilizadas.

O Céu de Jesus Cristo é um campo de ação, e um teatro de atividade, é um meio onde a vida se ostenta sob aspectos cada vez mais intensos.

[...].

O Céu de Jesus é o reinado do Espírito, é o estado da alma livre, que, emancipando-se do cativeiro animal, ergue altaneiro voo sem encontrar mais obstáculos ou peias que a restrinjam.⁷

Nos últimos versículos da passagem evangélica (Jo 6:36 a 40), constam dois ensinamentos: Jesus reafirma a sua posição de Messias (Jo 6:36 a 38) e nos informa que, se o seguirmos, teremos vida eterna (Jo 6:39 e 40): “Sim, esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (v. 40).

O essencial, pois, é confiar e ir até Jesus, como aconselha Joanna de Ângelis:

Ele veio ensinar plenitude e felicidade. [...]

A bondade é espontânea como os frutos que nascem das flores e o ar que sopra sem saber-se de onde vinha e para onde ia.

Foi por essa e outras razões que Ele se tornou especial.

A Sua existência é a mais bela história de vida que se conhece.

A música da Sua Mensagem ainda ressoa como a mais grandiosa sinfonia de que se tem notícia cantada na pauta da Natureza. [...]

Nunca mais foi olvidada a Sua canção de bem-aventuranças em exaltação das almas sedentas de paz.

Nas atividades magnas, não se permitiu obscurecer pela treva densa e declarou:

– *Eu sou a luz do mundo!*

Continua até hoje como o norte espiritual da Humanidade em claridade sublime.

Ante o desespero dos famintos de alimentos, foi lúcido, ao declarar:

– *Eu sou o pão da vida.*

Prossegue nutrindo os habitantes do planeta fartamente em todos os tempos. [...].⁸

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. 5 – 6:22-69, p. 457.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 6:22-40, p. 1.857 e 1.858.
- 3 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 51.
- 4 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O pão da vida*.
- 5 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O pão da vida*.
- 6 EMMANUEL. *Sinais do céu* [mensagem recebida por Francisco C. Xavier]. In: *Reformador*, Brasília, DF, p. 6(32), fev. 1941.
- 7 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O Céu de Jesus*.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vida plena*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2021. cap. 15, p. 105 e 106.

DISCURSO NA SINAGOGA DE CAFARNAUM – 2ª PARTE – A CONFISSÃO DE PEDRO (JO 6:41 A 71)

Temos, nessa passagem evangélica, cinco ideias principais a explorar: a) conclusão do discurso de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, no qual Ele volta a afirmar que é *pão descido do Céu* ou o pão vivo (v. 41 e 51); b) reação dos judeus, inclusive de alguns discípulos, aos ensinamentos e à Obra de Jesus, apresentando dificuldades em aceitá-lo como o Messias; c) a distinção entre Deus e o Cristo é mais uma vez enfatizada; d) declaração de Pedro sobre Jesus; e) Jesus anuncia que um dos membros do colégio o trairá.

Em relação a esse conteúdo, seguem-se algumas considerações do canadense Donald Arthur Carson, teólogo e professor do Novo Testamento:

Nesse ponto da discussão, as objeções dos judeus se tornaram claras. O problema se encontrava no *pão que desceu do céu* (v. 41). Eles não conseguiam conciliar isso com o seu conhecimento das origens humildes de Jesus (v. 42). Jesus repreendeu seus murmúrios em vez de responder a suas objeções (v. 43), embora Ele, quando apontou para a necessidade de o Pai tomar a iniciativa, praticamente lhes disse que eles estavam em desacordo com o Pai (v. 44). Eles precisavam de uma revelação espiritual para que pudessem compreender as palavras de Jesus. Isso seria demonstrado mais à frente, com um apelo aos profetas (v. 45). A passagem citada é Isaías, 52:13, que descreve o triunfo do Servo em seu reino. Ela endossa a ideia de que a iniciativa está com Deus. No entanto, a revelação de Deus vem apenas por meio de Jesus, pois Ele é o único que viu a Deus (v. 46). Salienta-se, mais uma vez a necessidade da fé. [...]

O tema *pão* é novamente introduzido, e a alegação do próprio Jesus é repetida (v. 48). A superioridade do pão. [...]. Mas há uma nova extensão do pensamento na identificação do pão com a *carne*. [...].¹

13.1 DISCURSO NA SINAGOGA DE CAFARNAUM – 2ª PARTE (JO 6:41 A 66)²

⁴¹Os judeus murmuravam, então, contra ele, porque dissera: “Eu sou o pão descido do céu”. ⁴²E diziam: “Esse não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como diz agora: ‘Eu desci do céu?’!” ⁴³Jesus lhes respondeu: “Não murmureis entre vós. ⁴⁴Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. ⁴⁵Está escrito nos profetas: *E todos serão ensinados por Deus*. Quem escuta o ensinamento do Pai e dele aprende vem a mim. ⁴⁶Não que alguém tenha visto o Pai; só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai. ⁴⁷Em verdade, em verdade, vos digo: aquele que crê tem a vida eterna. ⁴⁸Eu sou o pão da vida. ⁴⁹Vossos pais no deserto comeram o maná e morreram. ⁵⁰Este pão é o que desce do céu para que não pereça quem dele comer. ⁵¹Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá para sempre. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo”. ⁵²Os judeus discutiam entre si, dizendo: “Como esse homem pode dar-nos a sua carne a comer?” ⁵³Então Jesus lhes respondeu: “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. ⁵⁴Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. ⁵⁵Pois a minha carne é verdadeiramente uma comida e o meu sangue é verdadeiramente uma bebida. ⁵⁶Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele. ⁵⁷Assim como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim. ⁵⁸Este é o pão que desceu do céu. Ele não é como o que os pais comeram e pereceram; quem come este pão viverá eternamente”. ⁵⁹Assim falou ele, ensinando na sinagoga em Cafarnaum. ⁶⁰Muitos de seus discípulos, ouvindo-o, disseram: “Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la?” ⁶¹Compreendendo que seus discípulos murmuravam por causa disso, Jesus lhes disse: “Isto vos escandaliza? ⁶²E quando virdes o Filho do Homem subir onde estava antes?... ⁶³O espírito é que vivifica, a carne para nada serve. As palavras que vos disse são espírito e vida. ⁶⁴Alguns de vós, porém, não creem”. Jesus sabia, com efeito, desde o princípio, quais os que não criam e quem era aquele que o entregaria. ⁶⁵E dizia: “Por isso vos afirmo que ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai”. ⁶⁶A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele.

Em continuidade ao discurso de Jesus na Sinagoga de Cafarnaum, destacamos as principais ideias apresentadas pelo Senhor e as consequências, não nos esquecendo, porém, o principal motivo da não aceitação de Jesus como o Messias aguardado:

Os judeus, esperando o rei de Israel, queriam um libertador material, que os livrasse do cativo em que se achavam; mas, Jesus dissera: “Meu reino não é deste mundo”, o que equivalia a dizer: “Meu reino é todo espiritual”. Eles, entretanto, não o entenderam, nem mesmo os próprios apóstolos [...].³

13.1.1 EU SOU O PÃO DA VIDA (JO 6:48)

Jesus reafirma-se como o pão que alimenta o Espírito por meio dos ensinamentos do Evangelho. Reafirma-se como o pão da vida que age em nome de Deus, como recorda Allan Kardec: “[...] Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo [...]”.⁴ Emmanuel faz as seguintes considerações:

Importante considerar a afirmativa de Jesus, comparando-se ao pão.

[...]

O pão, no entanto, é o alimento popular. Ainda mesmo quando varie nos ingredientes que o compõem e nos métodos de confecção em que se configura [...].

O pão é invariavelmente pão.

[...]

Abraça nos deveres diários o caminho da ascensão, recordando que Jesus – o Enviado Divino e Governador Espiritual da Terra – não achou para si mesmo outra imagem mais nobre e mais alta que a do pão puro e simples.⁵

13.1.2 VOSSOS PAIS NO DESERTO COMERAM O MANÁ E MORRERAM. ESTE PÃO É O QUE DESCE DO CÉU PARA QUE NÃO PEREÇA QUEM DELE COMER (JO 6:49 E 50)

Tal afirmativa é uma alusão ao *maná* que caiu do céu e que alimentou Moisés e demais judeus que peregrinavam no deserto, como consta em *Êxodo* (16:4 e 5; 14 e 15). A diferença é que, enquanto o *maná* alimentou o corpo, aplacando a fome biológica, o pão que Jesus representa alimenta o Espírito, que jamais perecerá (v. 50). O primeiro alimento sacia a fome temporária, o segundo sacia permanentemente. Emmanuel apresenta um outro significado à palavra *maná*, relacionando-o ao “pão” que, usualmente, é fornecido pelas instituições religiosas, comparando-o aos propósitos do Espiritismo:

Toda arregimentação religiosa na Terra não tem escopo maior que o de preparar as almas, ante a grandeza da vida espiritual.

Templos de pedra arruínam-se.

Princípios dogmáticos desaparecem.

Cultos externos modificam-se.

Revelações ampliam-se.

Sacerdotes passam.

Todos os serviços da fé viva representam, de algum modo, aquele pão que Moisés dispensou aos hebreus, alimento valioso sem dúvida, mas que

sustentava o corpo apenas por um dia, e cuja finalidade primordial é a de manter a sublime oportunidade da alma em busca do verdadeiro pão do Céu. O Espiritismo Evangélico, nos dias que correm, é abençoado celeiro desse pão. Em suas linhas de trabalho, há mais certeza e esperança, mais entendimento e alegria.⁶

13.1.3 EU SOU O PÃO VIVO DESCIDO DO CÉU. QUEM COMER DESTE PÃO VIVERÁ PARA SEMPRE. O PÃO QUE EU DAREI É A MINHA CARNE PARA A VIDA DO MUNDO (JO 6:51). EM VERDADE, EM VERDADE, VOS DIGO: SE NÃO COMERDES A CARNE DO FILHO DO HOMEM E NÃO BEBERDES O SEU SANGUE, NÃO TEREIS A VIDA EM VÓS. QUEM COME A MINHA CARNE E BEBE O MEU SANGUE TEM VIDA ETERNA, E EU O RESSUSCITAREI NO ÚLTIMO DIA (JO 6:54)

Essas declarações do Cristo geraram entre os ouvintes discussões e atitudes de rejeição ao Senhor, manifestadas até mesmo por alguns seguidores. Tais reações demonstram, primeiro, as dificuldades em aceitar Jesus como o Messias Celestial, o *pão divino* que age em nome de Deus. Eles não estavam convencidos de que Jesus era o Messias aguardado, pois, supunham que o Mensageiro de Deus seria um político ou guerreiro que os livrariam do domínio romano e os projetasse como povo escolhido perante a comunidade planetária. Segundo, não conseguiam entender, realmente, o significado espiritual das informações do Cristo, visto que estavam habituados à interpretação literalmente dos textos sagrados. Por isso fizeram uma leitura literal das palavras “carne” e “sangue”. Alegoria que, *a priori*, está relacionada à crucificação do Senhor, que fora prevista por alguns profetas do Antigo Testamento. Vinícius pondera a respeito:

A doutrina de Jesus é pão que se transforma em sangue – isto falando em linguagem carnal. A doutrina de Jesus é revelação do Céu que se transforma em conhecimento adquirido, em saber, em luz – isto usando linguagem espiritual. O sangue é vida, a verdade é vida também: aquela, do corpo, portanto temporária; esta, do espírito, por conseguinte eterna.

O sangue é a imagem da vida: está em atividade contínua. Circulando por todo o corpo, vai entretendo a vida dos ossos, dos músculos, dos nervos, dos tecidos todos. Os mesmos órgãos denominados vitais estão sob sua dependência. O sangue faz ainda mais: arrasta no seu movimento circulatório os elementos mórbidos, os resíduos desassimilados para os órgãos incumbidos de os eliminar. Nutre e purifica.

Tais maravilhas executa em nosso espírito o sangue do Cristo, a suma essência de sua inigualável moral: consolida o caráter, ilumina a mente, purifica os sentimentos escoimando-os de todas as impurezas.

Repetimos: cumpre comer a carne e beber o sangue do Imaculado Cordeiro de Deus. Esse sangue, que é a vida do Cristianismo, não está na letra: ele corre vívido e palpitante por entre a imensa falange dos seres angélicos denominada *Espírito Santo*.

Em tal consiste a verdadeira Igreja Cristã. Seus membros, esparsos no Céu e na Terra, nutrem-se desse sangue que através deles circula incessantemente; e assim o cristão vive do Cristo, como o Cristo vive do Pai, fonte eterna da vida.⁷

13.1.4 MUITOS DE SEUS DISCÍPULOS, OUVINDO-O, DISSERAM: “ESSA PALAVRA É DURA! QUEM PODE ESCUTÁ-LA?” (JO 6:60)

Estabelecido, assim, o reinado da fé cega, em oposição à fé raciocinada e por não entenderem ou não se revelarem dispostos a receber uma explicação a respeito, os judeus e alguns discípulos abandonaram Jesus, após rejeitá-lo. Os fatos que sucederam a partir daquele momento é do conhecimento geral: perseguição sistemática ao Senhor, culminada com condenação e morte por crucificação. Emmanuel esclarece a respeito:

Jesus apresentou a sua plataforma de princípios imortais. Rasgou os caminhos. Não enganou a ninguém, relativamente às dificuldades e obstáculos.

É necessário, esclareceu o Senhor, negarmos a vaidade própria, arrependermos-nos de nossos erros e convertermo-nos ao bem.

O evangelista assinalou a observação de muitos dos discípulos: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?”

Sim, efetivamente é indispensável romper com as alianças da queda e assinar o pacto da redenção. É imprescindível seguir nos caminhos d’Aquele que é a luz de nossa vida.

Para isso, as palavras brilhantes e os artificios intelectuais não bastam. O problema é de “quem pode ouvir” a Divina Mensagem, compreendendo-a com o Cristo e seguindo-lhe os passos.⁸

A fé cega ou dogmática iria ainda provocar imensos sofrimentos à Humanidade ao longo dos séculos, a exemplo das guerras religiosas e a inquisição, alimentadas pelo fanatismo religioso. A fé cega paralisa a mente humana, mantendo as pessoas acomodadas em uma zona de conforto psicológico, que se habitua a leituras superficiais da vida, não apenas dos textos testamentais. Isso acontece porque o pensamento reflexivo, uma das mais nobres aquisições humanas, não é exercitado, situação que pode produzir os mais diferentes tipos de conflitos existenciais. A literalidade das interpretações, sobretudo perante os relacionamentos interpessoais, cria dificuldades à integração social, à percepção de sentimentos, intenções e emoções do outro, resultando em cisões e inimizades, como informa

João (6:66): “A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele”.

Outro aspecto nocivo da interpretação literal é a do dogmatismo e o surgimento de ideias preconcebidas, em geral relacionadas à vaidade e à teimosia. Situação que é muito evidente nos chamados “donos da verdade”. Por esses e outros motivos, os judeus e alguns discípulos julgaram duras as palavras do Cristo e d’Ele se afastaram. O recurso para minimizar ou neutralizar conflitos desse tipo é seguir ponderações, como as de Allan Kardec, transcritas em seguida:

A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não se apoiar sobre base inabalável. Essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos, e que mutuamente se apedrejam, visto que, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo [...]. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros.

É essa fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.⁹

13.2 A CONFISSÃO DE PEDRO (JO 6:67 A 71)¹⁰

⁶⁷Então, disse Jesus aos Doze: “Não quereis também vós partir?” ⁶⁸Simão Pedro respondeu-lhe: “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e ⁶⁹nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus”. ⁷⁰Respondeu-lhes Jesus: “Não vos escolhi, eu, aos Doze? No entanto, um de vós é um diabo!” ⁷¹Falava de Judas, filho de Simão Iscariotes. Este, um dos Doze, o haveria de entregar.

O anúncio da traição de Judas Iscariotes, que se tornaria evidente somente no final da missão de Jesus, é mencionado, pela primeira vez, nesse breve diálogo do Cristo com os membros do colégio apostolar. Nessa passagem evangélica percebe-se também que, a despeito da desarmonia reinante, alguns discípulos permaneceram fiéis ao Senhor, como Simão Pedro que, inspirado, responde à indagação de Jesus (*Não quereis também vós partir?* – v. 67), afirmando convictamente que, sem Ele, o Mestre Amado, estariam perdidos, sem rumo, pois somente Ele, o Cristo de Deus, tem as palavras da vida eterna. Retornemos ao venerável Emmanuel:

Palavras da Vida Eterna¹¹

Tu tens as palavras da Vida Eterna.

SIMÃO PEDRO (*João*, 6:68.)

Rodeiam-te as palavras, em todas as fases da luta e em todos os ângulos do caminho.

Frases respeitáveis que se referem aos teus deveres.

Verbo amigo trazido por dedicações que te reanimam e consolam.

Opiniões acerca de assuntos que te não dizem respeito.

Sugestões de variadas origens.

Preleções valiosas.

Discursos vazios que os teus ouvidos lançam ao vento.

Palavras faladas... Palavras escritas...

Dentre as expressões verbalistas articuladas ou silenciosas, junto das quais a tua mente se desenvolve, encontrarás, porém, as palavras da Vida Eterna.

Guarda teu coração à escuta.

Nascem do amor insondável do Cristo, como a água pura do seio imenso da Terra.

Muitas vezes te manténs despercebido e não lhes assinalas o aviso, o cântico, a lição e a beleza.

Vigia no mundo, isolado de ti mesmo, para que lhes não percas o sabor e a claridade.

Exortam-te a considerar a grandeza de Deus e a viver de conformidade com as Suas Leis.

Referem-se ao planeta como sendo nosso lar e à Humanidade como sendo a nossa família.

Revelam no amor o laço que nos une a todos.

Indicam no trabalho o nosso roteiro de evolução e aperfeiçoamento.

Descerram os horizontes divinos da vida e ensinam-nos a levantar os olhos para o mais alto e para o mais além.

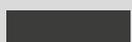
“Palavras, palavras, palavras...”

Esquece aquelas que te incitam à inutilidade, aproveita quantas te mostram as obrigações justas e te ensinam a engrandecer a existência, mas não olvides as frases que te acordam para a luz e para o bem; elas podem penetrar o nosso coração, através de um amigo, de uma carta, de uma página ou de um livro, mas, no fundo, procedem sempre de Jesus, o Divino Amigo das Criaturas.

Retém contigo as palavras da Vida Eterna, porque são as santificadoras do espírito, na experiência de cada dia, e, sobretudo, o nosso seguro apoio mental nas horas difíceis das grandes renovações.

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimpr. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 6, it. 6:25-59 – Discussões sobre o pão da vida, p. 1.562.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 6:41-66, p. 1.858 a 1.860.
- 3 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto VI*, p. 297.
- 4 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 51.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB; Uberaba, MG: CEC, 2022. cap. 134 – *Pão*.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 173 – *O pão divino*.
- 7 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O sangue do Cristo*.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 176 – *Lição viva*.
- 9 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 18, it. 17.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 6:67-71, p. 1.860.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 59.



PARTE IV

**A Festa das Tendias –
A Grande Revelação Messiânica:
a grande rejeição**

JESUS SOBE A JERUSALÉM PARA A FESTA E ENSINA. DISCUSSÕES DO POVO SOBRE A ORIGEM DE CRISTO. JESUS ANUNCIA SUA PRÓXIMA PARTIDA. PROMESSA DA ÁGUA VIVA (JO 7:1 A 52)

Neste Tema 14 inicia-se a quarta parte do Ministério de Jesus, transcorrido basicamente na Galileia e em Jerusalém, locais em que o Mestre confirma a sua superioridade espiritual, naturalmente manifestada por meio da pregação do Evangelho e pelos sinais prodigiosos realizados por onde passava, durante os momentos festivos ou no aconchego das sinagogas e do Templo. Nesse período, surgem dúvidas e inúmeras discussões a respeito da origem do Cristo que, no presente estudo, agrupamos em um único conjunto de ideias com o intuito de facilitar a análise. E tem mais:

Essa seção é uma explicação do relacionamento de Jesus com sua família e com os judeus em geral a essa altura do seu ministério. Jesus tinha consciência da hostilidade e da conspiração que havia contra ele (v. 1), e João menciona esse fato para esclarecer o atraso de sua chegada à festa. A *Festa dos Tabernáculos* [Festa das Tendas] era uma festa popular; qualquer um que quisesse entrar em contato com o maior número possível de pessoas não poderia fazer coisa melhor do que vir a Jerusalém nessa época. Essa foi a motivação dos irmãos de Jesus (v. 3). Pode ser que eles tivessem ouvido que muitos dos discípulos de Jesus o tinham abandonado (6:66). Mas o v. 4 mostra que eles também não tinham entendido a natureza da missão de Jesus. [...]¹

Tais ideias estão desenvolvidas, em seguida, na forma de quatro itens que enfatizam o pensamento espírita e as consequências morais dos ensinamentos do Cristo.

14.1 JESUS SOBE A JERUSALÉM PARA A FESTA E ENSINA (JO 7:1 A 24)²

¹Depois disso, Jesus percorria a Galileia, não podendo circular pela Judeia, porque os judeus o queriam matar. ²Aproximava-se a festa judaica das Tendias. ³Disseram-lhe, então, os seus irmãos: “Parte daqui e vai para a Judeia, para que teus discípulos vejam as obras que fazes, ⁴pois ninguém age às ocultas, quando quer ser publicamente conhecido. Já que fazes tais coisas, manifesta-te ao mundo!” ⁵Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele. ⁶Disse-lhes Jesus: “Meu tempo ainda não chegou; o vosso, porém, sempre está preparado. ⁷O mundo não vos pode odiar, mas odeia-me, porque dou testemunho de que as suas obras são más. ⁸Subi, vós, à festa. Eu não subo para essa festa, porque meu tempo ainda não se completou”. ⁹Tendo dito isso, permaneceu na Galileia. ¹⁰Mas quando seus irmãos subiram para a festa, também ele subiu, não publicamente, mas às ocultas. ¹¹Os judeus o procuravam na festa, dizendo: “Onde está ele?” ¹²Faziam-se muitos comentários a seu respeito na multidão. Uns diziam: “Ele é bom”. Outros, porém, diziam: “Não. Ele engana o povo”. ¹³Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus. ¹⁴Quando a festa estava pelo meio, Jesus subiu ao Templo e começou a ensinar. ¹⁵Admiravam-se então os judeus, dizendo: “Como entende ele de letras sem ter estudado?” ¹⁶Jesus lhes respondeu: “Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. ¹⁷Se alguém quer cumprir sua vontade, reconhecerá se minha doutrina é de Deus ou se falo por mim mesmo. ¹⁸Quem fala por si mesmo procura a própria glória. Mas aquele que procura a glória de quem o enviou é verdadeiro e nele não há impostura. ¹⁹Moisés não vos deu a Lei? No entanto, nenhum de vós pratica a Lei. Por que procurais matar-me?” ²⁰A multidão respondeu: “Tens um demônio. Quem procura matar-te?” ²¹Jesus lhes respondeu: “Realizei só uma obra e todos vos admirais. ²²Moisés vos deu a circuncisão – não que ela venha de Moisés, mas dos patriarcas – e vós a praticais em dia de sábado. ²³Se um homem é circuncidado em dia de sábado para que não se transgrida a Lei de Moisés, por que vos irais contra mim, por eu ter curado um homem todo no sábado? ²⁴*Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça*”.

A atual passagem evangélica inicia com a informação de que Jesus percorria a Galileia, evitando a Judeia, porque os judeus da região o perseguiram e queriam matá-lo (Jo 7:1), em decorrência do discurso que Ele pronunciara na sinagoga de Cafarnaum, objeto do estudo dos Temas 12 e 13. A rejeição e perseguição a Jesus nos conduzem à reflexão quanto à imperfeição do ser humano que, contrariado, adota atitudes agressivas, embora anteriormente tenha recebido auxílio de quem agora despreza. Jesus, porém, mantinha a serenidade de sempre, envolvendo a todos em vibrações do mais puro amor, a despeito das agressões verbais e das perseguições que fora alvo. Tal forma de proceder do Mestre indica o exemplo a ser seguido por nós, Espíritos

imperfeitos. Procedendo assim, perceberemos cedo ou tarde, que somente o amor tem o poder de transformar o mal em bem, perseguidores ou inimigos em amigos. A propósito, Bezerra de Menezes aconselha no seguinte trecho da mensagem *Ide e vivei o Evangelho*:

Exultai porque conheceis Jesus, e exultai mais ainda porque Ele está anotando os vossos nomes no Livro do Reino dos Céus!

Não vos deixeis aturdir pelo tumulto, mantendo-vos na paz a qualquer preço. Não vos preocupeis com aqueles que se vos fazem inimigos. Que vos cuideis de não ter inimigos, não ser, porque muitos outros passarão pelo caminho para vos esbordoar em nome d'Aquele que recebeu a bofetada tendo as mãos atadas às costas, porque o Evangelho é o renascer da vida [...].

Ide e vivei o Evangelho!

Avançai no rumo certo da verdade e amai a qualquer preço.

Não há outra alternativa senão o amor para este momento de total integração no espírito da vida.³

As principais causas da rejeição a Jesus, segundo o registro de *João* (7:1 a 13), têm origem em duas declarações do Senhor:

- 1) Que Ele era o Mensageiro Celestial aguardado pelo povo judeu, simbolizado no Pão da Vida (Jo 6:35 e 48) e o Pão que desce do Céu (Jo 6:50) – informações que os religiosos e demais ouvintes demonstraram dificuldades para aceitar, provocando murmurações generalizadas. Para eles, o Messias seria semelhante a um rei poderoso, um grande conquistador, não um simples galileu.
- 2) Que Ele desceu do Céu e agia em nome de Deus: “*Eu sou o pão vivo descido do Céu. [...] O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo*” (Jo 6:51); e também: “[...] *Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia*” (Jo 6:53 e 54).

Com esses anúncios seguiram-se acaloradas discussões, desentendimentos, rejeições e perseguições ao Mestre Nazareno, em decorrência da interpretação literal que foi dada às palavras do Senhor, tanto pelos judeus, em geral, como até mesmo por alguns discípulos, do colégio apostolar, e seguidores. Como esse assunto foi analisado no Tema 13, não retornaremos a ele.

A despeito desses acontecimentos, a família do Senhor e certa parcela de seguidores permaneceram junto a Ele, e, mesmo sem compreender

o significado da missão de Jesus, reconhecia que Ele era bondoso e que auxiliava muitas pessoas. Contudo, revelam-se apreensivos, a ponto de rogar-lhe não se ausentar da Festa das Tendras, que em breve aconteceria em Jerusalém, com a finalidade de mostrar ao povo as boas obras que Ele realizara (Jo 7:3 e 4). Jesus replica-lhes que o seu tempo ainda não chegara (v. 6), e, por reconhecer que a incompreensão era generalizada, declara, no primeiro momento, que não iria à festividade (v. 8).

Ao ponderar a respeito de todo esse contexto, Emmanuel transmite-nos seguras orientações na mensagem *Oportunidade*, de onde extraímos o trecho que se segue:

O mau trabalhador está sempre queixoso. Quando não atribui sua falta aos instrumentos em mão, lamenta a chuva, não tolera o calor, amaldiçoa a geada e o vento.

[...]

O bom trabalhador, no entanto, compreende, antes de tudo, o sentido profundo da oportunidade que recebeu. Valoriza todos os elementos colocados em seus caminhos, como respeita as possibilidades alheias. Não depende das estações. Planta com o mesmo entusiasmo as frutas do frio e do calor. É amigo da Natureza, aproveita-lhe as lições, tem bom ânimo, encontra na aspereza da sementeira e no júbilo da colheita igual contentamento.

Nesse sentido, a lição do Mestre reveste-se de maravilhosa significação. No torvelinho das incompreensões do mundo, não devemos aguardar o Reino do Cristo como realização imediata, mas a oportunidade dos homens é permanente para a colaboração perfeita no Evangelho, a fim de edificá-lo.

[...] É o dia de hoje, é o ensejo bendito de servir, em nome do Senhor, aqui e agora...⁴

Em continuidade aos registros de João, Jesus decide ir à Festa das Tendras posteriormente, mas mantendo-se às ocultas, ouve as indagações dos judeus dirigidas aos seus familiares e aos discípulos: “[...] *Onde está ele?* Faziam-se muitos comentários a seu respeito na multidão. Uns diziam: *Ele é bom*’. Outros, porém, diziam: *Não. Ele engana o povo*. Entretanto, ninguém falava dele abertamente, por medo dos judeus” (Jo 7:11 a 13).

Observação: No Tema 9 assinalamos alguns registros a respeito do significado das sete principais festas dos judeus, inclusive a Festa das Tendras.

O conhecido estudioso dos textos neotestamentais, Donald Carson, analisa por que Jesus revogou a decisão anterior e foi a Jerusalém:

Quando Jesus decidiu ir à festa, ele foi quando havia um clima de especulação entre os judeus (v. 10 e 11). Isso causou certa discussão entre as pessoas a

respeito do seu paradeiro (v. 11) e caráter (v. 12). Bondade e engano são coisas mutuamente exclusivas, o que demonstra o caráter arbitrário da avaliação popular. [...] Jesus estava seguindo o plano do Pai, mas as pessoas estavam agindo por medo. Isso explica por que Jesus não hesitou em ir ao templo “no meio da festa” (v. 14) [...].⁵

A *Festa das Tendras* ou *dos Tabernáculos*, também conhecida como *Festa das Cabanas*, *da Colheita* ou *Festa do Senhor*, era e é muito popular. Dificilmente alguém deixa de estar presente à festividade, muito relacionada à agricultura, sobretudo à colheita de uvas e de azeitonas, ocorrendo as festividades no início do outono (dia 15 *nisã*: entre os meses de setembro e outubro). O *Dia de Ações de Graças*, a festa mais popular dos Estados Unidos, assemelha-se muito à festividade dos tabernáculos.⁶

A situação era, efetivamente, delicada; o povo e alguns discípulos sussurravam as suas dúvidas e queixas, temendo a manifestação do clero judaico. Ante tais fatos, Jesus torna-se visível e fez incisiva preleção no Templo, fato que provocou grande perplexidade aos judeus, não somente pela autoridade demonstrada ao discorrer sobre os ensinamentos religiosos, mas porque confrontou o modo de vida dos religiosos. Inicialmente, os sacerdotes do Templo se surpreenderam com o conhecimento de Jesus, justificando que Ele não possuía nenhuma formação ou preparo formal (Jo 7:15). Imediatamente, Jesus lhes respondeu: “[...] *Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quer cumprir sua vontade, reconhecerá se minha doutrina é de Deus ou se falo por mim mesmo. Quem fala por si mesmo procura a própria glória. Mas aquele que procura a glória de quem o enviou é verdadeiro e nele não há impostura. Moisés não vos deu a Lei? No entanto, nenhum de vós pratica a Lei. Por que procurais matar-me?*” (Jo 7:16 a 19). Após essa fala, seguiu-se um grande tumulto, maior do que o ocorrido em Cafarnaum: Jesus não apenas revela ser o Messias aguardado pelo povo judeu, mas declara o teor da sua missão: “[...] *Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quer cumprir sua vontade, reconhecerá se minha doutrina é de Deus ou se falo por mim mesmo. Quem fala por si mesmo procura a própria glória*” (Jo 7:16 a 18).

Jesus aponta para a hipocrisia dominante entre os membros do clero judaico que, vaidosos e arrogantes, se julgavam superiores aos demais, mas que, na realidade, não praticavam os mínimos preceitos da Lei de Deus, anunciados por Moisés e os profetas. Destaca que esses são os motivos por que desejavam a sua morte. A multidão presente no Templo afirma que, para Ele falar daquela forma, é porque estava possuído por um demônio (Jo 7:20).

Jesus repreende-a e recomenda não emitir julgamentos precipitados, ao afirmar: *Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça* (Jo 7:24).

Trata-se de um conselho permanentemente atual, como nos lembra Emmanuel:

Não te prendas excessivamente aos juízos da multidão. O convencionalismo e o hábito possuem sobre ela forças vigorosas.

[...]

No entanto, essa mesma multidão, pela voz de seus maiores, ensina o amor aos semelhantes, o culto da legalidade e a religião do dever. Em seus círculos, porém, o excesso de palavras não permite, por enquanto, o reinado da compreensão.

É indispensável suportar-lhe a inconsciência para atendermos com proveito às nossas obrigações perante Deus.

Não te irrites, nem desanimes.

O próprio Jesus foi alvo, sem razão de ser, dos sarcasmos da opinião pública.⁷

14.2 DISCUSSÕES DO POVO SOBRE A ORIGEM DE CRISTO (JO 7:25 A 30; 40 A 53)⁸

²⁵Alguns de Jerusalém diziam: “Não é a esse que procuram matar?” ²⁶Eis que fala publicamente e nada lhe dizem! Porventura as autoridades reconheceram ser ele o Cristo? ²⁷Mas nós sabemos de onde esse é, ao passo que ninguém saberá de onde será o Cristo, quando ele vier”. ²⁸Então, em alta voz, Jesus ensinava no Templo, dizendo: “Vós me conheceis e sabeis de onde eu sou; no entanto, não vim por minha própria vontade, mas é verdadeiro aquele que me enviou e que não conheceis. ²⁹Eu, porém, o conheço, porque venho de junto dele, e foi ele quem me enviou”. ³⁰Procuravam, então, prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão, porque não chegara a sua hora.

[...]

⁴⁰Alguns entre a multidão, ouvindo essas palavras, diziam: “Esse é, verdadeiramente, o profeta!” ⁴¹Diziam outros: “É esse o Cristo!” Mas alguns diziam: “Porventura pode o Cristo vir da Galileia? ⁴²A Escritura não diz que o Cristo será *da descendência de Davi* e virá de *Belém*, a cidade de onde era Davi?”

⁴³Produziu-se uma cisão entre o povo por sua causa. ⁴⁴Alguns queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão. ⁴⁵Os guardas, então, voltaram aos chefes dos sacerdotes e aos fariseus e estes lhes perguntaram: “Por que não o trouxestes?”

⁴⁶Responderam os guardas: “Jamais um homem falou assim!” ⁴⁷Os fariseus replicaram: “Também fostes enganados? ⁴⁸Alguns dos chefes ou alguém dos fariseus por acaso creram nele? ⁴⁹Mas este povo, que não conhece a Lei, são uns malditos!” ⁵⁰Nicodemos, um deles, o que anteriormente tinha vindo a Jesus, disse-lhes: ⁵¹“Acaso nossa Lei condena alguém sem primeiro ouvi-lo e

saber o que fez?”⁵² Responderam-lhe: “És também galileu? Estuda e verás que da Galileia não surge profeta”.⁵³ E cada um voltou para sua casa.

A discussão prossegue calorosa dentro do Templo de Jerusalém, agora envolvendo os religiosos, ganha a cidade, alcançando a multidão que comemorava a Festa das Tendias. Estabelece-se, então, um clima de cisão, marcado por significativa polarização entre os diferentes membros da sociedade judaica: os que aceitam Jesus como o Cristo e os que negam veementemente tal ideia. Entre os membros do clero a rejeição a Jesus era declarada, a ponto de os fariseus afirmarem que o povo que o defendia estava enganado, pois não conhecia a Lei (Jo 7:45 a 49). Perguntam, em seguida, aos guardas do Templo porque eles não aprisionaram Jesus. Os guardas afirmam que nada fizeram porque nunca viram alguém falar como Ele (v. 46). Nicodemos, um dos eminentes representantes do clero, tenta acalmar os ânimos ao indagar aos seus colegas religiosos: *Acaso nossa Lei condena alguém sem primeiro ouvi-lo e saber o que fez?* Os religiosos ficaram ainda mais enfurecidos, respondendo-lhe: *És também galileu? Estuda e verás que da Galileia não surge profeta. E cada um voltou para sua casa.* (Jo 7:52 e 53).

No calor das discussões e reagindo às verdades que Jesus declarara, aqueles religiosos não perceberam um fato concreto: Jesus, conhecido como o Galileu e também como o Nazareno, nascera, na verdade, em Belém da Judeia, sendo Ele descendente da tribo de Davi, por parte de pai e mãe, como previam as profecias do Antigo Testamento sobre a vinda do Cristo. Mas há outras fontes:

O evangelho de Marcos se inicia com Jesus já adulto. Porém, Mateus e Lucas dedicam dois capítulos cada um à descrição dos eventos que cercaram o seu nascimento. O prólogo de João é muito mais teológico, desenvolvendo os conceitos da preexistência de Jesus e da encarnação. [...]. O nascimento aconteceu em Belém, mas a família em seguida se instalou em Nazaré. A hereditariedade davídica e o papel messiânico de Jesus são enfatizados nos dois evangelhos [*Mateus e Lucas*].⁹

14.3 JESUS ANUNCIA SUA PRÓXIMA PARTIDA (JO 7:31 A 36)¹⁰

³¹Muitos, porém, dentre o povo, creram nele e diziam: “Quando o Cristo vier, fará, porventura, mais sinais do que os que esse fez?”³² Os fariseus perceberam que o povo murmurava tais coisas sobre Jesus, e eles enviaram alguns guardas para prendê-lo.³³ Disse, então, Jesus: “Por pouco tempo estou convosco e vou para aquele que me enviou.³⁴ Vós me procurareis e não me encontrareis; e

onde eu estou vós não podeis vir”.³⁵Disseram entre si os judeus: “Para onde irá ele, que não o poderemos encontrar? Irá, por acaso, aos dispersos entre os gregos para ensinar aos gregos?”³⁶Que significa esta palavra que nos disse: ‘Vós me procurareis e não me encontrareis; e onde eu estou vós não podeis vir?’”

Essa passagem evangélica não deixa de ser um prolongamento da anterior, caracterizada pela discussão se Jesus era ou não o Cristo, assim como a vã tentativa do clero de aprisionar Jesus, que lhes declara a inutilidade da tentativa, pois Ele iria para o Pai e para um local onde não seria encontrado (Jo 7:33 e 34). Acostumados a interpretar tudo de forma literal, os sacerdotes realmente não compreendem a informação de Jesus, e supõem que Ele fazia referência a um local no plano físico, onde eles não tinham acesso, por exemplo, entre os povos gentílicos, como os gregos (Jo 7:35 e 36). O fato concreto que se destaca é que eles não aceitavam Jesus como Messias. Supunham que Ele era um agitador que deveria ser calado. Tal constatação não deixa de ser contraditória: de um lado, admiravam a autoridade do conhecimento de Jesus; por outro, não o aceitavam como o Messias aguardado ou mesmo como um profeta. E mais: não conseguiam penetrar o pensamento do Senhor, pois não estavam acostumados a exercitar a capacidade dedutiva e interpretativa tão importante ao desenvolvimento da inteligência humana:

A força de seu caráter e a sua sabedoria impressionavam. Era reconhecido como *rabi*, mesmo por aqueles que não pertenciam ao seu grupo (*Lucas, 7:40*), título dado até a sua geração aos eruditos e mestres da *Torá* [...]. Sabia-se que Ele não passara por uma graduação acadêmica regular, não havia sido formalmente ordenado escriba, exigência que, na geração seguinte, seria necessária para o uso do título de rabi. Mas os seus pronunciamentos demonstravam que era “muito versado tanto nas Escrituras Sagradas como na tradição oral e sabia como aplicar esta herança erudita”.^{11,12}

14.4 PROMESSA DA ÁGUA VIVA (JO 7:37 A 39)¹³

³⁷No último dia da festa, o mais solene, Jesus, de pé, disse em alta voz: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba, ³⁸aquele que crê em mim!” conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva. ³⁹Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham crido nele; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus ainda não fora glorificado.

Jesus sai do Templo, mistura-se com a multidão, reafirma a sua posição de Mensageiro de Deus e convida o povo a segui-lo para, em voz alta, anunciar ser a água viva que aplaca a sede de quem a beber. Essa expressão e todo o conteúdo do versículo 37 foram anteriormente citados por Jesus

no encontro com a Samaritana, no Poço de Jacó (Jo 4:7 a 14). A palavra água tem um significado muito especial na religião judaica, que simboliza o *Espírito*, não os ensinamentos religiosos, em si mesmos, pois somente o Espírito tem o poder de conhecer a vontade de Deus.¹⁴

No último dia da Festa dos Tabernáculos havia um ritual das águas, e isso formou claramente o contexto para as palavras de Jesus sobre o Espírito. O ritual estava relacionado à necessidade de chuvas durante o ano seguinte. Quando Jesus disse: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba* (v. 37), ele pode ter pensado em *Isaiás*, 55:1, mas é mais provável que Ele estivesse oferecendo uma alternativa melhor para o ritual das águas. A ideia de sede recebe um sentido espiritual, como tantas vezes em seus ensinamentos. O v. 38 deixa claro que essa água espiritual está disponível apenas aos que creem. [...] ¹⁵

O Cristo do igrejismo mantém o Senhor preso à cruz, restrito às limitadas interpretações do dogmatismo e da literalidade que afastam os cristãos dos seus ensinamentos, pela repetição incessante de rituais e cultos externos, ao longo dos séculos, assim como procediam os religiosos judeus. Com o Espiritismo, o Cristo desceu da cruz, ressuscitou e caminha conosco, cotidianamente, nos estimulando a vivência da Lei de Amor. Como fechamento desse estudo, fazemos nossas as seguintes palavras de Cairbar Schutel:

As palavras de Jesus excluem antecipadamente todas as ideias falsas que se possam fazer sobre Ele e o seu escopo primordial.

O motivo exclusivo da sua vinda a este mundo foi, como profetizou *Isaiás*, fazer raiar a Luz aos que se achavam na região da morte: dar crença aos que não a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da Estrada da Vida, animá-los e vivificá-los, finalmente, apresentar-se a todos como o Modelo, o Paradigma, o Enviado de Deus, o único Mestre capaz de legar um ensino puro e perfeito, o verdadeiro representante da Verdade que redime e salva. Daí a sua sentença: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim”.

Querendo excluir de si mesmo toda a primazia divina, Ele não se apresenta, apesar da sua incomparável missão, como sendo Deus, o Pai, mas, sim, como um seu Enviado – o Cristo.

[...]

Sua Doutrina é mais do que igrejas e sacerdotes, mais do que catecismos e sacramentos, mais do que todo e qualquer princípio de partidarismo que divide a família humana em vez de reuni-la sob um só preceito de moral, abrangendo a obediência a Deus e o Amor ao próximo.

Jesus é a Luz do Mundo, o Sal da Terra, a Água Viva, o Pão, o Suco da Vide, mas, todos esses atributos que o Mestre Galileu a si mesmo conferiu não representam outra coisa senão a Sua Doutrina, o Verbo que nele se fez carne e habitou entre nós.¹⁶

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 7:1-89, p. 1.564.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 7:1 a 24, p. 1.860 e 1.861.
- 3 MARCON, Maria Helena (Org.) *Espiritualidade presente*. Curitiba, PR: FEP, 2021. cap. *Ide e vivei o Evangelho* [mensagem de Bezerra de Menezes, transmitida pela psicofonia de Divaldo Pereira Franco, em 17 de março de 2019, no Encerramento da 21ª Conferência Espírita, no Expotrade, em Pinhais, PR], p. 143 e 144.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 73.
- 5 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 7:10-50, it. 7:10-25, p. 1.564.
- 6 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, p. 242 a 285.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 177 – *Opiniões convencionais*.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 7:25-30 e 40-53, p. 1.861 e 1.862.
- 9 BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 11, p. 261.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 7:31-36, p. 1.861 e 1.862.
- 11 FLUSSER, David. *Jesus*. Trad. Margarida Goldszajn. 1. imp. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 12.
- 12 CALDEIRA, Wesley. *Deus, antes e depois de Jesus*. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 11 – *O Reino de Deus*.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 7:37-39, p. 1.862.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 7:37-39. Nota de rodapé “f”, p. 1.862.
- 15 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 7, 1-8:59, it. 7:37-44, p. 1.565.
- 16 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2001. cap. 1, p. 36 e 37.

A MULHER ADÚLTERA. JESUS, LUZ DO MUNDO. DISCUSSÃO SOBRE O TESTEMUNHO QUE JESUS DÁ DE SI MESMO (JO 8:1 A 30)

Os capítulos oitavo e nono do *Evangelho segundo João* apresentam-se na forma literária típica de longos discursos que analisam ensinamentos específicos de Jesus ou relatam feitos extraordinários. No atual estudo, destaca-se o tipo de julgamento que a tradição do Judaísmo aplicava à mulher adúltera e a admirável ação de Jesus a respeito. O Mestre Nazareno volta a testemunhar que é o Mensageiro Celestial e que agia em nome de Deus.

Após as discussões ocorridas durante a Festa das Tendias, Jesus retira-se para o Monte das Oliveiras para que os ânimos fossem acalmados, evitando qualquer tipo de confronto com os seus opositores: “[...] Supomos que o motivo do Cristo, pelo menos parcialmente, era ele desejar entregar-se ao exercício da oração, o que provavelmente aconteceu não só no Jardim de Getsêmani ou na aldeia de Betânia. [...]”¹ Retorna, porém, bem cedo no dia seguinte e continua a pregar no Templo, instruindo o povo com a excelsitude dos seus ensinamentos, ocasião em que os escribas e fariseus trazem à sua presença uma mulher surpreendida em adultério:

Os empedernidos fariseus são vistos novamente aqui em ação. Trouxeram a mulher a Cristo violentamente, e a desgraçaram diante de todos que ouviam as instruções dadas por Ele. Os fariseus sabiam muito da lei, pelo menos intelectualmente, conhecendo de memória todos os seus preceitos, mas desconheciam totalmente os seus princípios misericordiosos. Tinham pouco ou nenhum respeito pelos sentimentos alheios e davam ínfimo valor a uma alma. [...]”²

Nas duas últimas partes do capítulo 8, *João* retoma ao tema da identidade de Jesus, o Messias, agora simbolizado como a *Luz do mundo*.

Na verdade, esse novo discurso reporta-se “[...] a declarações anteriores sobre a autoridade e o autotestemunho de Jesus. Outrossim, o Senhor Jesus declara que todo o julgamento foi entregue nas mãos do Filho de Deus; porém, nesta parte, Ele indica que não é juiz de homem nenhum. [...]”³ Com essa declaração o amado Rabi volta a dar testemunho de si mesmo, de que sempre age em nome do Pai: “Isso significa que Jesus tinha plena consciência da sua origem celestial e de sua missão divina neste mundo [...] e isso o separava e distanciava de todos os demais homens. [...]”³

15.1 A MULHER ADÚLTERA (JO 8:1 A 11)⁴

¹Jesus foi para o monte das Oliveiras. ²Antes do nascer do sol, já se achava outra vez no Templo. Todo o povo vinha a ele e, sentando-se, os ensinava. ³Os escribas e os fariseus trazem, então, uma mulher surpreendida em adultério e, colocando-a no meio, dizem-lhe: ⁴“Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. ⁵Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, pois, que dizes?” ⁶Eles assim diziam para pô-lo à prova, a fim de terem matéria para acusá-lo. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia no chão com o dedo. ⁷Como persistissem em interrogá-lo, ergueu-se e lhes disse: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” ⁸Inclinando-se de novo, escrevia no chão. ⁹Eles, porém, ouvindo isso, saíram um após outro, a começar pelos mais velhos. Ele ficou sozinho, e a mulher permanecia lá, no meio. ¹⁰Então, erguendo-se, Jesus lhe disse: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” ¹¹Disse ela: “Ninguém, Senhor”. Disse, então, Jesus: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”.

O Monte das Oliveiras para onde Jesus se dirigiu, era o local onde se cultivavam oliveiras; está localizado muito próximo de Jerusalém, cerca de 2 km. É uma colina que se ergue diante da esplanada do Templo, onde atualmente se encontram duas mesquitas. Entre o Templo e o Monte das Oliveiras está o Vale do Cedron, um pequeno córrego, que tem água principalmente no inverno, quando chove. Jesus, depois da última ceia (e, também, em outras oportunidades), atravessou esse vale e foi até o Getsêmani, um jardim que fica aos pés do Monte das Oliveiras. Do Monte do Templo até o Monte das Oliveiras, usando as estradas de hoje, é uma caminhada de 10 minutos.^{5,6}

Jesus tinha o hábito de afastar-se da multidão, mesmo dos seus discípulos diretos, de tempos em tempos, isolando-se no deserto, nos montes ou em algum lugar solitário, para orar e meditar. Na atual passagem evangélica, mais do que necessário se fazia o isolamento e a comunhão com Deus, considerando o clima de desentendimento instalado entre o povo e

os membros do clero, após o discurso proferido, primeiramente na sinagoga de Cafarnaum, e, posteriormente, no Templo de Jerusalém, durante a Festa dos Tabernáculos (das Tendras). No entanto, no dia seguinte, bem cedo, o Senhor retorna a Jerusalém e continua a ensinar tranquilamente no Templo, quando alguns escribas e fariseus trazem uma mulher que fora surpreendida em adultério, considerado grave delito pelo Judaísmo. A cena é chocante, sem dúvida. A forma como a mulher foi exposta, no meio das pessoas presentes, foi humilhante e destituída de compaixão (Jo 8:3 e 4).

Subjugada pela tradição e relegada a plano secundário, as mulheres eram objeto de desdém dos homens, que apenas as utilizavam para a reprodução e o abuso.

Sem direitos religiosos, nem qualquer tipo de participação no culto, as doutrinas dominantes tinham-nas em condições subservientes desde as remotas anotações do Pentateuco e das profecias.

Jesus, o Grande Libertador, jamais as discriminou, ensejando-lhes o engrandecimento moral e renovando-lhes os sentimentos ultrajados.

Em todas as situações as engrandeceu, gerando cizânia entre aqueles que já se lhe constituíam adversários.⁷

Efetivamente, os escribas e fariseus pretendiam, com aquela atitude antifraterna e desrespeitosa, testar Jesus, como consta no registro de *João* (8:4 a 6): *Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante delito de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, pois, que dizes? Eles assim diziam para pô-lo à prova, a fim de terem matéria para acusá-lo.* Jesus, contudo, não caiu na armadilha e, guardando silêncio, escreve no chão com o dedo. Mas como os acusadores prosseguiam na inquirição, o Senhor responde-lhes com esta pergunta, atingindo-os no íntimo do ser: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” (Jo 8:7).

Amélia Rodrigues tece os seguintes comentários a respeito, que abrange a presença do esposo ofendido:

A sentença, uma ordem inesperada de conclamação ao exame de consciência de cada qual, se tornaria a mais vigorosa e enérgica advertência de que se tem notícia histórica.

Ao dizê-lo, porém, relanceou o inconfundível olhar pelos circunstantes excitados, antes de deixá-los perplexos pela sublime condenação, deparando o aturdido esposo que n’Ele fixara interrogações, arrogante e ofendido.⁸

A mulher que cometeu adultério errou, sem dúvida. E mesmo atualmente, quando o apedrejamento em praça pública foi banido, o adultério nem sempre é analisado de forma justa, ou em toda a sua extensão, considerando-se

que também há homens adúlteros que, historicamente e de forma geral, foram isentos de punições. O ponto essencial da mensagem, porém, é outro: resume-se no ato de enganar alguém, independentemente da forma como essa traição se manifesta. Quem engana, mente ou trai comete um delito, de menor ou maior gravidade: “O Evangelho, obviamente, não estimula a criminalidade, não endossa o erro nem convive com a infração, pelo contrário, na sua voz imperativa é sempre incisivo quanto ao culto das responsabilidades. [...]”⁹

É por esses motivos que a afirmação do Cristo aos acusadores repercute ainda hoje: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!” (Jo 8:7):

A frase Lhe fluiu dos lábios lentamente, com segurança, nitidez, serenidade... Continuou a escrever no chão. “Atire-lhe a primeira pedra”

A pedrada!

Mas todos ali estavam mergulhados em erros, laborando em terreno infeliz de preconceitos violados, de legislação desrespeitada, de ultrajes ocultos, de crimes que a consciência temia enfrentar diretamente...

Os que tivessem isentos de erros!... Quem estaria nessa condição? [...]”¹⁰

Aos poucos, um a um, os presentes se afastam, começando pelos idosos: “Sim, os mais velhos trazem maior soma de empecos e problemas, remorsos e azedumes... [...]. É fácil esmagar e exigir quando não se olha interiormente as paisagens do espírito. [...]”¹⁰ Jesus fica à sós com a mulher e, então, pergunta-lhe: “[...] ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?’ Disse ela: ‘Ninguém, Senhor’. Disse, então, Jesus: ‘Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais.’” (Jo 8:10 e 11).

Eis aí a magna lição que o Evangelho nos ensina: a misericórdia. Aquela mulher se transformou, efetivamente, a partir daquele momento. Nos dias futuros, por certo, ela iria responder pelos erros cometidos, segundo a manifestação de Lei de Causa e Efeito. Mas, ali, aprendera que existe uma Lei de Amor que governa o mundo, como ensina Amélia Rodrigues:

A autoridade do Rabi penetra o espírito da mulher infeliz e repudiada, e harmoniza o país da sua alma em guerra. Antes do erro quanta indecisão e incerteza, quanta frustração e receio atormentaram aquele ser!

Quanto flagelo interior experimenta todo aquele que se entrega ao erro, ao pecado! “Não tornes a pecar!”

Todo o Evangelho se assenta nessa base: da compaixão e da misericórdia.

Ter oportunidade nova, mas não repetir o erro.

Cair e levantar-se.

Equivocar-se e retificar a atitude.

Nem convivência com a irresponsabilidade nem dureza com a correção.

Todos podem se enganar, no entanto, perseverar no engano é acumpliciamento com a ignorância e a leviandade.

O Reino de Deus, cantado por Jesus, é o amor em todas as latitudes e dimensões a alongar-se pela Terra inteira numa explosão de misericórdia e educação.

“Não tornes a pecar.” [...].¹¹

15.2 JESUS, LUZ DO MUNDO (JO 8:12)¹²

¹²De novo, Jesus lhes falava: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andar­á nas trevas, mas terá a luz da vida”.

O Evangelista João retoma à convicção de Jesus ser o Mensageiro de Deus, cujas ideias vêm sendo desenvolvidas desde o capítulo 5, assim resumidas: “[...] Jesus é a grande autoridade de Deus, por ser o *Logos* eterno e o Messias; isso ultrapassa, em muito, a autoridade de Moisés ou a do sinédrio. [...]”¹³ Na forma de diferentes expressões, citadas em estudos anteriores (*o Pão da Vida; o pão do Céu; a Água Viva*), Jesus revela-se, agora, *como a Luz do mundo, Luz que afasta o discípulo de todas as trevas*. Importa, porém, compreender quem são os verdadeiros seguidores de Jesus, conforme o entendimento espírita, como ensina Emmanuel:

Quem segue¹⁴

E outra vez lhes falou Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida. (João, 8:12.)

Há crentes que se não esquivam às imposições do culto exterior.

Reclamam a genuflexão e o público trovejante, de momento a momento.

Preferem outros o comentário leviano, acerca das atividades gerais da fé religiosa, confiando-se a querelas inúteis ou barateando os recursos divinos.

A multidão dos seguidores, desse tipo, costuma declarar que as atitudes externas e as discussões doentias representam para ela sacrossanto dever; contudo, tão logo surgem inesperados golpes do sofrimento ou da experiência na estrada vulgar, precipita-se em sombrio desespero, recolhendo-se em abismos sem esperança.

Nessas horas cinzentas, os aprendizes sentem-se abandonados e oprimidos, mostrando a insuficiência interna. Muitos se fazem relaxados nas obrigações, afirmando-se desprotegidos de Jesus ou esquecidos do Céu.

Isso ocorre, porém, porque não ouviram a revelação divina, qual se faz necessário.

O Mestre não prometeu claridade à senda dos que apenas falam e creem. Assinou, no entanto, real compromisso de assistência contínua aos discípulos que o seguem. Nesse passo, é importante considerar que Jesus não se reporta a lâmpadas de natureza física, cujas irradiações ferem os olhos orgânicos. Assegurou a doação de luz da vida. Quem efetivamente se dispõe a acompanhá-lo, não encontrará tempo a gastar com exames particularizados de nuvens negras e espessas, porque sentirá a claridade eterna, dentro de si mesmo.

Quando fizeres, pois, o costumeiro balanço de tua fé, repara, com honestidade imparcial, se estás falando apenas do Cristo ou se procuras seguir-lhe os passos, no caminho comum.

15.3 DISCUSSÃO SOBRE O TESTEMUNHO QUE JESUS DÁ DE SI MESMO (JO 8:13 A 30)¹⁵

¹³Disseram-lhe os fariseus: “Tu dás testemunho de ti mesmo: teu testemunho não é válido”. ¹⁴Jesus respondeu-lhes: “Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é válido, porque sei de onde venho e para onde vou. Vós, porém, não sabeis de onde venho nem para onde vou. ¹⁵Vós julgais conforme a carne, mas eu a ninguém julgo; ¹⁶se eu julgo, porém, o meu julgamento é verdadeiro, porque eu não estou só, mas comigo está o Pai que me enviou; ¹⁷e está escrito na vossa Lei que o testemunho de duas pessoas é válido. ¹⁸Eu dou testemunho de mim mesmo, e também o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim”. ¹⁹Diziam-lhe, então: “Onde está teu Pai?” Jesus respondeu: “Não conheceis nem a mim nem a meu Pai; se me conhecêsseis, conheceríeis também meu Pai”. ²⁰Essas palavras, ele as proferiu no Tesouro, ensinando no Templo. E ninguém o prendeu, porque sua hora ainda não havia chegado. ²¹Jesus disse-lhes ainda: “Eu vou e vós me procurareis e morrereis em vosso pecado. Para onde eu vou vós não podeis vir”. ²²Diziam, então, os judeus: “Por acaso, irá ele matar-se? Pois diz: ‘Para onde eu vou, vós não podeis vir?’” ²³Ele, porém, lhes dizia: “Vós sois daqui de baixo e eu sou do alto. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo. ²⁴Disse-vos que morrereis em vossos pecados, porque se não crerdes que Eu Sou, morrereis em vossos pecados”. ²⁵Diziam-lhe então: “Quem és tu?” Jesus lhes disse: “O que vos digo, desde o começo. ²⁶Tenho muito que falar e julgar sobre vós; mas aquele que me enviou é verdadeiro e digo ao mundo tudo o que dele ouvi”. ²⁷Eles não compreenderam que ele lhes falava do Pai. ²⁸Disse-lhes, então, Jesus: “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que Eu Sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai. ²⁹E quem me enviou está comigo. Não me deixou sozinho, porque faço sempre o que lhe agrada”. ³⁰Tendo ele assim falado, muitos creram nele.

O atual discurso de João volta a enfatizar que Jesus é o *Logos*, *Messias* ou *Mensageiro de Deus*, Criador Supremo do Universo, dos seres e das coisas. Apresenta, assim, nítida distinção entre o Pai (Deus) e o Filho (ou Filho

do Homem), assim como a missão que cabe ao Enviado Celestial junto à Humanidade do planeta Terra. Contudo, no atual texto consta a seguinte declaração, não registrada anteriormente, pelo menos de forma tão explícita: *Eu dou testemunho de mim mesmo e também o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim* (Jo 8:18). Em outras palavras, significa dizer que Jesus detém a capacidade de julgar os humanos, pelos poderes concedidos por Deus, assim como somente Deus pode julgá-lo.

Parece-nos óbvio que seja assim, que Jesus detenha tal autoridade, sendo Ele o Guia e Modelo da humanidade terrestre.¹⁶ Não, porém, segundo a perspectiva daquela época, em que os fariseus e demais membros do clero judaico viam Jesus como uma pessoa comum, julgando-o apenas como um galileu que não tivera formação religiosa formal. Daí eles contestarem o tom de autoridade das palavras de Jesus, como consta em *João* (8:13): *Disseram-lhe os fariseus: Tu dás testemunho de ti mesmo: teu testemunho não é válido.*

Habitado à literalidade da interpretação dos textos sagrados, o clero judaico tinha muita dificuldade para compreender o significado espiritual das ideias de Jesus – condição que foi repetida na constituição das igrejas cristãs do Oriente e do Ocidente. Ora, sabemos que todos “[...] os testemunhos devem ser julgados de acordo com os seus fundamentos, e, aqui, Jesus alegou um conhecimento de sua missão que seus ouvintes ignoravam (v. 14). Isso implica que o julgamento deles era superficial (v. 15)”¹⁷

Entretanto há um ponto que merece ser assinalado nessa conversa entre Jesus e os fariseus (que já foi motivo de controvérsia entre muitos cristãos), quando o Senhor afirma: *Vós julgais conforme a carne, mas eu a ninguém julgo; se eu julgo, porém, o meu julgamento é verdadeiro, porque eu não estou só, mas comigo está o Pai que me enviou* (Jo 8:15 e 16). A controvérsia (e aparente contradição) é que Jesus afirma *não julgar a ninguém* (v. 15) mas, em seguida, diz que quando Ele julga, o seu julgamento é verdadeiro (v. 16), isto é, não é superficial:

[...] Isso pode significar que o objetivo de sua missão não era julgar, ou que ele não julgava da mesma forma que os seus críticos. Esta segunda hipótese se ajusta melhor a esse contexto, como mostra o v. 16. O julgamento de Jesus não é algo isolado, mas um processo dentro de todo o propósito de sua vida e, portanto, é válido. [...].¹⁷

Os fariseus eram considerados os religiosos mais cultos e profundos conhecedores da *Torá*, porém, revelam-se ignorantes perante os ensinamentos de Jesus que, por extrapolarem a vida material, são eternos e destinados ao Espírito imortal, existente e sobrevivente à morte do corpo físico, como

se constata em *João (8:19): Diziam-lhe, então: Onde está teu Pai? Jesus respondeu: Não conheceis nem a mim nem a meu Pai; se me conhecêsseis, conheceríeis também meu Pai.*

O despertar do Espírito para a sua espiritualidade, realmente demanda tempo. Aliás, podemos afirmar, com Kardec, que o processo evolutivo humano se resume neste entendimento espírita: “[...] que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança”.¹⁸ Mesmo atualmente, passados mais de dois milênios da passagem do Cristo entre nós, os cristãos em geral o adoram na forma de cultos externos, mantendo-se distantes da magnitude dos ensinamentos do Evangelho, assemelhando-se aos fariseus, escribas e demais membros do Sinédrio: “Jesus não veio destruir a Lei, isto é, a Lei de Deus; veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. [...]”.¹⁹

Faz-se necessário que o ser humano evolua intelecto e moralmente para compreender a missão e ensinamentos de Jesus, sobretudo vivenciar os ensinamentos do Evangelho. Tal condição é viabilizada pelas reencarnações sucessivas e pelos estágios no Plano Espiritual. Na Terra, ainda somos poucos os que, verdadeiramente cremos em Jesus Cristo, como registra *João (8:28 a 30): Disse-lhes, então, Jesus: Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que Eu Sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai. E quem me enviou está comigo. Não me deixou sozinho, porque faço sempre o que lhe agrada. Tendo ele assim falado, muitos creram nele.*

Mas o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a da sua palavra. Ele veio dar cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra, e sim no Reino dos céus; veio ensinar-lhes o caminho que conduz a esse reino, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, a respeito de muitos pontos, a lançar o germe de verdades que, segundo Ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido oculto de certas palavras suas, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave, e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais ideias. Era preciso, pois, dar tempo à Ciência para progredir.²⁰

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 8, it. 8:1, p. 514.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 8, it. 8:3, p. 515.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 8, it. 8:12-20, p. 519.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 1. ed. 13. imp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 8:1-11, p. 1.862 e 1.863.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Monte das Oliveiras, p. 840.
- 6 DISTÂNCIA ENTRE JERUSALÉM E O MONTE DAS OLIVEIRAS. Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=7467> Acesso em: 13 abr. 2022.
- 7 FRANCO, Divaldo Pereira. *...Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. *Jesus, o Libertador da Mulher*, p. 99.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 13, p. 90.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 13, p. 92.
- 10 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 1989. cap. 13, p. 83.
- 11 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 1989. cap. 13, p. 84.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 1. ed. 13. imp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 8:12, p. 1.863.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 8, it. 8:12-20, p. 510.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 146.

- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed., rev. e ampl. 1. ed. 13. imp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 8:13-30, p. 1.863 e 1.864.
- 16 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 625.
- 17 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 8, it. 8:12-13, p. 1.567.
- 18 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.
- 19 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 1, it. 3.
- 20 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 1, it. 4.

JESUS E ABRAÃO. CURA DE CEGO DE NASCENÇA (JO 8:31 A 59; 9:1 A 41)

Temos, neste estudo, dois discursos joaninos que transmitem embates e controvérsias dos religiosos judeus a respeito da autoridade de Jesus manifestada em seus ensinamentos e atos. Ambos os discursos estão localizados, respectivamente, no final do capítulo oitavo (Jo 8:31 a 59) e no início do capítulo nono (Jo 9:1 a 41).

No primeiro texto (Jesus e Abraão), o Senhor enfatiza a associação moral que deva existir entre a verdade e a liberdade. No segundo registro (Cura de um cego de nascença), retoma-se a discussão das curas realizadas no dia de sábado. Tanto em um como no outro texto constam conflitos surgidos naquele momento histórico, intimamente relacionados à submissão dos judeus às práticas religiosas de culto externo que, em maior ou menor intensidade, os mantinham escravizados à interpretação literal das escrituras sagradas. Tal condição representa, ainda hoje, poderoso obstáculo ao entendimento das orientações espirituais do Evangelho, das profecias do Antigo Testamento e dos textos sagrados das tradições religiosas de todos os povos:

Os que tinham crido precisavam avançar para um compromisso pleno com o ensino de Jesus se quisessem chegar à verdade (v. 31 e 32). É provável que “os que haviam crido nele” tivessem chegado a um estágio de professar sua fé, mas [...] eles ainda não tinham se desenvolvido em toda a sua plenitude. A associação feita aqui entre a verdade e a liberdade é importante. A verdade nunca conduz escravidão. A ideia toda causava perplexidade aos fariseus, pois eles não estavam convencidos de que precisavam de liberdade (v. 33). Outros foram iluminados pelos seus ensinamentos, mas nunca reconheceram que a submissão ao complexo sistema de regras conduzia à escravidão. Ao apelar ao fato de serem da linhagem de Abraão (v. 33), essas pessoas mostravam que faltava conteúdo moral à ideia de serem filhos de Abraão. Em sua resposta, Jesus fez uma importante declaração (*em verdade, em verdade vos digo*), na

qual destacou a verdadeira natureza da escravidão moral a fim de salientar a verdadeira natureza da liberdade (v. 34) [...].¹

16.1 JESUS E ABRAÃO (JO 8:31 A 59)²

³¹Disse, então, Jesus aos judeus que nele haviam crido: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos ³²e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” ³³Responderam-lhes: “Somos a descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém. Como podes dizer: ‘Tornar-vos-eis livres?’” ³⁴Jesus lhes respondeu: “Em verdade, em verdade, vos digo: quem comete o pecado é escravo. ³⁵Ora, o escravo não permanece sempre na casa, mas o filho aí permanece para sempre. ³⁶Se, pois, o Filho vos libertar, sereis, realmente, livres. ³⁷Sei que sois a descendência de Abraão, mas procurais matar-me, porque minha palavra não penetra em vós. ³⁸Eu falo o que vi junto de meu Pai; e vós fazeis o que ouvís de vosso pai?” ³⁹Reponderam-lhe: “Nosso pai é Abraão.” Disse-lhes Jesus: “Se sois filhos de Abraão, praticareis as obras de Abraão. ⁴⁰Vós, porém, procurais matar-me, a mim, que vos falei a verdade que ouvi de Deus. Isso, Abraão não o fez! ⁴¹Vós fazeis as obras de vosso pai!” Disseram-lhe então: “Não nascemos da prostituição; temos só um pai: Deus.” ⁴²Disse-lhes Jesus: “Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, porque saí de Deus e dele venho; não venho por mim mesmo, mas foi ele que me enviou. ⁴³Por que não reconheceis minha linguagem? É porque não podeis escutar minha palavra. ⁴⁴Vós sois do diabo, vosso pai, e quereis realizar os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade: quando ele mente, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira. ⁴⁵Mas, porque digo a verdade, não credes em mim. ⁴⁶Quem, dentre vós, me acusa de pecado? Se digo a verdade, por que não credes em mim? ⁴⁷Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso não ouvís: porque não sois de Deus.” ⁴⁸Os judeus lhe responderam: “Não dizíamos, com razão, que és samaritano e tens um demônio?” ⁴⁹Respondeu Jesus: “Eu não tenho demônio, mas honro meu Pai e vós procurais me desonrar. ⁵⁰Não procuro a minha glória; há quem a procure e julgue. ⁵¹Em verdade, em verdade, vos digo: se alguém guardar minha palavra, jamais verá a morte.” ⁵²Disseram-lhe os judeus: “Agora sabemos que tens um demônio. Abraão morreu, os profetas também, mas tu dizes: ‘Se alguém guardar minha palavra, jamais provará a morte.’ ⁵³És porventura, maior que nosso pai Abraão, que morreu? Os profetas também morreram. Quem pretendes ser?” ⁵⁴Jesus respondeu: “Se glorifico a mim mesmo, minha glória nada é; quem me glorifica é meu Pai, de quem dizeis: ‘É o nosso Deus’; ⁵⁵e vós não o conheceis, mas eu o conheço; e se eu dissesse ‘Não o conheço’, seria mentiroso, como vós. Mas eu o conheço e guardo sua palavra. ⁵⁶Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu Dia. Ele o viu e encheu-se de alegria!” ⁵⁷Disseram-lhe, então, os judeus: “Não tens ainda cinquenta anos e viste Abraão!” ⁵⁸Jesus lhes disse: “Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou.” ⁵⁹Então apanharam pedras para atirar nele; Jesus, porém, ocultou-se e saiu do Templo.

A passagem evangélica indica mais um embate ocorrido entre os judeus e Jesus. De um lado, temos os discípulos que revelavam disposição para aceitar Jesus como um profeta, mas não como o Messias, como acreditavam os membros do colégio apostolar. Em posição oposta, encontrava-se a maioria dos membros do clero que repudiava Jesus como profeta ou mensageiro de Deus. O ponto comum entre os grupos é a dificuldade ou impossibilidade de entender o sentido espiritual e moral das preleções de Jesus. Nesse sentido, os “[...] v. 33 e 34 abordam a discussão por meio da qual Jesus procurou demonstrar que a descendência terrena (em face do fato de que reivindicavam ser filhos de Abraão) de nada vale na aquisição da vida eterna [...]”³ Ou seja, uma boa herança genética não garante evolução moral superior aos descendentes, pois, a despeito de os judeus alegarem ser descendentes do patriarca hebreu, isso não era garantia de que eles fossem, efetivamente, pessoas de bem ou esclarecidas. O caminho disponibilizado por Jesus era a busca da “vida eterna”, simbolizada como esforço para alcançarem o estado de plenitude espiritual.

Os ouvintes ficaram ainda mais perplexos quando, no final do texto evangélico, Jesus revela que Ele já existia antes de Abraão (v. 58), o qual exultou e se encheu de alegria, quando o conheceu (v. 56). Em resposta a esse anúncio de Jesus, os indignados interlocutores retrucaram: *Não tens ainda cinquenta anos e viste Abraão!* (v. 57).

Em síntese: significativa parte de representantes do clero judaico, assim como do povo em geral, estava distante do entendimento espiritual das revelações das escrituras sagradas que lhe chegaram há séculos. É compreensível, sobretudo em se tratando da mensagem do Cristo. Que fosse assim, pois essa mensagem era novidade para eles e demanda tempo para ser plenamente entendida, visto que o ser humano precisa espiritualizar-se mais, voltando o olhar para a vida eterna, para a realidade do Espírito imortal. Ele não se aplica ao entendimento dos textos sagrados, transmitidos há milênios.

Dessa forma, estabelecido o desentendimento gerado pela ignorância e escravidão aos dogmas, os religiosos judeus passaram a perseguir Jesus, por considerá-lo um blasfemo, uma grave ameaça à religião estabelecida desde a remota Antiguidade, como comprovavam os pronunciamentos que Ele fazia a respeito de si mesmo e da sua missão. Alimentados por essa deficiente interpretação, iniciaram sistemática perseguição a Jesus que culminaria em sua morte por crucificação.³

O conhecimento espiritual evidenciado nos dualismos ignorância-escravidão e verdade-liberdade nos reporta naturalmente ao *mito da*

caverna de Platão – filósofo grego que viveu e morreu na Grécia, em Atenas (427/428–347 a.C.) –, descrito na sua obra *A República* na forma do sétimo diálogo ocorrido ente o autor e Sócrates (470-399 a.C.) – o mestre de Platão e grande filósofo ateniense, considerado um dos fundadores da Filosofia Ocidental.

Em *A Caverna*, Platão transmite-nos a alegoria de “[...] homens vivendo numa caverna subterrânea que se abre para a luz por uma comprida galeria. Os moradores da caverna vivem presos nela desde a meninice e só lhes é permitido olhar para a frente. Estão de costas para a saída”.⁴

Longe deles, no fim da galeria por onde se vai para a luz, arde uma fogueira cujos clarões iluminam, por cima das cabeças dos prisioneiros, a parede do fundo da caverna. Entre eles e a fogueira corre no alto um caminho e ao longo dele uma parede [...]. Por detrás dessa parede passa gente carregada de vários objetos e figuras de madeira e de pedra, algumas vezes em silêncio, outras falando. Esses objetos são mais altos que o muro e o fogo projeta-lhes a sombra na parede interior da gruta. Os prisioneiros que não podem voltar a cabeça para a saída da gruta e que, portanto, nunca viram senão as sombras durante a vida inteira, é natural que as considerem como a realidade.⁴

Jesus, assim como Platão, oferece aos prisioneiros a possibilidade de se libertarem das sombras e conhecerem a verdadeira realidade que os libertaria da escravidão e da ignorância. Possivelmente, a maioria rejeitaria tal proposta, porque jazia acomodada em um nível evolutivo considerado mais seguro. São também as pessoas de “mentes fechadas”, prisioneiras de “pontos de vistas” ou das aparências, tal como ocorria entre os representantes do Sinédrio. Suponhamos, porém, que alguns dos interlocutores decidissem libertar-se da escravidão dogmática em que viviam e se dispusessem a sair da caverna para contemplar a vida lá fora. Estariam inseguros, por certo, revelando dúvidas a respeito do que seria, verdadeiramente, conhecimento e liberdade. Tais personagens representam os discípulos que admiravam Jesus, considerando-o um profeta, pois “Ele falava como quem tem autoridade”.

Entretanto, nessa primeira fase de liberdade, eles ainda não seriam capazes de contemplar as cores brilhantes das coisas, cujas sombras viram antes, e não acreditariam em quem lhes afiançasse que era nulo tudo o que viram anteriormente e que os seus olhos contemplavam agora um mundo de realidade superior à de outrora.⁵ Perplexos ante essa realidade e sem saber como administrá-la, algumas dessas pessoas ficariam com medo, retornando à caverna. Outras, porém, ainda que inseguras, permaneceriam em liberdade, aprendendo, aos poucos, a contemplar a natureza em toda

a sua pureza: vegetais, águas, animais, o céu, o sol, as estrelas, as estações do ano, outros seres humanos. Mais à frente, aprenderiam também a ter consciência do que acontece não só no plano visível e tangível como das ocorrências do plano intangível.⁶

Esses últimos indivíduos representariam os verdadeiros cristãos, os que prezam o conhecimento e a liberdade de escolha, a despeito das sombras que ainda trazem dentro de si, lembranças da época que viviam na caverna, antes de ousarem buscar a vida eterna ensinada por Jesus. É assim que a ascensão espiritual se manifesta, sem imposições de qualquer natureza, mas pelo uso correto do livre-arbítrio. Nessas circunstâncias, a fé é moldada de forma raciocinada, como ensina o Espiritismo.

Na lenda da Caverna, “[...] Platão acompanha a trajetória daquele que se libertou. Poderá retornar ao meio em que vivia para contar aos outros que vivem presos a ilusões. Os prisioneiros poderão acreditar nessa revelação. Se acreditarem, ganharão liberdade e poderão contribuir para que os outros se libertem”⁷

As coisas que vemos em torno de nós são reflexos de puras ideias dotadas de existência real e são cópias ou aparências de tais ideias. [...] Os homens acorrentados que aí aparecem só percebem as sombras dos objetos e pessoas que desfilam no exterior. Só quando se libertarem das cadeias e galgarem até o exterior, poderão ver as coisas verdadeiras à luz do sol que as ilumina. Trata-se, então, do efeito libertador do conhecimento. Mas para alcançá-lo precisará o homem, por iniciativa própria, libertar-se das imagens ilusórias que o encaideiam. Sendo libertados, o efeito do conhecimento também é moral. [...].⁷

Como fechamento do capítulo oitavo do *Evangelho segundo João*, inserimos a seguinte mensagem de Emmanuel, que analisa o assunto com muita propriedade:

Diante do Senhor⁸

Por que não entendeis a minha linguagem?

Por não poderdes ouvir a minha palavra. JESUS (João, 8:43.)

A linguagem do Cristo sempre se afigurou a muitos aprendizes indecifrável e estranha.

Fazer todo o bem possível, ainda quando os males sejam crescentes e numerosos.

Emprestar sem exigir retribuição.

Desculpar incessantemente.

Amar os próprios adversários.

Ajudar aos caluniadores e aos maus.

Muita gente escuta a Boa-Nova, mas não lhe penetra os ensinamentos.

Isso ocorre a muitos seguidores do Evangelho, porque se utilizam da força mental em outros setores.

Creem vagamente no socorro celeste, nas horas de amargura, mostrando, porém, absoluto desinteresse ante o estudo e ante a aplicação das Leis Divinas.

A preocupação da posse lhes absorve a existência.

Reclamam o ouro do solo, o pão do celeiro, o linho usável, o equilíbrio da carne, o prazer dos sentidos e a consideração social, com tamanha volúpia que não se recordam da posição de simples usufrutuários do mundo em que se encontram, e nunca refletem na transitoriedade de todos os patrimônios materiais, cuja função única é a de lhes proporcionar adequado clima ao trabalho na caridade e na luz, para engrandecimento do espírito eterno.

Registam os chamamentos do Cristo, todavia, algemam furiosamente a atenção aos apelos da vida primária.

Percebem, mas não ouvem.

Informam-se, mas não entendem.

Nesse campo de contradições, temos sempre respeitáveis personalidades humanas e, por vezes, admiráveis amigos.

Conservam no coração enormes potenciais de bondade, contudo, a mente deles vive empenhada no jogo das formas perecíveis.

São preciosas estações de serviço aproveitável, com o equipamento, porém, ocupado em atividades mais ou menos inúteis.

Não nos esqueçamos, pois, de que é sempre fácil assinalar a linguagem do Senhor, mas é preciso apresentar-lhe o coração vazio de resíduos da Terra, para receber-lhe, em espírito e verdade, a palavra divina.

16.2 CURA DE CEGO DE NASCENÇA (JO 9:1 A 41)⁹

¹Ao passar, ele viu um homem, cego de nascença. ²Seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?”

³Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus. ⁴Enquanto é dia, temos de realizar as obras daquele que me enviou; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar.

⁵Enquanto estou no mundo sou luz do mundo”. ⁶Tendo dito isso, cuspiu na terra, fez lama com saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego ⁷e lhe disse: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” – que quer dizer “Enviado”. O cego foi, lavou-se e voltou vendo claro. ⁸Os vizinhos, então, os que estavam acostumados a vê-lo antes, porque era mendigo, diziam: “Não é esse que ficava sentado a mendigar?”

⁹Alguns diziam: “É ele”. Diziam outros: “Não, mas alguém parecido com ele”. Ele, porém, dizia: “Sou eu mesmo”. ¹⁰Perguntaram-lhe, então: “Como se abriram os teus olhos?” ¹¹Respondeu: “O homem chamado Jesus fez lama, aplicou-a

nos meus olhos e me disse: ‘Vai a Siloé e lava-te.’ Fui, lavei-me e recobrei a

vista”.¹²Disseram-lhe: “Onde está ele?” Disse: “Não sei”.¹³Conduziram o que fora cego aos fariseus.¹⁴Ora, era sábado o dia em que Jesus fizera lama e lhe abriu os olhos.¹⁵Os fariseus perguntaram-lhe novamente como tinha recobrado a vista. Respondeu-lhes: “Ele aplicou-me lama nos olhos, lavei-me e vejo”.¹⁶Diziam, então, alguns dos fariseus: “Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado”. Outros diziam: “Como pode um homem pecador realizar tais sinais?” E havia cisão entre eles.¹⁷De novo disseram ao cego: “Que dizes de quem te abriu os olhos?” Respondeu: “É um profeta”.¹⁸Os judeus não creram que ele fora cego enquanto não chamaram os pais do que recuperara a vista¹⁹e perguntaram-lhes: “Este é o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que agora ele vê?”²⁰Seus pais então responderam: “Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego.²¹Mas como agora ele vê não o sabemos; ou quem lhe abriu os olhos não o sabemos. Interroga-o. Ele tem idade. Ele mesmo se explicará”.²²Seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois os judeus já tinham combinado que, se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga.²³Por isso, seus pais disseram “Ele já tem idade; interroga-o”.²⁴Chamaram, então, uma segunda vez, o homem que fora cego e lhe disseram: “Dá glória a Deus! Sabemos que esse homem é pecador”.²⁵Respondeu ele: “Se é pecador, não sei. Uma coisa eu sei: é que eu era cego e agora vejo”.²⁶Disseram-lhe, então: “Que te fez ele? Como te abriu os olhos?”²⁷Respondeu-lhes: “Já vos disse e não ouvistes. Por que quereis ouvir novamente? Por acaso quereis também tornar-vos seus discípulos?”²⁸Injuriaram-no e disseram: “Tu, sim, és seu discípulo; nós somos discípulos de Moisés.²⁹Sabemos que Deus falou a Moisés; mas esse, não sabemos de onde é”.³⁰Respondeu-lhes o homem: “Isso é espantoso: vós não sabeis de onde ele é e, no entanto, abriu-me os olhos!”³¹Sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta.³²Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença.³³Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer”.³⁴Responderam-lhe: “Tu nasceste todo em pecados e nos ensinas?” E o expulsaram.³⁵Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado. Encontrando-o, disse-lhe: “Crês no Filho do Homem?”³⁶Respondeu ele: “Quem é, Senhor, para que eu nele creia?”³⁷Jesus lhe disse: “Tu o estás vendo, é quem fala contigo”.³⁸Exclamou ele: “Creio, Senhor!” E prostrou-se diante dele.³⁹Então disse Jesus: “Para um discernimento é que vim a este mundo: para que os que não veem, vejam, e os que veem, tornem-se cegos”.⁴⁰Alguns fariseus, que se achavam com ele, ouviram isso e lhe disseram: “Acaso também nós somos cegos?”⁴¹Respondeu-lhes Jesus: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas dizeis: ‘Nós vemos!’ Vosso pecado permanece.

A cura do cego de nascença, objeto de registro por outros evangelistas, destaca-se pela forma como Jesus o curou: usou saliva e terra, formando uma lama que, ao ser colocada sobre os olhos do doente, à semelhança de um emplasto, a visão foi recuperada (v. 11). A despeito do prodígio realizado, o Mestre foi criticado e perseguido, sobretudo pelos fariseus que afirmavam que

as obras de Jesus não vinham de Deus, porque Ele curou em um dia de sábado (v. 16). Por outro, não faltaram pessoas que contra-argumentaram: *Como pode um homem pecador realizar tais sinais? E havia cisão entre eles* (Jo 9:16).

Não conformados com essa defesa, os fariseus concluíram que o cego não poderia ser cego, efetivamente, muito menos de nascença (v. 32) pois, para eles, esse era um sinal impossível de acontecer, ainda mais porque foi realizado por pessoa que não era de Deus, visto não observar o sábado. Decidiram, então, indagar aos genitores do ex-cego, assim como aquele que fora beneficiado pela misericórdia de Jesus, como consta em *João* (9:18 a 26). Por mais que os religiosos pressionassem os genitores, estes foram firmes e declararam que o filho era cego desde o nascimento (Jo 9:20), que não sabiam como aconteceu a cura e quem o curou, por isso recomendam aos religiosos: *Interrogai-o. Ele tem idade. Ele mesmo se explicará* (Jo 9:21). Com medo de que os religiosos judeus os expulsassem da sinagoga, os genitores insistem que eles devem procurar o filho que fora curado: *Por isso, seus pais disseram* “Ele já tem idade; interrogai-o” (Jo 9:23).

A conversa com o ex-enfermo teve o mesmo tom acusatório e intimidador, pois os representantes do clero viam Jesus como um pecador. O beneficiado, porém, feliz pela visão recém-adquirida, repetiu as mesmas informações dos seus pais: que era cego desde o nascimento, não sabia como fora curado, nem quem era Jesus, talvez um profeta (Jo 9:17), arrisca dizer. Porém, ante a insistência dos religiosos de que Jesus era um pecador, ele declara com muita lucidez: *Se é pecador, não sei. Uma coisa eu sei: é que eu era cego e agora vejo* (Jo 9:25). Melhor resposta não há, nem haveria: era cego e agora via!

Aqueles religiosos estavam presos às suas interpretações literais, não admitiam que estivessem equivocados em suas suposições ou na percepção dos acontecimentos. Eles, sim, se revelam como os verdadeiros cegos: os que não querem ver. Aliás, apegados aos seus pontos de vista, não conseguiam enxergar o óbvio: a pessoa era cega e passou a ver. Os fatos falam por si.

Emmanuel apresenta-nos importante ponderação a respeito do significado espiritual da admirável resposta que aqueles religiosos receberam da pessoa curada da cegueira (*eu era cego e agora vejo*) – Jo 9:25:

Apesar de o trabalho renovador do Evangelho, nos círculos da consolação e da pregação, desdobrar-se, diante das massas, semeando milagres de reconforto na alma do povo, o serviço sutil e quase desconhecido do aproveitamento da Boa-Nova é sempre individual e intransferível.

Os aprendizes da vida cristã, na atividade vulgar do caminho, desfrutam do conceito de normalidade, mas se não gozam de vantagens observáveis no imediato da experiência humana, quais sejam as da consolação, do estímulo ou da prosperidade material, de maneira a gravarem o ensinamento vivo de Jesus, nas próprias vidas, passam à categoria de pessoas estranhas, muita vez ante os próprios companheiros de ministério.

[...]

Em vista disso, frequentemente provoca discussões aceras, com respeito à atitude que adota à frente de Jesus.

Por ver, com mais clareza, as instruções reveladas pelo Mestre, é tido à conta de fanático ou retrógrado, idiota ou louco.

Se, porém, procuras efetivamente a redenção com o Senhor, prossegue seguro de ti mesmo; repara, sem aflição e sem desânimo, as contendas que a ação genuína de Jesus em ti recebe de corações incompreensivos e estacionários, repete as palavras do cego que alcançou a visão e segue para diante.¹⁰

Na tentativa de desmerecer o prodígio realizado pelo Senhor, religiosos pressionam de toda forma o cego que voltara a ver, dizendo que Jesus era um pecador, que Deus não ouvia pecadores, nem permitiria que um cego de nascença fosse curado (Jo 9:31 e 32). Ante a insistência dos fariseus, que queriam de toda forma provar que eles estavam certos e Jesus errado, o ex-enfermo fala-lhes com destemor (Jo 9:30 e 34):

“[...] Isso é espantoso: vós não sabeis de onde ele é e, no entanto, abriu-me os olhos! Sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença. Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer”. Responderam-lhe: “Tu nasceste todo em pecados e nos ensinas?” E o expulsaram.

Champlin informa que, das sete curas de cegueira citadas nos textos evangélicos – *Mateus* (9:27; 12:22 e 20:30), *Marcos* (8:22) e *João* (9:1) –, somente esta, objeto do nosso estudo, foi registrada como cegueira de nascença.¹¹ Essa anotação do estudioso estadunidense tem seu valor, pois, em geral, supunha-se que uma doença congênita não teria cura, com base no argumento de que a alteração genética, ocorrida nos genes, antes da formação do embrião (fase pré-embrionária ou zigótica), indica alteração irreparável. Em outras palavras, a matriz genética defeituosa não só expressaria automaticamente uma doença, mas também a sua impossibilidade de cura. Felizmente, com o progresso da pesquisa científica, sabemos hoje que há doenças congênitas que são amenizadas ou reparadas. Por essas e outras implicações, não é por acaso que a cura do cego de nascença e a

ressurreição de Lázaro foram registradas no Novo Testamento com o maior número de palavras, fatos entendidos ao longo da história do Cristianismo como inexplicáveis.¹²

O Evangelista João finaliza o seu discurso ao relatar dois encontros:

- » Entre Jesus e o ex-cego, após saber que ele foi expulso da sinagoga por não concordar com os judeus que o inquiriram. Prostrando-se diante do Senhor, declara crer n'Ele. Nesse momento, Jesus reafirma a sua missão espiritual: de fazer ver os que estão cegos (Jo 9:35 a 39). Ele é a luz do mundo.
- » Entre Jesus e alguns fariseus, que lhe perguntam se eles, os fariseus, eram na verdade os verdadeiros cegos. *Respondeu-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas dizeis: Nós vemos! Vosso pecado permanece* (Jo 9:41).

Importa considerar que não há contradição nas palavras do Senhor, que podem ser assim entendidas: a) *Se fôsseis cegos, não teríeis pecado*, isto é, se eles fossem cegos da interpretação literal dos textos sagrados, enxergando o seu significado espiritual, eles não teriam pecados. No entanto, quando eles afirmam “nós vemos”, estavam referindo-se à interpretação literal, aos rituais e cultos. Sendo assim, “vosso pecado permanece”, afirma Jesus, pois não conseguiam enxergar a realidade espiritual.

Na conclusão do estudo, Emmanuel destaca, entre outras coisas, a importância de educarmos a nossa visão para a realidade espiritual, que é a permanente, sem nos deixarmos afetar pelos perquiridores e ocorrências do caminho:

Seria inútil¹³

Respondeu-lhes: Já vo-lo disse e não ouvistes; para que o quereis tornar a ouvir? (João, 9:27.)

É muito frequente a preocupação de muitos religiosos no sentido de transformarem os amigos compulsoriamente, conclamando-os às suas convicções particularistas. Quase sempre se empenham em longas e fastidiosas discussões, em contínuos jogos de palavras, sem uma realização sadia ou edificante.

O coração sinceramente renovado na fé, entretanto, jamais procede assim.

É indispensável diluir o prurido de superioridade que infesta o sentimento de grande parte dos aprendizes, tão logo se deixam conduzir a novos portos de conhecimento, nas revelações gradativas da sabedoria divina, porque os discutidores de más inclinações se incumbem de interceptar-lhes a marcha.

A resposta do cego de nascença aos judeus argutos e inquiridores é padrão ativo para os discípulos sinceros.

Lógico que o seguidor de Jesus não negará um esclarecimento acerca do Mestre, mas se já explicou o assunto, se já tentou beneficiar o irmão mais próximo com os valores que o felicitam, sem atingir o alheio entendimento, para que discutir? Se um homem ouviu a verdade e não a compreendeu, fornece evidentes sinais de paralisia espiritual. Ser-lhe-á inútil, portanto, escutar repetições imediatas, porque ninguém enganará o tempo, e o sábio que desafiasse o ignorante rebaixar-se-ia ao título de insensato.

Não percas, pois, as tuas horas através de elucidações minuciosas e repetidas para quem não as pode entender, antes que lhe sobrevenham no caminho o sol e a chuva, o fogo e a água da experiência.

Tens mil recursos de trabalhar em favor de teu amigo, sem provocá-lo ao teu modo de ser e à tua fé.

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 8, it. 8:31-41, p. 1.569.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 8:31-59, p. 1.865 a 1.867.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 8, it. 8:21-69, p. 523.
- 4 JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira e Monica Stael. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Livro terceiro, it. A República II – A caverna: uma imagem da Paidéia, p. 883.
- 5 JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira e Monica Stael. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Livro terceiro, it. A República II – A caverna: uma imagem da Paidéia, p. 883 e 884.
- 6 JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira e Monica Stael. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Livro terceiro, it. A República II – A caverna: uma imagem da Paideia, p. 884.
- 7 PLATÃO. *O mito da caverna (A República)*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Coord. Benedito Nunes. Belém, PA: EDUFPA, 2006. *Prefácio*, p. 7.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 48.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 9:1-41, p. 1.867 e 1.868.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 95.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 9, it. 9:1, p. 549.
- 12 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 9, it. “n”. Cura do cego, p. 548.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 37.

O BOM PASTOR (JO 10:1 A 21)

Por meio de simples alegorias, como porta, ovelhas, pastor e rebanho, Jesus esclarece-nos a respeito das características dos verdadeiros profetas ou condutores de multidões, aqui simbolizados como um pastor de ovelhas. Estes e outros ensinamentos, fundamentais à nossa edificação moral, estão descritos ao longo do capítulo dez do *Evangelho segundo João* que, de forma geral, revela Jesus como o Bom Pastor e ensina como distinguir os verdadeiros pastores dos falsos, assim como as boas ovelhas das más. Para facilitar o aprendizado, dividimos o estudo do capítulo em duas partes: Tema 17 (Jo 10:1 a 21) e Tema 18 (Jo 10:22 a 42).

As principais ideias que norteiam a primeira parte do texto joanino, objeto do estudo deste Tema 17, são assim sintetizadas pelo estudioso Russell Norman Champlin:¹

- 1) Existem pastores verdadeiros e falsos. Cristo é o verdadeiro Pastor, e as autoridades religiosas pervertidas, como alguns fariseus e certos elementos da igreja cristã, são falsos (v. 1 a 3).
- 2) Há um rebanho verdadeiro, como há também um rebanho falso [...]. Não obstante, o verdadeiro rebanho reconhece em Jesus o seu Senhor e Messias.
- 3) O verdadeiro rebanho será espiritualmente astuto, de modo suficiente a rejeitar os falsos pastores (v. 5).
- 4) Sob uma segunda figura simbólica, Jesus também aparece como a porta das ovelhas, o que mostra que há um único caminho para a vida eterna; porém as ovelhas falsas não podem encontrar essa porta. Esse caminho é o sacrifício do Pastor por suas ovelhas [...]. (v. 7 e 11).
- 5) Os falsos pastores não demonstram espírito de autossacrifício por suas ovelhas, porque são devotados às recompensas, ao dinheiro, à fama etc. [...] (v. 12 e 13).
- 6) Haverá uma grande convocação de discípulos, e um grande e único rebanho será reunido em torno do Cristo [...] (ver o v. 16).

- 7) O sacrifício do Cristo foi voluntário, dentro dos conselhos de Deus, e não um acidente provocado pelos homens (v. 18).

17.1 O BOM PASTOR (JO 10:1 A 21)²

¹Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante; ²o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. ³A este o porteiro abre: as ovelhas ouvem a sua voz e ele chama as suas ovelhas uma por uma e as conduz para fora. ⁴Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz. ⁵Elas não seguirão um estranho, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. ⁶Jesus lhes apresentou essa parábola. Eles, porém, não entenderam o sentido do que lhes dizia. ⁷Disse-lhes novamente Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: eu sou a porta das ovelhas. ⁸Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes; mas as ovelhas não os ouviram. ⁹Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem. ¹⁰O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. ¹¹Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá sua vida pelas suas ovelhas. ¹²O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo aproximar-se, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatava e dispersa, ¹³porque ele é mercenário e não se importa com as ovelhas. ¹⁴Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, ¹⁵como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. ¹⁶Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão a minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor. ¹⁷Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. ¹⁸Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai”. ¹⁹Houve novamente uma cisão entre os judeus, por causa dessas palavras. ²⁰Muitos diziam: “Ele tem um demônio! Está delirando! Por que o escutais?” ²¹Outros diziam: “Não são de um endemoninhado essas palavras; porventura um demônio pode abrir olhos de um cego?”

Sem dúvida, Jesus é o Bom Pastor! Ele também é a Porta por onde conduz as ovelhas sob seus cuidados à plenitude espiritual. Como Guia e Modelo da humanidade terrestre,³ Ele é o Pastor Divino que tem como missão conduzir os habitantes da comunidade terráquea ao aprisco divino. Como Bom Pastor, Jesus não mede sacrifícios (v. 11 ao 15) para que as suas ovelhas alcancem a vida eterna, como ensina Amélia Rodrigues: “O Bom Pastor dá a Vida pelas suas ovelhas. Entrando pela porta estreita, a que se caracteriza pelas dificuldades, o acesso ao reino da Ventura plena se faz triunfal”.⁴

Em *João* (10:11 a 15) Jesus afirma ser Ele o Bom Pastor, o que dá a vida por suas ovelhas, protege-as e delas jamais se afasta, sobretudo durante as

provações ou ataques externos (simbolizados no texto pelas ações de lobos). O Mestre Nazareno informa, igualmente, que conhece cada uma das suas ovelhas e estas também o conhecem. Na verdade, esse registo de João faz correlação com um dos salmos de Davi, que utiliza, inclusive, a expressão Bom Pastor, como se pode conferir:

O Bom Pastor

(Salmo 23:1 a 6.)⁵

Iahweh é o meu pastor, nada me falta. Em verdes pastagens me faz repousar.

Para as águas tranquilas me conduz e restaura minhas forças; ele me guia por caminhos justos, por causa do seu nome.

Ainda que eu caminhe por vale tenebroso, nenhum mal temerei, pois, estás junto a mim, o teu bastão e teu cajado me deixam tranqüilo.

Diante de mim preparas a mesa, à frente dos meus opressores; unges minha cabeça com óleo, e minha taça transborda.

Sim, felicidade e amor me seguirão todos os dias da minha vida; minha morada é a casa de Iahweh por dias sem fim.

Uma breve leitura do texto evangélico nos permite perceber, de imediato, que há duas categorias de pastores e de ovelhas: as verdadeiras e as falsas. Entretanto pode-se concluir que só existem falsos pastores (ou falsos profetas) porque há um rebanho de ovelhas transviadas que alimentam interesses e ações equivocadas dos seus líderes. Em sentido oposto, a existência de um rebanho de boas ovelhas, que segue as orientações seguras do seu guia, pode, efetivamente, neutralizar ou impedir os desvios dos seus pastores, como assegura o espírito João Moutinho: “Somente à legítima ovelha o Senhor promete, simbolicamente, os verdes prados e as fontes refrescantes, além de conduzi-la, sob o bordão do Evangelho, às veredas da justiça e do amor, em cujo plano nada lhe faltará [...]”.⁶ E mais:

O vale da sombra e da morte, a que o salmo se refere, recorda o quadro das defecções morais íntimas ou a consciência dos seres imperfeitos, traduzindo para os missionários, os planos moralmente inferiores como a Terra, onde estagiam a serviço de Jesus (*João*, 17:15).

Ao escrever o salmo [23], Davi admitia-se por ovelha do seu aprisco. Dizendo habitar para sempre na casa do Senhor, fazia alusão à sua permanência na Terra, na condição de Espírito, depois do grande julgamento.⁷

A questão essencial está, portanto, diretamente relacionada ao tipo de ovelha que cada ser humano representa no rebanho do qual faz parte: seria a que segue o Evangelho porque é comprometida com o Cristo ou é a que a atende apenas aos interesses transitórios da vida

que transcorre na dimensão física? Para nos auxiliar Emmanuel orienta-nos com segurança no texto que se segue, após ele ter analisado a mensagem *Os obreiros do Senhor*, item 5, capítulo 20, de *O evangelho segundo o espiritismo*:

Que ovelha somos?⁸

Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas e das minhas sou conhecido. JESUS (João, 10:14.)

O pastor atento se identifica com o rebanho de tal maneira, que define de pronto qualquer das ovelhas mantidas a seu cuidado.

Conhece as mais ativas.

Descobre as indiferentes.

Nomeia as retardatárias.

Regista as que lideram.

Classifica a lã que venham a produzir.

Tudo faz, em favor de todas.

Por sua vez, as ovelhas, pouco a pouco, percebem, dentro da limitação que as caracteriza, o modo de ser do pastor que as dirige.

Habitua-se aos lugares que lhe são prediletos.

Respeitam-lhe os sinais.

Acatam-lhe as ordens.

Reconhecem-lhe o poder diretivo, sem confundir-lhe a presença.

Na imagem, temos a divina missão do Cristo para conosco.

O Pastor Compassivo conhece cada uma das ovelhas do redil humano, tudo fazendo para guiá-las ao campo da Luz Celeste.

Incentiva as indiferentes.

Acalma as impetuosas.

Fortalece as mais fracas.

Apoia as mais responsáveis.

Sopesa o valor de todas, segundo as peculiaridades e tendências de cada uma.

E, de igual modo, as ovelhas do rebanho terrestre, gradativamente, vêm a conhecer e a sentir a existência abençoada do Bom Pastor.

Entendem-lhe os ensinamentos e admoestações.

Reverenciam a excelência do seu Amor.

Confiam serenamente em sua Misericórdia.

Esposam-lhe os ideais e buscam corresponder-lhe à vontade, destacando-o, nos quadros da vida, por Intermediário do Pai Excelso.

Desse modo, cabe-nos atender ao chamamento do Mestre, melhorando as condições da vida, no mundo, com base em nossa própria renovação.

Nesse programa de luta, vale indagar de nós mesmos:

– Que ovelha somos?

E com semelhante pergunta, busquemos na disciplina, ante o Cristo de Deus, a nossa posição de servidores do bem, na certeza de que a humildade conferir-nos-á sintonia com o Divino Pastor, para que, sublimando e servindo, atinjamos com Ele o Aprisco Celeste na imortalidade vitoriosa.

É importante considerar que não basta a pessoa se declarar cristão para se transformar em discípulo sincero e fiel. Trata-se de um processo gradual, não isento de sacrifícios pessoais, visto que os verdadeiros cristãos se esforçam para conhecer e vivenciar os ensinamentos do Cristo não segundo a simbologia dos rituais, mas de acordo com a interpretação espiritual que sempre mede as consequências morais do pensar, falar e agir. Independentemente do nível educacional do indivíduo, a prática do bem é que substancia a vivência da Lei de Deus ensinada por Jesus. A única Lei capaz de produzir a transformação do ser humano para melhor, esclarecendo-o como fazer escolhas acertadas, sobretudo diante dos desafios existenciais. Transformar-se em discípulo sincero, ou em “ovelha do rebanho do Senhor”, não é algo simples e banal, que se consegue rapidamente: o verdadeiro cristão impõe a si mesmo renúncias e sacrifícios, a fim de combater as imperfeições que ainda traz dentro de si, mantendo-se atento ao fato de que a existência humana é sempre assinalada por provações, úteis ao aperfeiçoamento do Espírito. Em oposição, a invigilância e a imprudência, a arbitrariedade e os caprichos, o destaque social e profissional, entre outros, podem conduzir inúmeras pessoas, aparentemente seguras, a lamentáveis desastres morais, por que, na “[...] maioria das situações, copiam a ovelha virtuosa e útil que, após a conquista de vários títulos enobrecedores, esquece a porta a ser atingida e quebra as disciplinas benéficas e necessárias, para entregar-se ao lobo devorador”⁹

Emmanuel pondera a respeito:

Não basta alcançar as qualidades da ovelha, quanto à mansidão e ternura, para atingir o Reino Divino.

É necessário que a ovelha reconheça a porta da redenção, com o discernimento imprescindível, e lhe guarde o rumo, despreocupando-se dos apelos de ordem inferior, a eclodirem das margens do caminho.

Daí concluirmos que a cordura, para ser vitoriosa, não dispensa a cautela na orientação a seguir.

Nem sempre a perda do rebanho decorre do ataque de feras, mas sim porque as ovelhas imprevidentes transpõem barreiras naturais, surdas à voz do pastor, ou

cegas quanto às saídas justas, em demanda das pastagens que lhes competem. Quantas são acometidas, de inesperado, pelo lobo terrível, porque, fascinadas pela verdura de pastos vizinhos, se desviam da estrada que lhes é própria, quebrando obstáculos para atender a destrutivos impulsos?¹⁰

A ascensão espiritual é sempre trabalho individual, ainda que sempre amparada pela misericórdia e providência divinas. Com esse apoio superior, as lutas cotidianas, manifestadas na forma de provações ou de expiações, não superam a capacidade do Espírito para solucioná-las. É importante enfrentar os problemas existenciais com fé, esperança, trabalhando incessantemente para solucioná-los: “Reflitamos nos problemas cotidianos, categorizando-os como recursos renovadores. Toda questão embaraçosa nos é apresentada qual se a vida nos propusesse um enigma. Aceitamo-lo calmamente e vejamos como aproveitá-lo”.¹¹

Comecemos por uma atitude de compreensão e simpatia, examinando-lhe as facetas.

Se nos achamos perante uma situação desagradável, meditemos nela, não como pesar que nos afete individualmente, mas sim como episódio com funções no benefício geral, e ajudemo-lo a encaixar-se no mecanismo das circunstâncias, em louvor da harmonia comum. A pedra que acidentalmente nos fira será provavelmente a peça que sustentará a segurança da construção, e, porque nos haja trazido leve dissabor, isso não é motivo para arredá-la do serviço que deve prestar à coletividade. Assim acontece com a crítica, com a desilusão, com o desentendimento ou com a perseguição gratuita. Recebamo-los sem mágoa e observemos qual a mensagem favorável e útil de que se fazem veículo. Tomada semelhante posição, verificaremos que a crítica nos auxilia, à maneira do inseticida capaz de imunizar a árvore do nosso trabalho contra pragas destruidoras que talvez nos ameacem de perto; aquilo que nomeamos como sendo desilusão passa a revelar-se por transformação imperiosa e benéfica [...].¹²

A atitude proativa perante os problemas da vida sempre apresenta resultados promissores, que nos permitem suportar e superar os desafios da jornada evolutiva: “À frente de qualquer desafio, recordemos que todo problema é um convite à vida, em nome de Deus, para que venhamos a compreender mais amplamente, melhorar sempre e servir mais”.¹³

Aceitar o Cristo como o Bom Pastor que nos guiará nas veredas da vida é decisão pessoal e intransferível. Importa, porém, estarmos atentos para não sermos enganados pelos falsos pastores que, à semelhança de falsos profetas, abundam no mundo, como esclarece o Espírito Erasto:

Desconfiai dos falsos profetas. Essa recomendação é útil em todos os tempos, mas, sobretudo, nos momentos de transição em que, como no atual, se elabora

uma transformação da Humanidade, porque, então, uma multidão de ambiciosos e intrigantes se arvoram em reformadores e messias. É contra esses impostores que se deve estar em guarda, cabendo a todo homem honesto o dever de desmascará-los. [...]

[...]

Isto posto, haveis de concluir que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar a missão de que está investido pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela sua grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. [...].¹⁴

A propósito, recordemos que quando Jesus apresentou aos judeus a proposta de ascensão espiritual, declarando-se como o Bom Pastor e a Porta que os conduziriam ao Reino de Deus, ela foi veementemente recusada pela maioria dos ouvintes, ainda que uns poucos foram em defesa do Senhor, como assinala *João* (10:19 a 21): *Houve novamente uma cisão entre os judeus, por causa dessas palavras. Muitos diziam: Ele tem um demônio! Está delirando! Por que o escutais? Outros diziam: Não são de um endemoninhado essas palavras; porventura um demônio pode abrir olhos de um cego?*

Fazer parte do rebanho divino é conhecer e, sobretudo, vivenciar os ensinamentos do Evangelho, conscientes de que Jesus é a Porta (Meio ou Mensageiro Celestial) que nos conduzirá ao aprisco divino (Reino de Deus) no momento oportuno, como alerta Emmanuel nesta mensagem:

Ante o Cristo libertador¹⁵

Eu sou a porta. JESUS (*João*, 10:7.)

Segundo os léxicos, a palavra “porta” designa “uma abertura em parede, ao rés do chão ou na base de um pavimento, oferecendo entrada e saída”.

Entretanto, simbolicamente, o mundo está repleto de portas enganadoras. Dão entrada sem oferecerem saída.

Algumas delas são avidamente disputadas pelos homens que, afoitos na conquista de posses efêmeras, não se acautelam contra os perigos que representam. Muitos batem à porta da riqueza amoedada e, depois de acolhidos, acordam encarcerados nos tormentos da usura.

Inúmeros forçam a passagem para a ilusão do poder humano e despertam detidos pelas garras do sofrimento.

Muitíssimos atravessam o portal dos prazeres terrestres e reconhecem-se, de um momento para outro, nas malhas da aflição e da morte.

Muitos varam os umbrais da evidência pública, sequiosos de popularidade e influência, acabando emparedados na masmorra do desespero.

O Cristo, porém, é a porta da Vida Abundante.

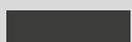
Com Ele, submetemo-nos aos desígnios do Pai Celestial e, nessa diretriz, aceitamos a existência como aprendizado e serviço, em favor de nosso próprio crescimento para a Imortalidade.

Vê, pois, a que porta recorres na luta cotidiana, porque apenas por intermédio do ensinamento do Cristo alcançarás o caminho da verdadeira libertação.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 10, it. “a” – O bom Pastor – 10:1-18, p. 569.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 10:1-21, p. 1.868 a 1.870.
- 3 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 625.
- 4 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 6, p. 89 e 90.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. Salmo 23 (1-6), de Davi, p. 885.
- 6 MOUTINHO, João de Jesus. *Código do reino: interpretações bíblicas e evangélicas à luz da codificação kardequiana*. 2. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2012. 2ª pt., cap. 50 – *Bom pastor*.
- 7 MOUTINHO, João de Jesus. *Código do Reino: interpretações bíblicas e evangélicas à luz da codificação kardequiana*. 2. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2012. 2ª pt., cap. 50 – *Bom pastor*.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 74 [mensagem de Emmanuel].
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 115 – *A porta*.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 115 – *A porta*.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2018. cap. 57 – *Problemas*.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2018. cap. 57 – *Problemas*.

- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 57 – *Problemas*.
- 14 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 21, it. 9.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 172.



PARTE V

A Festa da Dedicção. A decisão de matar Jesus

A VERDADEIRA IDENTIDADE DE JESUS. JESUS RETIRA-SE DE NOVO PARA O OUTRO LADO DO JORDÃO (JO 10:22 A 42)

O Apóstolo João volta a afirmar com convicção a origem divina de Jesus, o Messias de Deus, tendo como referência as próprias palavras pronunciadas pelo Mestre Nazareno. A despeito das evidências dos ensinamentos superiores, das obras e dos sinais realizados pelo Cristo, que comprovavam a sua identidade como Mensageiro de Deus previsto pelos profetas, para muitos judeus, Ele era um blasfemo que deveria ser apedrejado e preso. Contudo multidões de pessoas seguiam Jesus, muitas das quais o aceitavam como Rabi (Mestre), outras procuravam entender os ensinamentos evangélicos, um número significativo permanecia em silêncio, atento à sua pregação. Na verdade, o convencionalismo das práticas ritualistas do Judaísmo já não atraía ou tocava diretamente o coração do povo. É o que se conclui da leitura do versículo 24: *Os judeus, então, o rodearam e lhe disseram: Até quando nos manterás em suspenso? Se és o Cristo, dize-nos abertamente.* (Jo 10:24):

Sugere que os judeus não eram totalmente hostis, embora estivessem claramente perplexos. Jesus disse que ele já lhes tinha dado a resposta nos termos gerais do testemunho de suas palavras e ações. Foi a incredulidade deles, mesmo diante de seus milagres, que Jesus criticou particularmente aqui. Jesus novamente utilizou a imagem do pastor para lembrar aos judeus que, se tivessem ouvido a sua voz, eles seriam suas verdadeiras ovelhas. [...].¹

18.1 A VERDADEIRA IDENTIDADE DE JESUS (JO 10:22 A 39)²

²²Houve então a festa da Dedicção, em Jerusalém. Era inverno. ²³Jesus andava pelo Templo, sob o pórtico de Salomão. ²⁴Os judeus, então, o rodearam e lhe disseram: “Até quando nos manterás em suspenso? Se és o Cristo, dize-nos

abertamente”.²⁵ Jesus lhes respondeu: “Já vo-lo disse, mas não acreditais. As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim;²⁶ mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas. ²⁷As minhas ovelhas escutam a minha voz, eu as conheço e elas me seguem; ²⁸eu lhes dou a vida eterna e elas jamais perecerão, e ninguém as arrebatará de minha mão. ²⁹Meu Pai, que me deu tudo, é maior que todos e ninguém pode arrebatá-lo da mão do Pai. ³⁰Eu e o Pai somos um”. ³¹Os judeus, outra vez, apanharam pedras para apedrejá-lo. ³²Jesus, então, lhes disse: “Eu vos mostrei inúmeras boas obras, vindo do Pai. Por qual delas quereis lapidar-me?” ³³Os judeus lhe responderam: “Não te lapidamos por causa de uma boa obra, mas por blasfêmia, porque, sendo apenas homem, tu te fazes Deus”. ³⁴Jesus lhes respondeu: “Não está escrito em vossa Lei: *Eu disse: Sois deuses?*” ³⁵Se ela chama de deuses aqueles aos quais a palavra de Deus foi dirigida – e a Escritura não pode ser anulada – ³⁶aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo dizeis: ‘Blasfemas!’, porque disse: ‘Sou Filho de Deus!’ ³⁷Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; ³⁸mas, se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de reconhecer de uma vez que o Pai está em mim e eu no Pai”. ³⁹Procuravam novamente prendê-lo. Mas ele lhes escapou das mãos.

Em linhas gerais, o texto evangélico revela que a pregação de Jesus, desde o início do seu ministério, atraiu multidões de judeus e gentílicos. Essas pessoas tinham motivos suficientes para viverem desesperançosas: a subjugação ao invasor romano e as consequências daí decorrentes; os contrastes socioeconômicos que, de um lado eram marcados pela ostentação dos governantes, sacerdotes e publicanos, e, de outro, pelo estado de penosas dificuldades da plebe. Acrescentam-se a essa situação as manifestações de culto externo da religião que não mais estimulavam a crença em Deus ou alimentavam a fé dos fiéis. Surge, nesse cenário, Jesus, que ensina e exemplifica a Lei de Amor, afirma ser o Mensageiro de Deus e convoca os ouvintes a se transformarem em ovelhas do seu rebanho que, como Bom Pastor, as conduziria ao aprisco divino. Joanna de Ângelis recorda-nos o propósito e a excelência do método educativo que Jesus propunha:

As multidões, ávidas de amor, de paz, de pão, de saúde, sempre buscavam o Mestre na expectativa de terem as suas aflições resolvidas. No tumulto, ao qual se entregavam, as suas eram aspirações imediatistas, necessidades consideradas básicas, porque referentes aos problemas que as afligiam naquele momento.

Portador de incomum sabedoria, Ele entendia que não se pode falar de paz a pessoas atormentadas pelo estômago vazio, nem discorrer sobre a felicidade enquanto elas estorcegavam em dores rudes... Desse modo, sempre atendia a solicitação mais inquietadora, abrindo espaço emocional para ampliar a consciência e ensinar a realização do bem-estar.

Socorria a problemática e elucidava quanto ao impositivo de mudança de comportamento para melhor, de forma que depois *não acontecesse nada mais grave*.³

O teor da conversa ocorreu durante uma das festividades previstas pelo calendário judeu, denominada Festa da Dedicção ou Chanucá, estando Jesus e os demais interlocutores no pórtico de Salomão, espécie de claustro localizado no lado leste do Templo de Jerusalém:

Essa alegre comemoração tem diversos nomes, como Festa da Dedicção, das Luzes, dos Macabeus, da Iluminação e Festa da Rededicção.

A razão. Esse festival remonta ao ano 167 a.C., quando Judas Macabeu limpou e reconstruiu o templo. [...].

Data. Normalmente ela era observada no dia 25 do mês chisley, compreendido entre os meses de novembro e dezembro.

A comemoração. Não era obrigado fazer a celebração da festa em Jerusalém. E, assim, a maioria das pessoas a comemorava em sua própria cidade. O sentido básico da festa era que o povo se alegrasse e se divertisse junto aos familiares. As formas de comemoração eram bem variadas. Muitos gostavam de colocar luzes nas janelas. E eles saíam às ruas para dançar e cantar, ao som de instrumentos musicais, até tarde da noite. Era uma festa de triunfo, que deveria ser celebrada com grande entusiasmo.⁴

Os registros de *João* (10:22 a 30) iniciam-se com a solicitação dos judeus presentes no Templo, para declarar se Ele era, efetivamente, o Cristo (v. 22). Jesus replica que Ele já lhes havia afirmado ser o Mensageiro de Deus, mas eles não acreditaram (v. 25). E não acreditavam por quê? Porque eles não faziam parte do seu rebanho: *As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim; mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas*. (v. 26). Ora, fazer parte do rebanho de Jesus exige trabalho incessante no bem. A ovelha cristã não é preguiçosa e não pratica o Cristianismo simplesmente pela execução dos cultos exteriores, compreende que a luta diária da vida é um estímulo para afirmação da fé e recurso para superar as próprias imperfeições. Com Jesus, somos convocados a trabalharmos, efetivamente, na obra divina, sem medir sacrifícios em prol da própria melhoria espiritual. Emmanuel pondera a respeito:

A afirmativa de Jesus, nesse particular, reveste-se de imprecável beleza.

Que diríamos de um Salvador que estatuisse regras para a Humanidade, sem partilhar-lhe as dificuldades e impedimentos?

O Cristo iniciou a missão divina entre homens do campo, viveu entre doutores irritados e pecadores rebeldes, uniu-se a doentes e aflitos, comeu o duro pão dos pescadores humildes e terminou a tarefa santa entre dois ladrões.

Que mais desejas? Se aguardas vida fácil e situações de evidência no mundo, lembra-te do Mestre e pensa um pouco.⁵

O Espírito benfeitor considera também que Deus nos concede todas as bênçãos necessárias para o nosso aprimoramento espiritual, no entanto faz-se necessário que façamos a nossa parte se, de fato, aspiramos a uma vida plena de paz e alegrias imortais. O esforço evolutivo exige trabalho persistente no Bem, e cada obstáculo superado na existência equivale a um marco indelével da nossa jornada ascensional:

Enfim, todas as criações do Excelso Pai testemunham-lhe a glória no campo infinito da vida e cada Espírito se afirma bem ou mal, aproveitando-as para subir à Luz ou delas abusando para descer às trevas.

Como aprendizes do Evangelho, portanto, cumpre-nos indagar à própria consciência:

– Que tenho executado na vida como aplicação das bênçãos de Deus?

Não nos esqueçamos, segundo a lição do Senhor, que somente as obras que fizermos, em nome do Pai, é que serão marcos indelíveis de nosso caminho, a testificarem de nós.⁶

Em *João* (10:30 a 34), constam duas afirmativas de Jesus que geraram discussões e desentendimentos, não somente entre os judeus, mas também entre os cristãos, desde os tempos da constituição da igreja cristã. Persistem ainda hoje, aqui e acolá, divergências interpretativas a respeito. A primeira contradição deriva desta afirmativa de Jesus: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10:30). Essa declaração irritou profundamente os judeus que, reagindo de forma violenta, *outra vez, apanharam pedras para apedrejá-lo* (Jo 10:31). Contudo, à luz do entendimento espírita, a verdade é cristalina, não tem nada a ver com a defesa teológica de que Deus e Jesus são um mesmo Espírito. Jesus não é Deus. Ele é, dos mensageiros do Pai Celestial, o que foi destinado a conduzir a humanidade terráquea à plenitude espiritual: “A afirmativa evidenciava a sua perfeita identidade com Deus na direção de todos os processos atinentes à marcha evolutiva do planeta terrestre”.⁷

Amélia Rodrigues conduz-nos a outras profundas reflexões ao considerar que, no íntimo, aqueles ouvintes sabiam que se encontravam perante o Cristo, mas, por orgulho, teimosia, ou, talvez medo de perder as benesses de que desfrutavam, partiram para a negação e, com pedradas, lançaram mão da arma comumente utilizada pelos Espíritos inferiores: a agressividade.

Eu e o Pai somos um.

A gritaria infrene e a fúria falsa irromperam em reação, tentando calá-LO a pedradas.

Não criam na coragem da verdade. Agora a detestavam.

Já não a ignoravam e não poderiam fugi-lhe à presença, que lhes fustigaria a consciência a partir de então.

O Filho representava o Pai que está n'Ele.

Essa identificação não pode ser tomada como pessoas distintas, fundidas numa só, tida como verdadeira.

Ambos são verdadeiros.

O Filho depende do Pai que O nutre e O vigora.

A recíproca, porém, não é legítima.

Vinha em nome do Pai, à Terra, para a unidade em amor com todas as criaturas.⁸

A segunda declaração de Jesus que historicamente tem sido motivo de discussões é: *Não está escrito em vossa Lei: Eu disse: Sois deuses?* (Jo 10:34). Ante a atitude negativista dos ouvintes, ao julgamento precipitado, Jesus cita a expressão conhecida *sois deuses*. Essa expressão era metaforicamente dirigida aos juízes, por causa do ofício que exerciam, ainda que todos entendessem que todo julgamento cabe a Deus (Dt 1:17; 19:17; Êx 1:6; Sl 58).⁹ Os judeus, porém, ficaram ainda mais indignados, sobretudo porque lhes escapava o sentido espiritual dos ensinamentos de Jesus. Por outro lado, se fossem pessoas de boa vontade, poderiam tentar entender a fala do Mestre, pedir-lhe outros esclarecimentos. Optaram, porém, pela negação e rejeição, mantendo-se distantes da fé raciocinada.

Emmanuel explica o significado espírita da expressão *sois deuses*:

– Em todo homem repousa a partícula da divindade do Criador, com a qual pode a criatura terrestre participar dos poderes sagrados da Criação.

O Espírito encarnado ainda não ponderou devidamente o conjunto de possibilidades divinas guardadas em suas mãos, dons sagrados tantas vezes convertidos em elementos de ruína e destruição.

Entretanto, os poucos que sabem crescer na sua divindade, pela exemplificação e pelo ensinamento, são cognominados na Terra santos e heróis, por afirmarem a sua condição espiritual, sendo justo que todas as criaturas procurem alcançar esses valores, desenvolvendo para o bem e para a luz a sua natureza divina.¹⁰

O conteúdo assinalado por *João* (10: 35 a 39) reflete a tentativa de Jesus de esclarecer os que o interpelaram no Templo com a questão: *Até quando nos manterás em suspenso? Se és o Cristo, dize-nos abertamente* (Jo 10:24). Mas o entendimento dos interlocutores era efetivamente limitado, o que fez o Senhor concluir (Jo 10:35 a 39):

Se ela chama de deuses aqueles aos quais a palavra de Deus foi dirigida – e a Escritura não pode ser anulada – àquele que o Pai consagrou e enviou ao

mundo dizeis: “Blasfemas!”, porque disse: “Sou Filho de Deus!” Se não faço as obras de meu Pai, não acrediteis em mim; mas, se as faço, mesmo que não acrediteis em mim, crede nas obras, a fim de reconhecer de uma vez que o Pai está em mim e eu no Pai.

Procuravam novamente prendê-lo. Mas ele lhes escapou das mãos.

A busca pelo esclarecimento espiritual é paulatina. É possível que aqueles inquiridores do Mestre já compreendam as verdades anunciadas por Jesus. Não é suficiente, porém, estar informado a respeito de algo, é preciso medir as consequências morais do aprendizado, como sempre afirma Allan Kardec, a fim de saber aplicá-lo com sabedoria no dia a dia, como esclarece Vinícius:

Entender não é tudo: é preciso *sentir* a verdade. A inteligência, agindo desacompanhada do sentimento, não chega a penetrar a essência do Cristianismo, como, aliás, a de nenhum ideal transcendente cuja espiritualidade ascende às regiões elevadas do sublime. [...] Razão e fé, intelecto e coração, devem marchar de mãos dadas na conquista da verdade redentora.

As provas mais convincentes não são as que entram pelos olhos, mas as que brotam do coração. O testemunho interno, a influência que o orvalho celeste exerce no recesso do nosso *Eu* tem muito mais força, convence muito melhor que os testemunhos externos, que os fenômenos ostensivos e insólitos. [...]

Os judeus, contemporâneos de Jesus, tiveram copiosa e farta messe das provas mais evidentes, mais positivas, mais autênticas a respeito da individualidade do Cristo e sua respectiva missão. No entanto, duvidavam sempre. A doutrina do Divino Mestre, cujos postulados ficaram comprovados à luz insofismável dos fatos, foi e continua sendo rejeitada; foi e continua sendo, para muita gente, assunto controvertido. [...].¹¹

18.2 JESUS RETIRA-SE DE NOVO PARA O OUTRO LADO DO JORDÃO (JO 10:40 A 42)¹²

⁴⁰Ele partiu de novo para o outro lado do Jordão, para o lugar onde João havia anteriormente batizado, e aí permaneceu. ⁴¹Muitos vinham a ele e diziam: “João não fez sinal algum, mas tudo o que João disse sobre ele era verdade”.

⁴²E muitos, aí, creram nele.

Após os acontecimentos no Templo de Jerusalém, Jesus se afasta dos seus debatedores por compreender que eles ainda não estavam espiritualmente preparados para ouvir as “palavras de vida eterna”. Aquelas pessoas ainda se encontravam prisioneiras de pontos de vistas, algemadas às tradições que não lhes permitiam alçar voos em busca da sabedoria oferecida pelo Reino de Deus. Um longo e laborioso trabalho de desapego das coisas

transitórias da matéria, dos conceitos e interpretações literais deveria ser realizado a partir daquele instante A semente fora plantada. Era o essencial por enquanto. Joanna de Ângelis aconselha como agir assertivamente:

Acautela-te a respeito de qualquer tipo de apego. Aprende a despojar-se de tudo quanto pese negativamente na tua economia espiritual.

Existem valores que têm o significado que lhe atribuis, não passando de carga demasiado pesada para ser conduzida.

Da mesma forma, sentimentos perturbadores e paixões dissolventes que te preenchem os espaços emocionais, aturdindo-te e impossibilitando-te o crescimento interior vigem, enquanto são sustentados pela mente em desalinho. Se forem considerados como pesos injustificável, logo se diluem cedendo campo a ideias felizes e aspirações libertadoras. [...].

Inicia a tua experiência de despojamento, abrindo mão de disputas inúteis, muitas vezes mesquinhas, que arrastam multidões a incessantes disparates. Com essa atitude emocional superarás questiúnculas e desafios infantis, caprichos e sentimentos de mágoas, de inferioridade ou de superioridade, aos quais te aprisionas por orgulho ou presunção, descobrindo a felicidade de viver com equilíbrio.¹³

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 10:22-42, p. 1.576.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 10:22-39, p. 1.870 e 1.871.
- 3 FRANCO, Divaldo Pereira. *Diretrizes para o êxito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2016. cap. 1, p. 15.
- 4 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, it. Chanucá, p. 287.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 2 – *Pensa um pouco*.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 42 – *Marcos indelévels* [mensagem de Emmanuel].
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília: FEB, 2021. q. 288.

- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Há flores no caminho*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 9. ed. Salvador, DF: LEAL, 2015. cap. 21, p. 132.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 10:34. Nota de rodapé “h”, p. 1.870.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 302.
- 11 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *Provas externas e internas*.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 10:40-42, p. 1.871.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Diretrizes para o êxito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2016. cap. 32, p. 187 e 189.

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (JO 11:1 A 44)

Entre as ressurreições realizadas por Jesus, a de Lázaro é a mais conhecida e divulgada no meio cristão; é considerada um dos maiores prodígios realizados por Jesus, ao lado da multiplicação de pães e peixes e do andar sobre as águas. O fato de ser algo excepcional e insólito não significa que seja sobrenatural e também a derrogação das Leis da Natureza, como ensina certas interpretações teológicas antropomórficas. Allan Kardec pondera a respeito:

[...] No entender das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das Leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. Tal é, com efeito, a sua acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora se aplica às circunstâncias ordinárias da vida.

Uma das características dos milagres propriamente ditos é o fato de ser inexplicável, realizando-se, por isso mesmo, com exclusão das Leis Naturais. E tanto essa é a ideia que se lhe associa que, se um fato miraculoso vem encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por mais surpreendente que seja. O que, para a Igreja, confere valor aos milagres é justamente a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. [...].¹

À luz da fé raciocinada, não deixa de ser um contrassenso supor que Deus precisa demonstrar o seu poder aos homens, inclusive derrogar as Leis por Ele mesmo criadas. Tal forma de pensar é muito reducionista, semelhante às ideias descritas pela mitologia, sobretudo a greco-romana. Kardec indaga, a propósito:

[...] Mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais eloquente pelo grandioso conjunto das obras da Criação, pela sábia providência que essa Criação revela, tanto nas mais gigantescas quanto nas mais insignificantes, e pela harmonia das leis que regem o mecanismo do Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestidigitadores sabem imitar? [...]

A questão dos milagres propriamente ditos não é, pois, da alçada do Espiritismo; mas, ponderando que Deus não faz coisas inúteis, a Doutrina

emite a seguinte opinião: *Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário interrogá-las.* Se há fatos que não compreendemos, é que ainda nos faltam os conhecimentos necessários.²

A ressurreição de Lázaro, contudo, é plenamente explicada pela Ciência, como veremos em seguida.

19.1 A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (JO 11:1 A 44)³

¹Havia um doente, Lázaro, de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. ²Maria era aquela que ungiu o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente. ³As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus: “Senhor, aquele que amas está doente”. ⁴A essa notícia, Jesus disse: “Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus”. ⁵Ora, Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro. ⁶Quando soube que este se achava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar em que se encontrava; ⁷só depois, disse aos discípulos: “Vamos outra vez até a Judeia!” ⁸Seus discípulos disseram-lhe: “Rabi, há pouco os judeus procuravam apedrejar-te e vais outra vez para lá?” ⁹Respondeu Jesus: “Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; ¹⁰mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele”. ¹¹Disse isso e depois acrescentou: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo”. ¹²Os discípulos responderam: “Senhor, se ele está dormindo, se salvará!” ¹³Jesus, porém, falara de sua morte e eles julgaram que falasse do repouso do sono. ¹⁴Então Jesus lhes falou claramente: “Lázaro morreu. ¹⁵Por vossa causa, alegro-me de não ter estado lá, para que creiais. Mas vamos para junto dele!” ¹⁶Tomé, chamado Dídimo, disse então aos outros discípulos: “Vamos também nós, para morrermos com ele!” ¹⁷Ao chegar, Jesus encontrou Lázaro já sepultado havia quatro dias. ¹⁸Betânia ficava perto de Jerusalém, a uns quinze estádios. ¹⁹Muitos judeus tinham vindo até Marta e Maria, para as consolar da perda do irmão. ²⁰Quando Marta soube que Jesus chegara, saiu ao seu encontro; Maria, porém, continuava sentada, em casa. ²¹Então, disse Marta a Jesus: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. ²²Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá”. ²³Disse-lhe Jesus: “Teu irmão ressuscitará”. ²⁴“Sei, disse Marta, que ele ressuscitará na ressurreição, no último dia!” ²⁵Disse-lhe Jesus: “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. ²⁶E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Crês nisso?” ²⁷Disse ela: “Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo”. ²⁸Tendo dito isso, afastou-se e chamou sua irmã Maria, dizendo baixinho: “O Mestre está aqui e te chama!” ²⁹Esta, ouvindo isso, ergueu-se logo e foi ao seu encontro. ³⁰Jesus não entrara ainda no povoado, mas estava no lugar em que Marta o

fora encontrar.³¹ Quando os judeus, que estavam na casa com Maria, consolando-a, viram-na levantar-se rapidamente e sair, acompanharam-na, julgando que fosse ao sepulcro para aí chorar.³² Chegando ao lugar onde Jesus estava, Maria, vendo-o, prostrou-se a seus pés e lhe disse: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido”.³³ Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado.³⁴ E perguntou: “Onde o colocastes?” Responderam-lhe: “Senhor, vem e vê!”³⁵ Jesus chorou.³⁶ Diziam, então, os judeus: “Vede como ele o amava!”³⁷ Alguns deles disseram: “Esse, que abriu os olhos do cego, não poderia ter feito com que ele não morresse?”³⁸ Comoveu-se de novo Jesus e dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, com uma pedra sobreposta.³⁹ Disse Jesus: “Retirai a pedra!” Marta, a irmã do morto, disse-lhe: “Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!”⁴⁰ Disse-lhe Jesus: “Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?”⁴¹ Retiraram, então, a pedra. Jesus ergueu os olhos para o alto e disse: “Pai, dou-te graças porque me ouviste.”⁴² Eu sabia que sempre me ouves; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste”.⁴³ Tendo dito isso, gritou em alta voz: “Lázaro, vem para fora!”⁴⁴ O morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: “Desatai-o e deixai-o ir”.

Betânia é a localidade onde acontece os eventos registrados por João nesta passagem evangélica: uma pequena vila do passado, que ainda existe, com uma população atual de 726 pessoas, situada na Judeia, do outro lado do Monte das Oliveiras, cerca de 15 estágios, 2.775 metros, isto é, quase 3 quilômetros de Jerusalém, na estrada para Jericó.^{4,5} Nessa aldeia, viviam os três amigos de Jesus (v. 5), os irmãos Marta, Maria e Lázaro. Ali também fora o palco onde Jesus foi ungido por uma mulher (Mc 14:3 a 9), identificada por João como Maria, irmã de Lázaro e Marta: *Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos [...]* (Jo 11:2).

A ressurreição de Lázaro é, ainda hoje, considerada um fato miraculoso ou extraordinário, a despeito da Ciência disponibilizar explicações racionais. Em geral, os estudiosos da área médica, da Psicologia e/ou da Parapsicologia denominam a ocorrência de *Experiência de Quase-morte* (EQM): “O relato das percepções de pessoas que vivenciaram situações que as levaram às portas da morte [...]”.⁶ A despeito do corpo físico revelar aparência de morte, a ponto de, clinicamente, o indivíduo ser declarado morto, sabe-se hoje que durante a experiência extracorpórea (quase-morte) o Espírito permanece lúcido, a ponto de relatar as experiências vividas nos dois planos da vida, após o seu retorno ao corpo físico, que, de forma sintética, pode ser assim expressa: “Experiência concernente à percepção de estar fora do seu próprio corpo e em condições de observá-lo.

A sensação é a de que a mente e a alma se afastaram e que o corpo, na verdade, está atuando por conta própria”.⁷

Os esclarecimentos científicos admitem que Lázaro encontrava-se em um estado avançado de *coma* ou de *sono profundo*: “Estupor profundo e anormal, que ocorre em certas enfermidades, em decorrência dessas enfermidades ou de alguma lesão. O paciente não pode ser despertado por estímulos externos. [...]”⁸ As causas do coma são as mais variadas: pressão alta (hipertensão); trombose (coágulos que impedem o fluxo sanguíneo nas veias ou artérias); tumores; infecções; efeitos de medicamentos e drogas; traumas etc.⁸

Há outras condições similares que poderiam também justificar o estado de morte aparente de Lázaro: uma delas seria a *catalepsia* – “diminuição generalizada da resposta (reatividade), que se caracteriza comumente como um estado similar ao transe”⁹ A outra seria a *letargia*: “condição de torpor ou de lentidão funcional; estupor. [...] O indivíduo sabe o que está passando, pode sofrer seus efeitos, mas é incapaz de exercer suficiente força de vontade para a promoção de uma defesa muscular”¹⁰ Importa considerar, porém, que todas essas manifestações clínicas de coma profundo (quase-morte, catalepsia e letargia), são consequências de enfermidade prévia como, aliás, bem assinala o evangelista:

Havia um doente, Lázaro, de Betânia, povoado de Maria e de sua irmã Marta. Maria era aquela que ungira o Senhor com bálsamo e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Seu irmão Lázaro se achava doente. As duas irmãs mandaram, então, dizer a Jesus: “Senhor, aquele que amas está doente”. A essa notícia, Jesus disse: “Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus” (Jo 11:1 a 4).

À época de Jesus, mesmo por séculos posteriores, o entendimento religioso e científico a respeito das enfermidades, da morte e das ressurreições eram muito precários. Esse conhecimento é adquirido pela Humanidade de forma paulatina, sobretudo a partir do século XX. Daí Allan Kardec assinalar:

O fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto seria totalmente contrário às Leis da Natureza e, portanto, milagroso. Ora, não é preciso que se recorra a essa ordem de fatos para que se tenha a explicação das ressurreições realizadas pelo Cristo. Se, mesmo na atualidade, as aparências às vezes enganam os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles e onde o sepultamento era imediato. [...].¹¹

Os 44 versículos dessa passagem evangélica, objeto de nosso estudo, apresentam as seguintes ideias principais: Lázaro vivia em Betânia com suas irmãs Marta e Maria, e estava doente (v. 1). Jesus, que se encontrava em outra cidade, foi avisado a respeito (v. 3), mas só chegou em Betânia dois dias depois (v. 6) e, de imediato, afirmou que Lázaro não estava morto, que dormia, e que Ele, Jesus, iria despertá-lo (v. 11). Contudo, Lázaro estava sepultado há quatro dias (v. 17), dentro de uma gruta, com sinais indicativos de que o corpo já se encontrava em processo de decomposição (v. 38 e 39). Chegando ao local, Jesus pediu que removessem a pedra da entrada da gruta (v. 41) e, do lado de fora, emitiu poderoso brado: *Lázaro, vem para fora!* (v. 43). E o considerado morto saiu, tendo as mãos e pés enfaixados e o rosto coberto por um sudário ou mortalha, na forma como fora sepultado (v. 44).

O que se destaca no texto é, sem dúvida, a ressurreição de Lázaro que, para o Judaísmo, tinha o mesmo significado de reencarnação. Trata-se de uma interpretação equivocada, como ensina o Codificador do Espiritismo:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. [...].¹²

Independentemente da causa geradora, Lázaro tinha uma enfermidade (v. 3) que o conduziu ao coma profundo, ainda que, quando Jesus recebera a notícia Ele tenha afirmado, mesmo encontrando-se em outra cidade: *A essa notícia, Jesus disse: Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus* (Jo 11:4). O retorno de Lázaro ao corpo foi um feito excepcional, repetimos, principalmente porque o seu Espírito estava em processo avançado de desligamento corporal, em processo de decomposição, evidenciado pelos maus odores expelidos, como assinala João, 11:39: *Disse Jesus: Retirai a pedra! Marta, a irmã do morto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal: é o quarto dia.*

Considerando-se o poder fluídico que Jesus possuía, nada há de espantoso em que esse fluido vivificante, dirigido por uma vontade poderosa, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar o Espírito ao corpo, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritico ainda não se rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo que tão logo deixasse de respirar, havia ressurreição em casos tais, de modo que o afirmavam de muito boa-fé; contudo, o que havia na realidade era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo.¹³

Esta outra judiciosa análise de Kardec é atualíssima, sobretudo quando se considera os avanços científicos atuais:

Quanto à ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, não infirma de modo algum esse princípio. Dizem que ele já estava no sepulcro há quatro dias; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, visto que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida. Aliás, quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas como sabia disso? Ela apenas o supunha, pois que Lázaro estava enterrado há quatro dias; entretanto, não podia ter nenhuma certeza desse fato.¹⁴

Parece-nos oportuno assinalar que a ressurreição de Lázaro só foi possível porque os judeus não tinham o hábito de sepultar os mortos, seguindo a tradição estipulada desde a era dos patriarcas, que consistia na lavagem e preparação do corpo, sem embalsamamento, como era usual entre os egípcios, por acreditarem que os corpos mortos deveriam seguir a lei natural da decomposição e voltar ao pó. No entanto, como a decomposição orgânica produz odores desagradáveis, os israelitas neutralizavam essa ação envolvendo o corpo do defunto com panos umedecidos em perfumes, essências e óleos aromáticos. Além disso, cercavam o corpo do falecido com especiarias. Periodicamente, durante aproximadamente um ano, faziam visitas para renovar as especiarias e perfumes. O corpo sem vida era, então, colocado sobre uma laje no interior de uma gruta e, cessada a decomposição, recolhiam os ossos e os guardavam em uma caixa de cerâmica que eram depositadas em um túmulo ou caverna. Ali encontravam inúmeras outras caixas ossuárias, como atestam as descobertas arqueológicas.¹⁵

Como fechamento do estudo, enfatizamos o conteúdo do último versículo do texto evangélico: *O morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: Desatai-o e deixai-o ir* (Jo 11:44). O significado espiritual dessa ordenação do Mestre Nazareno é sabiamente interpretado por Emmanuel, e a respeito da qual merece profunda reflexão:

Como Lázaro¹⁶

E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir. (João, 11:44.)

O regresso de Lázaro à vida ativa representa grandioso símbolo para todos os trabalhadores da Terra.

Os criminosos arrependidos, os pecadores que se voltam para o bem, os que “trincaram” o cristal da consciência, entendem a maravilhosa característica do verbo recomeçar.

Lázaro não podia ser feliz tão só por revestir-se novamente da carne perecível, mas, sim, pela possibilidade de reiniciar a experiência humana com valores novos. E, na faina evolutiva, cada vez que o espírito alcança do Mestre Divino a oportunidade de regressar à Terra, ei-lo desenfaixado dos laços vigorosos... exonerado da angústia, do remorso, do medo... A sensação do túmulo de impressões em que se encontrava, era venda forte a cobrir-lhe o rosto...

Jesus, compadecido, exclamou para o mundo: “Desligai-o, deixai-o ir.”

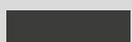
Essa passagem evangélica é assinalada de profunda beleza.

Preciosa é a existência de um homem, porque o Cristo lhe permitiu o desligamento dos laços criminosos com o pretérito, deixando-o encaminhar-se, de novo, às fontes da vida humana, de maneira a reconstituir e santificar os elos de seu destino espiritual, na dádiva suprema de começar outra vez.

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 13, it. 1.
- 2 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 13, it. 15.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 11:1-44, p. 1.871 a 1.873.
- 4 Disponível em: <https://bibliaanotada.com.br/significado/estadio-pesos-e-medidas> Acesso em: 2 jun. 2022.
- 5 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vila Nova, 2006. verbete: Betânia, p. 162.
- 6 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. ilustr. 1. Edição brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Quase-morte, experiência de, p. 1.483.

- 7 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. ilustr. 1. Edição brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Extracorpórea, experiência, p. 694.
- 8 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. ilustr. 1. Edição brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Coma, p. 374.
- 9 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. ilustr. 1. Edição brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Catalepsia, p. 285.
- 10 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. ilustr. 1. edição brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Letargia, p. 1.019.
- 11 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 39.
- 12 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 4, it. 4.
- 13 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15. it. 39.
- 14 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15. it. 40.
- 15 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 23, its. Os funerais, O sepultamento na era dos patriarcas, O embalsamamento, Panos de linho e especiarias, O caixão, p. 306 a 308.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 112.



PARTE VI

Fim do Ministério Público e preliminares da última Páscoa

OS CHEFES JUDEUS DECIDEM A MORTE DE JESUS. A APROXIMAÇÃO DA PÁSCOA (JO 11:45 A 57)

O capítulo 11 de o *Evangelho segundo João* encerra-se com a decisão da morte de Jesus, defendida por representantes do clero judaico em razão do apoio direto recebido do ex-sumo sacerdote Caifás, o qual argumentou que seria preferível sacrificar uma só vida do que toda a nação (v. 50). Tal decisão, que reflete a declarada limitação moral dos envolvidos, não deixa de surpreender, mesmo considerando a época e os costumes, visto que em qualquer cultura, os sacerdotes são considerados orientadores espirituais. Na verdade, o fato que desencadeou essa decisão final foi a ressurreição de Lázaro, tendo em vista a seguinte sequência de ações:

João apresenta várias reações diferentes a esse sinal. Alguns acreditam (v. 45); alguns relatam o incidente às autoridades (v. 46); os fariseus discutiram o assunto no Sinédrio e decidiram planejar a morte de Jesus (v. 47-53); enquanto o próprio Jesus se retirou para o deserto. Nem mesmo um sinal tão notável como esse [ressurreição de Lázaro] convenceria os que estavam decididos a não acreditar. A discussão do Sinédrio concentrou-se nos sinais milagrosos. Eles não estavam questionando o fato de Jesus estar operando sinais; o receio deles era que *todos* (com exceção deles mesmos) acreditassem em Jesus. A pergunta: *Que estamos fazendo?* (v. 47) era uma pergunta retórica, cuja resposta era “nada”. Mas seu receio mais profundo eram os romanos (v. 48). O conceito que eles tinham de pessoas crerem em Jesus era dominado por considerações políticas. [...].¹

20.1 OS CHEFES JUDEUS DECIDEM A MORTE DE JESUS (JO 11:45 A 54)²

⁴⁵Muitos dos judeus que tinham vindo à casa de Maria, tendo visto o que ele fizera, creram nele. ⁴⁶Mas alguns dirigiram-se aos fariseus e lhes disseram o que Jesus fizera. ⁴⁷Então, os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram o

Conselho e disseram: “Que faremos? Esse homem realiza muitos sinais. ⁴⁸Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação”. ⁴⁹Um deles, porém, Caifás, que era Sumo Sacerdote naquele ano, disse-lhes: “Vós de nada entendeis. ⁵⁰Não compreendeis que é de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda?” ⁵¹Não dizia isso por si mesmo, mas sendo Sumo Sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus iria morrer pela nação⁵² – e não só pela nação, mas também para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos. ⁵³Então, a partir desse dia, resolveram matá-lo. ⁵⁴Jesus, por isso, não andava em público, entre os judeus, mas retirou-se para a região próxima do deserto, para a cidade chamada Efraim, e aí permaneceu com os seus discípulos.

A análise, ainda que breve, dessa passagem evangélica evidencia que a sentença de morte foi a opção para eliminar adversários. Condição que permanece nos dias atuais. A gravidade da situação revela-se maior quando a ideia de morte de alguém procede de pessoas consideradas condutores espirituais. O apego às coisas transitórias da existência, como posses materiais, posições e cargos, alucinam, de certa forma, alguns indivíduos cujas ações vêm, há séculos, produzindo derramamentos de sangue, perseguições e muitos sofrimentos. Com muita clareza, João revela como os interesses pessoais e políticos podem conduzir o ser humano ao crime, alcançando, inclusive, pessoas que estão praticando o bem. E tem mais:

A narrativa aqui apresentada, pois, é clímax de uma série de sinais operados pelo Senhor Jesus, descreve o dom supremo que o *Logos* pode propiciar aos homens. Jesus já fora exposto como o Bom Pastor, mas aqui ele aparece como a “ressurreição e vida”, como o despenseiro da “vida necessária”, a vida de Deus, aos homens [...].³

Destaca-se no texto evangélico a posição de Caifás, representante do poder supremo da religião judaica que, não só aprovou a morte de Jesus como incentivou o clero e seguidores a agirem sem demora, apresentando-lhes o seguinte argumento: “[...] Vós não percebeis que convém que um só homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação. Embora tenha dito isso motivado simplesmente pela autopreservação [...]”⁴, nada havia de espiritual ou de benevolência nessa atitude, refletindo, apenas, uma decisão política! Mas, afinal, quem foi Caifás que agiu de forma tão imprudente, desencadeando o processo que conduziria à morte de Jesus?

Por meio de Josefo, historiador judeu, aprendemos que Caifás sobreviveu na função de sumo sacerdote (cargo político) por quase dezoito anos. Seu sogro Anás, o supremo líder religioso antes dele, provavelmente manteve uma influência considerável, enquanto o genro esteve no cargo.

Isso explica a estranha referência de *Lucas* (3:2), a qual dá a entender de que ambos ocupavam a posição de sumo sacerdote. Essa relação provavelmente reflete o aspecto político da situação, na qual Anás era considerado o poder por trás do “trono”.⁴

A propósito, recorda-nos o benfeitor Emmanuel que “O campo de luta permanece em nossa vida íntima. Animalidade *versus* espiritualidade. Milênios de sombras cristalizadas contra a luz nascente”.⁵ E complementa:

E o homem, pouco a pouco, entre as alternativas de vida e morte, renascimento no corpo e retorno à atividade espiritual, vai plasmando em si mesmo as qualidades indispensáveis à ascensão, que, no fundo, constituem as virtudes do Cristo, progressivas em cada um de nós.

Daí a razão de a Luz Divina ocupar a existência humana ou crescer dentro dela, à medida que os dons de Jesus, incipientes, reduzidos, regulares ou enormes, nela se possam expressar.⁶

Começam, naquele momento, os preparativos e ações que conduziriam Jesus à morte por crucificação que, mesmo se mantendo a distância, acompanhava tudo. O Senhor percebe, então, que outro tipo de ensinamento deveria ser transmitido aos homens:

[...] Até aqui ele pregou as leis da fraternidade, do amor a Deus e ao próximo e ensinou como socorrer espiritualmente aos deserdados do mundo. Agora ele exemplificaria como perdoar aos inimigos, como orar pelos que perseguem e caluniam, como cada um deverá carregar pacientemente sua cruz e como ser obediente aos desígnios do Altíssimo.

No sofrimento de Jesus não há fatalidade; se ele o quisesse poderia evitá-lo. Ele tinha o seu livre-arbítrio, e dependia apenas dele aceitar ou repelir a prova que o Altíssimo lhe oferecia.⁷

As lições que Jesus transmite à humanidade terrestre indicam que, em quaisquer circunstâncias, somente a prática do bem conduz à plenitude espiritual. Entretanto, recorda também que a ascensão do Espírito não o isenta das provações, que são valorosos mecanismos definidos por Deus para o aprendizado e reparação dos atentados à Leis Divinas:

Diariamente vemos pessoas rejeitarem as provas que lhes estão destinadas; é verdade que o que devemos, embora o resgate seja protelado momentaneamente, voltará mais tarde, às vezes em circunstâncias desfavoráveis; as consequências dos atos de vidas anteriores não podem ser preteridas indefinitivamente; um dia terão de ser resolvidas.

Com muito mais facilidade Jesus poderia livrar-se, tanto mais que ele nada devia de existências anteriores, preferiu sujeitar-se à vontade de Deus, a fim de beneficiar pelo exemplo aos sofrendores da Terra. [...].⁷

Ante o desenrolar das ações descritas e prevendo os acontecimentos futuros, o Mestre Nazareno afasta-se do ruído das murmurações, como consta em *João* (11:54): *Jesus, por isso, não andava em público, entre os judeus, mas retirou-se para a região próxima do deserto, para a cidade chamada Efraim, e aí permaneceu com os seus discípulos.* Em relação a Efraim, cidade situada em uma área montanhosa, temos as seguintes informações:

Essa região é mencionada em 32 trechos diferentes do Antigo Testamento. [...]. A região referida ficava bem no centro da Palestina, ocupada pela tribo de Efraim, o que lhe explica o nome. Mas também tinha outros nomes, como *montanhosa de Israel* (Js 11:21) e *montes de Samaria* (Am 3:9). Josué foi sepultado naquelas colinas, em *Timinade-Herea*, no lado norte do monte *Gaás* (Jz 2:9). A expressão “região montanhosa de Efraim” refere-se à cadeia *central* dos montes da Samaria, da mesma maneira que todo o tabuleiro de Judá era chamado de “região montanhosa de Judá” [...].⁸

Para concluir esse assunto que trata do julgamento moral de Jesus e as consequências daí decorrentes, a benfeitora Joanna de Ângelis pondera:

Não poucas vezes Jesus foi convidado a enfrentar esses tecelões da injúria e da desdita alheia, caracterizados pela sordidez da hipocrisia sem disfarce, na qual ocultavam os seus sentimentos reais, sempre prontos para acusar, desferindo golpes impiedosos contra todos aqueles que lhes estivessem sob injunção da observação perversa.

[...]

Os fariseus celebrizaram-se por essa capacidade sórdida, buscando equipar-se de conhecimentos na *Torá* e nos demais livros *sagrados* [...], para melhor se imiscuírem na observação dos atos que diziam respeito ao próximo, formalistas e ríspidos, não obstante interiormente como um sepulcro, *todo podridão* conforme acentuou Jesus em ocasião própria.

Ainda permanece essa conduta soez em todos os segmentos da sociedade, particularmente nos grupamentos religiosos, nos quais, aqueles que se sentem incapazes de crescer, por acomodação mental ou incapacidade moral, tornam-se agudos vigias dos irmãos que os ultrapassam e não merecem perdão, por estarem libertando-se da *sombra* que eles ainda sequer identificaram...⁹

20.2 A APROXIMAÇÃO DA PÁSCOA (JO 11:55 A 57)¹⁰

⁵⁵Ora, a Páscoa dos judeus estava próxima, e muitos subiram do campo a Jerusalém, antes da Páscoa, para se purificarem. ⁵⁶Eles procuravam Jesus e, estando no Templo, diziam entre si: “Que pensais? Virá ele à festa?” ⁵⁷Os chefes dos sacerdotes e os fariseus, porém, tinham ordenado que quem soubesse onde Jesus estava, o indicasse, para que o prendessem.

A Páscoa dos judeus é uma festividade tradicional que se reporta à época da libertação da escravidão no Egito. Segundo a tradição, ocorreu terrível praga ou doença que conduziu à morte os primogênitos varões. A história, passada de geração em geração, pode ser assim resumida:

Essa festa é de grande importância. Sua origem acha-se profundamente ligada à história do povo de Israel. Está presente em todo o período do Antigo Testamento, tendo-se estendido à era cristã, onde veio a constituir as bases do culto da igreja primitiva.

Data. Era uma festa celebrada no dia 14 do mês nisã. Em nosso calendário isso corresponde a um período nos meses de março e abril.

A razão. A grande importância histórica dessa festa se encontra no êxodo, o ato redentor de Deus, pelo qual Israel se tornou povo dele. Deus instruíra aos israelitas a que passassem sangue nos umbrais das portas para que não sofressem a praga da matança dos primogênitos. Além disso, dera instruções detalhadas sobre como comer o carneiro e o cabrito. E naquela noite, Deus passou por todo o Egito e matou todos os primogênitos do sexo masculino, de homens e animais. Mas não entrou nas casas que cuja porta estava marcada com sangue, e nelas ninguém morreu. Então os israelitas passaram a observar essa festa, o principal marco de sua libertação e da proteção divina.¹¹

Em síntese, o texto joanino informa que, devido à decisão proferida pelos chefes dos sacerdotes de aprisionar Jesus (v. 57), uma multidão deslocou-se para Jerusalém (v. 55) por ocasião da Páscoa, mas muitos tinham dúvidas se Jesus apareceria (v. 56). Destacamos, aliás, as indagações desses últimos: *Eles procuravam Jesus e, estando no Templo, diziam entre si: Que pensais? Virá ele à festa?* (v. 56). Carlos Torres Pastorino faz os seguintes comentários a respeito, proferindo esta profunda e significativa indagação para todos nós: *Onde está Jesus?*

A demora do Mestre com Seus discípulos, em Efraim, não foi longa, pois estava próxima a festa da páscoa, a terceira narrada por João (cfr. 2:13 e 6:4 ss.). A entrada em Jerusalém se daria por Betânia, pois Jesus seguia normalmente a estrada que vinha de Jericó.

[...]

E nesse burburinho de gente de todas as partes, uma preocupação sobressaía a tudo: viria Jesus? Sempre apareceria em Jerusalém esse profeta, de porte régio, majestoso em sua simplicidade. Mas desta vez, a nota dominante era a exigência do Sinédrio: sua cabeça estava “a prêmio”; quem O visse era obrigado a denunciá-Lo.

[...]

Virá o Mestre? Quando virá? Como aparecerá? Quanto tempo demorará conosco? A expectativa gera ansiedade, e esta perturba profundamente a

percepção da chegada do Mestre que, talvez, já esteja presente, ajudando apenas a pacificação silenciosa interior, para fazer finalmente ouvir Sua voz.¹²

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap.11, it. 11:45-57, p. 1.579.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 11:45-54, p. 1.873.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 11, it. “c”. A ressurreição de Lázaro, p. 594.
- 4 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Caifás, p. 106.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Nós. Pelo Espírito Emmanuel*. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: CEU, 2022. cap. 4 – *Os dons do Cristo*.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Nós. Pelo Espírito Emmanuel*. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: CEU, 2022. cap. 4 – *Os dons do Cristo*.
- 7 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 26, p. 182.
- 8 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Efraim, p. 498.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e o evangelho: à luz da psicologia profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 2000. cap. *Julgamentos*, p. 82 e 83.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 11:55-57, p. 1.873.
- 11 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, it. Páscoa, p. 277 e 278.
- 12 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. v. 6. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969. cap. *Onde está Jesus?*, p. 181.

A UNÇÃO DE BETÂNIA. ENTRADA MESSIÂNICA DE JESUS EM JERUSALÉM (JO 12:1 A 19)

Os acontecimentos singulares que assinalam os momentos finais da passagem de Jesus no plano físico são definidos por comportamentos ambivalentes: há sinceras demonstrações de amor e gratidão a Ele, mas também ações de repúdio, intrigas e perseguições. Esse quadro não deixa de refletir o processo civilizatório humano, assinalado pelos aprendizados intelectuais e morais, cujas ações felizes e infelizes alcançam o Espírito imortal, a curto, médio e longo prazos. Tais comportamentos oscilantes e até contraditórios indicam que o discernimento entre o bem e o mal é precário. Quando o ser humano entender, efetivamente, o que é moral, saberá agir, em quaisquer circunstâncias, com maturidade espiritual. Daí orientadores da Codificação Espírita ensinarem:

“A moral é a regra de bem proceder, isto é, a distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem, quando faz tudo pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus.”¹

Esse discernimento, porém, não se adquire de imediato, é obra do tempo, desenvolvido ao longo das reencarnações sucessivas. É necessário, pois, que o ser humano aprenda a distinguir o bem e o mal, para que possa praticar a Lei de Deus, assim entendida: “O bem é tudo o que é conforme a Lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a Lei de Deus. Fazer o mal é infringir essa lei”.²

Por tudo compreender com perfeição, cada palavra ou ação de Jesus traziam um significado preciso, no tempo e no espaço, agindo com todos, amigos e adversários, concedendo-lhes o tempo necessário para o devido crescimento espiritual. Em linhas gerais, estas são as ideias que permeiam o entendimento da passagem evangélica, objeto deste estudo, que o Evangelista João registrou em dois episódios: unção de Betânia e entrada triunfal em

Jerusalém. Destacamos, em seguida, outros pontos significativos do texto joanino:

O episódio da unção em Betânia é importante devido à sua ligação com o milagre da ressurreição de Lázaro. A referência ao tempo específico (*seis dias antes da Páscoa* – v. 1) deve ser importante para João e pode ser comparada aos seis dias registrados no começo do ministério. O frasco de *bálsamo de nardo puro* deve ter sido uma quantidade extremamente cara de unguento, como fica claro pela estimativa de Judas de que seu custo equivaleria ao salário de um ano. É provável que o unguento fosse perfume líquido [...]. Embora ungir a cabeça fosse um procedimento normal (como registrado em Mt 26:7; Mc 14:3), pode ser significativo o fato de João registrar a unção dos pés. [...].³

Quanto à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, o episódio revela de forma indelével a superficialidade dos aplausos e louvores da multidão: naquele dia, Jesus era reverenciado, aplaudido e louvado. Pouco tempo depois, manobrado pelo clero e apoiadores, o povo opta pela morte de Jesus:

Nesse período da Páscoa as multidões chegavam a ser imensas. O desejo da multidão de saudar a Jesus contrastava novamente com a atitude da facção oficial. O costume de usar *ramos de palmeiras* originou-se com a Festa dos Tabernáculos, mas por essa época também eram utilizados em outras festas. Saudar alguém acenando com ramos era um sinal de honra para uma pessoa vitoriosa. O cântico *Hosana* vem dos Salmos 118:25-26, que era um dos salmos cantados na peregrinação para Jerusalém. O título de *Rei de Israel* mostra claramente a importância do cântico messiânico.⁴

A lição moral que o evangelista nos traz indica que, perante a nossa peregrinação cristã, podemos até ser assaltados por dúvidas em razão do pouco entendimento que ainda possuímos, mas jamais vacilar quanto ao testemunho sincero de que o Cristo é o nosso Guia e Modelo, como aconselha o benfeitor espiritual:

Se aceitaste o Evangelho por abençoado roteiro de aperfeiçoamento, não te esqueças da representação que nos cabe em toda parte.

A fé nos confere consolação, mas nos reveste de responsabilidade a que não podemos fugir.

Somos embaixadores de Jesus onde estivermos, se a Luz d'Ele é o clarão que nos descortina o futuro.

Não te esqueças de semelhante realidade para que a tua experiência religiosa não se reduza a simples adoração improdutiva.⁵

21.1 A UNÇÃO DE BETÂNIA (JO 12:1 A 11)⁶

¹Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. ²Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. ³Então Maria, tendo tomado uma libra de um perfume de nardo puro, muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos; e a casa inteira ficou cheia do perfume do bálsamo. ⁴Disse, então, Judas Iscariotes, um de seus discípulos, aquele que o entregaria: ⁵“Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários” para dá-los aos pobres?” ⁶Ele disse isso, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto. ⁷Disse então Jesus: “Deixa-a; ela conservou esse perfume para o dia da minha sepultura!” ⁸Pois sempre tereis pobres convosco; mas a mim nem sempre tereis.” ⁹Uma grande multidão de judeus, tendo sabido que ele estava ali, veio, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos. ¹⁰Os chefes dos sacerdotes decidiram, então, matar também a Lázaro, ¹¹pois, por causa dele, muitos judeus se afastavam e criam em Jesus.

Esse registro evangélico nos faz compreender que ocorreram dois relatos de unção a Jesus: um na Galileia, sendo a unção realizada por uma mulher, considerada pecadora e penitente, conforme o registro de *Lucas* (7:37 e 38); outro, aqui anotado (v. 3), cujo feito cabe a Maria de Betânia, irmã de Lázaro e Marta. Em ambas as situações, o sentido espiritual é o mesmo: reverência, atenção, gratidão, amor e respeito a Jesus, pois a ação de ungir era para a tradição do Judaísmo uma prática considerada sagrada ou santa, porque trazia o sentido implícito do “derramamento” do Espírito de Deus sobre a pessoa unvida. Era por esse motivo que os doentes eram unvidos com azeite, como relata *Tiago* (5:14), a fim de receberem as bênçãos de Deus. Dessa forma, a unção era realizada em situações especiais, demonstrando-se grande devoção e cuidados a alguém.⁷

A unção realizada por Maria, utilizando o perfume de nardo puro (v. 3), foi, a despeito da crítica de Judas (v. 4 e 5), considerada por Jesus como um simbolismo representativo do seu sepultamento (v. 7), que vemos, hoje, estava próximo. Talvez Maria tivesse alguma intuição a respeito, considerando a decisão do Sinédrio de prender Jesus. O certo é que ela, segundo a tradição, deveria acreditar que Deus estaria abençoando o Senhor, a quem tanto amava e era devotada, assim como os seus irmãos Lázaro e Marta.

O fragrante óleo-essência obtido da *Nardostachys jatamansi*, uma planta perene da família da valeriana, mas dotada de raízes ainda mais perfumadas. É nativa do norte da Índia, onde até hoje é usada para perfumar os cabelos. Nos tempos bíblicos, o nardo era importado em recipientes selados

de alabastro, que só eram abertos em ocasiões especiais (Mc 14:3; Jo 12:3). Em Ct 1:12; 4:13 s., temos referência ao nardo como um perfume. O nardo do NT era descrito como *pistiche*, um termo obscuro que provavelmente significa “genuíno”, “puro”.⁸

A multidão de judeus que se encontrava em Betânia seguira Jesus, porém estava mais curiosa em ver Lázaro, o ressuscitado, como consta em *João* (12:9). Assim, a despeito das frequentes referências à família de Betânia, entendemos ser importante transmitir algumas informações biográficas relacionadas aos três irmãos que “[...] estavam entre os mais próximos de Jesus”, refletindo que ações no bem podem representar causa de discórdias entre Espíritos moralmente imperfeitos e destituídos de algum conhecimento espiritual.

21.1.1 MARIA DE BETÂNIA

Era irmã de Marta e Lázaro (Jo 11:1). Seu nome é citado em três eventos: O primeiro, descrito por *Lucas* (10:38 a 42), informa que Maria e Marta receberam Jesus em sua casa, ocasião em que Maria posta-se aos pés do Mestre para ouvi-lo, enquanto Marta, preocupada, cuidava dos preparativos para a refeição. Foi alertada por Jesus para não se preocupar com tantas coisas, pois Maria tinha escolhido a melhor parte (Lc 10:41 e 42). O segundo encontro, relatado por *João* (11:1 a 47), trata-se da ressurreição de Lázaro, propriamente dita. O terceiro episódio, objeto do nosso estudo, ocorreu pouco tempo depois da ressurreição de Lázaro, quando a família oferece um jantar a Jesus, Marta servia Jesus e Lázaro, enquanto Maria unge o Senhor (Jo 12:1 a 3).⁹

Maria é descrita na *Bíblia* como uma mulher muito dedicada ao ministério de Jesus, que sem dúvida era um amigo muito chegado de sua família. Era também uma discípula com uma profunda fé no Senhor. Embora seja mencionada apenas nesses três incidentes, é vista como uma ouvinte atenta dos ensinamentos do Cristo e que se postou a seus pés em adoração, em duas ocasiões. Jesus afirmou que seu ensino e trabalho eram dirigidos a pessoas como Maria, que criam e confiavam nele.¹⁰

21.1.2 MARTA

“Mencionada nos evangelhos de Lucas e de João, era uma discípula e seguidora fiel de Cristo, muito estimada por Ele (Jo 11:5).”¹⁰

Marta vivia com seus dois irmãos, Maria e Lázaro, na pequena vila de Betânia (Jo 11:1), localizada nas encostas ao leste do Monte das Oliveiras; Jesus os

visitava frequentemente, quando estava em Jerusalém (Lc 10:38). De fato, esteve com eles nas semanas antes de ser preso e crucificado (Mt 21:27). Marta é bem conhecida como a que estava sempre envolvida e sobrecarregada com os afazeres diários. É por isso que muitas pessoas se identificam com ela. Quando recebia Jesus em sua casa, ficava tão atarefada com os trabalhos domésticos que perdia os bons momentos de comunhão com Ele e que seus dois irmãos desfrutavam (Lc 10:30 a 42; Jo 12:2).

Apesar disso, Marta não deve ser criticada por seu comportamento. Suas atitudes revelavam lealdade para com o Senhor Jesus. Seu caráter sincero é demonstrado por sua fé honesta e firme. [...] Marta era uma seguidora leal de Jesus, cria nele e o servia com devoção e zelo.¹¹

21.1.3 LÁZARO

“Em João, 11:1-12;19, [consta que] era o irmão de Maria e Marta, os quais viviam em Betânia, Jesus muitas vezes hospedou-se na casa deles (Lc 10:38-42) e tinha uma profunda afeição pelos três irmãos (Jo 11:3-5; 33, 35).”¹²

Lázaro ficou gravemente enfermo, e suas irmãs enviaram uma mensagem a Jesus, a fim de que Ele viesse curá-lo. Ao receber a notícia, Cristo falou que aquela doença não resultaria na morte de Lázaro, mas sim na revelação da glória de Deus (Jo 11:4).

Depois de uma longa jornada (Jo 11:17), Jesus foi recebido por Marta quatro dias após o sepultamento de Lázaro. [...] Jesus dirigiu-se ao túmulo e ordenou que a pedra que selava a entrada fosse removida. Pela fé, apesar do mau cheiro, obedeceram, e Cristo orou em voz alta para que a ressurreição miraculosa de Lázaro inspirasse fé nas pessoas. Com uma palavra de comando, dirigida para dentro do túmulo, Lázaro retornou à vida e saiu do túmulo.

O milagre de Jesus inspirou a fé em algumas pessoas (Jo 11:45), mas a notícia provocou um complô no Sinédrio para matar o Filho de Deus. (Jo 11:53).¹³

A despeito das simpatias e antipatias que a pregação de Jesus desperta nas pessoas, entre as quais muitas se transformaram em verdadeiros discípulos, o certo é que a multidão de judeus que seguiu Jesus a Betânia estava mais interessada em ver Lázaro que fora ressuscitado (v. 9). Essa situação aumentou a animosidade dos chefes dos sacerdotes que, surpreendentemente, decidem, então, também matarem Lázaro (v. 10), porque, segundo a limitada interpretação deles, foi por causa da ressurreição de Lázaro que muitos judeus se afastavam da religião judaica e seguiam Jesus (v. 11). Emmanuel esclarece a respeito desta outra equivocada deliberação do colégio sacerdotal judaico:

Também tu¹⁴

E os principais dos sacerdotes tomaram a deliberação de matar também a Lázaro. (João, 12:10.)

Interessante observar as cogitações do farisaísmo, relativamente a Lázaro, nas horas supremas de Jesus.

Não bastava a crucificação do Mestre.

Intentava-se, igualmente, a morte do amigo de Betânia.

Lázaro fora cadáver e revivera, sepultara-se nas trevas do túmulo e regressara à luz da vida. Era, por isso, uma glorificação permanente do Salvador, uma cura insofismável do Médico Divino. Constituiria em Jerusalém a carta viva do poder do Cristo, destoava dos conterrâneos, tornara-se diferente.

Considerava-se, portanto, indispensável a destruição dele.

O farisaísmo dos velhos tempos ainda é o mesmo nos dias que passam, apenas com a diferença de que Jerusalém é a civilização inteira. Para ele, o Mestre deve continuar crucificado e todos os Lázaros ressurgirão sentenciados à morte.

Qualquer homem, renovado em Cristo, incomoda-o.

Há participantes do Evangelho que se sentem verdadeiramente ressuscitados, trazidos à claridade da fé, após atravessarem o sepulcro do ódio, do crime, da indiferença...

O farisaísmo, entretanto, não lhes tolera a condição de redivivos, a demonstrarem a grandeza do Mestre. Instala perseguições, desclassifica-os na convenção puramente humana, tenta anular-lhes a ação em todos os setores da experiência.

Somente os Lázaros que se unam ao amor de Jesus conseguem vencer o terrível assédio da ignorância.

Tem, pois, cuidado contigo mesmo.

Se te sentes trazido da sombra para a luz, do mal para o bem, ao sublime influxo do Senhor, recorda que o farisaísmo, visível e invisível, obedecendo a impulsos de ordem inferior, ainda está trabalhando contra o valor de tua fé e contra a força de teu ideal.

Não bastou a crucificação do Mestre.

Também tu conhecerás o testemunho.

21.2 ENTRADA MESSIÂNICA DE JESUS EM JERUSALÉM (JO 12:12 A 19)¹⁵

¹²No dia seguinte, a grande multidão que viera para a festa, sabendo que Jesus vinha a Jerusalém, ¹³tomou ramos de palmeira e saiu ao seu encontro, clamando: *“Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e o rei de Israel!”*

¹⁴Jesus, encontrando um jumentinho, montou nele, como está escrito: ¹⁵*Não temas, filha de Sião! Eis que vem o teu rei montando num jumentinho!* ¹⁶Os

discípulos, a princípio, não compreenderam isso; mas quando Jesus foi glorificado, lembraram-se de que essas coisas estavam escritas a seu respeito e que elas tinham sido realizadas.¹⁷ A multidão, que estava com ele quando chamara Lázaro do sepulcro e o ressuscitara dos mortos, dava testemunho.¹⁸ E por isso, a multidão saiu ao seu encontro: soubera que ele havia feito esse sinal.¹⁹ Os fariseus então disseram uns aos outros: “Vede: nada conseguis. Todo mundo vai atrás dele!”

João transmite nessa passagem do Evangelho a significativa polarização de ideias que existia naquele momento histórico, quando o Senhor esteve conosco em sua breve existência física: de um lado, encontrava-se o povo ansioso pela vinda de Messias que o libertaria do jugo romano e das imposições de autoridades, administrativas e religiosas; do outro, há os interesses de poder e domínio dos religiosos, sobretudo dos seus chefes, que decretaram a morte de Jesus. Entre um extremo e outro, Jesus seguia sereno, caminhando junto e unido com os seus fiéis discípulos, imune aos aplausos superficiais e aos propósitos de perseguição. Mesmo entre os seguidores de Jesus, o nível de compreensão relativa à missão de Jesus era bastante heterogêneo:

Parece haver duas multidões diferentes mencionadas nos v. 17 e 18. Um grupo tinha visto o milagre da ressurreição de Lázaro, o outro tinha apenas ouvido falar sobre o fato. Os acontecimentos provocaram desespero por parte dos fariseus, pois não seria tão fácil para eles dar continuidade à realização do seu plano. Há certo exagero desesperador da parte deles em alegar *que o mundo inteiro vai atrás dele* (cf. v. 42, 43).¹⁶

A fama de Jesus era enorme, tinha se espalhado por toda parte, na Palestina e além, entre os povos gentílicos:

[...] Ao saber de sua chegada, o povo acorreu para vê-lo e, numa manifestação espontânea de apreço, entoava-lhe louvores. Mais tarde, esses mesmos corações, guiados pelos sacerdotes interesseiros, pediram a libertação de Barrabás e a condenação do Justo. [...].¹⁷

Todos os ensinamentos, atos e exemplos do Mestre Nazareno revelaram ser Ele o Messias aguardado, o Mensageiro Divino. O Senhor revelou-se nos mínimos detalhes, fazendo cumprir as informações das Escrituras Sagradas. Inclusive, o fato de ele ser transportado por um jumentinho na sua última entrada em Jerusalém reportava-se a uma profecia de Zacarias: *alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e salvo, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho.* (Zc 9:9). A respeito, afirmou Cairbar Schutel:

Jesus, na sua missão, preencheu todas as formalidades divinas para que os homens o conhecessem e n’Ele cressem, sem mesmo deixar à margem

as profecias que anunciavam os caracteres distintos da sua extraordinária individualidade.¹⁸

João de Jesus Moutinho, por sua vez, destaca que, a ovação do povo, que, em momento de emoção, o chamava de Bendito e pronunciava hosanas irritou profundamente os chefes religiosos que, a partir desse momento, mudariam de estratégia junto ao povo, a fim de condenar Jesus à morte, como realmente aconteceu pouco tempo depois: as exclamações de júbilo, atribuindo-lhe a condição do Grande Esperado, contrariam as autoridades religiosas que lhe pedem para repreender a multidão, dele ouvindo as seguintes palavras: *Asseguro-vos que, se o povo se calar, as próprias pedras clamarão* (Lucas, 19:38 a 40).

Cavalgando modesto animal de serviço, na curta viagem que o conduz a Jerusalém, com destino à via crucial, Jesus consagra expressiva lição de paz, trabalho e serenidade – fundamentos da vida e do progresso – num contraste às ruidosas demonstrações de poder e força com que os príncipes da Terra se destacam, cavalgando animais de raça, onde demonstram prepotência, escravidão e morte.¹⁹

Ontem, como hoje, a Humanidade continua sem entender a mensagem do Cristo, que nos fala do amor a Deus e ao próximo. Os mensageiros da paz, tal como Jesus Cristo, o maior de todos, ainda continuam a ser desprezados e perseguidos, como lembra Joanna de Ângelis:

A Humanidade não podia compreender o que se estava passando, quando se Lhe ouviu a voz dúlcida e forte envolta em paz, enfrentando os abutres das guerras que devoram os cadáveres das nações vencidas.²⁰

A benfeitora prossegue em seus esclarecimentos:

Uma revolução de ideias, como nunca antes acontecera, passou a soar de quebrada em quebrada, alterando a geografia dos corações humanos antes em desespero...

Tratava-se de uma voz que nenhuma tempestade lograva silenciar ou diminuir-lhe o impacto incomum.

[...]

Apesar de ser dirigida aos abandonados pelo mundo, alcançava patamares elevados e contribuía para a instalação da justiça e da solidariedade entre os que se hostilizavam terrivelmente.

[...]

Ele cantava humildade e a renúncia, vivendo com total simplicidade, e desagradava aos que cultivavam o orgulho e a posse.

A inveja e a sordidez passaram a segui-IO.²¹

Fica, assim, registrada a grande lição em Jerusalém, na feliz expressão de Irmão X, que, ao analisar o significativo episódio da entrada gloriosa de Jesus em Jerusalém, marcado pelo júbilo das emoções num momento e pelo desinteresse, abandono e rejeição posteriores, conclui:

Desde essa hora, compreendendo que Jesus cumpria, acima de tudo, a Vontade de Deus, longe de qualquer disputa com os homens, a multidão abandonou-o. Os discípulos, reconhecendo também que ele desprezava todos os cálculos de probabilidade do triunfo político, retraíram-se, desapontados. E, desde esse instante, a perseguição do Sinédrio tomou vulto e o Messias, sozinho com a sua dor e com a sua lealdade, experimentou a prisão, o abandono, a injustiça, o açoite, a ironia e a crucificação.

Essa, foi uma das últimas lições d’Ele, entre as criaturas, dando-nos a conhecer que é muito fácil cantar hosanas a Deus, mas muito difícil cumprir-lhe a Divina Vontade, com o sacrifício de nós mesmos.²²

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 629.
- 2 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 630.
- 3 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 12:1-50, it. 12:1-8, p. 1.580.
- 4 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 12:1-50, it. 12:12-19, p. 1.581.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Alvorada do reino*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília: FEB; São Paulo: IDEAL: 2021. cap. 5 – *Na peregrinação Cristã*.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 12:1-11, p. 1.873 e 1.874.
- 7 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Unção/Ungido, p. 1.361 e 1.362.
- 8 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Nardo, p. 915.
- 9 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Maria, de Betânia, p. 438 e 439.
- 10 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Maria, de Betânia, p. 439.

- 11 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Marta, p. 439 e 440.
- 12 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Lázaro, p. 406.
- 13 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Lázaro, p. 406 e 407.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 61.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 12:12-19, p. 1.874.
- 16 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 12:1-50, it. 12:12-19, p. 1.581.
- 17 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 21, p. 148.
- 18 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2001. cap. 31 – *Entrada triunfal em Jerusalém*.
- 19 MOUTINJO, João de Jesus. *Código do reino: interpretações bíblicas e evangélicas à luz da codificação kardequiana*. Parte I. 2. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2012. 2ª pt., cap. 31 – *Divino embaixador*.
- 20 FRANCO, Divaldo Pereira. *Rei triunfante*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (Mensagem psicográfica transmitida na sessão mediúnica da noite de 24 de setembro de 2018, no Centro Espírita Caminho da Redenção. Salvador, Bahia). *In: Mundo Espírita*, ano 90, n. 1.660, nov. 2022.
- 21 FRANCO, Divaldo Pereira. *Rei triunfante*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (Mensagem psicográfica transmitida na sessão mediúnica da noite de 24 de setembro de 2018, no Centro Espírita Caminho da Redenção. Salvador, Bahia). *In: Mundo Espírita*, ano 90, n. 1.660, nov. 2022.
- 22 XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 13. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 17 – *Lição em Jerusalém*.

JESUS ANUNCIA SUA GLORIFICAÇÃO ATRAVÉS DA MORTE. CONCLUSÃO: A INCREDELIDADE DOS JUDEUS (JO 12:20 A 50)

Temos aqui uma narrativa que incluem detalhes não encontrados nos evangelhos sinópticos, descritos apenas pelo Evangelista João, possivelmente com o objetivo de demonstrar qual seria a destinação futura do Evangelho de Jesus, como esclarece respeitável estudioso estadunidense Norman Russell Champlin:¹

- 1) Serve de profecia sobre como a mensagem cristã haveria de universalizar-se, não sendo uma mensagem local, como era o Judaísmo. Os gregos, isto é, os pagãos haveriam de beneficiar-se da mensagem sobre Jesus e haveriam de fazer-se seus discípulos.
- 2) Serve também para o reflexo, pois, quando este quarto evangelho foi escrito, a missão entre os gentios já estava bastante desenvolvida e já havia obtido sucesso em todas as porções do mundo greco-romano. A igreja cristã fora estabelecida em todos os centros importantes do mundo então conhecido, e o nome do Cristo já fora proclamado por toda parte.
- 3) É também símbolo da atração universal exercida pelo Cristianismo, em contraste com o apelo meramente local do Judaísmo.
- 4) Ilustra, dentro da polêmica cristã, o fato de que, embora a maioria dos judeus tenha rejeitado a Jesus, por motivo de sua obstinação, a mensagem e a pessoa de Cristo são o dom valioso de Deus – Jesus é o Messias.
- 5) Jesus viu no fato de os gregos pretenderem aproximar-se d'Ele um sinal de que a sua hora de sofrimento e glorificação já se havia

avizinhado, porquanto havia profecias no sentido de que existiam outras ovelhas que também teriam de ser trazidas para o redil (ver Jo 10:16).

- 6) Jesus demonstra a superioridade da mensagem cristã sobre todas as religiões.

22.1 JESUS ANUNCIA SUA GLORIFICAÇÃO ATRAVÉS DA MORTE (JO 12:20 A 36)²

²⁰Havia alguns gregos, entre os que tinham subido para adorar, durante a festa. ²¹Eles aproximaram-se de Filipe, que era de Betsaida da Galileia e lhe pediram: “Senhor, queremos ver Jesus!” ²²Filipe vem a André e lho diz; André e Filipe o dizem a Jesus. ²³Jesus lhes responde: “É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem. ²⁴Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto. ²⁵Quem ama sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna. ²⁶Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde estou eu, aí também estará o meu servo. Se alguém me serve, meu Pai o honrará. ²⁷Minha alma está agora conturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim. ²⁸Pai, glorifica o teu nome”. Veio, então, uma voz do céu: “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente!” ²⁹A multidão, que ali estava e ouvira, dizia ter sido um trovão. Outros diziam: “Um anjo falou-lhe”. ³⁰Jesus respondeu: “Essa voz não ressoou para mim, mas para vós. ³¹É agora o julgamento deste mundo, agora o príncipe deste mundo será lançado abaixo; ³²e, quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”. ³³Assim falava para indicar de que morte deveria morrer. ³⁴Respondeu-lhe a multidão: “Sabemos, pela Lei, que o Cristo permanecerá para sempre. Como dizes: ‘É preciso que o Filho do Homem seja elevado’? Quem é esse Filho do Homem?” ³⁵Jesus lhes disse: “Por pouco tempo a luz está entre vós. Caminhai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apreendam: quem caminha nas trevas não sabe para onde vai! ³⁶Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz”. Após ter dito isso, Jesus retirou-se e se ocultou deles.

Entre inúmeras crenças do Judaísmo, duas se destacavam por serem consideradas artigos de fé: os judeus eram o povo escolhido por Deus que, por meio do advento de um Messias, iria tornar o Judaísmo crença generalizada no mundo. Tal concepção decorre da interpretação literal dos textos sagrados, desconhecendo que, para um ensinamento ser considerado universal, deve atender à diversidade de crenças e cultura de pessoas e coletividades. Acrescenta-se a esse fato a necessidade de estender o olhar além da realidade física e cotidiana, a fim de que possa perceber que o Espírito é

imortal e que a sua vida continua na dimensão extrafísica, após a morte do corpo físico. Esse entendimento é o segredo da vida, como lembra Vinícius:

A vida verdadeira, a única vida, é a do Espírito. A que se revela através das formas organizadas é, apenas, o reflexo daquela, tal como a luz da Lua não passa de reflexo do Sol.

O corpo humano vive graças às constantes permutas que nele se processam. Há células que se renovam em poucos dias. Deram o que tinham, morreram e ressurgiram em novos corpos hauridos na fonte da vida eterna.³

Com a visita dos gregos, politeístas por formação, Jesus aproveita a oportunidade para anunciar a sua glorificação (v. 23), indicando que os seus ensinamentos seriam aceitos pelos que acreditavam em Deus único e também pelos não crentes ou politeístas. Entretanto, a sua glorificação não seria isenta de sacrifícios, dele próprio e dos seus discípulos, expresso em *João* (12:24 e 25): *Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto. Quem ama sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna.*

O milagre da multiplicação dos pães, cotidianamente reproduzido no seio da terra, opera-se mediante o sacrifício da semente. É necessário que ela se renuncie, dando-se a si mesma, para que a vida, nela oculta, se manifeste em toda a sua pujança. “Quem renuncia a sua vida neste mundo, conservá-la-á, para a eternidade.”

O egoísmo é contraproducente em suas expressões. Destrói e espalha, pretendendo manter e ajuntar. Quem dá a vida da forma aumenta a vida real, que é a do Espírito. Sujeitando a vida do corpo, que é a reflexa, à vida do Espírito, que é a verdadeira, fazemos crescer em nós o potencial da vida, percebendo-a e sentindo-a em grau cada vez mais elevado.⁴

Vemos, assim, que uma verdade só tem caráter universalista quando é válida para todos os indivíduos e coletividades humanas, ideias que sobressaem no registro de *João*, ora enfocado. Há também outra ideia que se destaca no texto joanino (aliás, em todo o *Evangelho de João*): Jesus, o Filho do Homem, é o Messias de Deus, conforme anunciaram as profecias, inclusive as de *Isaías* citadas na passagem evangélica. Infelizmente, Jesus foi rejeitado, perseguido e condenado à morte por judeus, sobretudo pela maioria dos representantes do clero judaico e por autoridades políticas e administrativas de Israel, visto que aguardava a vinda de um Messias guerreiro, político e dominador. Tal forma de proceder teve o poder de lhes manter vedados os olhos e os ouvidos às percepções espirituais, inclusive as existentes na *Torah* e em outros livros da tradição religiosa.

O certo é que o Messias anunciado nas Escrituras veio, mas não foi reconhecido em face da cegueira espiritual existente, que não lhes permitia ir além das aparências da verdade. Entretanto, por três anos seguidos, Ele conviveu intensamente com judeus e povos gentílicos; anunciou a vinda do Reino de Deus e, pelo exemplo e sinais, ensinou como praticar a Lei de Amor. Sabemos, porém, que os verdadeiros discípulos entenderam o significado desta afirmativa do Mestre Nazareno: *Se alguém quer servir-me, siga-me; e onde estou eu, aí também estará o meu servo. Se alguém me serve, meu Pai o honrará.* (Jo 12:26).

Emmanuel esclarece a respeito:

Frequentemente, as organizações religiosas e mormente as espiritistas, na atualidade, estão repletas de pessoas ansiosas por um conforto.

De fato, a elevada Doutrina dos Espíritos é a divina expressão do Consolador Prometido. Em suas atividades resplendem caminhos novos para o pensamento humano, cheios de profundas consolações para os dias mais duros.

No entanto, é imprescindível ponderar que não será justo querer alguém confortar-se, sem se dar ao trabalho necessário...

Muitos pedem amparo aos mensageiros do Plano Invisível; mas como recebê-lo, se chegaram ao cúmulo de abandonar-se ao sabor da ventania impetuosa que sopra, de rijo, nos resvaladouros dos caminhos?

Conforto espiritual não é como o pão do mundo, que passa, mecanicamente, de mão em mão, para saciar a fome do corpo, mas, sim, como o Sol, que é o mesmo para todos, penetrando, porém, somente nos lugares onde não se haja feito um reduto fechado para as sombras.

Os discípulos de Jesus podem referir-se às suas necessidades de conforto. Isso é natural. Todavia, antes disso, necessitam saber se estão servindo ao Mestre e seguindo-o. O Cristo nunca faltou às suas promessas. Seu Reino Divino se ergue sobre consolações imortais; mas, para atingi-lo, faz-se necessário seguir-lhe os passos e ninguém ignora qual foi o caminho de Jesus, nas pedras deste mundo.⁵

Com aguçada sensibilidade, Joanna de Ângelis assinala em poucas palavras o significado da missão Jesus:

Quando o Sublime Governador da Terra se corporificou entre os homens, considerou o trabalho, atendendo aos impositivos da ação na comunidade; respeitou a indumentária, submetendo-se às contingências da época; manteve amigos em círculo de afeição, atento à vida em sociedade; aceitou problemas comuns, compreendendo as limitações mentais dos que O cercavam; mas, sobretudo, preparou-se para o serviço de salvação dos Espíritos, entregando-se, Ele mesmo, às maiores renúncias, às mais pungentes dores, às mais graves aflições para, através da cruz, em morte imerecida, atestar que as fronteiras

do *Reino da Alegria Perfeita* começam com as primeiras tintas da madrugada, que brilha na esfera excelsa da Imortalidade, depois de todas as preocupações, vencida a *morte*...⁶

Dos versículos 27 ao 33, Jesus anuncia a morte e os sacrifícios que lhes seriam impostos pelos que não acatavam os seus ensinamentos e o rejeitavam como Messias. Logo após este anúncio, Ele faz uma rogativa a Deus: *Pai, glorifica o teu nome*. (Jo 12:28) que, em outras palavras, a expressão “em teu nome” “designa o próprio Deus, o Pai e Criador”: “[...] Jesus se oferece à morte para realizar a obra que glorificará o Pai, manifestando o seu amor ao mundo [...]”⁷ Em seguida à rogativa do Senhor, uma voz materializa-se e reverbera no ar, na forma de pneumatofonia, fenômeno de efeito físico, que anuncia às pessoas presentes: *Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente!* (Jo 12:28). Ciente da perplexidade que tomou a multidão – uns dizendo que foi o som de um trovão e outros que foi a voz de um anjo –, Jesus afirma incisivamente: *Essa voz não ressoou para mim, mas para vós!* (Jo 12:30).

A História nos informa que, a partir desses acontecimentos, os ânimos ficariam cada vez mais acirrados, motivando as autoridades religiosas a unirem-se aos herodianos para perseguir e condenar Jesus à morte.

Emmanuel interpreta aquele momento histórico da vida do Cristo:

A lição de Jesus, neste passo do Evangelho, é das mais expressivas.

Ia o Mestre provar o abandono dos entes amados, a ingratidão de beneficiários da véspera, a ironia da multidão, o apodo na via pública, o suplício e a cruz, mas sabia que ali se encontrava para isto, consoante os desígnios do Eterno.

Pede a proteção do Pai e submete-se na condição do filho fiel.

Examina a gravidade da hora em curso, todavia reconhece a necessidade do testemunho.

E todas as vidas na Terra experimentarão os mesmos trâmites na escala infinita das experiências necessárias.

[...]

Quando, pois, te encontrares em luta imensa, recorda que o Senhor te conduziu a semelhante posição de sacrifício, considerando a probabilidade de tua exaltação, e não te esqueças de que toda crise é fonte sublime de espírito renovador para os que sabem ter esperança.⁸

Os versículos 35 e 36 fazem o fechamento do anúncio da glorificação de Jesus pela sua morte, indicando exemplo de sacrifício pela humanidade terrestre que Ele aceitou conduzir ao aprisco divino:

Jesus lhes disse: “Por pouco tempo a luz está entre vós. Caminhai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos apreendam: quem caminha nas trevas

não sabe para onde vai! Enquanto tendes a luz, crede na luz, para vos tornardes filhos da luz”. Após ter dito isso, Jesus retirou-se e se ocultou deles. (Jo 12:35 e 36).

Vemos, assim, que o momento preciso para lançarmos as balizas da nossa felicidade é agora, enquanto há um pouco de luz espiritual em nosso Espírito:

Hoje é o tema fundamental nas proposições do tempo.

Ontem, retaguarda. Amanhã, porvir.

Hoje, no entanto, é a oportunidade adequada a corrigir falhas havidas e executar o serviço à frente... Dia de começar experiências que nos melhorem ou reajustem; de consultar essa ou aquela página edificante que nos iluminem a rota; de escrever a mensagem ao coração amigo que nos aguarda a palavra a fim de reconfortar-se ou assumir uma decisão; de promover o encontro que nos valorize as esperanças; de estender as mãos aos que se nos fizeram adversários ou de orar por eles se a consciência não nos permite ainda a reaproximação!...⁹

Observa o tempo que se chama hoje. Relaciona os recursos de que dispões: olhos que veem, ouvidos que escutam, verbo claro, braços e pernas úteis sob controle do cérebro livre!...¹⁰

22.2 CONCLUSÃO: A INCREDELIDADE DOS JUDEUS (JO 12:37 A 50)¹¹

³⁷Apesar de ter realizado tantos sinais diante deles, não creram nele, ³⁸a fim de se cumprir a palavra dita pelo profeta Isaías: *Senhor, quem creu em nossa palavra? E o braço do Senhor, a quem foi revelado?* ³⁹Não podiam crer, porque disse ainda Isaías: ⁴⁰*Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, para que seus olhos não vejam, seu coração não compreenda e não se convertam e eu não os cure.*

⁴¹Isaías disse essas palavras, porque contemplou a sua glória e falou a respeito dele. ⁴²Contudo, muitos chefes creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga, ⁴³pois amaram mais a glória dos homens do que a de Deus. ⁴⁴Jesus clamou: “Quem crê em mim não é em mim que crê, mas em quem me enviou, ⁴⁵e quem me vê, vê aquele que me enviou. ⁴⁶Eu, a luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. ⁴⁷Se alguém ouvir minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. ⁴⁸Quem me rejeita e não acolhe minhas palavras tem seu juiz: a palavra que proferi é que o julgará no último dia; ⁴⁹porque não falei por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, me prescreveu o que dizer e o que falar ⁵⁰e sei que seu mandamento é vida eterna. O que falo, portanto, eu o falo como o Pai me disse”.

Os versículos finais do capítulo 12 do *Evangelho segundo João* revelam as diferentes posições do povo e dos religiosos em relação ao fato de Jesus ser o Messias e à aceitação dos seus ensinamentos: havia os que o rejeitavam veementemente; outros que aceitavam parcialmente Jesus, mas não se manifestavam, porque temiam a perseguição dos religiosos, sobretudo a dos fariseus que tinham o poder de expulsá-los da sinagoga; havia também uns poucos que o aceitavam e que afirmavam ser seus discípulos. O clima de desarmonia reinante expressa, na verdade, repetimos, cegueira espiritual, como bem assinala Jesus, ao lembrar as duas citações do profeta *Isaías* (53:1 e 6:10), registradas por *João* (12:38 e 40).

A constatação que se faz é que a maioria significativa dos ouvintes se encontrava demasiadamente apegada à transitoriedade da vida material, trazendo os olhos fechados e o coração endurecido à Revelação libertadora do Cristo, que como Mensageiro de Deus, vinha ensinar a Lei de Deus, em espírito e verdade, concedendo a liberdade de aceitá-la ou não (Jo 12:44 a 48), pois, em todas as circunstâncias, no tempo e no espaço, Ele fala e trabalha em nome de Deus, nosso Pai e Criador (Jo 12:49 e 50).

Somente as reencarnações sucessivas têm o poder de abrir o entendimento da humanidade terrestre ao chamado do Cristo. No passado, como no presente, a barca da evolução planetária ainda prossegue sob os acoites das tempestades, até que, ao repararmos os atentados cometidos contra a Lei de Deus, sejamos conduzidos à praia da plenitude espiritual: “Quem escutou o chamado do Cristo não desfruta de paisagens ridentes coroadas de sol, nem de noites formosas vestidas de estrelas. Caminha, muitas vezes, a sós na multidão, cantando a *melopecia** da tristeza, em *trismos*** de agonias vigorosas”.¹² A amorosa benfeitora Joanna de Ângelis, porém, acena com a esperança em dias melhores que nos aguardam no futuro:

Um dia, que não tardará muito, reclinarás, cansado, a cabeça enovelada pelos problemas e arrebatando de aflição, em busca de justo repouso. Repassarás as agonias das pelejas e reverás as horas idas, em mágico cinemascópio evocativo. Quando as lágrimas brotarem copiosas, quais dádivas do solo farto na primavera do teu coração, e escorrerem quentes, suave torpor paralisará as atividades do teu corpo suado e vencido, e então planarás, além e acima de todas as vicissitudes, renovado e feliz, seguindo para Jesus Cristo, ouvindo o Seu chamado...¹³

* **Melopecia:** toada, cantiga de melodia simples e monótona; melancólica; cantilena.

** **Trismo:** constrição mandibular devido à contratura involuntária dos músculos mastigatórios, que se constitui um dos sinais característicos do tétano.

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 12, it. “d” – Gregos procuram Jesus – 12:20-26, p. 630 e 631.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 12:20-36, p. 1.874 e 1.875.
- 3 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. Brasília, DF: FEB, 2011. cap. *O segredo da vida*.
- 4 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. Brasília, DF: FEB, 2011. cap. *O segredo da vida*.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 11 – *Conforto*.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dimensões da verdade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (Edição comemorativa de 50 anos). Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 33, p. 137.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 12:28. Nota de rodapé “b”, p. 1.875.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 58 – *Crises*.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF; Uberaba, MG: CEC, 2015. cap. 67 – *Tempo de hoje*.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF; Uberaba, MG: CEC, 2015 cap. 66 – *O espírita*.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 12:37-50, p. 1.876.
- 12 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dimensões da verdade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (Edição comemorativa de 50 anos). Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 51, p. 207 e 208.
- 13 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dimensões da verdade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. (Edição comemorativa de 50 anos). Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 51, p. 208 e 209.

PARTE VII

A hora de Jesus: a Páscoa do Cordeiro de Deus

- 1) A Última Ceia de Jesus
com seus discípulos
- 2) A Paixão
- 3) O Dia da Ressurreição

O LAVA-PÉS. O ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS. A DESPEDIDA DE JESUS – 1ª PARTE (JO 13:1 A 38)

Quatro ideias se destacam nessa passagem evangélica: 1) a ceia com os doze apóstolos (Jo 13:1 e 2); 2) o anúncio da traição de Judas (Jo 13:2 e 21 a 30); 3) o Lava-pés (Jo 13:3 a 20) e 4) a despedida de Jesus (Jo 13:31 a 38). Em relação ao primeiro item, há estudiosos dos textos evangélicos que questionam a data exata da Última Ceia de Jesus com os seus apóstolos ao compararem o que diz *João* e o relato dos evangelhos sinópticos. Eles interpretam que, pelo registo do quarto evangelista, a Última Ceia teria ocorrido um dia antes das festividades da Páscoa; enquanto os demais evangelistas informam que teria sido no mesmo dia da Páscoa judaica.¹

Por outro lado, não devemos esquecer e estar atentos às divergências de calendários do passado e do presente. Por exemplo: para os judeus, o dia inicia-se às 18 horas, enquanto no Ocidente, o novo dia começa a ser contado a partir da meia-noite. Diante dessa informação, vários estudiosos ponderam que não há, efetivamente, conflitos entre os registros dos sinópticos e o texto de *João* quanto ao dia em que a Última Ceia foi realizada. Ou seja, ela teria ocorrido no mesmo dia, mas em horários diferentes: em *João*, teria sido logo após às 18 horas (no início do dia, segundo o calendário judaico), nos sinópticos a refeição foi à tarde, coincidindo com o horário das comemorações da Festa da Páscoa.

No nosso entendimento, tais discussões são secundárias. Importante são os ensinamentos e ações do Cristo, não o dia ou hora que elas ocorreram. Para Bittencourt Sampaio, independentemente do dia e horário da realização da Última Ceia, João, o “[...] evangelista, nesse canto [ou versículo] completa a narração dos três sinópticos sobre o assunto [Mt 26:20 a 30; Mc 14:17 a 26 e Lc 22:14 a 23]”.² Outro ponto importante a destacar é que apenas o *Evangelho*

segundo João apresenta uma série de instruções aos seus discípulos no final da Ceia, orientações estas que passaram à História com o nome de o *Sermão do Cenáculo*, as quais caracterizam as despedidas do Senhor:

Essas mensagens de despedida não têm paralelo nenhum nos evangelhos sinópticos, e em toda a Bíblia, o que mais se aproxima delas é o cântico de despedida e de bênção de Moisés, nos capítulos 32 e 33 de Deuteronômio. O discurso de despedida feito pelo apóstolo Paulo, porém, conta com alguns pontos similares (ver At 20:17 ss.).³

23.1 A ÚLTIMA CEIA (JO 13:1)⁴

¹Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.

Jesus escolhe um momento específico para compartilhar a última refeição com os seus discípulos por saber que, em futuro próximo, passaria por dolorosos desafios, os quais culminariam com a sua morte por crucificação. Essa refeição passou à História com o nome de Última Ceia, oportunidade em que o Senhor estreitou os laços de união fraterna, demonstrou por palavras e gestos o seu imenso amor e transmitiu as últimas orientações aos apóstolos. *João* (13:1) ressalta: [...] *sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*. Norman Russell Champlin acrescenta:

[...] Nenhum homem jamais teve um amor maior do que aquele demonstrado pelo Senhor Jesus, o qual ultrapassou os terrores e as tristezas que os homens imaginaram contra Ele, o qual se fez acompanhar confiantemente de um pequeno grupo de discípulos, jamais os abandonando, tendo-lhes ensinado lições importantíssimas, e, finalmente, tendo sacrificado a própria vida em favor deles – tudo isso fazia parte da redenção da humanidade, da qual Jesus serviu de instrumento todo especial, exclusivo. [...].⁵

A Última Ceia, na qual Jesus destaca a importância de os seus discípulos se amarem mutuamente, integra as tradições cristãs como a “Festa de Amor” ou Ágape:

O dever cristão de se amarem mutuamente sempre foi expresso por meio de reuniões para comunhão. Tal comunhão era materializada desde os tempos primitivos mediante participação numa refeição comum. Judas [Tadeu] menciona festas de amor, *agapai* (v. 12; cf. 2 Pe 2:13). Entre os judeus, eram comuns as refeições para comunhão e fraternidade, e reuniões similares de convívio tinham lugar entre os gentios. [...]. O nome *ágape* foi posteriormente dado à refeição de comunhão.

[...]

Embora o costume comum de refeições de comunhão entre os judeus tivessem sido base suficiente para o *ágape* primitivo, alguns preferem traçar a prática até as circunstâncias reais da Última Ceia. [...].⁶

Sem dúvida, a Última Ceia foi uma Festa de Amor, um legítimo *Ágape*, em que o amor do Cristo é intensamente demonstrado:

Jesus, tendo de deixar a Terra pelo sacrifício que se consumaria no Gólgota, come a última páscoa com os seus apóstolos e os prepara a serem, por um *signal*, reconhecidos como seus discípulos.

Sob a figura simbólica da páscoa, Jesus faz o derradeiro e solene apelo à prática da Lei de Amor e, *assim*, à fraternidade universal, único meio da regeneração humana, caminho da redenção e liberdade, que estabelecerá na Terra, segundo a lei essencial do progresso e harmonia universais, *o reino de Deus*.⁷

23.2 ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS (JO 13:2; 21 A 30)⁸

²Durante a ceia, quando já o diabo pusera no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo [...]

²¹Tendo dito isso, Jesus perturbou-se em seu espírito e declarou: “Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará”. ²²Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava. ²³Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. ²⁴Simão Pedro faz-lhe, então, um sinal e diz-lhe: “Pergunta-lhe quem é aquele de que fala”. ²⁵Ele, então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, diz-lhe: “Quem é, Senhor?” ²⁶Responde Jesus: “É aquele a quem eu der o pão que umedecerei no molho”. Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de Simão Iscariotes. ²⁷Depois do pão, entrou nele Satanás. Jesus lhe diz: “Faze depressa o que estás fazendo”. ²⁸Nenhum dos que estavam à mesa compreendeu por que lhe dissera isso. ²⁹Como era Judas quem guardava a bolsa comum, alguns pensavam que Jesus lhe dissera: “Compra o necessário para a festa”, ou que desse algo aos pobres. ³⁰Tomando, então, o pedaço de pão, Judas saiu imediatamente. Era noite.

Percebe-se que essa passagem evangélica não é contínua, mas intercalada com as seguintes ações: a) Jesus anuncia que um dos Doze o trairia (Jo 13:2); b) em seguida, realiza a cerimônia do Lava-pés (Jo 13:3 a 20); c) e o Senhor volta a afirmar que um dos apóstolos o trairia (Jo 13:21); d) indica Judas como o traidor (Jo 13:26).

De fato, poucas horas depois, após o encerramento da Ceia, quando o Mestre Nazareno orava no Jardim do Getsêmani, os soldados o prenderam. Assim, para melhor compreensão do desenrolar dos acontecimentos e os

seus significados, retornemos ao primeiro anúncio da traição do apóstolo: *Durante a ceia, quando já o diabo pusera no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo* (Jo 13:2).

À luz do Espiritismo, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio transmite-nos estas considerações: “A expressão *demônio, diabo, ou satanás* não passa de uma figura para designar a *má influência, a má inspiração, e nunca uma personalidade eternamente poderosa no mal, a que o homem pode ficar submetido a despeito de sua vontade*”⁹. O venerável mentor do Programa de Estudo de *O Evangelho Redivivo*, conclui a sua análise com estes outros esclarecimentos:

Deus criou o espírito, independentemente, livre e responsável por seus atos, que são obra exclusiva sua, ou que é levado a praticar, pelas más influências que atrai por seus instintos, seus sentimentos, suas inclinações, e que ele tem, em virtude do livre-arbítrio, a faculdade de aceitar ou repelir.

O contrário é colocar a Divindade em face de um ser imensamente tão poderoso e imortal quanto ela – o gênio do mal, como se este não fosse a consequência natural do bem, do justo e do honesto, invertidos pelos nossos atos.⁹

Judas Iscariotes, a despeito de muito amar Jesus, de segui-lo e estar sempre com Ele, se distanciou, contudo, das lições espirituais do Evangelho, ensinadas e exemplificadas pelo Senhor. Ainda que fosse uma boa pessoa, Judas mantinha a alma focada nos interesses passageiros; do poder e das posições sociais da vida no plano físico. O Reino de Deus era ideal a ser alcançado mais adiante, a longo prazo. Por ora, no entendimento do apóstolo, era preciso que o invasor romano fosse afastado, que o Cristo dominasse as inúmeras expressões da fé expressas pela religião judaica, que os judeus reconquistassem a posição de povo eleito, de acordo com o trato estabelecido entre Deus e o patriarca Abraão. Estava tristemente equivocado e, por isto, foi facilmente manobrado pelos chefes dos sacerdotes:

O Divino Mestre sabia que Judas o havia de trair, porque sabia que empreendera uma missão acima de suas forças, que faliria, como já indiretamente o anunciara [Jo 13:2 e 18], respondendo a Pedro, conforme se vê nos versos acima transcritos: “– *estais vós outros puros completamente, mas não todos*”. [Jo 13:10].¹⁰

Após a lavagem dos pés, Jesus indica quem o trairia, atendendo à pergunta que Pedro lhe endereçara por intermédio de João Boanerges (Jo 13:22 a 25). Jesus responde-lhe: *É aquele a quem eu der o pão que umedecerei no molho. Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de*

Simão Iscariotes (Jo 13:26 e 27). Ato contínuo, Judas pega o pedaço de pão e se retira (Jo 13:30). Sabemos que Judas Iscariotes deixa a Reunião de Amor para ir se encontrar com os chefes dos sacerdotes, a fim de combinarem a prisão de Jesus.

Por estas palavras: “*Sei quais foram por mim os escolhidos*” [Jo 13:18], Jesus faz a alusão aos onze apóstolos fiéis que, capazes de empreender e levar ao fim a missão que haviam solicitado, tinham sido *escolhidos*, no sentido de que, encorajados por seus guias a pedi-la, a obtiveram, sendo *assim*, aceitos pelo mesmo Jesus.

As suas palavras relativas à *predição* da traição de Judas têm por fim chamar a atenção de seus apóstolos, para que, quando se desse a traição, ficassem impressionados e reconhecessem, pela sua faculdade extra-humana da presciência, que Ele era o enviado de Deus.¹¹

Os apóstolos foram reiteradas vezes informados e esclarecidos por Jesus a respeito do advento do Reino de Deus e da necessidade intrínseca de vivenciarem a Lei de Amor. Os exemplos do Cristo foram abundantes neste sentido. Contudo, o fato de conhecermos algo não significa, necessariamente, que saberemos colocar em prática as lições ensinadas. Entre saber e fazer há uma distância significativa. Emmanuel nos faz refletir a respeito:

Saber e fazer¹²

Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.

JESUS (João, 13:17.)

Entre saber e fazer existe singular diferença.

Quase todos sabem, poucos fazem.

Todas as seitas religiosas, de modo geral, somente ensinam o que constitui o bem. Todas possuem serventuários, crentes e propagandistas, mas os apóstolos de cada uma escasseiam cada vez mais.

Há sempre vozes habilitadas a indicar os caminhos. É a palavra dos que sabem.

Raras criaturas penetram valorosamente a vereda, muita vez em silêncio, abandonadas e incompreendidas. É o esforço supremo dos que fazem.

Jesus compreendeu a indecisão dos filhos da Terra e, transmitindo-lhes a palavra da verdade e da vida, fez a exemplificação máxima, através de sacrifícios culminantes.

A existência de uma teoria elevada envolve a necessidade de experiência e trabalho. Se a ação edificante fosse desnecessária, a mais humilde tese do bem deixaria de existir por inútil.

João assinalou a lição do Mestre com sabedoria. Demonstra o versículo que somente os que concretizam os ensinamentos do Senhor podem ser

bem-aventurados. Aí reside, no campo do serviço cristão, a diferença entre a cultura e a prática, entre saber e fazer.

Observação: Detalhes a respeito da traição de Judas Iscariotes, são encontrados em outras publicações de *O Evangelho Redivivo*, quais sejam: Livro II – *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Mateus* – Tema 56, subitem 56.1.4 (Mt 26:13 a 25); Livro III – *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos* – Tema 34, subitens 34.2 (Mc 14:10 e 11), 34.3 (Mc 14:17 a 21) e Livro IV – *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas* – Tema 37, subitem 37.1 (Lc 22:1 a 6; 21 a 23).

23.3 O LAVA-PÉS (JO 13:3 A 20)¹³

³Sabendo que o Pai tudo colocara em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, ⁴levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. ⁵Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. ⁶Chega, então, a Simão Pedro, que lhe diz: “Senhor, tu, lavar-me os pés?!” ⁷Respondeu-lhe Jesus: “O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde”. ⁸Disse-lhe Pedro: “Jamais me lavarás os pés!” Jesus respondeu-lhe: “Se eu não te lavar, não terás parte comigo”. ⁹Simão Pedro lhe disse: “Senhor, não apenas meus pés, mas também as mãos e a cabeça”. ¹⁰Jesus lhe disse: “Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro. Vós também estais puros, mas não todos”. ¹¹Ele sabia, com efeito, quem o entregaria; por isso, disse: “Nem todos estais puros”. ¹²Depois que lhes lavou os pés, retomou o seu manto, voltou à mesa e lhes disse: “Compreendeis o que vos fiz? ¹³Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. ¹⁴Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. ¹⁵Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais. ¹⁶Em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou. ¹⁷Se compreenderdes isso e o praticardes, felizes sereis. ¹⁸Não falo de todos vós; eu conheço os que escolhi. Mas é preciso que se cumpra a Escritura: *Aquele que come o meu pão levantou contra mim o seu calcanhar!*¹⁹Digo-vos isso agora antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou. ²⁰Em verdade, em verdade, vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe e quem me recebe, recebe aquele que me enviou”.

Em *João*, 13:4, consta que Jesus *levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela*. “Tirar o manto”, indica afastar qualquer obstáculo que impediria ou dificultaria o Lava-pés. Este gesto de Jesus, reflete, sobretudo, que Ele, o Messias planetário, despia-se do manto da autoridade para servir à Humanidade em nome de Deus, pois, segundo

os costumes da época, somente os servos e os escravos cingiam o corpo com um pano, toalha ou avental. Daí Emmanuel esclarecer:

– O Cristo, que não desdenhou a energia fraternal na eliminação dos erros da criatura humana, afirmando-se como o Filho de Deus nos divinos fundamentos da Verdade, quis proceder desse modo para revelar-se o escravo pelo amor da Humanidade, à qual vinha trazer a luz da vida, na abnegação e no sacrifício supremos.¹⁴

O momento é solene. Jesus já se despedia dos seus discípulos. Preparava-os para essa realidade. Fez isso várias vezes, anunciando para eles o que viria – que ficariam sós e teriam que dar continuidade à divulgação da mensagem, ainda que os acompanhassem e os auxiliassem do outro lado da vida. Confirmada a sua partida, resolve deixar gravado nos corações dos discípulos a maior expressão da verdade libertadora para que eles pudessem, ao longo do tempo, utilizá-la como referência a ser seguida. É aquele momento em que Jesus tira o manto, cinge à cintura uma toalha, pega um recipiente com água e começa a lavar os pés dos discípulos. O registro do Evangelho não entra em muitos detalhes, mas podemos imaginar a situação: alguns dos discípulos se sentem mais ou menos constrangidos com a situação, outros admirados, outros sem saber o que pensar. E Pedro, um pouco mais distante, observa o que está acontecendo, mas pelo que fala a Jesus depois, podemos supor que ele estava contrariado. Assim, quando Jesus chega diante dele, se manifesta com convicção dizendo:

– Não, Senhor, tu não me lavarás os pés! Jesus olha para os olhos de Pedro, imaginamos, com aquele olhar que atravessa a alma e lhe desnuda o âmago do ser, para, em seguida afirmar:

– Se eu não te lavo os pés, nada tens comigo. Pedro, então, tem um choque, pois não esperava essa resposta e, caindo em si, responde a Jesus:

– Lava-me também as mãos e a cabeça, Senhor.

Em outras palavras, Simão Pedro pede a Jesus que não lhe lave somente os pés, mas que lhe aclare a mente, o raciocínio, o entendimento, para que ele possa alcançar aquela expressão, aquele momento sublime em que Jesus está dando o maior exemplo que a Humanidade poderia receber. Bittencourt Sampaio esclarece, ao nos explicar, o significado espírita do Lava-pés:

Jesus, o Messias de Deus, conhecendo a sua origem, quis, pelo fato emblemático do lava-pés, dar aos homens, aos quais chama *seus irmãos*, o exemplo da *humildade* e da *renúncia*.

[...]

Sim, o Divino Redentor, tendo consciência exata de sua origem, de sua natureza, de seus poderes; sabendo que era o Espírito protetor e governador do nosso planeta, encarregado do nosso desenvolvimento, do nosso progresso e de nos conduzir à perfeição; sabendo que viera de Deus e que ia tornar à natureza espiritual que lhe era própria, quis, por esse ato emblemático do lava-pés, mostrar aos homens o caminho que abrira e percorrera, e pelo qual devem eles, sem fraquejar, sem cessar, marchar e avançar para se elevarem, e, purificando-se, voltarem a Deus pela perfeição – caminho que é o da *humildade* e da *renúncia*: da humildade, pela simplicidade do coração e brandura do espírito; da renúncia, pela ausência de orgulho e de egoísmo, de todos os vícios e de todas as paixões; praticando assim a Lei de Amor, que é o resumo da justiça, da caridade, da abnegação e do devotamento por todos.¹⁵

A análise literal do Lava-pés transformou-se ao longo dos séculos em prática simbólica e superficial, distante do significado espiritual transmitido pelo Cristo que, de antemão, sabia que as coisas seriam assim, consoante esta sua afirmação: *O que faço, não compreendes agora, mas o compreenderás mais tarde* (Jo 13:7). De fato, somente após termos “lavado” o orgulho e o egoísmo do nosso Espírito, e demais imperfeições morais, seremos considerados puros, consoante estas outras palavras do Senhor: *Quem se banhou não tem necessidade de se lavar, porque está inteiramente puro. Vós também estais puros, mas não todos.* (Jo 13:10). É verdade, nem todos os integrantes do grupo dos Doze traziam o coração puro, mas, ao contrário, ainda o mantinha prisioneiro das necessidades transitórias da vida na matéria. Jesus referia-se a Judas Iscariotes.

Percebemos, então, que a vivência da humildade (e todas as demais virtudes daí decorrentes) é o impulso evolutivo que nos mostrará a importância de nos transformarmos em servos uns dos outros, lavando os pés. Assim esclarece Emmanuel nesta significativa mensagem:

Pés e paz¹⁶

Expressiva a decisão de Jesus, lavando os pés dos discípulos.

Recordemos que o Senhor não opera a ablução da cabeça que pensa, vê e ouve, traduzindo o sentimento com os dons divinos da reflexão e com as faculdades superiores da palavra, nem lhes alimpa as mãos que trazem consigo a excelência dos recursos tácteis para a glorificação do trabalho e a muda linguagem dos gestos, que exprimem afetividade e consolação.

Lava-lhes simplesmente os pés, base de sustentação do corpo e implementos da criatura física que entram em contato com a lama e pó da terra, padecendo espinheiros e charcos. E purifica-lhes semelhantes apêndices, necessários à vida humana, sem reproche e sem queixa.

Lembre-mos, pois, do ensinamento sublime e lavemos os pés uns dos outros, com a bênção da humildade, no silêncio do amor puro que tudo compreende, tudo suporta, tudo santifica e tudo crê, porquanto apenas tolerando e entendendo a poeira e o lodo que ainda repontem dos caminhos alheios, é que redimiremos os nossos, atingindo a verdadeira paz.

23.4 A DESPEDIDA – 1ª PARTE (JO 13:31 A 38)¹⁷

³¹Quando ele saiu, disse Jesus: “Agora o Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado nele. ³²Se Deus foi nele glorificado, Deus também o glorificará em si mesmo e o glorificará logo. ³³Filhinhos, por pouco tempo ainda estou convosco. Vós me procurareis e, como eu havia dito aos judeus, agora também vo-lo digo: Para onde vou vós não podeis ir. ³⁴Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. ³⁵Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”. ³⁶Simão Pedro lhe diz: “Senhor, para onde vais?” Respondeu-lhe Jesus: “Não podes seguir-me agora aonde vou, mas me seguirás mais tarde”. ³⁷Pedro lhe diz: “Por que não posso seguir-te agora? Darei a minha vida por ti”. ³⁸Jesus lhe responde: “Darás a tua vida por mim? Em verdade, em verdade, te digo: o galo não cantará sem que me renegues três vezes”.

Como foi assinalado anteriormente, durante a Última Ceia, em seguida ao Lava-pés e antes do término da refeição, Jesus despede-se dos apóstolos, transmitindo-lhes várias orientações, conhecidas como *Sermão do Cenáculo*, expressão relacionada ao local onde foi proferido, isto é: “Casa de refeição. Casa onde se ceava ou jantava, de ordinário no alto do edifício, entre os antigos romanos (1 Cr 27:11)”.¹⁸ Tais recomendações finais indicam, também, uma síntese de sua pregação realizada durante três anos consecutivos e, também, transmissão das últimas orientações. Como contextualização histórica, lembramos que Jesus proferiu quatro sermões durante o seu messianato:

- » Sermão da Montanha (Mt 5, 6 e 7), também chamado o *Sermão das Bem-aventuranças* (Mc 5) ou *Sermão da Planície* (Lc 6).
- » Sermão Profético (Mt 24; Mc 13 e Lc 17:20 a 37).
- » Sermão do Cenáculo (Jo 13).
- » Sermão dos Sete “ais” (Mt 23), que são admoestações dirigidas aos escribas e fariseus. A respeito destacamos esta observação importante: na *Bíblia de Jerusalém* constam sete “ais” (Mt 23:13 a 32). Na tradução bíblica de João Ferreira de Almeida constam oito admoestações (Mt 23:3 a 16).

Em face da relevância das orientações finais transmitidas por Jesus, o seu estudo está dividido em seis partes: a primeira começa neste Tema 23, e as demais serão analisadas nos Temas 24 ao 28, sucessivamente. São lições fundamentais à nossa melhoria espiritual, as quais encontram-se distribuídas em cinco capítulos do *Evangelho segundo João*, do 13 ao 17.

Nos instantes finais da Última Ceia, após Judas Iscariotes ter se retirado da reunião, Jesus despede-se do seu colégio apostolar e, de forma profundamente amorosa, transmite-lhes estas duas informações: *Filhinhos, por pouco tempo ainda estou convosco. Vós me procurareis e, como eu havia dito aos judeus, agora também vo-lo digo: Para onde vou vós não podeis ir.* (Jo 13:33). Em seguida, ensina-lhes um novo mandamento a fim de que eles sejam conhecidos como os verdadeiros discípulos de Cristo: *Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros.* (Jo 13:34 e 35).

Ante tais palavras de Jesus, Simão Pedro afirma que o seguirá para onde Ele for, e que daria a própria vida por Ele (v. 37). Em resposta, Jesus afiança ao venerável apóstolo que ele somente o seguiria mais tarde (v. 36) que, acrescentamos, após vivenciar todas as lutas e batalhas existenciais em nome do Cristo: “[...] *depois há de seguir-me*, Jesus se refere à elevação do espírito de Pedro, como a dos outros apóstolos, elevação que, realizada a missão deles, lhes permitiria, nas regiões superiores, seguir Jesus, ou seja, continuar a avançar pela estrada do progresso, sob sua direção”.¹⁹ Mas ao ouvi-lo dizer que daria a sua vida por Ele, o Senhor informa-lhe que antes do galo cantar, Pedro o negaria por três vezes (v. 38). Sabemos que esta previsão ocorreu na madrugada daquele dia, e que mereceu o registro não apenas de *João*, mas dos demais evangelhos sinóticos (Mt 26:34; Mc 14:30 e Lc 22:34).

Espíritos, encarnados e desencarnados, independentemente de sua origem, cultura, religião etc., serão conhecidos como os discípulos do Cristo se tiverem amor uns pelos outros. Os discípulos do Cristo aprendem que *fora da caridade não há salvação*, como nos ensina Allan Kardec; não temem os desafios existenciais, por mais dolorosos que se expressam; compreendem e se esforçam, diariamente, para vivenciar a Lei de Amor ensinada pelo Mestre Nazareno, a única linguagem universal que unirá todos os habitantes da comunidade planetária, como, a propósito, ensina Emmanuel:

O novo mandamento²⁰

Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei. JESUS (João, 13:34.)

A leitura despercebida do texto induziria o leitor a sentir nessas palavras do Mestre absoluta identidade com o seu ensinamento relativo à regra áurea^{*}.

Entretanto, é preciso salientar a diferença.

O “ama a teu próximo como a ti mesmo” é diverso do “que vos ameis uns aos outros como eu vos amei”.

O primeiro institui um dever, em cuja execução não é razoável que o homem cogite da compreensão alheia. O aprendiz amará o próximo como a si mesmo. Jesus, porém, engrandeceu a fórmula, criando o novo mandamento na comunidade cristã. O Mestre refere-se a isso na derradeira reunião com os amigos queridos, na intimidade dos corações.

A recomendação “que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” assegura o regime da verdadeira solidariedade entre os discípulos, garante a confiança fraternal e a certeza do entendimento recíproco.

Em todas as relações comuns, o cristão amará o próximo como a si mesmo, reconhecendo, contudo, que no lar de sua fé conta com irmãos que se amparam efetivamente uns aos outros.

Esse é o novo mandamento que estabeleceu a intimidade legítima entre os que se entregaram ao Cristo, significando que, em seus ambientes de trabalho, há quem se sacrifique e quem compreenda o sacrifício, quem ame e se sinta amado, quem faz o bem e quem saiba agradecer.

Em qualquer círculo do Evangelho, onde essa característica não assinala as manifestações dos companheiros entre si, os argumentos da Boa-Nova podem haver atingido os cérebros indagadores, mas ainda não penetraram o santuário dos corações.

REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 13.1-17-26, it. 13:1-38, p. 1.583.
- 2 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 407.

* **A regra áurea, regra de ouro ou ética da reciprocidade:** denominação dada ao preceito de moral que determina não fazermos aos outros o que não gostaríamos que ou outros nos fizessem. Jesus ensina a necessidade de vivenciar a regra de ouro: *Mateus, 22:39*: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 13, it. 7 – No cenáculo, p. 649.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 13:1, p. 1.877.
- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 13, it. “a”, O lava-pés, p. 651.
- 6 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Festa de Amor, p. 504 e 505.
- 7 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 407.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 13:2 e 21-30, p. 1.877 e 1.878.
- 9 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 408.
- 10 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 412.
- 11 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 414.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 49.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 13:3-20, p. 1.877 e 1.878.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 315.
- 15 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 408 e 409.

- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro de paz*. Por diversos Espíritos. 1. ed. Uberaba, MG: CEC, 1973. cap. 29, p. 111 e 112.
- 17 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 13:31-38, p. 1.878 e 1.879.
- 18 MCNAIR, S. E. *Bíblia de estudo explicada: dicionário harpa cristã*. (Com texto bíblico Almeida revista e corrigida, edição de 1995). 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. verbete: Cenáculo, p. 1.474.
- 19 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIII*, p. 417.
- 20 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 179.

A DESPEDIDA DE JESUS – 2ª PARTE (JO 14:1 A 31)

Nos momentos finais da Última Ceia, denominada *A Despedida*, Jesus transmite aos discípulos orientações consideradas essenciais à edificação do Cristianismo e do comportamento dos cristãos, em especial dos apóstolos, sobretudo quando se deparassem com as provações que surgiriam após a partida do Senhor. No estudo anterior (Tema 23), vimos que Jesus ensina-lhe um novo mandamento: “[...] *que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros.*” (Jo 13:34 e 35):

A importância do amor tem sido decantada por todos, em todos os tempos, e o próprio Jesus o colocou na essência do mandamento soberano. Todavia, nós na maioria das vezes, não temos dado a devida consideração a esta prática. Porém, Ele foi claro, este é o sentimento predominante que deve vigorar em Seus adeptos.

Assim, não seremos discípulos de Jesus por determos o poder transitório do mundo, nem pela nossa capacidade intelectual, muito menos por sabermos de cor os preceitos da moral por Ele ensinada. [...] Em outras palavras, jamais podemos nos declarar cristãos se o amor por todos os nossos semelhantes não é a tônica de nossos sentimentos.¹

No atual estudo (Tema 24), três orientações de Jesus se destacam: as muitas moradas existentes na Casa do Pai; Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida; e promessa do advento do Consolador (Paráclito ou Espírito da Verdade). Tais ensinamentos serão estudados em seguida.

24.1 A DESPEDIDA DE JESUS – 2ª PARTE (JO 14:1 A 31)²

¹“Cesse de perturbar-se o vosso coração! Credes em Deus, crede também em mim. ²Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar, ³e quando eu me for e vos tiver preparado o lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de

que, onde eu estiver, estejais vós também. ⁴E para onde vou, conheceis o caminho”. ⁵Tomé lhe diz: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?” ⁶Diz-lhe Jesus: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. ⁷Se me conheceis, também conhecereis a meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes”. ⁸Filipe lhe diz: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!” ⁹Diz-lhe Jesus: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai!’? ¹⁰Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras. ¹¹Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos, por causa dessas obras. ¹²Em verdade, em verdade, vos digo: quem crê em mim fará as obras que faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai. ¹³E o que pedirdes em meu nome, eu o farei a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. ¹⁴Se me pedirdes algo em meu nome, eu o farei. ¹⁵Se me amais, observareis meus mandamentos, ¹⁶e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, ¹⁷o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. ¹⁸Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós. ¹⁹Ainda um pouco e o mundo não mais me verá, mas vós me vereis porque eu vivo e vós vivereis. ²⁰Nesse dia compreenderéis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós. ²¹Quem tem meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e me manifestarei a ele”. “Se alguém me ama, guardará minha palavra, e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada. ²²Judas – não o Iscariotes – lhe diz: “Senhor, por que te manifestarás a nós e não ao mundo? ²³Respondeu-lhe Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada. ²⁴Quem não me ama não guarda minhas palavras; e minha palavra não é minha, mas do Pai que me enviou. ²⁵Essas coisas vos disse estando entre vós. ²⁶Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse. ²⁷Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá. Não se perturbe nem se intimide vosso coração. ²⁸Vós ouvistes o que vos disse: Vou e retorno a vós. Se me amásseis, ficaríeis alegres por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu. ²⁹Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais. ³⁰Já não conversarei muito convosco, pois o príncipe deste mundo vem; contra mim, ele nada pode, ³¹mas é preciso que o mundo saiba que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos! Saiamos daqui!

Apresentamos, em seguida uma análise espírita das principais ideias registradas por João no segundo momento da despedida de Jesus, ocorrida no final da Última Ceia.

24.1.1 AS MORADAS DA CASA DO PAI (JO 14:1 A 3)³

Em *O evangelho segundo o espiritismo*, Allan Kardec analisa com muita propriedade dois significados que esses ensinamentos de Jesus inspiram: os diferentes mundos habitados no Universo, e as diferentes dimensões da vida no Plano Espiritual:

A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas e as sensações que experimente variarão ao infinito. [...].⁴

Ao referir-se às moradas do Plano Espiritual, Kardec apresenta o conceito de *erraticidade*, palavra que se traduz como um estado temporário do Espírito definido entre uma reencarnação e outra. Enquanto o Espírito precisa reencarnar ele é denominado errante. Mas esta palavra não significa, absolutamente, que ele perambula sem rumo ou perdido na dimensão extrafísica. Em outras palavras, “Espírito errante, [é o] que aspira a novo destino, que espera”.⁵ Somente o Espírito puro – o que já possui superioridade moral e intelectual em relação a todos os demais Espíritos de outras ordens – não precisa reencarnar,⁶ a não ser que queira. Tais Espíritos, em geral conhecidos por *anjos*, *arcânjos* ou *serafins*, “[...] Eles são os mensageiros e ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Comandam todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e designam suas missões. [...]”⁷

Quanto aos demais desencarnados, sabemos que durante o período em que se encontram no Plano Espiritual, dificilmente eles habitam exclusivamente um só local no Além-Túmulo, mesmo em se tratando de Espíritos mais atrasados, em moral e conhecimento. Ao contrário, estagiam em diferentes localidades, tendo em vista os propósitos do seu aprendizado. Por exemplo: em condições usuais, assim que o Espírito desencarna ele é acolhido em instituições beneméritas, onde é auxiliado nos processos de transição entre os dois planos de vida e o de adaptação na nova realidade existencial. Posteriormente, irá habitar outras moradias na dimensão espiritual, conforme os aprendizados de que necessita para a sua evolução intelecto-moral. O período de tempo destinado a esse aprendizado é também variável. De qualquer forma, enquanto o Espírito necessita retornar à experiência reencarnatória, ele é denominado *errante*, permanecendo neste estado por variável espaço de tempo:

“Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Aliás, não há, propriamente falando, um limite máximo estabelecido para o estado errante, que pode prolongar-se por muito tempo, mas que nunca é perpétuo. Cedo ou tarde, o Espírito encontra sempre oportunidade de recomençar uma existência que sirva à purificação das suas existências anteriores.”⁸

O ensinamento Jesus refere-se, igualmente, aos diferentes mundos existentes no Universo, e que abrigam os Espíritos reencarnados, como ensina Bittencourt Sampaio:

A casa do Pai é o Universo – a imensidade, o infinito.

*As muitas moradas são os diferentes mundos – habitações apropriadas aos habitantes, porque a hierarquia ascensional dos mundos está em relação com os Espíritos que o habitam.*⁹

Allan Kardec complementa esses esclarecimentos:

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que as condições dos mundos são muito diferentes, em relação ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores sob todos os aspectos. Nos mundos inferiores a existência é toda material, as paixões reinam soberanas, a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, a bem dizer, toda espiritual.¹⁰

O Codificador do Espiritismo conclui o assunto relacionado à diversidade de mundos habitados existentes no Universo:

Nos mundos intermédios, misturam-se o bem e o mal, predominando um ou outro, conforme o grau de adiantamento das criaturas que os habitam. Embora não se possa fazer, dos diferentes mundos, uma classificação absoluta, pode-se, todavia, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base os matizes mais salientes, dividi-los, de modo geral, como se segue: mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; mundos de expiação e de provas, onde predomina o mal; mundos de regeneração, nos quais as almas que ainda têm que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta; mundos felizes, onde o bem sobrepuja o mal; mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos depurados, no qual reina exclusivamente o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas, razão por que aí o homem está exposto a tantas misérias.¹¹

24.1.2 JESUS É O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA (JO 14:6)¹²

A seguinte mensagem de Emmanuel explica o significado dessa passagem evangélica:

Jesus é o *caminho, a verdade e a vida*, porque simboliza a Lei de Amor.

É a *vida*, pela moral que pregou e personifica por seus ensinamentos e exemplos, visto que ensinou aos homens a viver e a morrer visando o progresso espiritual; quem lhe pratica a moral progride e purifica.

É a *verdade*, porque é o órgão direto de Deus e preposto para transmiti-la aos homens, de maneira progressiva e sucessiva, à medida que eles possam suportar.

[...]

A *verdade* é o conhecimento de todo o princípio, na ordem física, na ordem moral e na intelectual, conhecimento que leva a Humanidade à perfeição, à fraternidade, ao amor universal, ao desapego da matéria, por suas aspirações sinceras ao espiritualismo e, em seguida, à espiritualidade.

Jesus é *vida*, porque, progredindo e purificando-se pela prática da moral que pregou e personificou por seus ensinamentos e exemplos, o Espírito encarnado se redime, depois de separar-se do corpo, da morte espiritual e da expiação. Liberta-se da encarnação material e permanece, progredindo sempre, no estado de Espírito independente e livre.

Ninguém senão por mim ao Pai chega, quer dizer: Jesus, nosso protetor e nosso governador, é o único encarregado de nosso desenvolvimento e progresso e de nos conduzir à perfeição; ninguém pode ir e não vai ao Pai senão pela perfeição.¹³

Como fechamento do item, Bittencourt Sampaio conclui:

E, irmanados uns aos outros, no mesmo labor santificante, marchemos para frente, identificados n'Aquele que ainda e sempre repete para os nossos ouvidos frágeis: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim".¹⁴

24.1.3 O CONSOLADOR PROMETIDO (JO 14:15 A 17; 26)¹⁵

O advento do Paráclito ou Espírito da Verdade, também conhecido como o Consolador Prometido por Jesus configura-se como uma promessa do Cristo de que, a despeito de ter sido crucificado, Ele jamais abandonou a humanidade terrestre, pois, como nosso Mensageiro celestial, comprometeu-se junto a Deus, para encaminhar os habitantes do planeta à evolução plena. O Evangelista João registrou a promessa do Senhor assim (v. 15 a 17, 26):

Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. [...] Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse.

Ao analisar tais orientações de Jesus, Kardec pondera que o Paráclito não estaria personificado em uma pessoa ou mesmo que seria o retorno de Jesus em nova existência no plano físico, ideia que é defendida por algumas igrejas cristãs. O Codificador interpreta que a promessa de Jesus para abranger toda a Humanidade planetária, deve constituir-se em uma doutrina espiritualista que extrapolaria crenças individuais, religiosas ou não, mas cujos fundamentos ou postulados apresentariam ideias universais e profundamente moralizadoras, aplicáveis a todos os povos e culturas, e mantidas sob a supervisão direta do Cristo. A Doutrinária Espírita, em razão do seu triplice aspecto (filosofia, ciência e moral), seria o Consolador Prometido:

Jesus promete outro Consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, Consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo havia dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade devia vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o seu ensino foi esquecido ou malcompreendido.

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da Lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.¹⁶

E tem mais:

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.¹⁷

Neste sentido, a primeira providência é esclarecer-nos por meio dos ensinamentos espíritas. A instrução espírita é necessária a fim de que possamos compreender, sem véus nem mistérios, a nossa origem, porque nos encontramos aqui e qual será a nossa destinação. Pelo Espiritismo aprendemos a melhor utilizar o livre-arbítrio, fazendo escolhas mais acertadas que, cedo ou tarde, repercutirão em nosso espírito, transformando-nos em pessoas melhores e mais felizes. Daí Emmanuel orientar os espíritas a se instruírem, buscando esclarecimentos a respeito da vida que transcorre no Plano Espiritual, assim como os relacionados a acontecimentos futuros, sob a égide do Consolador Prometido por Jesus:

Prevenir e recuperar são atitudes que se ampliam entre os homens, à medida que se acentua o progresso da Humanidade.

Aparecem noções de civilização e responsabilidade e levantam-se ideias de burilamento e defesa.

[...]

Educação e reeducação constituem a síntese de toda obra consagrada ao aprimoramento do mundo.

Para isso e para que nos disponhamos à conquista da vida vitoriosa é que o Espírito de Verdade, nos primórdios da Codificação Kardequiana, nos advertiu claramente:

– “Espíritas, instruí-vos!”¹⁸

Sintonizada com esse pensamento, lembra-nos Amélia Rodrigues, que o aprendizado enviado pelo Espírito da Verdade é paulatino: “A mensagem do Reino, mais do que uma promessa para o futuro, é uma realidade para o presente. Penetra o íntimo e dignifica, desvelando os painéis da vida em deslumbrantes cores...”¹⁹ A querida benfeitora conclui a respeito do assunto ao recordar os benefícios que o Espiritismo vem proporcionando às pessoas há séculos:

Ei-lo chegado!

O Consolador encaminha e ampara já milhões de seres, preparando os dias do Senhor, entre os deserdados do Orbe, homenageando o amanhã de felicidade, desde o agora das lágrimas.

Aí estão soando as trombetas de além morte, entoando advertências, repetindo os ensinamentos, restaurando a verdade...

Escutemo-las na acústica do coração, essa voz que fala pela boca dos sempre-vivos. É Jesus novamente ensinando.

O Consolador em triunfo traça rotas e guia. [...].²⁰

24.1.4 A PAZ DO MUNDO E A PAZ DO CRISTO (JO 14:27)²¹

A mensagem de Emmanuel que se segue reflete, perfeitamente, o teor das ideias de Jesus relacionadas ao tema da paz, a que Ele oferece a todos nós e a que o mundo, ainda moralmente imperfeito, disponibiliza:

Paz do mundo e paz do Cristo²²

*A paz vos deixo, a minha paz vos dou;
não vo-la dou como o mundo a dá. JESUS (João, 14:27.)*

É indispensável não confundir a paz do mundo com a paz do Cristo.

A calma do plano inferior pode não passar de estacionamento.

A serenidade das esferas mais altas significa trabalho divino, a caminho da Luz Imortal.

O mundo consegue proporcionar muitos acordos e arranjos nesse terreno, mas somente o Senhor pode outorgar ao espírito a paz verdadeira.

Nos círculos da carne, a paz das nações costuma representar o silêncio provisório das baionetas; a dos abastados inconscientes é a preguiça improdutiva e incapaz; a dos que se revoltam, no quadro de lutas necessárias, é a manifestação do desespero doentio; a dos ociosos sistemáticos, é a fuga ao trabalho; a dos arbitrários, é a satisfação dos próprios caprichos; a dos vaidosos, é o aplauso da ignorância; a dos vingativos, é a destruição dos adversários; a dos maus, é a vitória da crueldade; a dos negociantes sagazes, é a exploração inferior; a dos que se agarram às sensações de baixo teor, é a viciação dos sentidos; a dos comilões é o repasto opulento do estômago, embora haja fome espiritual no coração.

Há muitos ímpios, caluniadores, criminosos e indiferentes que desfrutam a paz do mundo. Sentem-se triunfantes, venturosos e dominadores no século. A ignorância endinheirada, a vaidade bem-vestida e a preguiça inteligente sempre dirão que seguem muito bem.

Não te esqueças, contudo, de que a paz do mundo pode ser, muitas vezes, o sono enfermigo da alma. Busca, desse modo, aquela paz do Senhor, paz que excede o entendimento, por nascida e cultivada, portas adentro do espírito, no campo da consciência e no santuário do coração.

24.1.5 O “PRINCIPE DO MUNDO” E JESUS (JO 14:30 E 31)²³

Importa considerar que a melhoria espiritual do ser humano é algo que acontecerá de forma paulatina, sem violências ou imposições de qualquer espécie. Trata-se de um processo evolutivo que demanda tempo, mas, sem dúvida, acontecerá, pois, em razão da nossa herança divina, somos destinados à felicidade plena. Nestes termos, Bittencourt Sampaio afirma que

Jesus não praticou entre os homens senão obras que eles pudessem compreender, proporcionadas às suas inteligências. [...]. O mesmo acontecerá com os atos que um dia os homens realizarão, quando bastante elevado for o grau de perfeição a que houverem chegado.²⁴

Faz-se necessário destacar que o aprendizado espiritual do homem é conquista própria e não uma concessão divina, na forma de uma graça disponibilizada por Deus como pregam algumas teologias. O Pai e Criador nos oferece a felicidade verdadeira como causa e finalidade da criação e da existência humana. Contudo a ascensão espiritual são aquisições adquiridas por mérito próprio:

O homem tem o seu livre-arbítrio – a liberdade de seus pensamentos e atos, para ter deles a responsabilidade. Os que não guardam os mandamentos que o Cristo a todos deu internam-se pelas sendas do orgulho, do egoísmo, dos vícios, das paixões que perturbam e degradam a Humanidade, atraem a si

as más inspirações, as más influências e afastam a inspiração divina. Deus e Jesus não vêm a esses.²⁵

Os apóstolos, porém, não conseguiram penetrar no sentido espiritual das orientações que o Mestre Nazareno lhes transmitia naquele solene momento de despedida na Última Ceia. Eles nem sequer conseguiam perceber os acontecimentos que muito em breve aconteceriam: a prisão de Jesus, a sua condenação e morte por crucificação. Somente após a Ressurreição, em que o Senhor mostrou que a morte do Espírito não existe, e perante as perseguições sucessivas que os discípulos foram alvo, é que eles começaram, na prática, entender as orientações de Jesus. Mais à frente, fiéis aos compromissos assumidos com Cristo e d'Ele recebendo contínua proteção – *Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós* (Jo 14:18) –, os apóstolos vivenciaram os mais diferentes desafios, dolorosas provações, para, enfim, compreenderem a gloriosa mensagem do Amor Imortal que, tantas vezes, o Senhor lhes ensinara e exemplificara.

Para ensinar, Jesus precisou utilizar um simbolismo ou contar uma parábola para que os ouvintes pudessem adquirir alguma noção dos ensinamentos espirituais. Desta forma, estas palavras do Senhor, que encerram o estudo do Tema 24, são figuradas: *Já não conversarei muito convosco, pois o príncipe deste mundo vem; contra mim, ele nada pode, mas é preciso que o mundo saiba que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos! Saiamos daqui!* (Jo 14:30 e 31): “Referem-se às agonias e incertezas que se apoderam dos homens à aproximação da morte e que, em qualquer outra natureza que não a sua, se apoderariam da criatura no momento de um sacrifício tal como o do Gólgota. [...]”²⁶ Assim, a expressão *príncipe do mundo*, “[...] que alguns intérpretes eruditos consideram o príncipe das trevas, ou satanás, era uma figura, um símbolo com que o Divino Mestre quis indicar o estado dos Espíritos em geral, no momento de ver aproximar-se o sacrifício. [...]”²⁷

É altamente significativa a determinação de Jesus dirigida aos seus discípulos no final última refeição que compartilharam, ensina Emmanuel:

Levantemo-nos²⁸

Levantai-vos, vamo-nos daqui. JESUS (João, 14:31.)

Antes de retirar-se para as orações supremas no Horto, falou Jesus aos discípulos longamente, esclarecendo o sentido profundo de sua exemplificação.

Relacionando seus pensamentos sublimes, fez o formoso convite inserto no *Evangelho de João*:

– “Levantai-vos, vamo-nos daqui.”

O apelo é altamente significativo.

Ao toque de erguer-se, o homem do mundo costuma procurar o movimento das vitórias fáceis, atirando-se à luta sequioso de supremacia ou trocando de domicílio, na expectativa de melhoria efêmera.

Com Jesus, entretanto, ocorreu o contrário.

Levantou-se para ser dilacerado, logo após, pelo gesto de Judas. Distanciou-se do local em que se achava a fim de alcançar, pouco depois, a flagelação e a morte.

Naturalmente partiu para o glorioso destino de reencontro com o Pai, mas precisamos destacar as escalas da viagem...

Ergueu-se e saiu, em busca da glória suprema. As estações de marcha são eminentemente educativas: Getsêmani, o Cárcere, o Pretório, a Via Dolorosa, o Calvário, a Cruz constituem pontos de observação muito interessantes, mormente na atualidade, que apresenta inúmeros cristãos aguardando a possibilidade da viagem sobre as almofadas de luxo do menor esforço.

REFERÊNCIAS

- 1 FAJARDO, Cláudio. *O sermão do cenáculo: a vinda do filho do homem*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Itapuã, 2009. cap. 1, p. 37 e 38.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 14:1-31, p. 1.879 a 1.881.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 14:1-3, p. 1.879.
- 4 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 3, it. 2.
- 5 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 202. q. 224.
- 6 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 202. q.112.
- 7 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 202. q.113.
- 8 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 202. q. 225-a.
- 9 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIV*, p. 420.

- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 3, it. 3.
- 11 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 3, it. 4.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 14:6, p. 1.879.
- 13 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIV*, p. 421 e 422.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no caminho*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: CEU, 2022. cap. 9 – *Mensagem de Emmanuel*.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 14:15-17 e 26, p. 1.880 e 1.881.
- 16 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.
- 17 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. ed. imp. Brasília, DF: FEB; Uberaba, MG: CEC, 2008. cap. 15 – *Espíritas, intruí-vos!*
- 19 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 7, p. 101.
- 20 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 1989. cap. 20, p. 127.
- 21 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 14:27, p. 1.881.
- 22 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 105.
- 23 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 14:30, p. 1.881.

- 24 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIV*, p. 425.
- 25 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIV*, p. 429 e 430.
- 26 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIV*, p. 432.
- 27 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIV*, p. 433.
- 28 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 84.

A DESPEDIDA DE JESUS – 3ª PARTE – A VERDADEIRA VIDEIRA. OS DISCÍPULOS E O MUNDO (JO 15:1 A 27)

Na terceira parte do Sermão do Cenáculo,* Jesus utiliza a alegoria da vinha e dos vinhateiros para ensinar que Deus, o Criador Supremo, é o proprietário e o lavrador da vinha, ou Universo. Ele conserva o destino e a vida dos seres da criação, simbolizados no fruto (a uva). Em comunhão direta com o Criador, Jesus representa a videira, por ser a fonte da vida e do desenvolvimento dos seres, inclusive o aperfeiçoamento espiritual dos viventes. Os indivíduos que possuem vida espiritual estão mais ligados a Jesus, fonte da vida perene, e, por isto, são moralmente mais desenvolvidos, simbolizados, aqui na quantidade e na qualidade dos frutos produzidos.¹

Alguns indivíduos crescem e se desenvolvem espiritualmente, e possuem vida espiritual, expressando-se diante dos outros por estarem vitalmente ligados à grande fonte de vida espiritual, que é Jesus Cristo (verdade simbolizada pelos ramos, que fazem parte integrante da videira).²

Há, porém, “[...] outros indivíduos que não se mostram frutíferos, porquanto não têm nenhuma conexão vital com a vida divina, pelo que também não podem manifestá-lo, visto não estarem em comunhão ou contato com Jesus Cristo, [...] (o que é simbolizado pelos ramos cortados da videira)”.³ Em síntese:

A vida e o desenvolvimento espirituais (crescimento e frutificação) tornam-se realidades somente por intermédio da comunhão mística [espiritual] com o Cristo, o que repete, sob simbólica, a mensagem da passagem de João, 14:6: “[...] ninguém vem ao Pai senão por mim”. (Ver *João*, 15:4).⁴

* **Sermão do Cenáculo:** expressão relacionada ao local onde foi proferido, isto é: “Casa de refeição. Casa onde se ceava ou jantava, de ordinário no alto do edifício, entre os antigos romanos (1 Cr 27:11)”.

25.1 A VERDADEIRA VIDEIRA (JO 15:1 A 17)⁵

¹Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o agricultor. ²Todo ramo em mim que não produz fruto ele o corta, e todo o que produz fruto ele o poda, para que produza mais fruto ainda. ³Vós já estais puros, por causa da palavra que vos fiz ouvir. ⁴Permanecei em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. ⁵Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer. ⁶Se alguém não permanece em mim é lançado fora, como o ramo, e seca; tais ramos são recolhidos, lançados ao fogo e se queimam. ⁷Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vós o tereis. ⁸Meu Pai é glorificado quando produzis muito fruto e vos tornais meus discípulos. ⁹Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permanecei em meu amor. ¹⁰Se observais meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor. ¹¹Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena. ¹²Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. ¹³Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos. ¹⁴Vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando. ¹⁵Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer. ¹⁶Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto e para que o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome ele vos dê. ¹⁷Isto vos mando: amai-vos uns aos outros.

Já no início da sua preleção, Jesus afirma que Ele é a videira verdadeira e que Deus, o Criador, é o lavrador (Jo 15:1), que Emmanuel interpreta assim:

Deus é o Criador Eterno cujos desígnios permanecem insondáveis a nós outros. Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no Ilimitado.

Pequena e obscura, a Terra não pode perscrutar a grandeza divina. O Pai, entretanto, envolve-nos a todos nas vibrações de sua bondade gloriosa.

Ele é a alma de tudo, a essência do Universo.

Permanecemos no campo terrestre, de que Ele é dono e supremo dispensador. No entanto, para que lhe sintamos a presença em nossa compreensão limitada, concedeu-nos Jesus como sua personificação máxima.

Útil seria que o homem observasse no planeta a sua imensa escola de trabalho; e todos nós, perante a grandeza universal, devemos reconhecer a nossa condição de seres humildes, necessitados de aprimoramento e iluminação.

Dentro de nossa pequenez, sucumbiríamos de fome espiritual, estacionados na sombra da ignorância, não fosse essa videira da verdade e do amor que o Supremo Senhor nos concedeu em Jesus Cristo. De sua seiva divina procedem

todas as nossas realizações elevadas, nos serviços da Terra. Alimentados por essa fonte sublime, compete-nos reconhecer que sem o Cristo as organizações do mundo se perderiam por falta de base. N'Ele encontramos o pão vivo das almas e, desde o princípio, o seu amor infinito no orbe terrestre é o fundamento divino de todas as verdades da vida.⁶

Valendo-se dos símbolos da vinha e dos trabalhadores da vinha, Jesus prega a respeito das condições necessárias para a melhoria espiritual do ser humano e, ao mesmo tempo, aconselha os seus discípulos como deveriam proceder no exercício da missão que lhes cabia executar, conforme esclarece Bittencourt Sampaio:

Falando em linguagem figurada, mas apropriada às inteligências da época, proclama a ação superior e diretora do Criador sobre a nossa humanidade, por seu intermédio, como Messias encarregado do nosso desenvolvimento e do nosso progresso; explica os caminhos e os meios de realização desse desenvolvimento e desse progresso, as condições únicas segundo as quais podem ser obtidas – a expiação, que atinge os que se afastam da estrada do Senhor. Mostra-lhes o laço que os une a Ele, o meio de cumprirem fielmente a missão que tinham de desempenhar na Terra: a observância dos mandamentos divinos.⁷

Jesus também ensina que sendo Ele a videira, nós somos os ramos desta planta, mas somente produziremos frutos se nos mantivermos unidos à videira (v. 5), caso contrário, os ramos secarão, serão lançados fora e, quando recolhidos, alimentarão o fogo da fogueira (v. 6):

Jesus é o bem e o amor do princípio.

Todas as noções generosas da Humanidade nasceram de sua divina influência. Com justiça, asseverou aos discípulos, nesta passagem do *Evangelho de João*, que seu Espírito Sublime representa a árvore da vida e seus seguidores sinceros as frondes promissoras, acrescentando que, fora do tronco, os galhos se secariam, caminhando para o fogo da purificação.

Sem o Cristo, sem a essência de sua grandeza, todas as obras humanas estão destinadas a perecer.

[...]

Os homens são varas verdes da árvore gloriosa. Quando traem seus deveres, secam-se porque se afastam da seiva, rolam ao chão dos desenganos, para que se purifiquem no fogo dos sofrimentos reparadores, a fim de serem novamente tomados por Jesus, à conta de sua misericórdia, para a renovação. É razoável, portanto, positivemos nossa fidelidade ao Divino Mestre, refletindo no elevado número de vezes em que nos ressecamos, no passado, apesar do imenso amor que nos sustenta em toda a vida.⁸

Em *João* (15:9 a 13), Jesus enfatiza a importância do amor: o de Deus, o d'Ele e o dos seus discípulos, reafirmando o que ensinara anteriormente

(Jo 13:34 e 35): *Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei* (Jo 15:12). Somente o amor, ensina o Mestre Nazareno, consegue sacrificar a própria vida pelo próximo (Jo 15:13). O amor é a essência da vida, como ensina Joanna de Ângelis:

O amor é o sentimento fundamental para o estabelecimento da felicidade humana, sem o qual a vida perde o total sentido e significado de que se reveste. Um indivíduo rico de amor transforma-se em precioso celeiro, onde todos podem se repletar de alimento vivo.⁹

A benfeitora prossegue em suas reflexões e nos aconselha:

Presente em toda Natureza, porque procedente de Deus, da criatura humana se irradia abrangendo tudo e voltando em direção a Deus.

Cultiva o amor no pensamento, externa-o nas palavras e vive-o nas ações, sem preocupação de haveres ou não alcançado o seu sublime clímax.

Começa-o agora e segue-lhe a trilha infinita, cada vez amando mais.

Habituar-te-ás ao amor de tal forma, que nunca mais poderás viver sem ele no coração.¹⁰

Nos momentos finais da Última Ceia as instruções transmitidas pelo Senhor trazem o sabor de despedida, mas também a certeza do seu amor e amizade perenes aos discípulos do passado, do presente e do futuro: *Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer*. (Jo 15:15). O confrade Cláudio Fajardo interpreta o significado de servo e de amigos, nesse ensinamento de Jesus:

[...] A condição de servo é interessante para aquele que assim se faz de forma consciente. Será maior no Reino aquele que mais servir, nos ensina o Mestre; porém, esta é a condição louvável se daqui para lá, se de dentro para fora.

Se essa é uma condição definida de fora para dentro, ou seja, se alguém nos chama servos, é porque de certa forma esse alguém nos é superior, há uma ordem natural, um impositivo do momento. [...].¹¹

O servo atende às solicitações do seu senhor como um subalterno, sem questioná-las, até porque desconhece o que o seu senhor faz, como registrou *João* (15:15). É usual que na hierarquia social estabelecida entre o patrão e o servidor, aquele que se encontra na posição superior não precisa dar satisfação ao subalterno. No entanto, Jesus, a partir daquele momento, afirma que os membros do seu colégio apostolar, exceto Judas Iscariotes que se retirara da Ceia, não mais seriam considerados servos, mas amigos:

Jesus eleva seus discípulos à condição superior de amigos, e *meus amigos*, diz Ele. Já vê neles o potencial da compreensão e do amor dinamizado. Se antes

eles eram chamados servos, agora eram amigos. Já comungavam, assim, da intimidade do Senhor, já possuíam a mesma aspiração.

Se o mundo nos chama disso ou daquilo, pouca importância tem, pois o mundo normalmente comunga interesses mesquinhos e também está em constante mutação. [...] Todavia, quando atingimos condição elevada em termos de moral, quem nos nomeará ou até mesmo nos terá como amigos é o Cristo, entidade superior que sabe o que diz e que, projeta-nos sempre adiante, a uma nova posição, cada vez mais perto Daquele que nos Criou.

...mas já vos chamo amigos..., e nós, quando assim seremos? O que estamos fazendo hoje para aproximarmos esse tempo que pela Lei um dia virá?¹²

25.2 OS DISCÍPULOS E O MUNDO (JO 15:18 A 27)¹³

¹⁸Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro, me odiou a mim. ¹⁹Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo e minha escolha vos separou do mundo, o mundo, por isso, vos odeia. ²⁰Lembrai-vos da palavra que vos disse: O servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão; se guardaram minha palavra, também guardarão a vossa. ²¹Mas tudo isso eles farão contra vós, por causa do meu nome, porque não conhecem quem me enviou. ²²Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado; mas agora não têm desculpa para o seu pecado. ²³Quem me odeia, odeia também meu Pai. ²⁴Se eu não tivesse feito entre eles as obras que nenhum outro fez, não seriam culpados de pecado; mas eles viram e nos odeiam, a mim e ao Pai. ²⁵Mas é para que se cumpra a palavra escrita na sua Lei: *Odiaram-me sem motivo*. ²⁶Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim. ²⁷E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio.

Tais registros são alertas que o Senhor fez aos discípulos quanto aos acontecimentos futuros, que seriam marcados pela declarada hostilidade contra os cristãos, sobretudo as lideranças cristãs. Eles sofreriam todo tipo de perseguição e de maus-tratos, inclusive prisões, condenações e sentença de morte sumária: “[...] Aqui encontramos tanto uma predição (feita pelo Senhor Jesus) como um reflexo histórico das primeiras perseguições movidas contra os cristãos, tanto da parte dos judeus como da parte dos romanos”.¹⁴ Contudo, a despeito das lutas acerbadas que os discípulos passaram, eles saíram da vestimenta física vitoriosos, mantendo a comunhão com o Cristo e profunda fé em Deus: “Essa comunhão com Cristo altera também as relações entre o crente e o mundo, porque assim como este mundo hostil odiou e matou o Messias, também os seus discípulos seriam odiados e maltratados” (Jo 15:18 a 22).¹⁴

Na seção anterior, Jesus falou sobre o poder do amor. Em seguida Ele voltou sua atenção ao poder do ódio, alertando seus discípulos sobre a oposição que

receberiam do mundo. O *mundo*, aqui, como no restante desse Evangelho, é a ordem moral afastada de Deus. Há um abismo profundo entre o amor do mundo por si mesmo e seu ódio a tudo o que Jesus representa (v. 18, 19). [...]. Jesus apontou uma razão espiritual para o ódio do mundo. Como ele tinha escolhido seus discípulos, eles se tornaram suspeitos aos olhos do mundo. No v. 20 Jesus relembra os discípulos de uma declaração que ele fizera anteriormente (cf. 13:16). Os servos não podem esperar melhor tratamento do que aquele que é dado a seu mestre. [...].

A perseguição tem origem na ignorância (v. 21), no fato de não reconhecerem que Jesus estava fazendo a obra do Pai. Ainda assim, *eles não têm desculpa* (v. 22). A vinda de Jesus tinha lançado sobre seus ouvintes uma responsabilidade moral. [...].¹⁵

Bittencourt Sampaio, porém, pondera a respeito do sentido da palavra *ódio* que consta do texto evangélico (v. 25):

Não devemos tomar a palavra “odiar” no sentido que se lhe dá em nossa linguagem [...]. O termo significa, quanto a Jesus, falta de atração para Ele e, por conseguinte, de submissão às inspirações que Ele e os bons Espíritos não cessam de transmitir aos homens, conforme os respectivos graus de desenvolvimento. – Quanto aos apóstolos, significava que necessariamente encontrariam os mesmos sentimentos que o Mestre encontrara e que também contra eles se traduziriam em violências e perseguições físicas e até, contra alguns, no derradeiro suplício – não por causa de suas pessoas, mas por causa da doutrina, da palavra que eram encarregados de espalhar.¹⁶

O benfeitor prossegue em suas reflexões a respeito da desafiante missão que caberia aos apóstolos:

Se os apóstolos fossem *do mundo*, isto é, se fossem Espíritos atrasados e maus, como a maioria dos homens de então, não seriam odiados, porque neles *o mundo teria amado o que era seu* [v. 18]; mas como foram escolhidos por Jesus fora do mundo, como eram Espíritos bons, que encarnaram para ajudar o Divino Mestre na obra de amor universal, de amor sem limites, conforme o declarou o próprio Jesus, não podiam atrair a si os maus, antes os repeliriam, para sofrerem as provas inerentes às suas missões na Terra.

Se perseguiram a Jesus, não deixariam de perseguir-lhe os discípulos, porque *não é maior do que o Senhor o servo*.¹⁷

Prevenidos, assim, a respeito dos amargos dias do futuro, Jesus acalma-os lembrando-lhes que sempre estaria com eles com o advento do Consolador: *Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele dará testemunho de mim. E vós também dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio.* (Jo 15:26 e 27):

As palavras de Jesus eram de aplicação para aquela época e encerravam uma promessa para o futuro.

Durante séculos que decorreram, desde o cumprimento de sua missão até os nossos dias, os apóstolos têm aprendido e, durante os séculos que se sucederem, ainda aprenderão.

Também nós temos aprendido e aprenderemos por muito tempo ainda – na medida das nossas necessidades – até que cheguemos ao estado de conhecer *todas as coisas*, na ordem física, moral e intelectual – intelectual, sobretudo, em relação à eternidade.¹⁸

A vinda do Paráclito ou Espírito da Verdade, consubstanciado na Doutrina Espírita, encaminhará a Humanidade para a regeneração espiritual:

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.¹⁹

Jesus promete outro Consolador: *o Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, Consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo havia dito. [...]

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da Lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.²⁰

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 15, it. 1-3, p. 705.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 15, it. 4, p. 705.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 15, it. 5, p. 705.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 15, it. 6, p. 705.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 15:1-17, p. 1.881 e 1.883.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 54 – *A videira*.
- 7 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XV*, p. 434.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 55 – *As varas da videira*.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Garimpo de amor*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 2003. cap. 11, p. 75.
- 10 FRANCO, Divaldo Pereira. *Garimpo de amor*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: LEAL, 2003. cap. 11, p. 79.
- 11 FAJARDO, Cláudio. *O sermão do cenáculo: a vinda do filho do homem*. Belo Horizonte, MG: Itapuã, 2009. cap. 3, p. 133.
- 12 FAJARDO, Cláudio. *O sermão do cenáculo: a vinda do filho do homem*. Belo Horizonte, MG: Itapuã, 2009. cap. 3, p. 134.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 15:18-27, p. 1.883.
- 14 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 15, it. 12, p. 705.
- 15 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 15, it. 15:18; 16:3, p. 1.589.
- 16 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XV*, p. 439.
- 17 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XV*, p. 439 e 440.
- 18 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XIV*, p. 430.
- 19 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.
- 20 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.

A DESPEDIDA DE JESUS – 4ª PARTE – A VINDA DO PARÁCLITO (JO 16:1 A 15)

Na quarta parte do Sermão do Cenáculo, Jesus reafirma que as perseguições contra a mensagem do Evangelho prosseguirão; inclusive com mortes, muitas das quais realizadas em seu nome, como relata a História. No início, tanto as calúnias como as perseguições e mortes, em especial, foram realizadas ou promovidas por representantes do clero judaico. Mais tarde, após a crucificação de Jesus, o ódio manifestado contra os ensinamentos do Mestre Nazareno espalhou-se pelo mundo, sobretudo contra os representantes do Movimento Cristão, que durante três séculos consecutivos, no mínimo, foram alvo de todo tipo de sofrimento:

[...] Esse ódio, mencionado antes (ver Jo 15:1-25), é agora descrito com maiores pormenores. Os discípulos precisavam ser advertidos com antecedência, porquanto a prova pela qual passaria seria extremamente severa e não terminaria de imediatamente [...].¹

Vemos assim, que por muito tempo os cristãos foram alvo de todo tipo de preconceito, desprezados, perseguidos e mortos pelos donos do poder, religiosos ou não, fazendo-os viver à margem da sociedade, como párias:¹

Por conseguinte, foi por razões como essas que o Senhor Jesus resolveu advertir os seus discípulos, aludindo à sua obra, ao novo Consolador, Conselheiro, Ajudador, o alter ego de Jesus Cristo, que o Senhor haveria de lhes enviar, com a finalidade de dar continuidade à sua obra, para servir de presença divina entre eles. (Ver os v. 12-15 deste capítulo.) [...].²

26.1 A VINDA DO PARÁCLITO (JO 16:1 A 15)³

¹Digo-vos isto para que não vos escandalizeis. ²Expulsar-vos-ão das sinagogas. E mais ainda: virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus. ³E isso farão porque não reconheceram o Pai nem a mim. ⁴Mas eu vos digo tais coisas para que, ao chegar a sua hora, vos lembreis de que eu vos havia dito.

Não vos disse isso desde o princípio porque estava convosco. ⁵Agora, porém, vou para aquele que me enviou e nenhum de vós me pergunta: “Para onde vais?” ⁶Mas porque vos disse isso, a tristeza encheu vossos corações. ⁷No entanto, eu vos digo a verdade: é de vosso interesse que eu parta, pois, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-ei a vós. ⁸E quando ele vier, estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento: ⁹do pecado, porque não creem em mim; ¹⁰da justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis; ¹¹do julgamento, porque o Príncipe deste mundo está julgado. ¹²Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. ¹³Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. ¹⁴Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. ¹⁵Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse: ele receberá do que é meu e vos anunciará.

Jesus alerta os seus discípulos a respeito das provações e sacrifícios que iriam se submeter após a sua partida (v. 1 a 4), porém garante-lhes que não os deixaria órfãos (Jo 14:18), jamais seriam entregues à própria sorte. Como medida de prudência eles deveriam estar atentos às ponderações do Senhor quanto ao tipo de provação que lhes alcançariam, preparando-se para a jornada:

É indispensável ouvi-las para que se não escandalize no quadro das obrigações comuns.

Esclareceu-nos a palavra do Mestre que, enquanto perdurasse a dominação da ignorância no mundo, os legítimos cultivadores dos princípios da renovação espiritual, por Ele trazidos, não seriam observados com simpatia. Seriam perseguidos sem tréguas pelas forças da sombra. Compareceriam a tribunais condenatórios para se inteirarem das falsas acusações dos que se encontram ainda incapacitados de maior entendimento. Suportariam remoques de familiares, estranhos à iluminação interior. Sofreriam a expulsão dos templos organizados pela pragmática das seitas literalistas. Escutariam libelos gratuitos das inteligências votadas ao escárnio das verdades divinas. Viveriam ao modo de ovelhas pacíficas entre lobos famulentos. Sustentariam guerra incessante contra o mal. Cairiam em ciladas torpes. Contemplariam o crescimento do joio ao lado do trigo. Identificariam o progresso efêmero dos ímpios. Carregariam consigo as marcas da cruz. Experimentariam a incompreensão de muitos. Sentiriam solidão nas horas graves. Veriam, de perto, a calúnia, a pedrada, a ingratidão...⁵

Faz-se necessário compreender que o alerta de Jesus não foi dirigido apenas aos discípulos, sobretudo aos presentes à Última Ceia: “Estas palavras de Jesus eram advertências a todos aqueles que, como os apóstolos, então e no futuro, desempenhassem uma missão em prol da verdade num meio retardatário e refratário”⁶

Jesus em sua predição abrange todos os que, como os seus discípulos, em diversas épocas, pregaram e pregarão a verdade, combatendo os abusos e os vícios. Aqueles que praticaram a intolerância, o fanatismo, a perseguição contra os discípulos e os levaram à morte, *creram que faziam um serviço a Deus*; obravam assim – porque não conheciam o Pai, que é o Deus de amor, do amor universal, infinito – porque não conheciam a Jesus, que era o enviado do Senhor, o *emblema* da Lei de Amor, e não conheciam a grandeza e o fim da sua missão, que era de regeneração da Humanidade pela justiça, pelo amor, pela caridade e, pois, pela fraternidade entre os homens.⁷

Após o alerta, o Senhor volta a anunciar a vinda do Paráclito (v. 7 a 15), que materializaria no planeta quando os homens estivessem aptos a compreender as lições imortais do Evangelho:

O Consolador que o Divino Mestre enviaria a seus discípulos, era, como se sabe, o conjunto dos Espíritos do Senhor – seus mensageiros, que os inspirariam e ajudariam na missão que iam desempenhar. [...].⁸

Com o advento do Consolador, os integrantes da comunidade planetária entenderão, finalmente, que a causa dos seus erros (“pecados”) decorrem das próprias imperfeições espirituais, as quais serão substituídas pelo desenvolvimento de virtudes. Chegado ao estágio dessa compreensão, o ser humano estará apto para aceitar a sua culpabilidade com o mau uso do livre-arbítrio e submeterá aos devidos processos reparadores determinados pela Justiça Divina, tal como consta em *João* (16:8 a 10): *E quando ele vier, estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis.*

Neste sentido, o Espiritismo, bem compreendido e vivenciado, reflete o Paráclito ou o Consolador Prometido por Jesus, assim resumido por Allan Kardec:

[...] conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da Lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.⁹

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da Lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. [...]

[...] O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, em que o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos como crises salutares que levam à cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. [...].¹⁰

Como o Espiritismo poderá contribuir para o progresso da Humanidade, pergunta Allan Kardec aos Espíritos orientadores. A resposta que eles nos transmitiram foi a seguinte:

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, o Espiritismo pode fazer com que os homens compreendam onde estão seus verdadeiros interesses. Como a vida futura não mais estará velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que pode garantir seu futuro por meio do presente. Destruindo os preconceitos de seitas, castas e cores, o Espiritismo ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.”¹¹

Os Espíritos integrantes da falange do Espírito da Verdade informam-nos também que as ideias espíritas serão aceitas no futuro pela humanidade terrestre:

“Certamente ele se tornará crença geral e marcará uma Nova Era na História da Humanidade, porque está na Natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. Entretanto, terá que sustentar grandes lutas, mais contra os interesses do que contra a convicção, pois não se pode dissimular a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por amor-próprio, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como seus contraditores se tornarão cada vez mais isolados, serão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.”¹²

Como fechamento deste estudo, mas sem pretensão de esgotar o assunto, registramos algumas considerações de Emmanuel, extraídas da mensagem *O Evangelho e o futuro*, na qual o benfeitor destaca logo no início que “[...] a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, uma vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus [...]”¹³. Em seguida, explica o papel a ser desempenhado pelo Espiritismo:

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas preludiam a época dos últimos “ais” do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua história; só ele pode, na sua feição de Cristianismo Redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária

e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.¹⁴

A certeza de que o Cristo permanece conosco, encaminhando-nos ao mundo de Regeneração é esperança que conforta e sustenta o bom ânimo nos corações humanos, finaliza Emmanuel:

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.¹⁵

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, p. 725.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, p. 726.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 16:1-15, p. 1.883 a 1.885.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 101.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 101.
- 6 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVI*, p. 446.
- 7 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVI*, p. 447.
- 8 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVI*, p. 448.

- 9 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.
- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 6, it. 4.
- 11 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 799.
- 12 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 798.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 25 – *O Evangelho e o futuro*.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 25 – *O Evangelho e o futuro*.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 25 – *O Evangelho e o futuro*.

A DESPEDIDA DE JESUS – 5ª PARTE – ANÚNCIO DE PRONTO RETORNO (JO 16:16 A 33)

Dos Temas 23 (Jo 13:1 a 38) ao 28 (Jo 17:1 a 26) estamos estudamos orientações finais de Jesus, pronunciadas na Última Ceia, as quais sintetizam a pregação que Ele proferiu ao longo de três anos, quando esteve entre nós no plano físico. São esclarecimentos fundamentais que serviram de base à instalação e desenvolvimento do Cristianismo no mundo, no passado, presente e futuro, visto que a mensagem do Cristo extrapola os séculos, cumprindo o seu permanente papel de formação do homem de bem:

A Verdade há sido sempre revelada ao homem na medida do que o homem podia compreender; os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, seus missionários, quer no estado errante, quer encarnados, têm trazido, em todos os tempos, a luz, a ciência, a verdade, em correlação às inteligências e às necessidades de cada época.¹

No estudo do atual tema, Jesus anuncia que momentos de profunda tristeza alcançariam os discípulos em breve espaço de tempo. Contudo, declara o Senhor, que essa tristeza seria convertida em grande alegria. Ambos os anúncios fazem referência, respectivamente, à sua prisão, condenação e morte por crucificação, à qual se seguiria a Ressurreição. De início, os discípulos não compreendem as palavras de Jesus pois, na verdade, eles não tinham a menor ideia dos acontecimentos que ocorreriam em seguida.

[...] Na sua resposta ante a perplexidade dos discípulos, Jesus os lembrou novamente da iminente tristeza (v. 20), mas que tinha o objetivo de acrescentar a promessa da alegria que seguiria a tristeza. [...] A transformação da tristeza em alegria é ilustrada pela metáfora do parto. O fato é que as dores do parto são esquecidas e substituídas pela alegria de um novo nascimento (v. 21) é uma verdade universal. [...].²

No final do diálogo, os discípulos tiveram alguma compreensão a respeito da fala de Jesus. Mesmo assim, em nenhum instante passou-lhes

pela mente que o retorno ao Pai, informado por Jesus, era alusão à própria morte, seguida da Ressurreição:

[...] Essa ida para o Pai, por parte do Senhor Jesus, assegurou aos discípulos a visão espiritual mais perfeita sobre o Filho: a revelação de sua glória, pois dessa maneira é que Cristo subiu para a glória que lhe convinha. Por conseguinte, dessa forma, os discípulos viriam compreender a magnitude da pessoa de Jesus Cristo; e, prosseguindo mais ainda nessa compreensão, perceberam qual seria o seu elevadíssimo destino, que está eternamente vinculado ao Cristo. [...].³

27.1 ANÚNCIO DE PRONTO RETORNO (JO 16:16 A 33)⁴

¹⁶“Um pouco de tempo e já não me vereis, mais um pouco de tempo ainda e me vereis”. ¹⁷Disseram entre si alguns de seus discípulos: “Que é isto que ele nos diz: ‘Um pouco e não me vereis e novamente um pouco e me vereis?’ e ‘Vou para o Pai?’” ¹⁸Eles diziam: “Que é ‘um pouco’? Não sabemos de que fala”. ¹⁹Compreendeu Jesus que queriam interrogá-lo e lhes disse: “Vós vos interrogais sobre o que eu disse: ‘Um pouco de tempo e já não me vereis, mais um pouco ainda e me vereis?’ ²⁰Em verdade, em verdade, vos digo: chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Vós vos entristecereis, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. ²¹Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem. ²²Também vós, agora, estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria. ²³Nesse dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade, vos digo: o que pedirdes ao Pai, ele vos dará em meu nome. ²⁴Até agora, nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa. ²⁵Disse-vos essas coisas por figuras. Chega a hora em que já não vos falarei em figuras, mas claramente vos falarei do Pai. ²⁶Nesse dia, pedireis em meu nome e não vos digo que intervirei junto ao Pai por vós, ²⁷pois o próprio Pai vos ama, porque me amastes e crestes que vim de Deus. ²⁸Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai”. ²⁹Seus discípulos lhe dizem: “Eis que agora falas claramente, sem figuras! ³⁰Agora vemos que sabes tudo e não tens necessidade de que alguém te interroge. Por isso cremos que saíste de Deus”. ³¹Jesus lhes responde: “Credes agora? ³²Eis que chega a hora – e ela chegou – em que vos dispersareis, cada um para o seu lado, e me deixareis sozinho. Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo. ³³Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!”

Extraímos dos 33 versículos dessa passagem evangélica quatro ideias principais que serão analisadas, em seguida, à luz do Espiritismo:

27.1.1 JESUS ANUNCIA O SEU RETORNO AO PAI (JO 16:16 A 19)

As seguintes palavras do Senhor registradas por *João* indicam que restava pouco tempo da permanência d’Ele junto aos discípulos, pois Ele retornaria ao Pai. Tal anúncio provocou perplexidade entre os discípulos que, efetivamente não entenderam o que Jesus queria dizer:

¹⁶“Um pouco de tempo e já não me vereis, mais um pouco de tempo ainda e me vereis”. ¹⁷Disseram entre si alguns de seus discípulos: “Que é isto que ele nos diz: ‘Um pouco e não me vereis e novamente um pouco e me vereis’? e ‘Vou para o Pai?’” ¹⁸Eles diziam: “Que é ‘um pouco’? Não sabemos de que fala”. ¹⁹Compreendeu Jesus que queriam interrogá-lo e lhes disse: “Vós vos interrogais sobre o que eu disse: ‘Um pouco de tempo e já não me vereis, mais um pouco ainda e me vereis?’”.

A História nos revela que esse entendimento iniciaria com a Ressurreição do Cristo, mas que só seria completo, efetivamente, com cumprimento da missão que caberia aos apóstolos executar. Refletindo um pouco mais a respeito vemos que, a despeito da ocorrência da Ressurreição, a organização posterior das igrejas cristãs utilizou a Crucificação como o símbolo máximo do Cristianismo. Ou seja, se fixaram no símbolo da morte, não no da vida, esclarece Vinícius:

Nos tempos romanos se destaca, invariavelmente, logo ao primeiro golpe de vista, a imagem de Jesus, pendente do madeiro, fronte abatida, mento caído sobre o peito, olhos cerrados. Todos os altares, mesmo quando destinado a este ou àquele patrono, têm no sopé, infalivelmente, o Cristo morto. [...]

Os reformistas, neste particular, aboliram o ídolo, mas se mantiveram apegados à mesma ideia. A reforma que introduziram, neste caso, não foi além da idolatria. Continuou vigorando o Cristo morto no dogma da redenção pela virtude do seu sangue; aqui, como no romanismo, se anuncia com toda ênfase o Cristo Crucificado. É para a cruz que se apela em todos os tons. É a efusão do sangue, é o sacrifício cruento, é a morte, em suma, que se encerra todos o prestígio, todo o valor e toda a magia da obra messiânica.⁵

Ante tal constatação histórica, o espírita Vinícius conclui e indaga:

Segundo este prisma, a missão de Jesus teve início na manjedoura de Belém e finalizou no topo do Calvário. A tal se reduz o Alfa e o Ômega do Cristianismo. Se assim é, onde fica o Cristo vivo, o Cristo ressuscitado? Que é feito d’Ele? Onde a sanção de suas promessas, dentre as quais se destacam as suas transcritas destes comentários?

Estaremos na orfandade, a despeito de nos haver Jesus prometido que se não daria tal?⁶

Essas e outras indagações semelhantes são oportunas e atuais, cujas respostas se resume em uma só: “[...] A Humanidade não deve sua salvação à cruz, deve-a ao amor de Jesus Cristo. [...]”⁷

[...] A morte de Jesus obedeceu à vontade humana, enquanto a obra da salvação do mundo obedece aos desígnios de Deus. Como se vê, são coisas bem distintas. A missão de Jesus está em plena atividade. A tragédia do Calvário não é, de modo algum, o seu epílogo. O Missionário da Galileia continua em ação. [...]. O Cristo de Deus não morreu. Sublime, forte e poderoso, tem vivido, vive e viverá no coração dos que têm fome e sede de justiça.
A Ele e ao ideal que Ele encarna – honra e glória!⁷

27.1.2 A TRISTEZA E A ALEGRIA QUE ACOMPANHARIAM O RETORNO DE JESUS AO PAI (JO 16:20 A 22)

A citação evangélica mostra que, em relação ao Cristo, há nítida diferença entre a tristeza e a alegria demonstradas pelos perseguidores e os cristãos. Os adversários de Jesus ficaram felizes com a sentença da sua morte e manifestaram inquietações com a Ressurreição. O contrário aconteceu com os discípulos, como destaca o Senhor em *João* (16:20 a 22):

Em verdade, em verdade, vos digo: chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará. Vós vos entristecereis, mas a vossa tristeza se transformará em alegria. Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem. Também vós, agora, estais tristes; mas eu vos verei de novo e vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria.

Jesus compara a tristeza e a alegria cristãs, respectivamente, com as dores do parto e o nascimento do bebê. Em outras palavras, se há compreensão sobre as causas do sofrimento, o Espírito sabe que é algo passageiro, ainda que a sua alma esteja abatida pela dor. A resignação suportada reverterá em felicidade posterior, daí o conselho sempre atual do benfeitor espiritual:

Valoriza a aflição de hoje, aprendendo com ela a crescer para o bem, que nos burila para a união com Deus, porque o Mestre que te propões a escutar e seguir, ao invés das facilidades no imediatismo da Terra, preferiu, para ensinar-nos a verdadeira ascensão, a humildade da Manjedoura, o imposto constante do serviço aos necessitados, a incompreensão dos conterrâneos, a indiferença dos corações mais queridos e o supremo testemunho do amor em plena cruz da morte.⁸

Em outra mensagem, Emmanuel interpreta com muita lucidez esse registro de *João*, assim se expressando:

Alegria cristã⁹

Mas a vossa tristeza se converterá em alegria. JESUS (João, 16:20.)

Nas horas que precederam a agonia da cruz, os discípulos não conseguiam disfarçar a dor, o desapontamento. Estavam tristes. Como pessoas humanas, não entendiam outras vitórias que não fossem as da Terra. Mas Jesus, com vigorosa serenidade, exortava-os: “Na verdade, na verdade, vos digo que vós chorareis e vos lamentareis; o mundo se alegrará e vós estareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.”

Através de séculos, viu-se no Evangelho um conjunto de notícias dolorosas – um Salvador abnegado e puro conduzido ao madeiro destinado aos infames, discípulos debandados, perseguições sem conta, martírios e lágrimas para todos os seguidores...

No entanto, essa pesada bagagem de sofrimentos constitui os alicerces de uma vida superior, repleta de paz e alegria. Essas dores representam auxílio de Deus à terra estéril dos corações humanos. Chegam como adubo divino aos sentimentos das criaturas terrestres, para que de pântanos desprezados nasçam lírios de esperança.

Os inquietos salvadores da política e da ciência, na Crosta Planetária, receitam repouso e prazer a fim de que o espírito chore depois, por tempo indeterminado, atirado aos desvãos sombrios da consciência ferida pelas atitudes criminosas. Cristo, porém, evidenciando suprema sabedoria, ensinou a ordem natural para a aquisição das alegrias eternas, demonstrando que fornecer caprichos satisfeitos, sem advertência e medida, às criaturas do mundo, no presente estado evolutivo, é depor substâncias perigosas em mãos infantis. Por esse motivo, reservou trabalhos e sacrifícios aos companheiros amados, para que se não perdessem na ilusão e chegassem à vida real com valioso patrimônio de estáveis edificações.

Eis por que a alegria cristã não consta de prazeres da inconsciência, mas da sublime certeza de que todas as dores são caminhos para júbilos imortais.

27.1.3 CRISTO: O MENSAGEIRO DE DEUS (JO 16:23 A 31)

²³Nesse dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade, vos digo: o que pedirdes ao Pai, em meu nome ele vos dará. ²⁴Até agora, nada pedistes em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa. ²⁵Disse-vos essas coisas por figuras. Chega a hora em que já não vos falarei em figuras, mas claramente vos falarei do Pai. ²⁶Nesse dia, pedireis em meu nome e não vos digo que intervirei junto ao Pai por vós, ²⁷pois o próprio Pai vos ama, porque me amastes e crestes que vim de Deus. ²⁸Saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai. ²⁹Seus discípulos lhe dizem: “Eis que agora falas claramente, sem figuras!” ³⁰Agora vemos que sabes tudo e não tens necessidade de que alguém te interrogue. Por isso cremos que saístes de Deus”. ³¹Jesus lhes responde: “Credes agora?”

O texto evangélico demonstra com muita clareza o pensamento joanino e, também, um dos principais fundamentos da Doutrina Espírita: Jesus é o Guia e Modelo da humanidade terrestre:

Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava. Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na Lei de Deus algumas vezes o transviaram por meio de falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como Leis divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e para dominar os homens.¹⁰

Quando os habitantes da Terra alcançarem esse entendimento, ora comentado por Allan Kardec, a comunidade planetária estará vivendo uma era de significativo desenvolvimento moral, constituída de “um só rebanho e um só Pastor” (Jo 10:16). Nessas condições, o ser humano não mais precisará utilizar símbolos nem rituais de culto externo para entrar em relação com Deus. Por intermédio de Jesus, chegaremos ao Pai, pelo conhecimento e pela vivência da Lei de Amor que governa todos os seres e coisas da Criação divina:

Assim se exprime Jesus relativamente ao nosso planeta e à nossa Humanidade. Como encarregado por Deus do nosso desenvolvimento e progresso, ele outorga missões aos Espíritos que trabalham sob a sua direção e suas ordens, e determina a natureza de cada missão [...].¹¹

O Espírito da Verdade ensinar-nos-á toda a verdade. Sim, porque o seu papel é mostrar progressiva e sucessivamente à Humanidade a luz que a deve guiar em suas pesquisas e ajudá-la a avançar cada vez mais e com mais energia, pelo caminho do progresso moral, físico e intelectual.

[...]

Os espíritos do Senhor já principiaram a descer até nós. Missionários, quer errantes, quer encarnados, espalham, por meio da luz e da ciência espíritas que nos são reveladas, grande clareza sobre o que ficara oculto *pelo véu da letra* na revelação messiânica. Instruem os homens sobre os seus destinos futuros, sobre o que podem e devem esperar, sobre a ciência do mundo e da criatura; começam a dar-nos a verdade em correspondência ao que podemos compreender, guiando a Humanidade em suas investigações e a ajudando a avançar.¹²

27.1.4 A PAZ DO CRISTO (JO 16:32 E 33)

A conclusão do texto joanino informa-nos a respeito da dispersão dos apóstolos; da união de Jesus com o Pai, como o Cristo de Deus e o significado da paz com o Cristo:

³²Eis que chega a hora – e ela chegou – em que vos dispersareis, cada um para o seu lado, e me deixareis sozinho. Mas eu não estou só, porque o Pai está comigo. ³³Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!

A dispersão dos apóstolos abrange dois contextos: o que faz referência à futura missão que lhes caberia de divulgar a mensagem do Evangelho e, também, o contexto que envolve solidão e tribulações. Após a Ressurreição eles saíram do solo pátrio, onde se encontravam sob severa perseguição, buscaram asilo em outras terras e povos e, ali, pregaram e divulgaram os ensinamentos do Mestre Nazareno, submetendo-se a sofrimentos imensuráveis: perseguições, difamações, açoites, prisão que culminaram com a morte. O Apóstolo João foi o único que viveu avançada velhice, mas ao longo da sua existência passou por muitas perseguições, prisão, exílio e confinamento na Ilha de Patmos. Foram pessoas valorosas que, a exemplo de Jesus, tudo suportaram para alcançarem a vitória real, do domínio do bem sobre o mal:

Assim ocorre, porque os construtores do aperfeiçoamento espiritual não estão na Terra para vencer no mundo, mas notadamente para vencer o mundo, em si mesmos, de modo a servirem ao mundo, sempre mais, e melhor.¹³

Relata-nos Irmão X que diante dos inúmeros desafios que os apóstolos enfrentavam cotidianamente para divulgar e exemplificar o Evangelho, eles se encontravam exaustos e enfraquecidos. Pedro profere, então, ardorosa súplica ao Senhor, implorando auxílio. Consta que o Mestre Amigo se manifesta aos seus dedicados discípulos e os orienta com deveriam agir para alcançarem o êxito:

Quando o ex-pescador parou de falar, enxugando o rosto molhado de lágrimas, alguém surgiu ali, diante deles, como se a parede, à frente, se abrisse por dispositivos ocultos, para dar passagem a um homem.

À luz mortiça que bruxuleava no velador, Jesus, como no passado, estava ali, rente a eles... Era ele, sim, o Mestre!... Mostrando o olhar lúcido e penetrante, os cabelos desnastrados à nazarena e melancolia indefinível na face calma, ergueu as mãos num gesto de bênção!...

Pedro gemeu, indiferente aos amigos que o assombro empolgava:

– Senhor, compadece-te de nós, os aprendizes atormentados!... Que fazer, Mestre, para garantir a segurança de tua obra? Perdoa-me se tenho o coração fatigado e desditoso!...

– Simão – respondeu Jesus, sem se alterar –, não me esqueci de rogar para que nos amássemos uns aos outros...

– Senhor – tornou Cefas –, temos realizado todo o bem que nos é possível, segundo o amor que nos ensinaste. Nossas campanhas não descansam... Temos amparado, em teu nome, os aleijados e os infelizes, as viúvas e os órfãos...

– Sim, Pedro, todas essas campanhas são aquelas que não podem esmorecer, para que o bem se espalhe por fruto do Céu na Terra; no entanto, urge saibamos atender à campanha da paz em si mesma...

– Senhor, esclarece-nos por piedade!... Que campanha será essa?!...

Jesus, divinamente materializado, esprou o olhar percuciente na diminuta assembleia e ponderou, triste:

– O equilíbrio nasce da união fraternal e a união fraternal não aparece fora do respeito que devemos uns aos outros... Ninguém colhe aquilo que não semeia... Conseguiremos a seara do serviço, conjugando os braços na ação que nos compete; conquistaremos a diligência, aplicando os olhos no dever a cumprir; obteremos a vigilância, empregando criteriosamente os ouvidos; entretanto, para que a harmonia permaneça entre nós, é forçoso pensar e falar acerca do próximo, como desejamos que o próximo pense e fale sobre nós mesmos...

E, ante o silêncio que pesava, profundo, o Mestre rematou:

– Irmãos, por amor aos fracos e aos aflitos, aos deserdados e aos tristes da Terra, que esperam por nós a luz do Reino de Deus, façamos a campanha da paz, começando pela caridade da língua.¹⁴

O cristão sincero compreende, perfeitamente, qual é o significado da paz do Cristo, como ensina Emmanuel:

Paz do mundo e paz do Cristo¹⁵

*A paz vos deixo, a minha paz vos dou;
não vo-la dou como o mundo a dá. JESUS (João, 14:27.)*

É indispensável não confundir a paz do mundo com a paz do Cristo.

A calma do plano inferior pode não passar de estacionamento.

A serenidade das esferas mais altas significa trabalho divino, a caminho da Luz Imortal.

O mundo consegue proporcionar muitos acordos e arranjos nesse terreno, mas somente o Senhor pode outorgar ao espírito a paz verdadeira.

Nos círculos da carne, a paz das nações costuma representar o silêncio provisório das baionetas; a dos abastados inconscientes é a preguiça improdutiva e incapaz; a dos que se revoltam, no quadro de lutas necessárias, é a manifestação do desespero doentio; a dos ociosos sistemáticos, é a fuga ao trabalho; a dos

arbitrários, é a satisfação dos próprios caprichos; a dos vaidosos, é o aplauso da ignorância; a dos vingativos, é a destruição dos adversários; a dos maus, é a vitória da crueldade; a dos negociantes sagazes, é a exploração inferior; a dos que se agarram às sensações de baixo teor, é a viciação dos sentidos; a dos comilões é o repasto opulento do estômago, embora haja fome espiritual no coração.

Há muitos ímpios, caluniadores, criminosos e indiferentes que desfrutam a paz do mundo. Sentem-se triunfantes, venturosos e dominadores no século. A ignorância endinheirada, a vaidade bem-vestida e a preguiça inteligente sempre dirão que seguem muito bem.

Não te esqueças, contudo, de que a paz do mundo pode ser, muitas vezes, o sono enfermigo da alma. Busca, desse modo, aquela paz do Senhor, paz que excede o entendimento, por nascida e cultivada, portas adentro do espírito, no campo da consciência e no santuário do coração.

REFERÊNCIAS

- 1 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto VI*, p. 451.
- 2 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 16, it. 16:16-24, p. 1.591.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, it. 16:16, p. 739.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 16:16 a 33, p. 1.885 e 1.886.
- 5 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O Cristo redivivo*.
- 6 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O Cristo redivivo*.
- 7 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O Cristo redivivo*.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 27 – *Aflição e tranquilidade*.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 93.

- 10 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. comentário de Kardec à q. 625.
- 11 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVI*, p. 453.
- 12 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVI*, p. 452.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB; Uberaba, MG: CEC, 2022. cap. 136 – *Na vitória real*.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Contos desta e doutra vida*. Pelo Espírito Irmão X. 14. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB: 2013. cap. 31 – *A campanha da paz*.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 105.

A DESPEDIDA DE JESUS – 6ª PARTE – ORAÇÃO DE JESUS (JO 17:1 A 26)

As orientações de Jesus transmitidas na Última Ceia foram iniciadas em *João* (13:31) e se completam no atual estudo, consubstanciado em uma oração de Jesus dirigida ao Pai Celestial, oração que reflete, de início, a glorificação de Jesus junto ao Pai pelo cumprimento da missão que Ele, como Mensageiro de Deus, realizou: “Jesus pede a sua própria glorificação, mas, com isso, não procura a sua própria glória (cf. Jo 7:18; 8:50); a sua glória e a do Pai são uma só (cf. Jo 12:28; 3:31)”¹

Na oração, Jesus também revela Deus como Pai, não como o “Senhor dos exércitos” como tradicionalmente era conhecido: “Jesus, como Moisés, (Êx 3:14 e 15), revelou-nos o Nome de Deus que é “Pai” (Jo 17), implicando amor indefectível (Jo 17:23, 26; 3:14)”² Neste sentido, Ele e o Pai são uno, assim como os seus discípulos estão em ligação com Ele e com Deus: “*a fim de que todos sejam um. Como tu Pai, está em mim e eu em ti, que eles estejam em nós*” (Jo 17:21). Por fim, Jesus suplica ao Pai pelos seus discípulos do presente e do futuro (v. 20 a 26).

28.1 ORAÇÃO DE JESUS (JO 17:1 A 26)³

¹Assim falou Jesus, e, erguendo os olhos ao céu, disse: “Pai, chegou a hora: glorifica teu Filho, para que teu Filho te glorifique, ²e que, pelo poder que lhe deste sobre toda carne, ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste! ³Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo. ⁴Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar. ⁵E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse. ⁶Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e os deste a mim e eles guardaram a tua palavra. ⁷Agora reconheceram que tudo quanto me deste vem de ti, ⁸porque as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles as

acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creram que me enviaste. ⁹Por eles eu rogo; não rogo pelo mundo, mas pelos que me deste, porque são teus, ¹⁰e tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu, e neles sou glorificado. ¹¹Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo e eu volto a ti. Pai santo, guarda-os em teu nome que me deste, para que sejam um como nós. ¹²Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome que me deste; guardei-os e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para cumprir-se a Escritura. ¹³Agora, porém, vou para junto de ti e digo isso no mundo, a fim de que tenham em si minha plena alegria. ¹⁴Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não sou do mundo. ¹⁵Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. ¹⁶Eles não são do mundo como eu não sou do mundo. ¹⁷Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade. ¹⁸Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. ¹⁹E, por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade. ²⁰Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim: ²¹a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. ²²Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: ²³Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim. ²⁴Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo. ²⁵Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste. ²⁶Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.”

A oração pronunciada por Jesus nas últimas horas da sua vida terrena, então consubstanciada nos 26 versículos do texto joanino, revela a sua superioridade moral que é evidenciada durante a sua prisão, condenação e morte na cruz. O Mestre Nazareno sempre nos transmitiu exemplos inesquecíveis ao longo da sua breve jornada entre nós, que extrapolam as palavras e nos ensinam qual deve ser o comportamento do cristão diante das adversidades. Bittencourt Sampaio assim se pronuncia a respeito, ao nos apresentar visão panorâmica da passagem evangélica:

O Divino Mestre ainda se acha no Cenáculo com os onze apóstolos [Judas saíra no início da Ceia] e diante deles dirige ao Pai palavras sobre a unidade e indivisibilidade de Deus – sobre a natureza e importância da missão que lhe fora confiada relativamente ao nosso planeta e à sua humanidade – sobre a missão dos discípulos e dos progressos futuros que os esperam, depois de a terem cumprido fielmente, e bem assim de todos aqueles que seguiram os exemplos.

Declara chegada a hora do sacrifício que se há de realizar para progresso dos homens, cuja direção Ele aceitou desde a origem do mundo, a fim de lhes dar vida eterna, isto é, a vida dos Espíritos puros. Pede a Deus que lhe permita a realização desse sacrifício, que é uma das fases da missão terrestre de que se encarregou para conduzir os homens ao arrependimento e ao progresso universal.⁴

Em *João* (17:1 a 6), na primeira parte da oração, Jesus pede ao Criador Supremo que o abençoe (ou o glorifique) pela honra da missão que lhe foi confiada e pelos testemunhos aos quais foi submetido, necessários para que pudesse revelar aos homens o Pai Celestial, o único Deus verdadeiro: “Ainda uma vez dá testemunho da unidade indivisível do Pai, por estas palavras: “– Único Deus que és, verdadeiro [v. 3] [...]”⁴ Dessa forma, Jesus revela que Deus e Ele são distintos, e, a partir daqueles instantes finais da Última Ceia, “[...] antecipadamente repele a *divindade* que os homens lhe atribuiriam, como de fato lhe atribuíram, pasmos ante os inúmeros prodígios que praticara no mundo”⁵

Na prece, Jesus revela ter consciência de que concluiu a missão que lhe foi confiada, que foi a de revelar Deus aos homens. Glorifica o Senhor Supremo por essa concessão divina, recebida antes mesmo da existência do planeta, como consta em *João* (17:4 a 6): *Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar. E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse. Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e os deste a mim e eles guardaram a tua palavra.* Com a finalização da missão de Jesus quando da sua passagem pela dimensão física, o Mestre Nazareno revelou “[...] à Humanidade os caminhos do progresso, da depuração e da regeneração que conduzem ao Pai”⁶

Por essas palavras, ainda uma vez também dá testemunho de sua missão relativamente ao nosso planeta e à sua humanidade.

Os homens que o Pai *lhe deu* são todos os espíritos que, como os seus fiéis discípulos, mostram boa vontade na escolha de suas provas, de suas missões e, como encarnados, se dispõem a cumprir essas provas, essas missões. É a esses que Jesus dá vida eterna [...].⁷

Jesus reafirma que transmitiu aos homens que tudo existente no Universo procede do Criador: *Agora reconheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles as acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creram que me enviaste.* (Jo 17:7 e 8). Pelo conhecimento transmitido por Jesus a

respeito de Deus único, Pai e criador de todos os seres e de todas as coisas do Universo, a humanidade terrestre adquire a compreensão da vida eterna, existente, preexistente e sobrevivente à que transcorre no plano físico:

Ter vida eterna, que consiste em conhecer o Pai, é compreender a essência de Deus – é, pela perfeição adquirida, pela pureza perfeita, estar em relação direta com Ele, penetrando *assim*, cada vez mais, no objetivo e nos segredos da sua Divina Vontade; é como Espírito puro, progredir eternamente, na atividade incessante das obras e das missões, *em ciência universal*.

Mas, para ter assim a vida eterna, que consiste em conhecer o Pai, é preciso também e primeiro que tudo, conhecer Jesus Cristo que o Pai enviou [...].⁷

Na segunda parte da oração, Jesus roga a Deus proteção para os discípulos, escolhidos por Ele em nome do Pai, suplicando que os livre do mal (Jo 17:9 a 15), no cumprimento da missão que lhes estava reservada: “A *escolha* dos discípulos feita pelo Cristo tem por base a opção dos discípulos pelo Evangelho. Desse modo, não há privilégios, é o próprio discípulo que se escolhe pela conduta coerente com o que aprendeu com o Mestre. [...]”⁸ Mas ao suplicar proteção para os discípulos, Jesus afirma: *Por eles eu rogo; não rogo pelo mundo, mas pelos que me deste, porque são teus e tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu, e neles sou glorificado.* (Jo 17:9 e 10):

[...] Um pai consciente de sua missão de educador e condutor do filho a uma moral ajustada aos propósitos de Deus, tudo faz em favor de seu filho. Porém, para que este se conscientize disso e possa aproveitar os oferecimentos do Pai, precisa estar sintonizado com a proposta reeducativa de seu genitor; caso contrário, ele vai querer sempre mais ou outra coisa que não a recebida. Somente em conexão com o seu pai poderá ele se orgulhar do recebido e dizer: *tudo o que o pai tem é meu*.

O mesmo se dá na Criação divina. Para que possamos avaliar a grandeza e a misericórdia do Criador e do quanto herdamos, necessário se faz que nos ajustemos à Vontade Soberana do Criador e passemos a ver na Providência sua mão amiga a nos proteger em todas as circunstâncias.⁹

Nessa altura da sua prece, Jesus reconhece que, enquanto estava próximo aos discípulos, no dia a dia da existência física, podia protegê-los diretamente. Contudo, com o seu retorno a Deus, reconhece que os seus fiéis seguidores passariam por muitas e dolorosas dificuldades. O Senhor pede ao Pai para não os retirar do mundo, mas livrá-los do mal, como consta nesta passagem de *João* (17:11 a 19):

¹¹Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo e eu volto a ti. Pai santo, guarda-os em teu nome que me deste, para que sejam um como nós. ¹²Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome que me

deste; guardei-os e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para cumprir-se a Escritura. ¹³Agora, porém, vou para junto de ti e digo isso no mundo, a fim de que tenham em si minha plena alegria. ¹⁴Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não sou do mundo. ¹⁵Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. ¹⁶Eles não são do mundo como eu não sou do mundo. ¹⁷Santifica-os na verdade; a tua palavra é verdade. ¹⁸Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo. ¹⁹E, por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade.

O conteúdo do versículo 15 (*Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno*) tem significado muito especial para todos nós que reconhecemos Jesus como nosso Mestre e Senhor, Guia e Modelo da humanidade terrestre:

Dentro da luta¹⁰

Não peço para que os tires do mundo, mas que os livres do mal. JESUS (João, 17:15.)

Não peças o afastamento de tua dor.

Roga forças para suportá-la, com serenidade e heroísmo, a fim de que lhe não percas as vantagens do contato.

Não solicites o desaparecimento das pedras de teu caminho.

Insiste na recepção de pensamentos que te ajudem a aproveitá-las.

Não exijas a expulsão do adversário.

Pede recursos para a elevação de ti mesmo, a fim de que lhe transformes os sentimentos.

Não supliques a extinção das dificuldades.

Procura meios de superá-las, assimilando-lhes as lições.

Nada existe sem razão de ser.

A Sabedoria do Senhor não deixa margem à inutilidade.

O sofrimento tem a sua função preciosa nos planos da alma, tanto quanto a tempestade tem o seu lugar importante na economia da natureza física.

A árvore, desde o nascimento, cresce e produz, vencendo resistências.

O corpo da criatura se desenvolve entre perigos de variada espécie.

Aceitemos o nosso dia de serviço, onde e como determine a Vontade Sábia do Senhor.

Apresentando os discípulos ao Pai Celestial, disse o Mestre: “Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.”

A Terra tem a sua missão e a sua grandeza; libertemo-nos do mal que opera em nós próprios e receber-lhe-emos o amparo sublime, convertendo-nos junto dela em agentes vivos do abençoado Reino de Deus.

Jesus finaliza a sua oração, rogando proteção para outros discípulos, os que viriam mais tarde e aceitariam o Cristo como o seu orientador maior, em nome do Pai: *Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim.* (Jo 17:20). À medida que a humanidade terrestre compreender a importância da mensagem do Evangelho como instrumento da evolução espiritual, acontecerá esta predição de Jesus: *a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.* (Jo 17:21). Alcançado esse estágio evolutivo, cumprir-se-á esta outra profecia anunciada anteriormente pelo Senhor, em *João* (10:14 a 16):

¹⁴Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem, ¹⁵como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. ¹⁶Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão a minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor.

Jesus conclui a sua oração, pronunciando palavras que refletem o imensurável amor e gratidão a Deus; a oportunidade da missão terrena; o afeto e dedicação dos discípulos, que o acolheram; e também o entendimento de que, cedo ou tarde, o mundo viria a conhecê-lo, como consta em *João* (17:22 a 26):

²²Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: ²³Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim. ²⁴Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estou, também eles estejam comigo, para que contemplem minha glória, que me deste, porque me amaste antes da fundação do mundo. ²⁵Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci e estes reconheceram que tu me enviaste. ²⁶Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles”.

Chegamos, assim, ao final do capítulo 17 de João Evangelista, sem deixar de enfatizar o conteúdo do versículo 26: *Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles.* (Jo 17:26):

Assim Jesus encerra essa belíssima oração e esses maravilhosos ensinamentos do Cenáculo. Que o *amor* de Deus, que é dinâmico no Cristo, pois Ele o exterioriza em grau máximo, *esteja* em todos os seguidores do Evangelho e, assim, o Cristo se exteriorizará de cada um pela comunhão com Deus, que é plena no serviço em favor do próximo, que é a tônica do que Ele nos ensinou.¹¹

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 17:1. Nota de rodapé “b”, p. 1.886.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 17:1. Nota de rodapé “h”, p. 1.886.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 17:1-26, p. 1.886 a 1.888.
- 4 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XVII*, p. 456.
- 5 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XVII*, p. 456 e 457.
- 6 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XVII*, p. 458.
- 7 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XVII*, p. 457.
- 8 FAJARDO, Cláudio. *O sermão do cenáculo: a vinda do filho do homem*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Itapuã, 2009. cap. 4, p. 145.
- 9 FAJARDO, Cláudio. *O sermão do cenáculo: a vinda do filho do homem*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Itapuã, 2009. cap. 5, p. 196 e 197.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 162.
- 11 FAJARDO, Cláudio. *O sermão do cenáculo: a vinda do filho do homem*. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Itapuã, 2009. cap. 7, p. 290.

A PRISÃO DE JESUS. JESUS DIANTE DE ANÁS E CAIFÁS. NEGAÇÕES DE PEDRO (JO 18:1 A 27)

Após o Sermão do Cenáculo, concluído com uma oração (Jo 17:1 a 26), Jesus e os discípulos se dirigem para o Jardim de Getsêmani, situado no Vale do Cedrom, local onde usualmente se reuniam. Em termos geográficos, a região do Cedrom (do hebraico, “escuro” ou “turvo”) é uma ravina que se estende do noroeste de Jerusalém, nas proximidades dos *túmulos dos juízes*, prossegue por cerca de três quilômetros no sudeste, alcança o sul por detrás da cidade e chega ao vale de Enon. A partir daí segue em curso sinuoso até o Mar Morto.¹ O vale do Cedrom não “tem águas correntes. Na estação das grandes chuvas do inverno, recebe as vertentes das encostas vizinhas. Além disso, todo o vale se mantém inteiramente seco”.¹ É, na verdade, uma ravina coletora de águas em determinado período do ano, no inverno, que se conserva durante o verão. O Cedrom separa a cidade de Jerusalém do Monte das Oliveiras (onde fica o Getsêmani) e, para ir a Betânia ou a Jericó, é preciso atravessá-lo.¹

Pela descrição de João, Jesus e os discípulos foram na direção dessas duas cidades, acomodaram-se no Jardim do Getsêmani (Jo 18:1), também conhecido como Monte das Oliveiras (Mt 26:30; Mc 14:26; Lc 22:39), local onde os soldados prenderam o Senhor. “[...] O Jardim de Getsêmani, conforme seu nome indica, tinha um bosque de oliveiras e uma prensa de extrair óleo das azeitonas. [...]”² Carlos Torres Pastorino tece comentários a respeito:

Depois da prece, dirige-se Jesus com Seus discípulos para orar no Monte das Oliveiras [Getsêmani].

Como já vimos de outras vezes, para orar Jesus sempre “sobe a um monte”, isto é, eleva suas vibrações; pois só subindo a frequência vibratória, conseguirá sintonizar com a altíssima faixa que venha atingir a Casa do Pai.

Além disso, temos que considerar o simbolismo não apenas do “monte”, como também do nome desse monte: “das oliveiras”. Desde Noé, a oliveira simboliza a PAZ.

Tendo elevado Suas vibrações, automaticamente penetra na esfera da Paz interna, que nada poderá alterar, pois se torna inatingível às vibrações barônticas do “mundo”.*

Aí temos, pois, uma lição que a todos nós servirá: nos grandes momentos que procedem ou acompanham os passos decisivos de nossa vida, mesmo quando as forças negativas do Antissistema nos atacam, precisamos subir a sintonia e penetrar na paz, a fim de não sermos atingidos em nosso Eu profundo pelos distúrbios provenientes do mundo externo.³ [Grifo do original].

29.1 A PRISÃO DE JESUS (JO 18:1 A 11)⁴

¹Tendo dito isso, Jesus foi com seus discípulos para o outro lado da torrente do Cedrom. Havia ali um jardim, onde Jesus entrou com seus discípulos. ²Ora, Judas, que o traía, conhecia também esse lugar, porque, frequentemente, Jesus e seus discípulos aí se reuniam. ³Judas, então, levando a coorte e guardas destacados pelos chefes dos sacerdotes e pelos fariseus, aí chega, com lanternas, archotes e armas. ⁴Sabendo Jesus tudo o que lhe aconteceria, adiantou-se e lhes disse: “A quem procurais?” ⁵Responderam: “Jesus, o Nazareu”. Disse-lhes: “Sou eu”. Judas, que o traía, estava também com eles. ⁶Quando Jesus lhes disse “Sou eu”, recuaram e caíram por terra. ⁷Perguntou-lhes, então, novamente: “A quem procurais?” Disseram: “Jesus, o Nazareu”. ⁸Jesus respondeu: “Eu vos disse que sou eu. Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem”, ⁹a fim de se realizar a palavra que diz: *Não perdi nenhum dos que me deste.* ¹⁰Então, Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a, feriu o servo do Sumo Sacerdote, a quem decepou, a orelha direita. O nome do servo era Malco. ¹¹Jesus disse a Pedro: “Embainha a tua espada. Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?”

Envolvido no clima de paz e serenidade de sempre, Jesus não se abateu nem destratou os soldados que o prenderam no Getsêmani ou Monte das Oliveiras. A grande tristeza que se constata foi um dos membros do colégio apostolar, Judas Iscariotes, guiá-los até onde se encontrava o Senhor e os demais discípulos (v. 2):

* **Vibrações barônticas:** energia de baixo padrão vibratório e, conseqüentemente, mais denso e pesado. Basicamente é fruto do egoísmo, vaidade, ira, pensamentos negativos e falta de controle emocional tão comum e fortemente presente no homem profano.

Sem a indicação de Judas, a coorte não encontraria Jesus com facilidade. E se o encontrasse, possivelmente não chegaria a aproximar-se do Mestre, porque, com o auxílio da oração e da concentração dos doze, dar-se-iam, certamente, importantes fenômenos de materialização de Espíritos, como aconteceu no Monte Tabor, e os inimigos do Senhor não ousariam avançar; retrocederiam e iriam contar a seus chefes o que teriam presenciado.⁵

Na verdade, Jesus deixou-se prender, pois fazia parte da sua missão, como consta em *João* (10:17 e 18): *Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la.* Ele poderia, pois, livrar-se facilmente da *coorte*, sem uso de qualquer violência, como nos lembra *Mateus* (26:53), em sua forma típica de escrever: *Ou pensas tu que eu não poderia apelar para meu Pai, a fim de que ele pusesse à minha disposição, agora mesmo, mais de doze legiões de anjos?*

A prisão de Jesus é relatada pelos evangelistas com mais ou menos detalhes. Por exemplo, em *Mateus*, *Marcos* e *Lucas* há referências de que Judas teria identificado o Senhor com um beijo que lhe deu na face. O texto de *João*, porém, nada consta a respeito do beijo, indicando que a iniciativa de se apresentar aos soldados foi de Jesus (v. 4). Outra ideia que se destaca no registro evangélico é que Judas Iscariotes foi quem conduziu os soldados ao local certo, pois sabia que, usualmente, Jesus e os discípulos se reuniam naquela região (v. 2 e 3). Entretanto há ainda outra hipótese a respeito da necessidade da presença de Iscariotes:

Naquele momento, chegou a delegação do Sinédrio com Judas à frente, iluminando o jardim com a luz de archotes. Alguns estudiosos levantam a hipótese da necessidade da presença de Judas, devido à semelhança física do Mestre com Tiago menor [filho de Alfeu]. Judas foi ao encontro de Jesus e beijou-lhe a face, um sinal previamente acordado. [...].⁶

Fica claro, porém, pelo texto joanino, que partiu de Jesus a iniciativa de identificar-se, estabelecendo o seguinte diálogo com os seus adversários:

“Sabendo Jesus tudo o que lhe aconteceria, adiantou-se e lhes disse: “A quem procurais?”⁵ Responderam: “Jesus, o Nazareu”. Disse-lhes: “Sou eu”. Judas, que o traía, estava também com eles. “Quando Jesus lhes disse “Sou eu”, recuaram e caíram por terra. “Perguntou-lhes, então, novamente: “A quem procurais?” Disseram: “Jesus, o Nazareu”. “Jesus respondeu: “Eu vos disse que sou eu. Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem”,⁹ a fim de se realizar a palavra que diz: *Não perdi nenhum dos que me deste.* (Jo 18:4 a 8).

A indagação do Senhor, “a quem procurais?” (v. 5), ou “o que buscais?”, em outras traduções, estava impregnada não só de vibrações amorosas, como

também de firmeza, causando impacto emocional nos soldados que, de imediato, recuaram e caíram por terra (v. 6). Trata-se de uma pergunta que vai além das circunstâncias onde fora proferida e que merece mais detida reflexão, em especial quando nos encontrarmos em situações conflituosas, de desarmonia:

A cada criatura que desperta em mais altos níveis da fé raciocinada, soa a interpelação do Senhor como sendo convite às obras em que se afirme a caridade real.

Assim, escuta no íntimo, em cada lance das próprias atividades, a austera palavra do Condutor Divino, convocando-te à coerência entre o ideal e o esforço, entre a promessa e a realização.

Analisa o que fazes. Observa o que dizes. Medita em torno de tuas aspirações mais ocultas. Que resposta forneces à indagação do Senhor?

Quem segue o Cristo, vive-lhe o apostolado.

Serve, coopera e caminha avante, sem temor ou vacilação, lembrando-te de que o Verbo da Verdade incide sobre nós, cada dia, perguntando incessantemente:

– Que buscais?⁷

Jesus repete a pergunta: “A quem procuras?”. Saindo do estupor, os guardas respondem que procuravam por Jesus, o Nazareu (v. 7). O Senhor responde-lhes: *Se, então, é a mim que procurais, deixai que estes se retirem* (v. 8). Com esta resposta, o Mestre exime os discípulos de qualquer culpa, protegendo-os e livrando-os da prisão iminente:

Por onde passava, permaneciam as marcas inconfundíveis da compaixão e da misericórdia, alterando o *status quo* de maneira irrefreável. [...]. Jamais houvera sucedido algo semelhante ao que Ele fazia e nunca se repetiria na Humanidade.⁸

Então lançaram mão de Jesus e o prenderam. Pedro, com a sua personalidade forte e impulsiva, desembainhou um punhal [ou espada] e acabou cortando a orelha de um servo do sumo sacerdote [Malco]. Nesse momento, o Mestre dirigiu-se firmemente para Pedro, ordenando-lhe que interrompesse aquela ação.

Naquela confusão, os discípulos se dispersaram, após verificarem que o Mestre não realizaria nenhuma ação para se soltar. Talvez esperassem um milagre. Somente Pedro e João, refeitos do susto inicial, tiveram coragem de seguir o Mestre preso.

[...]

O tenebroso grupo, com soldados e autoridades do Templo, levou o Mestre amarrado para a casa de Anás, ex-sumo sacerdote que, embora deposto pelos romanos cerca de quinze anos antes, ainda mantinha intacto seu prestígio na comunidade. Anás foi o grande incentivador da luta contra Jesus. [...].⁹

A orientação de Jesus transmitida a Simão Pedro de embair a espada traz profundo significado, aplicável, sobretudo, aos momentos de conflitos, disputas ou de desentendimentos:

Sustentando a contenda com o próximo, destruidora tempestade de sentimentos nos desarvora o coração. Ideais superiores e aspirações sublimes longamente acariciados por nosso espírito, construções do presente para o futuro e plantações de luz e amor, no terreno de nossas almas, sofrem desabamento e desintegração, porque o desequilíbrio e a violência nos fazem tremer e cair nas vibrações do egoísmo absoluto que havíamos relegado à retaguarda da evolução.

Depois disso, muitas vezes devemos atravessar aflitivas existências de expiação para corrigir as brechas que nos aviltam o barco do destino, em breves momentos de insânia...

Em nosso aprendizado cristão, lembremo-nos da palavra do Senhor:

– “Embainha tua espada.”¹⁰

29.2 JESUS DIANTE DE ANÁS E CAIFÁS. NEGAÇÕES DE PEDRO (JO 18:12 A 27)¹¹

¹²Então a coorte, o tribuno e os guardas dos judeus prenderam a Jesus e o ataram.¹³Conduziram-no primeiro a Anás, que era sogro de Caifás, o Sumo Sacerdote daquele ano. ¹⁴Caifás fora o que aconselhara aos judeus: “É melhor que um só homem morra pelo povo”. ¹⁵Ora, Simão Pedro, junto com outro discípulo, seguia Jesus. Esse discípulo era conhecido do Sumo Sacerdote e entrou com Jesus no pátio do Sumo Sacerdote. ¹⁶Pedro, entretanto, ficou junto a porta, de fora. Então, o outro discípulo, conhecido do Sumo Sacerdote, saiu, falou com a porteira e introduziu Pedro. ¹⁷A criada que guardava a porta diz então a Pedro: “Não és, tu também, um dos discípulos deste homem?” Respondeu ele: “Não sou”. ¹⁸Os servos e os guardas tinham feito uma fogueira, porque estava frio; em torno dela se aqueciam. Pedro também ficou com eles, aquecendo-se. ¹⁹O Sumo Sacerdote interrogou Jesus sobre os seus discípulos e sobre a sua doutrina. ²⁰Jesus lhe respondeu: “Falei abertamente ao mundo. Sempre ensinei na sinagoga e no Templo, onde se reúnem todos os judeus; nada falei às escondidas. ²¹Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes ensinei; eles sabem o que eu disse”. ²²A essas palavras, um dos guardas, que ali se achava, deu uma bofetada em Jesus, dizendo: “Assim respondes ao Sumo Sacerdote?” ²³Respondeu Jesus: “Se falei mal, testemunha sobre o mal; mas, se falei bem, por que me bates?” ²⁴Anás, então, o enviou manietado a Caifás, o Sumo Sacerdote. ²⁵Simão Pedro continuava lá, de pé, aquecendo-se. Disseram-lhe então: “Não és tu

* **Manietado:** que foi privado da sua liberdade; preso.

também um dos seus discípulos?” Ele negou e respondeu: “Não sou”.²⁶ Um dos servos do Sumo Sacerdote, parente daquele a quem Pedro decepara a orelha, disse: “Não te vi no jardim com ele?”²⁷ Pedro negou novamente. E logo um galo cantou.

A passagem evangélica relata que, com a prisão de Jesus, Ele foi conduzido, primeiramente, à residência de Anás, sumo sacerdote destituído do cargo pelos romanos, mas que era sogro de Caifás, sumo sacerdote que ocupava oficialmente o cargo (v. 12 e 13). Tal resolução se deu porque Anás ainda exercia significativa influência no meio religioso e sobre o seu genro, em particular, destacando-se como um dos que mais batalhava contra Jesus, defendendo, declaradamente, a sua morte (v. 14). Na verdade, havia dois sumos sacerdotes exercendo o poder como afirma *Lucas* (3:2): “o sumo sacerdote era Anás e Caifás, o singular usado é provavelmente deliberado, indicando que, embora Caifás fosse, oficialmente, o sumo sacerdote nomeado por Roma, o seu sogro compartilhava o seu poder sumo sacerdotal”.¹²

Anás ou Ananos, filho de Sete, foi nomeado sumo sacerdote em 6 d.C., e foi deposto em 15 d.C. No NT ele continua sendo referido como sumo sacerdote, mesmo depois de 15 d.C. Isso pode ser devido a uma das três razões. [...] Primeira, embora os romanos depusessem os sumos sacerdotes e nomeassem outros, os judeus consideravam o sumo sacerdote como um ofício vitalício. [...]. Em segundo lugar, o título “sumo sacerdote” é dado no livro de Atos e em Josefo [historiador judeu] aos membros das poucas famílias sacerdotais das quais surgia a maioria dos sumos sacerdotes, além de dá-lo àqueles que realmente exerciam o ofício sumo sacerdotal. Em terceiro lugar, Anás possuía grande influência pessoal sobre os sumos sacerdotes, seus sucessores. Cinco de seus filhos e Caifás, seu genro, se tornaram sumos sacerdotes. Por ocasião do julgamento de Jesus, encontramos Anás dirigindo as investigações preliminares antes do julgamento oficial, presidido por Caifás (Jo 18:13-24). [...].¹²

Pela releitura atenta dos momentos finais de Jesus, segundo o relato dos quatro evangelistas – *Mateus*, 26, 27 e 28; *Marcos*, 14:1 a 72; 15:1 a 39 e 16:1 a 20; *Lucas*, 22:1 a 71; 23:1 a 56 e 24:1 a 53; *João*, 18:1 a 40; 19:1 a 42; 20:1 a 31 e 21:1 a 25 –, tudo indica que a atuação de Caifás era muito fraca, praticamente inexistente, permitindo que sobressaíssem as ações do seu sogro Anás que, inclusive, foi quem conduziu a interrogação de Jesus (Jo 18:19 a 22). Somente após essa interrogação, em particular, Jesus foi encaminhado a Caifás que, por sua vez, enviou o Senhor a Pilatos, o interventor de César. Em termos históricos, temos as seguintes informações:

Caifás (Mt 26:57; Jo 11:49; At 4:6) – José, chamado Caifás, foi sumo sacerdote mais ou menos de 18 a 36 d.C., quando então foi deposto por Vitélio, governador da Síria. Era genro de Anás (Jo 18:13) e parece ter trabalhado cooperando bem de perto com ele. Era o sumo sacerdote no tempo do julgamento de Jesus e durante as perseguições descritas nos primeiros capítulos do livro de Atos.¹³

A História registra que a prisão de Jesus, seguida de interrogatório e julgamento, ambos realizados durante a noite e na casa de Anás, foi algo totalmente irregular, não oficial, contrariando as normas legais vigentes da cultura judaica, como também assinala Bittencourt Sampaio:

A prisão de Jesus foi executada, como vimos, à noite e nessa mesma noite deram princípio ao seu julgamento, contra a lei e os estilos do povo judaico, pois não se admitia que um processo corresse depois de recolhido o sol; mas, assim devia acontecer, porque *aquela era a hora dos hipócritas e do poder das trevas*.

A coorte encaminhou-se à casa de Anás para apresentar-lhe Jesus, ferindo os preceitos da lei, porque Anás não exercia então autoridade judiciária, e sim Caifás, seu genro. A apresentação de Jesus, preso como se fora um malfeitor, a Anás foi para cortejá-lo, pois ele odiava as doutrinas do Divino Mestre, como também enaltecer seu genro Caifás, que exercia a autoridade em Israel.¹⁴

Jesus, como sempre, guardou serenidade o tempo todo, não acusando ninguém, respondendo com firmeza as interrogações que lhe foram impostas (v. 19 a 23), mesmo que de forma irregular e ilegítima:

A resposta do Divino Mestre, calma e digna, é um ensinamento para os homens, que não devem perder de vista, tanto quanto todos os demais que Ele dera perdão às injúrias, às ofensas e aos mais sangrentos ultrajes.¹⁵

As negações de Simão Pedro como discípulo do Mestre Nazareno, assinaladas em *João* (18:17, 25 a 27) é outro triste episódio que ocorreu juntamente com a prisão de Jesus. No primeiro momento, quando os soldados iniciaram a prisão, Simão Pedro interferiu veementemente, a ponto de ferir Malco, um dos soldados do sumo sacerdote (Jo 18:10), fato que fez Jesus repreendê-lo, como vimos anteriormente. Agora, declarada a prisão do Mestre Nazareno, o devotado apóstolo foi tomado por aflições e medos e o resultado foi negar ser discípulo do Amado Nazareu, como o Senhor o alertara durante a Última Ceia. Ao cair em si, porém, o grande apóstolo refez a sua caminhada evolutiva e, desde então, dedicou sua vida a servir ao Senhor, submetendo-se a todos os sacrifícios em que esta decisão implicaria. A confrreira Denise Lino, assim se expressa a respeito de Pedro:

A vida de Pedro pode ser dividida em duas etapas. A primeira vai do seu encontro com Jesus até o evento da negação, após o qual tem início a segunda etapa, que se estende até a sua desencarnação. Se na primeira identificamos um Pedro por vezes vacilante, na segunda verificamos que a coerência das suas ações demonstra a conquista de maturidade. [...]. Ademais, ter como foco a negação é deixar de ver o que se passou depois.¹⁶

Amélia Rodrigues, por sua vez, recorda a profunda dor do arrependimento que invadiu a alma do apóstolo quanto, ali, no pátio do sumo sacerdote, sentado ao redor da fogueira para aquecer-se, ouviu o galo cantar e lembrou-se que acabara de negar o seu Mestre por três vezes:

[...] Voltou-lhe à mente aquela noite cruel, noite de insanidade.

Três vezes o Mestre o inquirira, três vezes o apontaram antes...

– *Não é também dos discípulos deste homem?* – interrogara-o à porteira da casa do sumo sacerdote.

– *Não sou* – gritara quase que inconscientemente.

Um peso terrível caiu-lhe sobre as têmporas inflamadas. Quis correr e gritar: não somente O conheço, amo-O, também. Não foi possível fazê-lo.

Misturou-se aos demais com a mente obnubilada, quando as labaredas clarearam o seu rosto e lhe disseram, identificando-o:

– *Não és, também, um dos Seus discípulos?*

Cólera surda estourou no âmago do seu espírito inquieto e falou com ressentimento, sem poder conter-se:

– *Não sou, nunca o vi...*

Oh! Céus, estava louco. Como podia negar o Rabi! Que força dominava sua fraqueza?

Saiu amargurado, sem coragem para reviver a tanto desequilíbrio, quando outro servo do sumo sacerdote o inquiriu:

– *Não te vi eu no horto com Ele? Não és amigo d'Ele?*

– *Não* – revidou com profunda mágoa – *nunca O vi!* Fora demais a sua dor, agora que cantava o galo, triste, cronometrando a sua perfídia.

Parecia ver aqueles olhos fitando-o tristemente.

Ele mesmo dissera antes: “Por ti darei a minha vida”.

“– Negar-me-ás três vezes antes que cante o galo.” [...].¹⁷

Simão Pedro mergulhou no remorso que lhe ferira tão profundamente a alma. Contudo, corajoso e decidido não se entregou ao desespero, ainda que os seus olhos sempre liberassem lágrimas ao recordar a sua negação. Transformou-se totalmente, a partir daquele momento, demonstrando por palavras e ações o seu imenso amor a Jesus, a ponto de a posteridade

reconhecê-lo como a pedra angular e o pastor do Cristianismo, tornando-se Pedro digno do legado do Mestre Nazareno. Vejamos, pois, os esclarecimentos de Amélia Rodrigues:

Na “Casa do Caminho”, ou na estrada de Jopa, ou em Antioquia, no “mundo Mediterrâneo”, ou em Roma, a veneranda figura de Simão Pedro foi a pedra angular da Igreja de Jesus para a Humanidade, o emérito missivista da ar-regimentação da fé e da esperança, até o momento em que, na “Babilônia” [Roma], com Paulo, ampliando e mantendo os horizontes da fé viva, “outras mãos cingiram suas mãos...” e o levaram ao testemunho. Foi o discípulo por excelência – Simão Pedro: pedra e pastor –, que se levantou do *engano* para viver Jesus até o último instante, apascentando os cordeiros do Seu rebanho de amor...¹⁸

REFERÊNCIAS

- 1 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Cedrom, p. 244.
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Jardim, p. 623.
- 3 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. v. 8. Rio de Janeiro: Revista Sabedoria, 1971. cap. *Saída do Cenáculo*, p. 54 e 55.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 18:1-11, p. 1.888 e 1.889.
- 5 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2001. cap. 40 – *Jesus em Getsêmani*, p. 223.
- 6 KREMER, Frederico Guilherme da Costa. *Jesus de Nazaré: uma narrativa da vida e das parábolas*. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 47 – *A parábola do lenho seco (Lucas, 23:27 a 32)*.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 54 – *Que buscais?* [mensagem de Emmanuel].
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Momentos de sublimação*. Pelos Espíritos Vianna de Carvalho e Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2018. cap. *Jesus* [mensagem de Vianna de Carvalho], p. 137.
- 9 KREMER, Frederico Guilherme da Costa. *Jesus de Nazaré: uma narrativa da vida e das parábolas*. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 47 – *A parábola do lenho seco (Lucas, 23:27 a 32)*.

- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 114 – *Embainha tua espada*.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 18:12-27, p. 1.889.
- 12 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Anás, p. 51.
- 13 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Caifás, p. 182.
- 14 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVIII*, p. 469.
- 15 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVIII*, p. 470.
- 16 FRANCO, Divaldo Pereira; ARAÚJO, Denise Lino. *Humano, demasiadamente humano: a transformação moral de Pedro*. (Leitura de contos do Espírito Amélia Rodrigues pela psicografia de Divaldo Pereira Franco por Denise Lino). 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2020. cap. *O soerguimento*, p. 113.
- 17 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 19, p. 207 e 208.
- 18 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 19, p. 213 e 214.

JESUS DIANTE DE PILATOS – 1ª E 2ª PARTES – (JO 18:28 A 40; 19:1 A 11)

A narrativa de João a respeito da prisão, julgamento e crucificação de Jesus, tradicionalmente denominada Paixão, complementam as informações dos evangelhos sinópticos. O atual estudo põe em evidência a ilegalidade do interrogatório realizado por Anás – sumo sacerdote que não mais exercia o cargo porque fora deposto pelos romanos –, durante a noite em sua residência. Os relatos evangélicos e os fatos históricos revelam também o quão desonesto foi o julgamento do Mestre Nazareno, iniciado já na prisão e consumado com a sua crucificação. Tudo ocorreu de forma muito bem articulada entre os religiosos e os poderes públicos dominantes, os quais se mantinham distanciados dos padrões de moralidade. A intenção da cúpula dos religiosos judeus era condenar Jesus à morte, como, de fato, aconteceu. Para tanto, valeu-se das intrigas, bajulações e interesses pessoais que caracterizavam as relações das autoridades religiosas (Sinédrio), administrativas (Herodes) e políticas (aqui representadas pelo procurador de Roma, Pôncio Pilatos). Um verdadeiro debate entre as trevas e a Luz:

O Conselho dos Sacerdotes Israelitas, não tendo autoridade para executar sentenças de morte, visto que esse direito só competia ao império romano, sob cujo poder se achava o povo hebreu, conduziu ao Pretório o Divino Mestre e exigiu do Procurador Pôncio Pilatos a confirmação de sua iníqua e infernal sentença.¹

Após a prisão, Jesus passou por quatro interrogatórios: o que ocorreu no mesmo dia da prisão, durante a noite, na residência de Anás; o transcorrido no dia seguinte pela manhã, perante o Sinédrio e coordenado pelo sumo sacerdote Caifás; os interrogatórios realizados por Pôncio Pilatos, em dois momentos específicos no Pretório ou Tribunal, local onde ocorriam os julgamentos romanos. A palavra Pretório, originalmente, “[...] significava a tenda do *comandante* ou *praetor* (pretor), e, em consequência, os quartéis

do exército [...]. Por extensão, a palavra veio a significar a residência de um governador provincial [...].²

O Pretório, fora de Roma, consistia em um conjunto habitacional que abrigava a residência do governador ou procurador de César na província conquistada, assim como da guarda romana ou pretorianos. Havia também espaços destinados, respectivamente, à prisão e ao tribunal – local onde os prisioneiros eram interrogados e sentenciados.²

30.1 JESUS DIANTE DE PILATOS – 1ª PARTE (JO 18:28 A 40)³

²⁸Então, de Caifás conduziram Jesus ao pretório. Era de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa. ²⁹Pilatoss, então, saiu para fora ao encontro deles e disse: “Que acusação trazeis contra este homem?” ³⁰Responderam-lhe: “Se não fosse malfeitor, não o entregaríamos a ti”. ³¹Disse-lhes Pilatos: “Tomai-o vós mesmos, e julgai-o conforme a vossa Lei”. Disseram-lhe os judeus: “Não nos é permitido condenar ninguém à morte”, ³²a fim de se cumprir a palavra de Jesus, com a qual indicara de que morte deveria morrer. ³³Então Pilatos entrou novamente no pretório, chamou Jesus e lhe disse: “Tu és o rei dos judeus?” ³⁴Jesus lhe respondeu: “Falas assim por ti mesmo ou outros te disseram isso de mim?” ³⁵Respondeu Pilatos: “Sou, por acaso, judeu? Teu povo e os chefes dos sacerdotes entregaram-te a mim. Que fizeste?” ³⁶Jesus respondeu: “Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui”. ³⁷Pilatoss lhe disse: “Então, tu és rei?” Respondeu Jesus: “Tu o dizes: eu sou rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz”. ³⁸Disse-lhe Pilatos: “Que é a verdade?” E tendo dito isso, saiu de novo e foi ao encontro dos judeus e lhes disse: “Não encontro nele nenhum motivo de condenação. ³⁹É costume entre vós que eu vos solte um preso, na Páscoa. Quereis que eu solte o rei dos judeus?” ⁴⁰Então eles gritaram de novo, clamando: “Esse não, mas Barrabás!” Barrabás era um bandido.

A despeito da cúpula sacerdotal estar impedida de executar sentenças, tal fato não a impedia de realizar interrogatórios e influenciar diretamente os julgamentos, tal como aconteceu em relação a Jesus: Ele foi interrogado e julgado extraoficialmente por quem não tinha poder para tal (Anás, um sumo sacerdote despojado do cargo), no mesmo dia da prisão, à noite, horário proibido para reuniões e julgamentos, segundo a tradição do Judaísmo. Depois, no dia seguinte à prisão de Jesus, ocorreu o julgamento oficial, entre os judeus do Sinédrio, sob a direção do legítimo sumo sacerdote, Caifás.

Na verdade, esse julgamento foi *pro forma*, simbolizando um simples alinhamento de ideias com os demais membros do clero judaico que, unidos, assumiram o compromisso de conduzir Jesus à morte: “Os romanos tinham cassado ao Sinédrio o direito de vida e de morte. Da parte dos judeus, Jesus teria sido apedrejado (*cf.* Jo 8:59; 10:31) e não crucificado (= ‘elevado’)”⁴

Somente após esse acerto imoral, ocorrido entre o sumo sacerdote Caifás e chefes dos religiosos, Jesus foi encaminhado ao governador geral da Palestina: Pôncio Pilatos (v. 28):

Assim, ao romper da manhã, Jesus, ainda manietado, foi conduzido da casa de Caifás ao Pretório ou Palácio de Pilatos, ficando a turba de fariseus, escribas e sacerdotes da parte de fora, com receio de se contaminarem entrando em casa de um pagão, porque tinham de comer o pão da Páscoa [v. 28].

Insistindo em não entrar, Pilatos veio ao balcão e perguntou-lhes: – “Que acusação trazeis contra este homem?” [v. 29].

A turba respondeu que Jesus era malfeitor, que, se não o fosse, não viriam entregá-lo para ser justificado. [...] [v. 30].⁵

A leitura do texto: *Então, de Caifás conduziram Jesus ao pretório. Era de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.* (Jo 18:28), ainda produz perplexidade. Revela contradição e hipocrisia de certos atos humanos: de um lado, não há a mínima preocupação em condenar alguém, no caso, Jesus, declaradamente inocente o qual durante três anos consecutivos só fez o bem; de outro, há escrúpulo e zelo de não penetrar no espaço onde se encontra um pagão. Ou seja, tirar a vida de alguém foi considerado ato banal, secundário, mas não compartilhar o mesmo espaço físico com pessoas que acatam diferentes interpretações religiosas é decisão prioritária, pois somente assim o religioso não seria condenado nem declarado impuro: “Mentir e excruciar aquela vítima indefesa, não os tornavam impuros, mas sim, a sordidez supersticiosa das suas credices”.⁶

Entrar na casa de gentio constituía impureza legal, *cf.* At 11:2 s. Segundo Jo, a Páscoa dos judeus ainda não havia chegado; Jesus será morto no momento em que se imolavam os cordeiros no Templo, na vigília da Páscoa (19:14; *cf.* 19:31 e 42): ele é o verdadeiro Cordeiro pascal (19:36; + 1 Cor 5:7). Os sinóticos supõem cronologia diferente: Jesus seria morto no dia da Páscoa (*cf.* Mt 26:17 ss.).⁷

Ao analisar de perto a questão, mesmo quando se considera os padrões da época, sabe-se que o objetivo das religiões, independentemente da forma que elas se expressam, é tornar o ser humano melhor: “Toda crença é respeitável, desde que sincera e quando conduz à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzem ao mal”.⁸

O texto ilustra os perigos das práticas religiosas de culto externo que, com seus rituais, embotam a razão e mantêm o Espírito estacionário em termos evolutivos. Esse embotamento espiritual, próprio da fé cega, sempre apresenta consequências perigosas, no tempo e espaço, com o surgimento de intransigências, preconceitos, perseguições e até guerras religiosas. A fé religiosa, moralmente compreendida, é sempre raciocinada. Eis o que nos ensina o Espiritismo: “[...] *Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade*”.⁹

Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm os seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé cega aceita, sem controle, tanto o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Quando a fé se assenta no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, considerando-se que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz do dia*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.¹⁰

Em *João* (18:33 a 37), consta a primeira parte do interrogatório de Pilatos a Jesus que, após ouvi-lo, conclui a respeito da inocência do Senhor, nada encontrando que justificasse condenação. Mas se Pilatos efetivamente pensasse assim, Jesus não teria sido morto. Ele, como procurador de César, desfrutava de imenso poder, mas era pessoa superficial, fraca e egoísta, sempre voltada para os próprios interesses:

Pilatos era um biltre, que se fizera Procurador, representando Tibério César, na Judeia, provavelmente havendo sido um liberto ou seu descendente, tornando-se odiado pelos judeus desde a sua chegada.

Alcançara o poder, graças à sua mulher Cláudia Prócula, que provinha de família distinta em Roma, o que lhe facultara acompanhar o marido àquela conturbada região, o que nem sempre era permitido às mulheres.

Durante dez anos exercera o cargo de maneira inescrupulosa, terminando por cometer graves erros que obrigaram o governador da Síria, Lúcio Vitélio, enviá-lo a Roma, a fim de justificar e desculpar-se perante o Imperador, pela maneira hedionda como se comportava. Infelizmente, quando chegou à capital do Império, Tibério houvera morrido e fora substituído por Calígula, que o mandou para o exílio nas Gálias, onde terminou por suicidar-se.¹¹

Merece destaque, porém, a primeira pergunta de Pilatos a Jesus, assim como a resposta transmitida pelo Mestre *Tu és o rei dos judeus? Jesus lhe respondeu: Falas assim por ti mesmo ou outros te disseram isso de mim?*

(Jo 18:33 e 34). Emmanuel apresenta as seguintes considerações a respeito, conduzindo-nos a outras reflexões, que extrapolam o sentido literal:

A pergunta do Cristo a Pilatos tem significação mais extensiva. Compreendemo-la, aplicada às nossas experiências religiosas.

Quando encaramos no Mestre a personalidade do Salvador, por que o afirmamos? Estaremos agindo como discos fonográficos, na repetição pura e simples de palavras ouvidas?

É necessário conhecer o motivo pelo qual atribuímos títulos amáveis e respeitosa ao Senhor. Não basta redizer encantadoras lições dos outros, mas viver substancialmente a experiência íntima na fidelidade ao programa divino.

Quando alguém se refere nominalmente a um homem, esse homem pode indagar quanto às origens da referência.

Jesus não é símbolo legendário; é um Mestre Vivo.¹²

O procurador romano prossegue em suas perguntas e argumentações, aparentemente sem entender por que o clero judaico queria que Jesus fosse condenado à morte. Mas, quando Jesus informa a essência da sua missão, o inquiridor romano não compreende – talvez muitos, entre nós, ainda estejamos nessa condição – o sentido transcendental que o Senhor registrava, como se constata no seguinte diálogo, apontado por *João* (18:36 e 37):

“Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui”. Pilatos lhe disse: “Então, tu és rei?” Respondeu Jesus: “Tu o dizes: eu sou rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz”.

Recorremos mais uma vez a Emmanuel para explicar o verdadeiro significado das palavras do Cristo:

O grande futuro¹³

Mas agora o meu Reino não é daqui. JESUS (*João*, 18:36.)

Desde os primórdios do Cristianismo, observamos aprendizes que se retiram deliberadamente do mundo, alegando que o Reino do Senhor não pertence à Terra.

Ajoelham-se, por tempo indeterminado, nas casas de adoração, e acreditam efetuar na fuga a realização da santidade.

Muitos cruzam os braços à frente dos serviços de regeneração e, quando interrogados, expressam revolta pelos quadros chocantes que a experiência terrena lhes oferece, reportando-se ao Cristo, diante de Pilatos, quando o Mestre asseverou que o seu Reino ainda não se instalara nos círculos da luta humana.

No entanto, é justo ponderar que o Cristo não deserdou o planeta. A palavra d'Ele não afiançou a negação absoluta da felicidade celeste para a Terra, mas apenas definiu a paisagem então existente, sem esquecer a esperança no porvir.

O Mestre esclareceu: – “Mas agora o meu Reino não é daqui.”

Semelhante afirmativa revela-lhe a confiança.

Jesus, portanto, não pode endossar a falsa atitude dos operários em desalento, tão só porque a sombra se fez mais densa em torno de problemas transitórios ou porque as feridas humanas se fazem, por vezes, mais dolorosas. Tais ocorrências, muita vez, obedecem a pura ilusão visual.

A atividade divina jamais cessa e justamente no quadro da luta benéfica é que o discípulo insculpirá a própria vitória.

Não nos cabe, pois, a deserção pela atitude contemplativa, e sim, avançar, confiantemente, para o grande futuro.

Percebe-se que as respostas de Jesus era uma tentativa de fazer o pretor romano a raciocinar além da literalidade. Talvez tenha sido as primeiras sementes de espiritualidade lançadas na alma de Pilatos. É possível, inclusive, que em algum momento do interrogatório Pilatos tenha se interessado ou, no mínimo, revelasse curiosidade por um ou outro aspecto da fala de Jesus. Por exemplo, quando ouviu Jesus dizer: *Quem é da verdade escuta a minha voz* (Jo 18:37). Surpreso, pergunta-lhe: *O que é a verdade?* (Jo 18:38). Entretanto, pelo que consta no relato de *João*, ele não esperou a resposta de Jesus. Saiu imediatamente do Pretório e foi informar aos judeus que nada encontrou em Jesus para condená-lo (Jo 18:38).

Vamos nos deter um pouco na afirmativa de Jesus de ser Ele a *Verdade*. Qual o verdadeiro sentido dessa informação? Vinícius fez esclarecedora análise do assunto na mensagem *Pilatos e a Verdade*, da qual retiramos alguns trechos:

O Cristo de Deus veio ao mundo dar testemunho da verdade, e o fez de tal maneira que pôde dizer com justeza: Eu sou a verdade.

[...]

Muita gente há que confunde verdade com erudição, com certa quantidade maior ou menor de conhecimentos desta ou daquela disciplina, aqui denominada científica. A verdade não é bem isso. Ela é alguma coisa distinta do intelectualismo, máxime desse intelectualismo estéril que se presta somente como objeto de adorno para satisfação de vaidades.

O homem pode ser um intelectual, um homem de letras, sem que, todavia, possua a verdade. Há indivíduos, reconhecidamente talentosos, que vivem inteiramente divorciados da verdade, já por conveniência e interesse, já mesmo por ignorância. Sim, por ignorância, repetimos, pois é possível o homem ser

erudito, saber muita coisa, ocupar posição de destaque e, a despeito de tudo isso, achar-se nas condições de Pilatos quando dirigiu a Jesus esta pergunta: Mas, afinal, que é a verdade?¹⁴

Em seguida, Vinícius explica o que é a verdade, segundo a orientação espírita:

Verdade significa inteireza de caráter, firmeza de ação, segundo certo critério íntimo, harmonia perfeita entre a consciência e a conduta, lealdade e sinceridade consigo mesmo, isto é, com a luz interior do Espírito.

O homem veraz não é o que sabe muito: é o que não simula nem dissimula, deixando transparecer no exterior aquilo que vem do seu interior. O homem da verdade é aquele cujo falar é – sim, sim; não, não – como preceitua o Evangelho. O homem da verdade não usa de subterfúgio, nem de circunlóquios; não se mascara com qualquer espécie de disfarce.

A verdade é também força, energia moral, fortaleza de ânimo. Ela é incompatível com as atitudes dúbias, indecisas, pusilânimes. Em toda e qualquer conjuntura, conserva-se inabalável, inalterável. Nada a entibia: desconhece temores, é alheia às ameaças. Nunca duvida do seu êxito. Crê piamente na vitória de si mesma. A fé é sua aliada inseparável. Espera, confia, nunca desanima.

A verdade é também, por sua natureza, incorruptível. Não há razões de interesse que a demovam. Não conhece quaisquer valores além daquele que ela mesma representa e encerra. Nada a seduz senão o seu próprio império e a sua própria realeza. É inacessível ao suborno. Todos os mil artifícios da fraude, do embuste, dos falsos raciocínios, em que é fértil o egoísmo humano quando pretende mascarar a mentira, encontra, na verdade, pronta e enérgica repulsa.

Outro característico inconfundível da verdade é a ação. A verdade não fica inativa. Como potencial do espírito, ela permanece em constante atividade. Por mais que as multiformes modalidades do interesse a persigam e combatam, ela jamais se dá por vencida. Reage sempre, ainda que sem violência, mas com denodo e perseverança. Mil vezes repelida, mil vezes retornará ao seu posto, donde não há força capaz de desalojá-la. A verdade finalmente, é a sentinela de Deus que, do nosso interior, nos adverte sempre até que a ela, um dia nos rendamos, dizendo: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor.¹⁵

É evidente que os judeus que aguardavam o comunicado de Pilatos do lado de fora do tribunal romano, ficaram decepcionados com a resposta do procurador, e, por certo, recusaram-na. O texto evangélico nada diz a respeito, mas é pensamento viável tal suposição quando se considera o lembrete de Pilatos sobre a possibilidade de libertar um prisioneiro por ocasião das festividades da Páscoa, como consta, em seguida, em *João* (18:39 e 40): *Quereis que vos solte o rei dos judeus? Então eles gritaram de novo, clamando: Esse não, mas Barrabás! Barrabás era um bandido.* Foi decidido, assim, que

Jesus seria condenado à morte, mas faltava a emissão da sentença, a qual será proferida na segunda parte do julgamento do Senhor por Pôncio Pilatos.

30.2 JESUS DIANTE DE PILATOS – 2ª PARTE (JO 19:1 A 11)¹⁶

¹Pilatos, então, tomou Jesus e o mandou flagelar. ²Os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, pusera-la na cabeça e jogaram sobre ele um manto de púrpura. ³Aproximando-se dele, diziam: “Salve, rei dos judeus!” E o esbofeteavam. ⁴Pilatos, de novo, saiu fora e lhes disse: “Vede: eu vo-lo trago aqui fora, para saberdes que não encontro nele motivo algum de condenação”. ⁵Jesus, então, saiu fora trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. E Pilatos lhes disse: “Eis o homem!” ⁶Quando os chefes dos sacerdotes e os guardas o viram, gritaram: “Crucifica-o! Crucifica-o!” Disse-lhes Pilatos: “Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro nele motivo de condenação”. ⁷Os judeus responderam-lhe: “Nós temos uma Lei e, conforme essa Lei, ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus”. ⁸Quando Pilatos ouviu essa palavra, ficou ainda mais aterrado. ⁹Tornando a entrar no pretório, disse a Jesus: “De onde és tu?” Mas Jesus não lhe deu resposta. ¹⁰Disse-lhe, então, Pilatos: “Não me respondes? Não sabes que eu tenho poder para te libertar e poder para te crucificar?” ¹¹Respondeu-lhe Jesus: “Não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado do alto; por isso, quem a ti me entregou tem maior pecado”.

A vida do Justo foi cruelmente desprezada em razão dos interesses transitórios de cargos, posições políticas e sociais, sendo os mais notórios adversários de Jesus os religiosos, pessoas que, em princípio, assumiram o compromisso da prática do bem.

A orquestração para a tragédia encontrava-se melhor afinada. Havia harmonia entre o maestro burlesco e os músicos insensatos, que ensaiaram habilmente a farsa tétrica.

Era-lhes habitual esse tipo de comportamento.

Vivendo dos ressaibos das intrigas, perfídias e traições, e acumulando o azedume que se derivava da insegurança política, uniam-se contra qualquer sombra supunham pudesse ameaçar-lhes a estabilidade no poder sempre instável.

[...]

Aquele Homem era-lhes mais do que uma ameaça. Intemerato e intemorato, realizava uma revolução arriscada para os seus padrões de covardia, tornando-se, a cada dia, um perigo maior. A Sua força era a Sua fraqueza terrena: sem dinheiro, sem prestígio social, sem destaque na comunidade... No entanto, o Seu fascínio arrastava as multidões, o que fora constatado quando da Sua entrada em Jerusalém, fazia pouco, ovacionado e recebido com as palmas da esperança e da vitória...

Era necessário silenciá-LO quanto antes...¹⁷

Jesus foi humilhado, ridicularizado e agredido, como relata *João* (19:1 a 3). Pilatos fez questão de chamar Jesus de “rei dos judeus”, não por manifestação de qualquer sentimento de benevolência ou por compreender a extensão dos acontecimentos. Era uma forma dele mostrar o seu desprezo aos judeus, à sua religião, costumes e tradições:

Odiava os judeus, que também o detestavam.

Por duas vezes tentara impor a imagem do Imperador próxima ao Templo e por duas vezes tivera que recuar, pela força das intrigas judaicas encaminhadas a Roma.

Sentira-se humilhado e nunca perdoaria a afronta.

Surpreendido com a malta perversa e o inocente, logo percebeu a trama odienta de fundo religioso, de ciúmes e de crimes de que eram capazes [...].¹⁸

Pôncio Pilatos, porém, foi habilmente envolvido pela trama dos chefes dos sacerdotes que, agindo como mestres da manipulação, receberam o imediato apoio do povo. Acuado, o procurador romano ainda tentou demonstrar o quanto de poder possuía, sobre a vida e a morte, ao afirmar a Jesus: *Disse-lhe, então, Pilatos: Não me respondes? Não sabes que eu tenho poder para te libertar e poder para te crucificar?* (Jo 19:10). Jesus, apenas respondeu-lhe, na tentativa de fazê-lo entender a gravidade da situação: *Respondeu-lhe Jesus: Não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado do alto; por isso, quem a ti me entregou tem maior pecado.* (Jo 19:11).

Jesus, o Messias Divino, porém, jamais vacilou em sua missão divina, e, em nome do Pai sacrificou-se por amor, definindo um roteiro de luzes espirituais destinado à Humanidade regenerada:

Nesse clima de ódios de toda a espécie, entre os sofrimentos mais diversos, Jesus disseminou o amor, a liberdade, a paz, conclamando ao Reino de Deus e pregando a “não violência” até o próprio sacrifício. Sintetizando os objetivos da vida no “amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, fez esse legado de amor em torrentes luminosas e soberanas.¹⁹

Até o final Jesus tentou chamar à razão o procurador romano e os religiosos. Foi em vão, mas teve o poder de expor a farsa do julgamento e a imperfeição moral daqueles que se diziam representantes do povo e de Deus:

As figuras truanescas de Anás, Caifás e Pilatos permanecem ainda inculpidas nas sociedades de todos os tempos desde aquele tempo.

[...]

E Jesus, negado, traído condenado e crucificado, prossegue vivo, amparando e convidando em silêncio a Humanidade ao amor e à justiça, à paz e ao arrependimento.

Os julgamentos injustos, infames prosseguem, no mundo, mas também a misericórdia espalha-se anunciando a vitória da Verdade.²⁰

REFERÊNCIAS

- 1 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVIII*, p. 472
- 2 DOUGLAS J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Pretório, p. 1.090.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 18:28-40, p. 1.889 e 1.890.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 18:31. Nota de rodapé “e”, p. 1.889.
- 5 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas do Canto XVIII*, p. 473.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 19, p. 134.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 18:28. Nota de rodapé “d”, p. 1.889.
- 8 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 10. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 838.
- 9 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 19, it. 7.
- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 19, it. 6.
- 11 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 19, p. 134 e 135.

- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 85 – *Testemunho*.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 133.
- 14 VINÍCIUS. *Em torno do mestre*. 9. ed. Brasília, DF: FEB, 2009. cap. *Pilatos e a Verdade*.
- 15 VINÍCIUS. *Em torno do mestre*. 9. ed. Brasília, DF: FEB, 2009. cap. *Pilatos e a Verdade*.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:1-11, p. 1.890.
- 17 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 19, p. 131.
- 18 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 19, p. 135.
- 19 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. *Respingos históricos*, p. 29.
- 20 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 19, p. 140.

A CONDENAÇÃO À MORTE. A CRUCIFICAÇÃO (JO 19:12 A 22)

Jesus é condenado à morte, após doloroso e humilhante processo transcorrido nesta sequência: 1) interrogatório ilegal, realizado na noite da sua prisão, na residência de Anás, sumo sacerdote que não mais exercia o cargo, por destituição dos romanos; 2) novo interrogatório na manhã do dia seguinte, realizado pelo Sinédrio, sob a condução de Caifás, sumo sacerdote oficialmente nomeado que, no mesmo dia, encaminha Jesus ao procurador do imperador romano na Palestina, Pôncio Pilatos; 3) Jesus é interrogado duas vezes, no entanto, por ser portador de declarada fraqueza de caráter, Pilatos preferiu dar ouvidos às ameaças e artimanhas do conselho dos sacerdotes, ordenando que Jesus fosse flagelado e, posteriormente, decretou a sua morte por crucificação.

Eis o que afirma o instrutor Aniceto, no livro *Os mensageiros*, a respeito da condenação de Jesus:

– Para melhor elucidação, recordemos a crucificação do Mestre divino. Sabemos que Jesus penetrou a glória sublime logo após a suprema dor do Calvário; entretanto, estamos ainda a vê-lo frequentemente pendurado na cruz, martirizado pelos nossos erros, flagelado pelos nossos açoitamentos, porque a visão interior a isso nos compele. A condenação do Mestre foi um crime coletivo, e esse crime estará conosco até o dia em que nos vestirmos da divina luz da redenção.¹

31.1 A CONDENAÇÃO À MORTE (JO19:12 A 16)²

¹²Daí em diante, Pilatos procurava libertá-lo. Mas os judeus gritavam: “Se o soltas, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei opõe-se a César!”
¹³Ouvindo tais palavras, Pilatos levou Jesus para fora, fê-lo sentar-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, em hebraico Gábata. ¹⁴Era o dia da preparação da Páscoa, perto da sexta hora. Disse Pilatos aos judeus: “Eis o vosso rei!” ¹⁵Eles gritavam: “À morte! À morte! Crucifica-o!” disse-lhes Pilatos: “Crucificarei o vosso rei?!” Os chefes dos sacerdotes responderam: “Não temos outro rei a não ser César!” ¹⁶Então Pilatos o entregou para ser crucificado.

Em *João* (19:12 e 15), a passagem evangélica evidencia, de um lado, a falsidade dos chefes dos sacerdotes e as suas manobras políticas para se livrarem de Jesus e, de outro, indica a fragilidade moral de Pilatos devido ao seu excessivo apego ao poder. Conclusão:

A outra tentativa de Pilatos para libertar Jesus e sua capitulação ante a ameaça de ser desleal a César levam o relato do julgamento ao fim. A referência a César encerrou o assunto para Pilatos. Sua ficha corrida em Roma era tal que ele não podia se dar ao luxo de arriscar que qualquer informação chegasse aos ouvidos do imperador (*cf.*, Lc 13:1). Ele estava mais interessado em sua própria posição do que na justiça. [...].³

A partir deste momento, a condenação de Jesus à morte torna-se oficial e irreversível: Pilatos conduz Jesus para o tribunal, posicionando-o em um local denominado *pavimentu*, do latim, ou *gábata*, do hebraico (Jo 19:13).

[...] Nesse lugar ficava o tribunal público, em que Pôncio Pilatos proferia as suas sentenças. Era, talvez, um espaço aberto, fronteiro ao palácio de Herodes, calçado com pedras em obra de mosaico. [...].⁴

De qualquer forma, a palavra *gábata* é de significado incerto:

Geralmente considerado o equivalente hebraico do termo grego *lithostroton*, “pedras espalhadas” (*cf.*, Et 1:6). [...] Dois idiomas são citados, possivelmente para sublinhar a tremenda significação do que estava sucedendo (*cf.*, Jo 19:17, 20) [...].⁵

Em termos históricos, sabe-se que o famoso conquistador, ditador e cônsul de Roma, Júlio César (100-44 a.C.), tinha o hábito de levar consigo nas viagens um pavimento móvel de mosaico, que era colocado no local onde ele proferia as suas sentenças judiciais. “[...] Porém, nessa conexão, “Gábata” sugere antes um lugar fixo. Muitos eruditos localizaram-no na torre de Antônia ou nas proximidades [...], a noroeste da área do templo [...].”⁵, em Jerusalém.

Por dedução, *gábata* seria o equivalente de *tribunal*, local específico para julgamentos, organizado de acordo com a tradição greco-romana:

Nos estados gregos, a assembleia se reunia defronte de uma plataforma (*bema*) de onde as questões oficiais eram conduzidas. [...] Esse termo é empregado a respeito de outras coisas, no NT, como o tribunal, a plataforma sobre a qual assentavam os magistrados romanos, flanqueados por seus conselheiros, a fim de administrarem justiça. Esse era tradicionalmente erigido em um local público, como se torna evidente no caso de Pilatos (Jo 19:13), ou alternativamente, no auditório (At 25:23, em nossa versão de “audiência”).⁶

Se intencional ou não, Pilatos, transformou a sentença condenatória de Jesus em algo formal ou oficial que, para a justiça romana e para a História,

seria conhecido como o Tribunal do Cristo⁶. Tribunal este que Paulo de Tarso iria assim recordar: *Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo* (Rm 14:10) ou *Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal* (2 Cor 5:10).

Enraivecido com os religiosos judeus, Pilatos dá-lhes o troco, denominando Jesus “rei dos judeus” (v. 15). Foi a forma de demonstrar o seu desprezo pelos religiosos, autoridades e povo judeu, em geral. Bittencourt Sampaio faz as seguintes considerações a respeito:

Antes de lavrar a sentença de morte contra Jesus, ainda Pilatos quis tirar de si tão tremenda responsabilidade e, assim, o apresentou de novo aos judeus, dizendo-lhe: – “*Eis o vosso rei*”.

O Senhor se achava então com vestidura branca, que lhe puseram em casa de Herodes [cf., Lc 18:11], em sinal de desprezo e zombaria; tinha a coroa de espinhos sobre a fronte e o sangue, correndo-lhe pelo rosto e manchando a alvura do linho, deixava patentes aos olhos de todos os sinais do ódio barroco dos inimigos da luz.

[...]

A covardia e o terror tinham vencido a justiça e a inocência. Pilatos lavrou a sentença de morte contra Jesus e o entregou aos judeus para que fosse crucificado.⁷

Bittencourt também registra o teor da sentença proferida por Pilatos, com base em um texto de Chateaubriand (1768–1848), citado no livro *De Paris a Jerusalém* e publicado em 1811:

A sentença, segundo tradição que se conserva em Jerusalém, fora lavrada nos seguintes termos:

“Conduzi Jesus de Nazaré, amotinador do povo, inimigo de César e falso Messias, como se lhe provou por testemunho pleno da sua nação, ao lugar destinado às execuções e pregai-o na cruz e entre dois ladrões, em castigo de ludíbrio que fez da majestade real. Vai, lictor, e prepara as cruces.”⁸

Como esclarecimento, a palavra *lictor*, citada no texto, refere-se “à guarda que, na antiga Roma, precedia as figuras da suprema magistratura, trazendo uma machadinha junto a um feixe de varas, com o qual ia abrindo caminho em meio ao povo”⁹.

O exato momento em que Pilatos anunciou a sentença de morte do Senhor, foi logo após Jesus ter sido encaminhado ao tribunal e colocado no espaço reservado (*pavimento* ou *gáбата*), conforme consta em *João* (19:14): “*Era o dia da preparação da Páscoa, perto da sexta hora [...]*”. Essa informação

histórica mostra por que o clero judaico demonstrou tanta pressa na condenação de Jesus: “Durante esse dia, preparava-se a ceia pascal – que deveria realizar-se depois do pôr do sol [cf., Êx 12:6 +), e todo o necessário para passar a festa no repouso prescrito pela lei”.¹⁰ A *hora sexta*, também citada por João, é, segundo a divisão do horário dos judeus, aproximadamente, “cerca do meio-dia, hora em que tudo o que era fermentado devia desaparecer das casas, dando lugar aos ázimos da Páscoa (cf., Êx 12:15 s.)”.¹¹ O Dia da Preparação era, portanto, a sexta-feira, pois o sábado, segundo a tradição judaica, era dia santo, não se realizando qualquer atividade. O Dia da Preparação (no grego, *paraskeue*, preparação), continua, ainda hoje, a indicar o dia anterior ao sábado.¹²

Com a sentença condenatória de morte por crucificação, inicia-se a “Paixão do Cristo”, expressão que, segundo a história eclesiástica, refere-se aos sofrimentos e à morte de Jesus. Constata-se que o texto joanino não fornece detalhes a respeito do assunto, como acontece nos relatos dos sinópticos. Na verdade, tudo indica que *João* (v. 14 e 15) deu um significado muito especial ao fato de Jesus morrer por ocasião das festividades da Páscoa:

[...] João menciona, no v. 14, a *parasceve pascal* (“preparação pascal”) e o período do dia (*cerca da hora sexta*), uma vez que, para ele, a relação da morte de Jesus com a Páscoa judaica era significativa. Mais tarde, Jesus foi visto como o verdadeiro cordeiro pascal. A pergunta de Pilatos *Hei de crucificar o vosso rei?* (v. 15) foi intencionalmente provocadora. Ela extraiu dos principais sacerdotes uma confissão de lealdade a César, a qual Pilatos não podia ignorar. Há uma profunda ironia aqui: Eles estavam alegando lealdade maior do que prestavam ao próprio governador. Mas essa alegação representava a rendição final dos representantes oficiais de Israel, que não reconheciam nenhum outro senhor que não fosse o próprio Deus, a Roma.¹³

O jogo de politicagem, sórdido e voltado exclusivamente para interesses pessoais, então claramente evidenciado pelos representantes do clero, da administração pública e do invasor romano falaram mais alto do que a vida do Justo. Predominou a voz da vaidade, do egoísmo e do orgulho que, ecoando fortemente, abafou qualquer manifestação de amor a Deus e ao próximo. Quantas provações, imaginamos, estariam reservadas a esses Espíritos nas futuras reencarnações, a fim de repararem suas insanas ações daquele momento?! Emmanuel pondera a respeito:

A multidão que rodeava o Mestre, no dia supremo, era enorme.

Achavam-se ali os gozadores impenitentes do mundo, os campeões da usura, os ridicularizadores, os ignorantes, os espíritos fracos que reconheciam a superioridade do Cristo e temiam anunciar as próprias convicções, os

amigos vacilantes do Evangelho, as testemunhas acovardadas, os beneficiados pelo Divino Médico, que se ocultavam, medrosos, com receio de sacrifícios...

[...]

A lição, entretanto, seria legada aos séculos do futuro...

O mundo ainda é uma Jerusalém enorme, congregando criaturas dos mais variados matizes, mas se te aproximas do Evangelho, com sinceridade e fervor, colocam-te a cruz sobre o coração.

Daí em diante, serás compelido às maiores demonstrações de renúncia, raros te observarão o cansaço e a angústia e, não obstante a tua condição de servidor, com os mesmos problemas dos outros, exigir-te-ão espetáculos de humildade e resistência, heroísmo e lealdade ao bem.

Sofre e trabalha, de olhos voltados para a Divina Luz.

Do Alto descerão para o teu espírito as torrentes invisíveis das fontes celestes, e vencerás valorosamente.

Por enquanto, a cruz ainda é o sinal dos aprendizes fiéis.¹⁴

31.2 A CRUCIFICAÇÃO (JO 19:17 A 22)¹⁵

Então eles tomaram a Jesus. ¹⁷E ele saiu, carregando a sua cruz, e chegou ao chamado “Lugar da Caveira” – em hebraico chamado Gólgota – ¹⁸onde o crucificaram; e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio. ¹⁹Pilatos redigiu também um letreiro e o fez colocar sobre a cruz; nele estava escrito: “Jesus Nazareu, o rei dos judeus”. ²⁰Esse letreiro, muitos judeus o leram, porque o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. ²¹Disseram então a Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: “Não escrevas: ‘O rei dos judeus’, mas: ‘Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus’”. ²²Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi”.

Esse relato de João é bem conciso se comparado aos dos demais evangelistas, por exemplo: “João não menciona a ajuda de Simão para carregar a cruz (cf., Mt 27:32; Mc 15:21; Lc 23:26) [...]. Embora João mencione dois outros homens crucificados com Jesus (v. 19), ele não dá detalhes das acusações contra eles. [...]”¹⁶

Por outro lado, somente João relata que foi Pilatos o responsável pelo título afixado à cruz. Há pequenas variações nos diferentes registros do texto sobre o título, mas todos concordam que a inscrição continha a expressão: O REI DOS JUDEUS. Essa declaração causou protestos entre os principais sacerdotes, o que revelou a obstinação de Pilatos (v. 21 e 22). Quando João se refere aos *principais sacerdotes* dos judeus, a forma como as palavras são escritas contrasta fortemente com o título utilizado para Jesus.¹⁷

A cúpula sacerdotal sentiu-se ofendida com a decisão do interventor romano de denominar Jesus “Rei dos Judeus”, tentou argumentar com ele, mas foi em vão. Pilatos manteve o letreiro com os dizeres: “Jesus Nazareu, o rei dos judeus”, escrito em três idiomas (hebraico, latim e grego): “Da parte de Pilatos, a recusa provinha de um sentimento de orgulho, que não lhe permitia emendar o que uma vez decidira sob inspiração, de que não tinha consciência”.¹⁸ Somente o grande amanhã iria mostrar àquelas pessoas a verdade da inscrição inserida em uma placa no alto da cruz. E mais: Jesus não é o rei de Israel, mas de toda a humanidade terrestre, o Messias de Deus.

Jesus foi levado ao Calvário, ou “Lugar da Caveira”, também chamado Gólgota na língua hebraica, carregando a sua cruz, segundo o relato evangélico (Jo 19:17): “nome de um lugar perto de Jerusalém e fora dos muros, onde Jesus foi crucificado e em cujas vizinhanças o sepultaram [...]. O nome deriva do latim *calvária*, ou *calvarium*, quer dizer “crânio”, “caveira”, Lc 23:33, correspondente ao aramaico *gólgotha*. [...]”¹⁹

Jerônimo supõe que esse nome foi originado por avistar-se caveiras insepultas, ou descobertas; outros pensam que é por ser o lugar onde se executavam os condenados. A explicação mais comum é que o nome [calvário] deriva da aparência que tem a rocha, como uma caveira. A frase “Monte Calvário” é moderna. A questão relativa ao lugar da crucificação liga-se à que se refere ao sepulcro. [...]”²⁰

Sem entrar em maiores detalhes, em *João* (19:18), consta apenas esta informação, quando Jesus chegou ao Gólgota: *onde o crucificaram; e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio*. O evangelista não fornece esclarecimento a respeito dos dois ladrões que morreram junto de Jesus. A sinteticidade do versículo transmite a ideia de que João se encontrava sob profundo impacto emocional e que o seu sofrimento deveria ser enorme, impossível dimensionarmos, mesmo passados tantos anos, quando ele escreveu o texto evangélico. Foi algo que lhe marcou para sempre a existência. Assim, quanto menos ele falasse ou escrevesse sobre o assunto, seria melhor, até porque a morte por crucificação é algo bárbaro e profundamente doloroso, como esclarece Cairbar Schutel:

A crucificação é o mais antigo de todos os suplícios, inventado para dar a morte com dores atrozes e demorados sofrimentos. Essa tortura veio do Oriente.

O suplício da cruz não apareceu completo, como geralmente se julga, mas foi sendo aperfeiçoado aos poucos.

No princípio consistia num simples poste de madeira enterrado, no qual o condenado era preso com cravos e cordas. Às vezes o poste era substituído

por qualquer árvore: o criminoso era ligado ao tronco com cravos, tendo os braços estendidos sobre os ramos. Mais tarde apareceu a cruz em forma de T, depois de X (Cruz de S. André), de Y, e, por fim, aquela que serviu para crucificar a Jesus, havendo outros tipos.

Os romanos puniam com o suplício da cruz os escravos, os ladrões, os assassinos. Os condenados eram primeiramente açoitados com correias e arrastados pelas ruas.

Este suplício bárbaro não tardou a ser imitado pelos judeus, sofrendo, entretanto, algumas modificações. Os romanos mantinham os corpos três dias na cruz, ao passo que os judeus crucificavam e de tal modo torturavam a vítima, que a morte não se fazia demorar. Tiravam-na depois da cruz, quebravam-lhe as pernas e a enterravam. A transcrição dos trechos evangélicos dá bem uma ideia do suplício da crucificação.

[...]

O mundo de então era uma barbaridade. Punia-se um crime com um crime maior; não se educava o delinquente, não o corrigiam, mas o condenavam. E a pena era: tortura, suplício, morte!²¹

Vinícius compara a posição de Jesus no Calvário e no Tabor, de onde extraímos o seguinte trecho, o qual parece oportuno à nossa reflexão:

Dois montes figuram na vida terrena de Jesus: o Calvário e o Tabor.

Um deles caiu no olvido. A celebridade do outro tornou-se notória, graças aos constantes e repetidos reclamos que a propósito têm feito e continuam fazendo as igrejas ditas *cristãs*.

No Tabor, Jesus é glorificado pelo Céu, que o recomenda como Ungido de Deus, a quem todos na Terra devem honrar e obedecer.

No Calvário, Ele recebe o suplício que lhe infligiram os homens do século, visando com isso a destruir o supremo intérprete da soberana justiça, visto que Ele atestava que as obras deles eram más.

Aparentemente aniquilado o Filho de Deus, começaram os homens, tempos depois, a render acendrado culto à memória do seu sacrifício. Criaram símbolos que representam aquele trágico acontecimento, fazendo gravitar em volta da cruz e do Calvário toda a história do Cristianismo, como se em tal ela se resumisse.

Com semelhante proceder, tentam apaziguar as consciências, que, hoje como na época da crucificação do Justo, continuam surdas às admoestações do Verbo divino. De tal sorte, enquanto as atenções se voltam para o Calvário, jaz no esquecimento, desconhecido da grande maioria, e deturpado pelo sacerdotalismo interesseiro, o sublime ideal que o Cristianismo encerra. É um segundo atentado que o mundo pretende consumir friamente contra seu Redentor. No Cristo redivivo, exuberante de vida e fortaleza, não se fala. Aos acontecimentos do Tabor, bem como àquela expressa e positiva recomendação

das vozes do Céu, ali notificadas, determinando que se ouvisse e se obedecesse ao divino Messias, não se concede o devido valor, carecem de importância para os veneradores da cruz.

Ora, é precisamente amoldar-se à moral cristã que os homens da atualidade, como os de outrora, não querem. Daí as homenagens ao Calvário, e o desdém pelo Tabor, em cujo cimo se ostentou a glória e a autoridade outorgadas ao Cristo de Deus.

O Calvário é a morte, o Tabor é a vida. No topo do primeiro está a cruz, e nela chumbado o Jesus vencido, inerte, morto. No alto do segundo, destaca-se o Mestre e Senhor em plena atividade, inacessível às maquinações humanas. [...].²²

À luz do Espiritismo, o que representa o Calvário? Que lições devemos extrair do sacrifício de Jesus? Emmanuel responde as estas perguntas:

– O Calvário representou o coroamento da obra do Senhor, mas o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta. E o cristão deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem no íntimo essas virtudes, com as quais saberão remontar ao calvário de suas dores, no momento oportuno.²³

O venerável benfeitor prossegue em seus ensinamentos, esclarecendo a diferença entre a dor física ou material e a dor espiritual, intensamente vivenciada pelo Cristo:

– A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais.

Homens do mundo que morreram por uma ideia muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal.

Imaginar, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.

De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem.

Em sua exemplificação divina, faz-se mister considerar, antes de tudo, o seu amor, a sua humildade, a sua renúncia por toda a Humanidade.

Examinados esses fatores, a dor material teria significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constituiu o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?

Nesse particular, contudo, as criaturas humanas prosseguirão discutindo, como as crianças que somente admitem as realidades da vida de um adulto, quando se lhes fornece o conhecimento tomando para imagens o cabedal imediato dos seus brinquedos.²⁴

REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 47. ed. 14. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 27 – *O caluniador*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:12-16, p. 1.890.
- 3 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:1-16, p. 1.596.
- 4 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Gábata, p. 501 e 502.
- 5 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Gábata, p. 528.
- 6 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Tribunal, p. 1.354.
- 7 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIX*, p. 478 e 479.
- 8 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIX*, p. 479 e 480.
- 9 HOUASS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. verbete: Lictor, p. 1.177.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:14. Nota de Rodapé “e”, p. 1.890.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:14. Nota de Rodapé “f”, p. 1.890.
- 12 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Dia da Preparação, p. 342.

- 13 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:1-16, p. 1.596.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 140 – *Após Jesus*.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:17-22, p. 1.891.
- 16 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:1-16, p. 1.596 e 1.597.
- 17 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:1-16, p. 1.597.
- 18 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIX*, p. 480.
- 19 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Calvário, p. 210 e 211.
- 20 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Calvário, p. 211.
- 21 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2001. cap. 42 – *Os Dois Crucificados*, p. 233 e 234.
- 22 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *O Calvário e o Tabor*.
- 23 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 286.
- 24 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 287.

A PARTILHA DAS VESTES. JESUS E SUA MÃE. A MORTE DE JESUS (JO 19:23 A 30)

A crucificação de Jesus, assim como a dos dois condenados que com Ele compartilharam esse gênero de morte, seguia o costume romano de sortear as vestimentas e outros despojos do morto entre os soldados. O respeitável estudioso estadunidense, Norman Russell Champlin, fornece outras informações a respeito, comumente desconhecidas dos cristãos, inclusive o fato da túnica de Jesus ser diferente da usualmente utilizada pelos discípulos e pelo povo, em geral:

Usualmente eram quatro os soldados – o “quaternion” – que se desincumbiam desses deveres, ao passo que certas tarefas não requeriam esse número. [...] É evidente que, juntamente com eles, havia um centurião; ou então esse centurião era um dos quatro, conforme se depreende da passagem de Mateus, 27:24. Para cada um deles, pois, caberia, uma parte da veste de Jesus; as quatro peças do vestuário eram a coberta da cabeça, as sandálias, o cinto e o “tallíth”, que era uma capa quadrada usada externamente, dotada de fimbrias.

[...]

A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo. Note-se que essa túnica era réplica das vestes do sumo sacerdote que igualmente mandavam confeccionar nesse modelo as suas túnicas. Existe uma tradição no sentido de que Moisés também se vestia dessa maneira. (ver Talmude *Bab. Tasnith*, fol. 11:2). Josefo (*Antiq.* 1. iii, 7:4) mostra que o sumo sacerdote e os sacerdotes dos judeus costumavam usar túnicas inconsúteis, isto é, sem costuras. [...].¹

Jesus já se encontrava crucificado quando vê, aos pés da cruz, sua mãe em companhia de Maria, esposa de Clopas, de Maria Madalena e de João Evangelista (v. 25 e 26). A despeito do sofrimento que passava, o Mestre coloca Maria de Nazaré sob os cuidados do Apóstolo João, que, a partir daquele momento, ambos seriam considerados mãe e filho (v. 26 e 27). Bittencourt Sampaio comenta essa ação de Jesus:

O ato de Jesus, recomendando João a Maria: “*Mulher, eis o teu filho*” – e Maria a João: “*Eis a tua mãe*”, é um derradeiro sinal patente da sua solicitude pelos encarnados e um testemunho, uma homenagem aos sentimentos que devem animar os filhos para com seus, abrangendo mesmo os membros da grande família universal.²

Em seguida, o Mestre declara ter sede. Um dos soldados embebe uma esponja em vinagre (ou vinho avinagrado) e lhe umedece a boca. Pouco tempo depois, o Senhor chega ao final da sua existência quando diz: “Está consumado”.

Os momentos finais da vida terrena de Jesus foram marcados por mais dois brados, um relacionado à sua própria necessidade humana (*tenho sede!* v. 28), o outro relacionado à realização de sua missão (*Está consumado!* v. 30). João vê aqui novamente um cumprimento da Escritura, possivelmente uma alusão a Salmos, 69:21. [...] ³

32.1 A PARTILHA DAS VESTES (JO 19:23 E 24)⁴

²³Os soldados, quando crucificaram Jesus, tomaram suas roupas e repartiram em quatro partes, uma para cada soldado, e a túnica. Ora, a túnica era sem costura, tecida como uma só peça, de alto a baixo. ²⁴Disseram entre si: “Não a rasguemos, mas tiremos a sorte, para ver com quem ficará”. Isso a fim de se cumprir a Escritura que diz: *Repartiram entre si minhas roupas e sortearam minha veste*. Foi o que fizeram os soldados.

A prática romana de repartir as vestes de pessoas crucificadas encontrou, no caso de Jesus, ressonância prevista nas Escrituras: “As vestimentas dos condenados passavam a pertencer aos soldados em serviço, daí a ação relatada no v. 23. João vê esse fato um cumprimento de Salmos, 22:18, mas os evangelhos sinópticos não o mencionam”.⁵ Em termos de informação histórica, temos o seguinte esclarecimento a respeito da citação do *Salmo* registrado por João, que não se encontra na *Bíblia* hebraica, propriamente dita, tal como a conhecemos atualmente. A referência foi retirada da primeira tradução da *Bíblia* hebraica para o grego, realizada por 70 sábios de Alexandria, conhecida como *Septuaginta* (do latim, *setenta*) ou:

[...] No original grego do evangelho de João, esta citação foi extraída palavra por palavra da *Septuaginta* (LXX), no texto de Salmo, 22:18. Todo esse salmo 22 é messiânico, pois fala das deslocações dos ossos do Cristo de sua sede e exaustão, do fato de suas mãos e pés serem traspassados de cravos, e também [...] do fato de que suas vestes foram divididas entre os soldados executores, ao passo que sua túnica inconsútil coube por sorte a um deles. [...] ⁶

O conhecido educador e escritor espírita Vinícius, pseudônimo de Pedro de Camargo, nos disponibiliza interessante interpretação espírita do significado da túnica inconsútil de Jesus que era, efetivamente, diferente das túnicas comuns:

A túnica usada por Jesus era inconsútil: não tinha costuras.

Queremos ver nessa particularidade da veste do Senhor um símbolo sugestivo que se aplica à sua Doutrina.

O Cristianismo é um corpo doutrinário sem remendos, sem peças justapostas. É um todo harmônico, inteiriço, perfeito. A moral do Crucificado não tem aspectos divergentes, não tem ambiguidade, não tem contradições. É uma moral pura, sã, completa, imaculada. O Verbo de Deus encarnado não emitiu sons discordantes, não enunciou frases dúbias, não articulou palavras ocas, não produziu ecos confusos. Foi claro, conciso, congruente, positivo e firme.

Donde vêm, então, as intermináveis cisões entre os credos que militam sob a rubrica do Cristianismo? Donde vem essa confusão que lavra no seio dessas igrejas que se dizem cristãs, adotando doutrinas e princípios heterogêneos? Donde vem essa rivalidade entre aqueles que deveriam ser exemplos de cordura, de harmonia e de paz?

A rivalidade, a confusão, o cisma vem da ignorância, do orgulho e do preconceito dessas igrejas que, do Cristianismo, tomaram somente o título. Tem origem na ambição, no egoísmo insondável do homem, que tudo procura amoldar às exigências insaciáveis de seus mesquinhos interesses. Funda-se, finalmente, no fato de essas religiões não haverem ainda descoberto que a túnica do Mestre era inconsútil, não tinha costuras, não era composta de pedaços, mas representava um todo completo, rematado, perfeito. Tais predicados caracterizam o Cristianismo de Jesus.

Enquanto as igrejas se digladiarem, estarão, com isso, demonstrando cabalmente não haverem atingido o ideal sublime da religião do amor.

A túnica do príncipe das trevas é composta de retalhos, de fragmentos, de tiras justapostas. É a figura da confusão, da desarmonia, das rivalidades infundáveis, das separações, das hostilidades.

A túnica do príncipe da paz é inconsútil, não tem costuras para forçar adesão de retalhos, de partes entre si destacadas. É a imagem da harmonia, o símbolo da verdade, a alegoria da união integral e perfeita, o emblema da confraternização irmanando os homens numa só e única família.⁷

32.2 JESUS E SUA MÃE (JO 19:25 A 27)⁸

²⁵Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. ²⁶Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis o teu

filho!”²⁷ Depois disse ao discípulo: “Eis a tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.

Alguns estudiosos questionam quem seria, efetivamente, a mulher denominada no texto joanino como irmã de Maria de Nazaré. Na *Bíblia de Jerusalém* consta esta nota: “Ou se trata de Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu [João e Tiago Boanerges] (cf. Mt 27:56), ou, ligando essa denominação ao que se segue: Maria, mulher de Clopas”.⁹ Russell Champlin, por sua vez, considera que o texto faz referência a quatro mulheres: a mãe de Jesus, a irmã de sua mãe, Maria esposa de Clopas e Maria Madalena (v. 25). Como base nessa leitura, esse estudioso faz as seguintes observações:

A irmã de Maria, cujo nome não é dado (pois se quatro mulheres são realmente mencionadas neste texto, então Maria, mulher de Clopas, não pode ser irmã de Maria), muito provavelmente era Salomé. E isso é até certo ponto confirmado na narrativa dos evangelhos sinópticos, que igualmente apresentam uma lista de mulheres que se fizeram presentes à crucificação. A diferença é que nos evangelhos sinópticos todos os nomes são mencionados, ao passo que neste evangelho não é apresentado o nome da irmã de Maria (ver Mc 15:40 e Mt 27:56). Dessa maneira, a mulher identificada como “mãe dos filhos de Zebedeu” (Mt 27:56) é evidentemente chamada de “Salomé”, na narrativa paralela de Marcos, 15:40. Assim, Salomé seria a mãe de João e Tiago. E isso, por sua vez, significa que tanto o apóstolo João como sua mãe estiveram ao pé da cruz de Cristo, na companhia de Maria Madalena e de Maria, mãe de Jesus. Além de outra Maria, “mulher de Clopas”. Isso, finalmente, significa que os apóstolos João e Tiago eram primos de Jesus.¹⁰

Champlin acrescenta outras explicações, oriundas das próprias conclusões, mas também fundamentadas em estudos desenvolvidos por outros estudiosos, do passado e do presente:

A outra Maria, pois, era ao mesmo tempo mulher de Clopas, que no texto de Marcos, 15:20 é chamado de “o Menor”, por ser de menor estatura que o outro Tiago [ou mais jovem, segundo outros historiadores], filho de Zebedeu. Voltando a nossa atenção para essa outra Maria, averiguamos que ela era esposa de Clopas, que também era chamado “Alfeu”, porquanto esses dois apelativos parecem ser simples variações de um único nome hebraico. O texto de Mateus, 10:3 revela que Tiago [Menor] era filho de Alfeu, sendo provável que se trate do mesmo Tiago filho de Clopas. [...].

Entretanto, há estudiosos da Bíblia que negam a possibilidade dessa identificação, os quais pensam que, afinal de contas, “Maria, mulher de Clopas” não é a mesma Maria, mãe de Tiago [...].¹¹

A dúvida ainda persiste, visto não existirem até o momento documentos históricos comprobatórios. Se eram três ou quatro mulheres ao pé da cruz

e qual o nome de cada uma delas não nos parece ser a questão relevante – até porque, à época de Jesus, Maria era um nome muito comum.¹¹ O que ressalta no texto é que o Senhor, ao término da sua dolorosa morte, contou com a presença de amigos e familiares fiéis. Ele não se encontrava sozinho! E mais: destaca-se a presença feminina, sobretudo a de Maria de Nazaré, que permaneceu com Ele até o último suspiro. A respeito do apoio recebido daquelas dedicadas mulheres, Emmanuel assinala:

Há [mais de] vinte séculos, com exceção das patrícias do Império, quase todas as companheiras do povo, na maioria das circunstâncias, sofriam extrema abjeção, convertidas em alimárias de carga, quando não fossem vendidas em hasta pública.

Tocadas, porém, pelo verbo renovador do Divino Mestre, ninguém respondeu com tanta lealdade e veemência aos apelos celestiais.

[...]

Atraídas pelo amor puro, conduziam à presença do Senhor os aflitos e os mutilados, os doentes e as crianças. E, embora não lhe integrassem o círculo apostólico, foram elas – representadas nas filhas anônimas de Jerusalém – as únicas demonstrações de solidariedade espontânea que o visitaram, desassombadamente, sob a cruz do martírio, quando os próprios discípulos debandavam.

[...]

Eis o motivo pelo qual, sempre que o raciocínio nos induza a ponderar quanto à glória do Cristo – recordando, na Terra, a grandeza de nossas próprias mães –, nós nos inclinaremos, reconhecidos e reverentes, ante a luz imarcescível da Estrela de Nazaré.¹²

Incapazes de traduzir em palavras a profunda dor que transpassou o venerável e amoroso coração de Maria de Nazaré, citamos alguns registros de Humberto de Campos:

Junto da cruz, o vulto agoniado de Maria produzia dolorosa e indelével impressão. Com o pensamento ansioso e torturado, olhos fixos no madeiro das perfídias humanas, a ternura materna regredia ao passado em amarguradas recordações. Ali estava o filho bem-amado, na hora extrema.

Maria deixava-se ir na corrente infinda das lembranças. Eram as circunstâncias maravilhosas em que o nascimento de Jesus lhe fora anunciado, a amizade de Isabel, as profecias do velho Simeão, reconhecendo que a assistência de Deus se tornara incontestável nos menores detalhes de sua vida. Naquele instante supremo, revia a manjedoura, na sua beleza agreste, sentindo que a Natureza parecia desejar redizer aos seus ouvidos o cântico de glória daquela noite inolvidável. Através do véu espesso das lágrimas, repassou, uma por uma, as cenas da infância do filho estremecido, observando o alarma interior das mais doces reminiscências.

[...]

De alma angustiada, notou que Jesus atingira o último limite dos padecimentos inenarráveis. Alguns dos populares mais exaltados multiplicavam as pancadas, enquanto as lanças riscavam o ar, em ameaças audaciosas e sinistras. Ironias mordazes eram proferidas a esmo, dilacerando-lhe a alma sensível e afetuosa.

Em meio a algumas mulheres compadecidas, que lhe acompanhavam o angustioso transe, Maria reparou que alguém lhe pousara as mãos, de leve, sobre os ombros.¹³

O apoio fraternal é o bálsamo que ameniza as provações da vida, sobretudo quando nos defrontamos com dolorosos acontecimentos como a crucificação do amado Jesus. Com certeza, Maria sofria muito, mas ela não se encontrava só, abandonada e entregue ao próprio sofrimento: era amparada pela amizade sincera de algumas companheiras de jornada e, também, pelo apoio do Apóstolo João que lhe trouxe conforto espiritual. Foi nesse contexto que Jesus os aproximou mais ainda, mantendo-os unidos pelos sagrados elos do amor maternal e filial, como assinala a passagem evangélica: *Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: Mulher, eis o teu filho! Depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe! E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.* (Jo 19:26 e 27).

O que nos faz retomar as preciosas informações de Humberto de Campos:

Deparou-se-lhe a figura de *João* que, vencendo a pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros, lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se àquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo discípulo querido e ambos, ao pé do madeiro, em gesto súplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cúmulo dos tormentos. Foi aí que a frente do divino supliciado se moveu vagarosamente, revelando perceber a ansiedade daquelas duas almas em extremo desalento.

– Meu filho! Meu amado filho!... – exclamou a mártir, em aflição, adiante da serenidade daquele olhar de melancolia intraduzível.

O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quisesse demonstrar, no instante derradeiro, a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes:

– Mãe, eis aí teu filho!... – e, dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: – Filho, eis aí tua mãe!

Maria envolveu-se no véu de seu pranto doloroso, mas o grande evangelista compreendeu que o Mestre, na sua derradeira lição, ensinava que o amor universal era o sublime coroamento de sua obra. Entendeu que, no futuro, a claridade do Reino de Deus revelaria aos homens a necessidade da cessação

de todo egoísmo e que, no santuário de cada coração, deveria existir a mais abundante cota de amor, não só para o círculo familiar, senão para todos os necessitados do mundo, e que no templo de cada habitação permaneceria a fraternidade real, para que a assistência recíproca se praticasse na Terra, sem serem precisos os edifícios exteriores, consagrados a uma solidariedade claudicante.

Por muito tempo, conservaram-se ainda ali, em preces silenciosas, até que o Mestre, exânime, fosse arrancado à cruz, antes que a tempestade mergulhasse a paisagem castigada de Jerusalém num dilúvio de sombras.¹⁴

Foi assim que, tempos depois, João e Maria de Nazaré, agora filho e mãe, foram viver em Éfeso, distantes da terra natal, a fim de que ambos cumprissem a missão que lhes estava reservada:

A esse tempo, o filho de Zebedeu, tendo presentes as observações que o Mestre lhe fizera da cruz, surgiu na Bataneaia, oferecendo àquele Espírito saudoso de mãe o refúgio amoroso de sua proteção. Maria aceitou o oferecimento, com satisfação imensa.

E João lhe contou a sua nova vida. Instalara-se definitivamente em Éfeso, onde as ideias cristãs ganhavam terreno entre almas devotadas e sinceras. Nunca olvidara as recomendações do Senhor e, no íntimo, guardava aquele título de filiação como das mais altas expressões de amor universal para com aquela que recebera o Mestre nos braços veneráveis e carinhosos.

Maria escutava-lhe as confidências, num misto de reconhecimento e de ventura.

João continuava a expor-lhe os seus planos mais insignificantes. Levá-la-ia consigo, andariam ambos na mesma associação de interesses espirituais. Seria seu filho desvelado, enquanto receberia de sua alma generosa a ternura maternal, nos trabalhos do Evangelho. Demorara-se a vir, explicava o filho de Zebedeu, porque lhe faltava uma choupana, onde se pudessem abrigar; entretanto, um dos membros da família real de Adiabene, convertido ao amor do Cristo, lhe doara uma casinha pobre, ao sul de Éfeso, distando três léguas aproximadamente da cidade. A habitação simples e pobre demorava num promontório, de onde se avistava o mar. No alto da pequena colina, distante dos homens e no altar imponente da Natureza, se reuniriam ambos para cultivar a lembrança permanente de Jesus. Estabeleceriam um pouso e refúgio aos desamparados, ensinariam as verdades do Evangelho a todos os espíritos de boa vontade e, como mãe e filho, iniciariam uma nova era de amor, na comunidade universal. Maria aceitou alegremente.

Dentro de breve tempo, instalavam-se no seio amigo da Natureza, em frente do oceano. Éfeso ficava pouco distante; porém, todas as adjacências se povoavam de novos núcleos de habitações alegres e modestas. A casa de João, ao cabo de algumas semanas, se transformou num ponto de assembleias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por espíritos humildes e sinceros.

Maria externava as suas lembranças. Falava d’Ele com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas, apreciando os ensinamentos recebidos. Vezes inúmeras, a reunião somente terminava noite alta, quando as estrelas tinham maior brilho. E não foi só. Decorridos alguns meses, grandes fileiras de necessitados acorriam ao sítio singelo e generoso. A notícia de que Maria descansava, agora, entre eles, espalhou um clarão de esperança por todos os sofrendores. Ao passo que João pregava na cidade as verdades de Deus, ela atendia, no pobre santuário doméstico, aos que a procuravam exibindo-lhe suas úlceras e necessidades.

Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de “Casa da Santíssima”.¹⁵

32.3 A MORTE DE JESUS (JO 19:28 A 30)¹⁶

²⁸Depois, sabendo Jesus que tudo estava consumado, disse, para que se cumprisse a Escritura até o fim: “*Tenho sede!*” ²⁹Estava ali um vaso cheio de vinagre. Fixando, então, uma esponja embebida de vinagre num ramo de hissopo, levaram-na à sua boca. ³⁰Quando Jesus tomou o vinagre, disse: “Está consumado!” E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

João cita três declarações de Jesus, estando Ele na cruz, enquanto os demais evangelistas registraram um número maior que, ao todo, se somam em sete. É importante retomar os estudos anteriores, de *Mateus*, *Marcos* e *Lucas* para revisão do assunto, que é apresentado resumidamente em seguida:¹⁷

- 1) A oração de Cristo para que os seus inimigos fossem perdoados, a qual provavelmente foi proferida no começo da própria crucificação. (Lc 23:34 que diz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o fazem”);
- 2) A promessa feita ao ladrão penitente: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23:43);
- 3) A entrega mútua de Maria ao discípulo amado, e do discípulo amado a Maria: “Mulher, eis aí o teu filho [...]. Eis aí tua mãe[...].” (Jo 19:26 e 27). Essas três declarações foram feitas antes de sobrevir o período das trevas, e cada uma delas demonstram o cuidado do Senhor Jesus por outras pessoas [...];
- 4) Pouco antes de sua morte, o Senhor Jesus deixou escapar o seu grito de desolação: “Deus meu, por que me abandonaste?” (Mc 15:34 e Mt 27:46). [...] Esta quarta declaração muito provavelmente foi dita quando as trevas cobriam ainda a Terra, ou então pouco depois de haver passado esse período de escuridão;
- 5) Houve também o grito de angústia física: “Tenho sede!” (Jo 19:28);

- 6) Foi emitido também o grito de vitória, perto da morte, provavelmente minutos antes de sua ocorrência: “Está consumado!” (Jo 19:30);
- 7) E, finalmente, houve o grito de resignação e entrega: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” (Lc 23:46).

Tudo isso aconteceu segundo as previsões das Escrituras que anunciaram a vinda do Messias de Deus. Cada evangelista registrou o que lhe pareceu mais relevante, em face das próprias recordações e, também os testemunhos de outras pessoas. Contudo João foi o único dos apóstolos que esteve presente nos momentos finais de Jesus. Entretanto, encontravam-se ali, também outras testemunhas, como Maria de Nazaré, familiares, algumas mulheres, soldados, religiosos e pessoas do povo. É importante considerar, ainda, que os textos evangélicos foram escritos muitos anos depois desses acontecimentos. A título de exemplo, recordemos que o primeiro evangelho publicado foi o de *Marcos*, escrito em grego entre os anos 65 e 75 d.C. Com o passar do tempo, surgiu, inclusive, uma discussão sobre a quem caberia a responsabilidade pela morte de Jesus. Daí Bittencourt Sampaio ponderar:

Quanto à crucificação de Jesus pretendem alguns que há contradição entre as narrativas de Mateus, Marcos e a de Lucas, porque, segundo os dois primeiros, foram soldados romanos que executaram a crucificação, e, segundo Lucas, foram os judeus.¹⁸

O venerável autor prossegue em seus comentários:

Estudando-se desprevenidamente os Evangelhos, não se encontra contradição alguma. Os judeus foram os autores da condenação, os soldados os executores: o fato *moral* pertence aos primeiros, o *material* aos segundos.

As narrações devem ser explicadas e completadas umas pelas outras. A ação dos judeus é tomada por Lucas no sentido *moral*, porque moralmente foram eles que sacrificaram a Jesus. Acusa-se porventura o carrasco que executa a sentença injusta proferida contra um inocente? A responsabilidade não cabe toda inteira aos juízes ou ao júri que desencaminharam da justiça e da verdade?

A narração do Evangelista João não deve ser isolada dos três primeiros evangelistas: ela assinala o ato *moral* e o ato *material*, o ato *moral* [...].¹⁹

Outra contradição, motivo de outros debates entre os estudiosos, é a que faz alusão ao fato de um soldado ter umedecido a boca de Jesus com uma esponja embebida em vinagre, quando o Mestre anunciou que tinha sede (Jo 19:29). Possivelmente não era vinagre, propriamente dito, mas um vinho avinagrado ou azedo em razão da fermentação acética (o vinagre é

denominado ácido acético, um ácido classificado como fraco), que era de uso comum entre os soldados:

Se a fermentação vinosa continua por muito tempo ou se o vinho é guardado em demasia, converte-se em vinagre. [...] Não serve para beber [...], porém, misturado com um pouco de azeite, serve no oriente para acalmar a sede na falta de água fresca. [...] Os soldados romanos, quando em campanha, tomavam vinho fraco e azedo, chamado *acetum*, puro ou misturado com água. Nesse último caso tinha o nome de *posca* [...] para mitigar-lhe a sede, depois de o crucificarem, cf. Mc 15:36; Jo 19:20-30. [...].²⁰

A Mensagem da Cruz deve merecer, dia após dia, nossa permanente atenção, a fim de que, sob a firme manifestação do Amor, evitemos erros de julgamentos das ações do próximo que, cedo ou tarde, nos alcançam, como esclarece Joanna de Ângelis:

O amor deu forças a Jesus na Cruz, de forma que suportou todas as crueldades que Lhe foram impostas com sobrançeria e misericórdia.

Fê-lo silenciar diante dos falsamente fortes, que pareciam ter poder sobre a Sua vida, permanecendo calado diante da massa ignara que tanto amava, para comunicar-se com o criminoso ao Seu lado, no momento extremo, concedendo-lhe esperança de renovação e de imortalidade em triunfo.

Resistindo à debilidade orgânica sob o exaurir das energias, foi o amor que Lhe facultou prosseguir durante horas agônicas em irrestrita confiança em Deus. Não bastassem todos os testemunhos, demonstrando a excelência desse incomparável sentimento, ainda pode rogar ao Pai que perdoasse a ignorância e a ignomínia daquelas criaturas perdidas em si mesmas, que O matavam.

O amor é portador de expedientes inesperados, abrindo portas que pareciam fechadas e ampliando o seu campo de ação quando tudo são limites e pequenezes. Foi o amor que levou o Mestre a reconvocar Simão Pedro ao ministério espiritual, arrancando-o do remorso resultante da negação e da culpa, de tal forma que, renovado, mais tarde se deu também em holocausto, tocado pela magia irradiante desse sublime sentimento.

Também foi o amor que inspirou o Rabi a buscar Judas nas regiões penosas do Mundo Espiritual inferior, para facultar-lhe oportunidades de redenção e de progresso através dos tempos, edificando-o para sempre.

Não há conjuntura difícil que o amor não solucione, nem situação penosa que não suavize e acalme.

[...]

Como luz, o amor é fonte inexaurível de energia benéfica, facultando saúde e promovendo a paz.

Enquanto existe, não se lhe extingue a luminescência nem lhe escasseia a harmonia.²¹

REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. 19:23, p. 815.
- 2 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIX*, p. 481.
- 3 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:17-37, p. 1.597.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:23-24, p. 1.891.
- 5 CARSON, D. A.; et al. *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; et al. 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:17-37, p. 1.597.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. 19:23, p. 815.
- 7 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2015. cap. *A túnica inconsútil*.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:25-27, p. 1.891.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:25. Nota de roda pé “d”, p. 1.891.
- 10 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. 19:23, p. 816 e 817.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. 19:23, p. 817.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no lar*. Por Espíritos diversos. 12. ed. 5. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 43 – *A mulher ante o Cristo* [mensagem de Emmanuel].
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 30 – *Maria*.

- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 30 – *Maria*.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 30 – *Maria*.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:28-30, p. 1.891.
- 17 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. 19:28, p. 819.
- 18 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIX*, p. 486.
- 19 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XIX*, p. 486 e 487.
- 20 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Vinagre, p. 1.260.
- 21 FRANCO, Divaldo Pereira. *Garimpo de amor*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2003. cap. 6, p. 47 e 48.

O GOLPE DE LANÇA. O SEPULTAMENTO (JO 19:31 A 42)

O fechamento do capítulo 19 do *Evangelho segundo João* apresenta-nos dois importantes assuntos: o primeiro refere-se a urgente necessidade dos sacerdotes judeus de liberarem os corpos que foram crucificados, o de Jesus e o dos dois ladrões, ainda naquela sexta-feira, conhecida como o Dia da Preparação. O segundo assunto está relacionado aos cuidados que o corpo de Jesus recebeu de alguns discípulos.

A tradição judaica considera o sábado como um dia sagrado, voltado ao descanso, recomendando-se que toda e qualquer atividade seja realizada na sexta-feira segundo esta interpretação:

Sábado (no hebraico é *shababth*, “cessar”, “repousar”) – dia de descanso instituído por Deus, para ser observado por todos os homens. Completou a obra da criação em seis dias e cessou de trabalhar no dia sétimo. [...].¹

Aquela sexta-feira revelava-se, pois, como um dia muito especial, não somente porque era a véspera do *shabath*, mas porque era a antevéspera da comemoração da Páscoa judaica, uma das festividades mais relevantes do povo judeu. Justificava-se, pois, a pressa de sepultar os corpos dos que foram mortos por crucificação, Jesus e os dois assaltantes (Jo 19:31 e 32). Contudo esse sepultamento deveria seguir a seguinte sequência de ações: a) autorização para retirar os corpos da cruz – no caso, foi Pilatos quem deu a ordem aos soldados, por ser ele a autoridade máxima na Palestina; b) necessidade de que os crucificados estivessem efetivamente mortos. Se existisse dúvida a respeito, quebrava-se os ossos das pernas dos condenados para acelerar o processo. Foi o que aconteceu com os dois ladrões pois, segundo o texto joanino Jesus foi poupado, porque Ele já estava morto. Mesmo assim, os soldados confirmaram a morte com um golpe de lança aplicado na lateral do seu corpo (Jo 19:33); c) sepultamento dos corpos era, em geral, realizado pelos familiares e/ou amigos do falecido, ou, na ausência destes, os romanos sepultavam os mortos em covas coletivas.

Importa considerar que os hebreus jamais enterravam os seus mortos, como é hábito na cultura ocidental. Eles colocavam os defuntos em cavernas naturais ou artificiais (Gn 23:9; Is 22:16; Mt 27:60; Jo 11:38), previamente preparadas, em lugares distantes das habitações, fora dos muros da cidade. Assim, se os arqueólogos encontram um corpo sepultado no chão sabem antecipadamente que era de um cristão, mas se o corpo estava em uma rocha, era de um judeu.²

Destaca-se no estudo o papel desempenhado por Nicodemos e por José de Arimateia, dois destacados membros do Sinédrio que apreciavam os ensinamentos de Jesus. Em razão da posição que ocupavam, tiveram acesso a Pôncio Pilatos, dele recebendo autorização para liberar o corpo de Jesus e sepultá-lo adequadamente. (Jo 19:38 a 42), segundo os ritos do Judaísmo.

Como sabemos, o Sinédrio era um corpo judiciário-administrativo e religioso, uma espécie de alta corte rabínica, presidida por um sumo sacerdote, cujos membros exerciam significativa influência em todos os aspectos da vida cotidiana de Israel:

Sinédrio (do grego, *synedrion*, “concílio”, “assento junto”) – nome que os escritores da história e das antiguidades judias davam ao tribunal supremo que deliberava sobre a vida e os costumes dos hebreus no tempo de Cristo. O Sinédrio compunha-se de 71 membros, que no período do Novo Testamento era assistido por três classes: Os escribas, que geralmente eram fariseus; os anciãos, que eram fariseus; os anciãos, que eram os mais velhos dos chefes das famílias e dos clãs, e os ex-sumos sacerdotes com os anciãos das quatro famílias sumo sacerdotais. Por ser o tribunal supremo da nação judia, tinha caráter tanto religiosos quanto secular, podia prender e coagir, mas não tinha poder para exercer penas capitais, estas deveriam ser confirmadas pelo governador romano. [...].³

33.1 O GOLPE DE LANÇA (JO 19:31 A 37)⁴

³¹Como era a Preparação, os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado – porque esse sábado era um grande dia! – pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. ³²Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro e depois do outro, que fora crucificado com ele. ³³Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, ³⁴mas um dos soldados, traspassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água. ³⁵Aquele que viu dá testemunho e seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais, ³⁶pois isso aconteceu para que se cumprisse a Escritura: *Nenhum osso lhe será quebrado*. ³⁷E uma outra Escritura diz ainda: *Olharão para aquele que traspassaram*.

O comum era os indivíduos crucificados permanecerem na cruz até a morte, condição que, às vezes, envolvia dias. Porém, se surgisse alguma necessidade, urgente ou não, de que eles fossem retirados da cruz para o sepultamento, existia o hábito de fraturar as pernas ou ambos os membros superiores e inferiores dos condenados. A justificativa geral, dizia-se, era para acelerar a morte, mas havia também a intensão de fazer o condenado sofrer:

Nos informes históricos, vemos que o ato de quebrar as pernas aos condenados à crucificação geralmente exigia repetidos golpes com instrumentos pesados, e que, às vezes, essa medida era tão cruel como a própria crucificação. [...] Quebrar as pernas dos condenados era um castigo independente e não meramente uma providência para apressar a morte dos crucificados (apesar de ter igualmente esse último efeito). [...] Somente este evangelho de João inclui essa narrativa e, de fato, somente o quarto evangelho nos presta informes contidos nos v. 31 a 37, deste capítulo. [...].⁵

O texto de *João* (19:31) informa que havia uma urgência no sepultamento dos crucificados, pois tratava-se uma sexta-feira especial, denominada Dia da Preparação, antevéspera da Páscoa judaica:

O desejo dos judeus de cumprir as exigências de seu ritual (v. 31) era duplamente importante para eles, pelo fato de ser sábado e por cair exatamente no dia da Festa da Páscoa judaica. O procedimento brutal de se quebrar a perna do condenado não fazia parte da punição da crucificação, mas foi utilizado para apressar a morte (v. 32, 33). Sem esse procedimento, a morte poderia ser adiada por algum tempo, até mesmo dias. [...].⁶

Jesus não teve as pernas quebradas, como destaca o texto evangélico: *Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados, traspassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água.* (Jo 19:33 e 34). Cumpria-se, desta forma, previsões das Escrituras de que nenhum osso lhe seria quebrado (Êx 12:46, Nm 9:12 e Sl 34:20), mas que o seu corpo seria traspassado por uma lança (Zc 12:10).

João interpreta que o cumprimento das Escrituras aconteceu para demonstrar o *abate sacrificial do cordeiro divino, em época especialmente propícia* – dois dias antes da Páscoa –, condição que corrobora ser Jesus o Cristo aguardado. Deus teria poupado o sofrimento da fratura dos ossos do Senhor porque o seu corpo estava morto e o seu Espírito já havia sido entregue ao Criador Supremo (Jo 19:30). O evangelista também considera que o fato de jorrar água e sangue após a perfuração do corpo de Jesus por uma lâmina foi mais um indicativo da *imolação do cordeiro de Deus*, como

previa os textos sagrados escriturais. Esse ato, realizado aparentemente por acaso, revestia-se de significado divino, de acordo com a análise do Apóstolo João: “[...] O sangue [...] testemunha a realidade do sacrifício do cordeiro imolado para a salvação do mundo [...], e a água, símbolo do Espírito, sua fecundidade espiritual. [...]”⁷

A entrega do espírito ao Pai, por parte do Senhor Jesus, é apresentada, como ação voluntária, no versículo 30 deste capítulo; e isso também é um dos fatores da morte aparentemente prematura de Jesus, o que foi um sinal importante no conceito do autor deste quarto evangelho, visto comprovar o fato de que a morte de Cristo não ocorrera por acidente, antes, perfeitamente dentro dos planos de Deus, o que mostra que essa morte tinha desígnios divinos. Essa ocorrência serviu, igualmente, para confirmar o caráter messiânico de Jesus, em sua morte, pois até nesse ponto ele cumpriu as exigências próprias de sua missão.⁸

33.2 O SEPULTAMENTO (JO 19:38 A 42)⁹

³⁸Depois, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente, por medo dos judeus, pediu a Pilatos que lhe permitisse retirar o corpo de Jesus. Pilatos o permitiu. Vieram, então, e retiraram seu corpo. ³⁹Nicodemos, aquele que anteriormente procurara Jesus à noite, também veio, trazendo cerca de cem libras de uma mistura de mirra e aloés. ⁴⁰Eles tomaram então o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com os aromas, como os judeus costumam sepultar. ⁴¹Havia um jardim, no lugar onde ele fora crucificado e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém fora ainda colocado. ⁴²Ali, então, por causa da Preparação dos judeus e porque o sepulcro estava perto, eles depositaram Jesus.

José de Arimateia e Nicodemos eram respeitáveis membros do Sinédrio que gozavam de privilegiada situação financeira. Admiravam Jesus, a despeito do Senhor ter sido condenado pela maioria dos membros do tribunal superior do Judaísmo. Daí José de Arimateia ter pedido a Pilatos lhe entregasse o corpo do Mestre Nazareno para o sepultamento, segundo a tradição do povo de Israel. Para melhor compreender a ação de ambos, apresentamos, em seguida, alguns traços biográficos deles:

- » **José de Arimateia** “(Arimateia – modificação latina e grega da palavra *Ramah*, “altura”): nome da cidade onde morava o homem rico que foi pedir a Pilatos o corpo de Jesus para ser sepultado no seu jazido novo, aberto em rocha”.¹⁰ Desconhece-se, atualmente, o local onde essa cidade estava situada, possivelmente pertencia à Samaria.¹⁰ Em termos históricos, sabe-se que José de Arimateia era um “[...] membro do Sinédrio, homem de honrosa posição e

que esperava pelo Reino de Deus (Mc 15:43). Esse homem não teve parte na condenação de Jesus porque era seu discípulo, ainda que secretamente como Nicodemos, que por medo não confessava publicamente. [...]”¹¹

Irmão X transmite outras informações complementares:

José de Arimateia, distinto cavalheiro de Jerusalém, não era um amigo de Jesus, à última hora. Efetivamente, não podia aceitar, de pronto, as Verdades evangélicas e nem se comprometer com a nova doutrina. Ligado a interesses políticos e raciais, continuava atento às tradições judaicas, embora observasse carinhosamente o apostolado divino. Sabia orientar-se com elegância e defendia o Nazareno, aparando acusações gratuitas. Impossível considerar Jesus mistificador. Conhecia-lhe, de perto, as ações generosas. Visitara Cafarnaum e Betsaida, reiteradas vezes e, dono de um coração bem formado, condoía-se da sorte dos pobrezinhos. Em muitas ocasiões, examinara possíveis modificações do sistema de trabalho para beneficiar os trabalhadores da gleba. Afligia-o observar criancinhas desprotegidas e nuas, ao longo das casinholas humildes dos pescadores. Por isso, a presença do Messias Nazareno, em derredor das águas, confortava-lhe o espírito sensível e bondoso, porque Jesus sabia inspirar confiança e despertar alegria no ânimo popular. Não podia segui-lo na posição de apóstolo, mas estimava-o, sinceramente, na qualidade de amigo fiel.

Admirador desassombrado, José não suportava a tentação de apresentá-lo aos amigos prestigiosos e influentes. Não era o propósito propagandístico em sentido inferior que o animava em semelhantes impulsos. Desejava, no fundo, que todos conhecessem o Mestre e o amassem, tanto quanto ele mesmo.¹²

- » **Nicodemos** (no grego, “conquistador do povo”) – Era “[...] fariseu e membro do Sinédrio. Convencido pelos milagres que Jesus realizava, de que o Mestre de Nazaré tinha vindo de Deus, procurou uma entrevista com ele, porém fê-la à noite para escapar à observação dos companheiros ou talvez por ser mais conveniente”¹³ Tudo indica que Nicodemos era dedicado estudioso dos textos sagrados, um doutor da lei. Jesus esclareceu-lhe a respeito do nascer de novo e do Amor de Deus ao mundo que, deu o seu Filho Unigênito para que todo aquele que acreditasse n’Ele tivesse vida eterna. Consta que Nicodemos contribuiu com o sepultamento de Jesus doando uma composição de 100 libras de mirra e aloés, e que teria auxiliado preparar o corpo para o sepultamento (Jo 19:29 a 40).¹³

O Espírito Amélia Rodrigues traz interessantes informes biográficos e do caráter de Nicodemos:

Setenta eram os doutores da Lei, escolhidos em Israel entre os letrados e os de ascendência nobre.

Nicodemos era um dos mais jovens entre os respeitáveis mestres, que desfrutavam o privilégio de ocuparem a alta Corte do Sinédrio. Fariseu, além de ser doutor da Lei, era chefe dos judeus.

Sequioso da verdade, não se contentava com as velhas fórmulas da exegese religiosa e sentia, depois daqueles tormentosos séculos em que Israel se vira privada de revelações, que algo de estranho e grandioso pairava no ar.

De caráter nobre, era severo na interpretação da Lei e zeloso no cumprimento dos deveres.

Sentia que em todo lugar havia ânsia incontida de renovação.

[...]

Ouvira falar de João, o pregador itinerante do Jordão, mas receara ir vê-lo.

[...]

Soubera de Jesus.

O Messias, de Quem ouvia falar, parecia atraí-lo vigorosamente.

Tivera contato com muitos daqueles que o conheciam, beneficiários de Seu socorro.

Fora informado do conteúdo novo e revigorador dos Seus discursos.

Aguardava, desde há muito, alguém que possuísse os evidentes sinais de coragem e equilíbrio, do destemor e discernimento como um excelente filho de Deus para conduzir o povo sofrido de Israel e esclarecer as mentes apanagiadas pelo rigorismo da aplicação da Lei ou ludibriadas pela usurpação dos bens de órfãos e viúvas, trocados por falsas orações, em criminosas maquinações às quais se entregavam.

Ela estava em Jerusalém...

Ia recebe-IO e ouvi-IO-ia.¹⁴

Vemos assim, como e porque dois notáveis membros do Sinédrio cuidaram do funeral de Jesus, de conformidade com os registros de *João* (19:40 a 42): *Eles tomaram então o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com os aromas, como os judeus costumam sepultar. Havia um jardim, no lugar onde ele fora crucificado e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ninguém fora ainda colocado. Ali, então, por causa da Preparação dos judeus e porque o sepulcro estava perto, eles depositaram Jesus.*

O evangelista não fornece maiores detalhes a respeito do sepultamento de Jesus, informa apenas que, depois da autorização de Pilatos para remover o corpo de Jesus da cruz e sepultá-lo, José de Arimateia e Nicodemos forneceram todos os recursos necessários a um funeral de acordo com a tradição do Judaísmo: o corpo do Senhor foi preparado,

envolvido em tiras de panos embebidas em perfumes e extratos de ervas aromáticas, como mirra e aloés (v. 39), que neutralizam os maus odores, naturais da decomposição orgânica:

Quando os israelitas preparavam um morto para o sepultamento não tinham em mente a preservação dele. Mas desejavam que se decompusesse o mais lentamente possível. Envolviam-no em panos e colocavam junto grandes quantidades de perfumes e especiarias, para neutralizar os odores da decomposição. Além disso, ainda depositavam especiarias ao lado do corpo. Na Antiguidade era costume fazerem-se visitas periódicas ao túmulo. No primeiro ano após a morte. Talvez fosse por isso que colocavam tantos perfumes.

A qualidade desses perfumes variava muito de acordo com as posses da família. [...]

José de Arimateia e Nicodemos, os homens que se encarregaram do sepultamento de Jesus eram abastados e providenciaram um sepultamento caro para o Messias. Eles colocaram junto ao seu corpo cerca de 3 Kg de mirra e aloés. [...].¹⁵

A *Mirra* é uma planta de nome científico *Balsamodendron myrrha*, que libera uma substância aromática, no hebraico conhecida como *mor*, e no grego como *smyrna*. O extrato aromático dessa planta era misturado ao óleo, formando um unguento utilizado para ungir o corpo de pessoas, vivas ou mortas, ou para perfumar as vestes e as roupas de cama. A mirra foi oferecida pelos magos do Oriente a Jesus quando do seu nascimento. Existe também a suposição de que o vinho oferecido a Jesus na cruz, quando Ele teve sede, estava misturado com mirra, usada com a finalidade de amortecer as dores do sacrifício. A mirra é também utilizada na forma de incenso para aromatizar ambientes.¹⁶

As *Aloés* forneciam “[...] muitos dos perfumes extraídos de flores e de outras plantas. Era tirado de uma planta da família do lírio, e normalmente misturado à mirra. Uma forma de fazer perfume era mergulhar a flor em gordura quente”.¹⁶ Há diferentes espécies de aloés, identificadas cientificamente pelo nome de *Aquilaria agallocha*. São árvores grandes, cuja madeira produz uma “[...] resina e óleo essencial que dão o perfume que a tornam tão estimada no oriente”.¹⁷

A infame morte de Jesus, tão valorizada, apregoada, dramatizada e lembrada pela história do Cristianismo não deixa de ser um contrassenso, pois Ele a venceu na sua gloriosa Ressureição, fazendo-nos repetir a indagação, sempre presente, de Paulo de Tarso: *Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?* (1Cr 15:55 e 56). Eis as considerações espíritas que Cairbar Schutel faz a respeito:

A morte de Jesus é a primícia de um fenômeno transcendental que devia servir de base inamovível à sua Religião: a Ressurreição.

Encarando-a sob esse prisma, novos horizontes se dilatam às nossas vistas, aclara-se a nossa compreensão sobre o motivo da vida terrestre, surge na alma atribulada grandes consolações e esperanças, e, em vez de temer a morte, aguardá-la-emos calmos, com a certeza de que ela nada leva do nosso Eu, mas afeta unicamente a roupagem carnal de que nos revestimos para efetuar um trabalho de evolução e de benefício em prol daqueles que necessitam da nossa presença objetiva no mundo material, como, também, um trabalho de perfeição da nossa própria individualidade.

Conhecida a pessoa, testemunhada a morte, verificado o óbito, constatada a ressurreição, quem duvidará da sobrevivência, da imortalidade?

O escopo de Jesus consistiu justamente nisso: deixar-se matar para demonstrar que a morte não anula o ser, não destrói a *individualidade*, não extingue o espírito, que é a causa dominante imorredoura, que teve princípio, porém não terá fim, pois é infinito pelos séculos dos séculos.

Encarada por essa forma, a morte de Jesus tem grande alcance espiritual; não só espiritual, como também material e moral. Encarando-a de outra forma, nenhum valor tem, porque supliciados, torturados e mortos injustamente têm sido muitos heróis, muitos dignitários da Ciência e da Religião. Entretanto, nenhum deles soube orientar a sua morte como Jesus, dando-lhe a verdadeira significação, confirmada pelos fenômenos da Ressurreição que o Mestre, com singular sabedoria, demonstrou, não só aos seus discípulos, como a inúmeras pessoas que com Ele privaram e ainda a outras que o conheceram ligeiramente. [...]

Concluimos afirmando mais uma vez que a Doutrina de Jesus não se funda na morte do Senhor, que é obra do “espírito da ignorância”, do “espírito das trevas”, mas sim na sua vida, na sua palavra, nos seus exemplos, nos seus prodígios, na sua ressurreição.

O Espírito do Cristianismo é vida, sabedoria, amor, poder.¹⁸

REFERÊNCIAS

- 1 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Sábado, p. 1.074.
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Sepulcro, p. 1.139 e 1.140.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Sinédrio, p. 1.163.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:31-37, p. 1.891 e 1.892.
- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19:31, p. 823.
- 6 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 19:17-37, p. 1.597.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:34. Nota de rodapé “k”, p. 1.891.
- 8 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19:31, p. 823 e 824.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 19:38-42, p. 1.892.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Arimateia, p. 111.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: José, it. 11, p. 706.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 13. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 20 – *Ouvindo o Mestre*.
- 13 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Nicodemos, p. 875.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 4, p. 68 a 70.
- 15 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 23, it. Panos de linho e especiarias, p. 307 e 308.
- 16 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Mirra, p. 827.
- 17 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Aloés, p. 59.
- 18 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2001. cap. 43 – *A morte de Jesus*, p. 244 e 245.

O SEPULCRO ENCONTRADO VAZIO. APARIÇÃO A MARIA MADALENA. APARIÇÕES AOS DISCÍPULOS. A PRIMEIRA CONCLUSÃO (JO 20:1 A 31)

Os três primeiros assuntos dessa passagem evangélica (v. 1 a 31) referem-se à sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico, cujo entendimento ainda é escasso, senão confuso, em significativa parcela da humanidade terrestre. O quarto assunto (v. 30 e 31) manifesta a profunda convicção do evangelista de Jesus ser o Cristo de Deus, o Messias Celestial aguardado pelos judeus.

A Ciência e ideologias materialistas negam a possibilidade da imortalidade do Espírito, declarando que a vida cessa com a morte do corpo físico, ideias que caminham em sentido contrário à espiritualização e moralização do ser humano:

Pela crença no nada o homem concentra, forçosamente, todos os seus pensamentos na vida presente. Não faria sentido, é lógico, preocupar-se com um futuro do qual nada se espera. Esta preocupação exclusiva do presente leva o homem naturalmente a pensar em si, de preferência a tudo; é, pois, o mais poderoso estimulante do egoísmo, e o incrédulo é coerente consigo mesmo quando chega à seguinte conclusão: gozemos enquanto estamos aqui; gozemos o mais possível, pois com a morte tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos por quanto tempo estaremos vivos. [...].¹

As religiões e filosofias espiritualistas que, em princípio, poderiam contribuir com esclarecimentos mais efetivos, não só se perdem nas manifestações dos simbolismos ritualísticos, como atentam contra o princípio natural que todo ser humano traz consigo, instintivamente, que é a ideia de individualidade e imortalidade da alma:

Além do fato de que esses sistemas não satisfazem nem a razão nem as aspirações do homem, deles decorrem, como se vê, dificuldades insuperáveis, pois são impotentes para resolver de fato todas as questões que levantam. *O homem tem, pois, três alternativas: o nada, a absorção, ou a individualidade da alma antes e depois da morte.* É para esta última crença que a lógica nos impele irresistivelmente, crença que tem formado a base de todas as religiões desde que o mundo existe.²

Em termos históricos, a constituição das igrejas cristãs foi uma excelente ideia, pois visava congregar adeptos que se dedicavam à prática da caridade, ao estudo e a difusão dos ensinamentos de Jesus, cultivando uma moral elevada de amor a Deus e ao próximo (At 1:12 a 14; 2:37 a 47; 4:32 a 35). Entretanto, com o passar do tempo, as igrejas cristãs afastaram-se dos propósitos originais, transformando-se em instituições hierarquizadas, cujas atividades pastorais, ainda hoje, são expressas sob forma de rituais, mais ou menos complexos. Mudanças que se revelaram como desfavorável quando se considera o apego aos cultos externos e ignorância quanto ao verdadeiro significado espiritual da mensagem do Evangelho.

Nessas condições, o cristão não encontra respostas satisfatórias que o esclareça, por exemplo, a respeito da continuidade da vida na dimensão extrafísica e como será a sua vida no Além-Túmulo. Há interpretações religiosas que afirmam, inclusive, que morto o corpo, o Espírito se integra a um todo universal (ideia denominada panteísmo), o que não deixa de ser uma condição desoladora: a pessoa perde a individualidade e a vida, em si mesma, pois deixa de existir. Neste aspecto, as concepções teológicas cristãs avançaram um pouco mais, ao afirmarem que a individualidade do ser é preservada após a morte do corpo. Contudo a situação pós-morte não é também animadora: o Espírito estaria condenado a viver eternamente no céu, no inferno ou no purgatório, por decisão do tribunal divino (da igreja, na verdade), que considera os atos que ele realizou ao logo da existência física. E mais: os Espíritos que não praticaram o mal nem fizeram o bem, como acontece em geral com as crianças, seriam encaminhados a um local denominado “nimbo”. Trata-se de decisões trágicas, pois o infrator das Leis Divinas não tem chance de reparar os erros cometidos.

Há ainda interpretações de igrejas cristãs que defendem a tese de que, com a morte do corpo físico, o Espírito ficaria dormindo, permanecendo no Além em um estado semelhante ao de hibernação, e que, no final dos tempos, acordaria no mesmo corpo que tivera antes da morte, mesmo que este estivesse totalmente desintegrado pela ação do tempo.

O Espiritismo ensina que o Espírito prossegue em sua jornada evolutiva na dimensão espiritual, jamais perde a sua individualidade, revestindo-se de um corpo semimaterial, o perispírito na outra realidade da vida, mas que retorna à vida corporal pela reencarnação, quantas vezes se fizerem necessárias, a fim de reparar erros cometidos e progredir pela aquisição de aprendizados intelectuais e morais:

Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma após a morte, ou, por outra, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno encontrada em toda parte. Porém, no que elas diferem essencialmente, é quanto à natureza dessas penas e gozos, *principalmente* sobre as condições determinantes de umas e de outras. Daí os pontos de fé contraditórios dando origem a cultos diferentes, e os deveres particulares impostos por estes para honrar a Deus e, por esse meio, ganhar o céu e evitar o inferno.³

À medida que o indivíduo adquire conhecimentos, intelectuais e morais, surge a satisfação generalizada contra os princípios religiosos e teológicos de céu e inferno, respectivamente, a moradia eterna dos Espíritos muito bons e dos muito maus. O purgatório está destinado à maioria da Humanidade. Mas o simples fato de a pessoa não poder reparar os seus erros, ou de não poder evoluir, já dificulta o entendimento do assunto, como Allan Kardec pondera:

[...] Convenhamos que o quadro inventado pelas religiões, sobre o assunto, é pouco sedutor e nada tem de consolador.

Senão, vejamos. De um lado, contorções de condenados a expiarem em torturas e chamas eternas os erros de uma vida efêmera e passageira. Os séculos sucedem-se aos séculos, sem qualquer perspectiva de abrandamento das penas, sem qualquer piedade; e, o que é mais atroz ainda, o arrependimento não tem nenhum proveito para eles. De outro lado, as almas combalidas e atormentadas do purgatório aguardam a sua libertação mediante a intercessão dos vivos, que orarão ou farão que orem por elas, e não dos esforços que fizerem para progredir.

Estas duas categorias compõem a imensa maioria da população de Além-Túmulo. Acima delas paira a limitada classe dos eleitos, gozando, por toda a eternidade, da beatitude contemplativa. Esta inutilidade eterna, preferível sem dúvida ao nada, não deixa de ser de fastidiosa monotonia. [...]

Este estado não satisfaz nem as aspirações, nem a ideia instintiva de progresso, única que parece compatível com a felicidade absoluta. [...].⁴

As orientações espíritas a respeito da destinação da alma após a morte do corpo físico, da preservação da sua individualidade, da reencarnação e da Lei de Causa e Efeito, entre outras, nos parecem mais

coerentes com a ideia de que se tem de Deus, Pai e Criador Supremo, ensinada por Jesus:

A Doutrina Espírita modifica completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação. Aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da infelicidade, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de Além-Túmulo. É por isso que os espíritas encaram a morte calmamente e se mostram serenos nos seus últimos momentos sobre a Terra. Já não é apenas a esperança que os conforta, mas a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o nascer do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações do homem.⁵

E mais:

Para os espíritas, a alma não é mais uma abstração; tem um corpo etéreo, que dela faz um ser definido, capaz de ser concebido pelo pensamento, o que já é muito para fixar as ideias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. [...].⁶

As aparições de Jesus após a morte do seu corpo físico serviram também para comprovar que o Espírito é eterno, imortal. Que a vida continua plena e ativa na dimensão espiritual, enquanto o corpo, ao contrário, é perecível, representando apenas uma das inúmeras vestimentas utilizadas pelo Espírito nas diferentes reencarnações:

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo [encarnado]. Ignorando a causa primeira do fenômeno das aparições, seus discípulos não se davam conta dessas particularidades que, provavelmente, não lhes mereciam qualquer atenção. Já que viam o Mestre e o tocavam, para eles aquele era o corpo ressuscitado de Jesus.⁷

34.1 O SEPULCRO ENCONTRADO VAZIO (JO 20:1 A 10)⁸

¹No primeiro dia da semana, Maria Madalena vai ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê que a pedra fora retirada do sepulcro. ²Corre então e vai a Simão Pedro e ao outro discípulo, que Jesus amava, e lhes diz:

“Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram”.³ Pedro saiu, então, com o outro discípulo e se dirigiram ao sepulcro.⁴ Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro.⁵ Inclinando-se, viu as faixas de linho por terra, mas não entrou.⁶ Então, chega também Simão Pedro, que o seguia, e entra no sepulcro; vê as faixas de linho por terra⁷ e o sudário que cobrira a cabeça de Jesus. O sudário não estava com os panos de linho no chão, mas enrolado em um lugar à parte.⁸ Então, entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu.⁹ Pois ainda não tinham compreendido que, conforme a Escritura, ele devia ressuscitar dos mortos.¹⁰ Os discípulos, então, voltaram para casa.

Esta passagem evangélica refere-se ao domingo em que se comemorava a Páscoa dos judeus (v. 1: *No primeiro dia da semana*). Lembrando que a crucificação e o sepultamento de Jesus ocorreram na sexta-feira, denominado Dia da Preparação, assunto que foi esclarecido nos Temas 31 e 33, estudados anteriormente. Posteriormente, a partir da constatação de que o corpo de Jesus havia desaparecido, as igrejas cristãs definiram o domingo como “o dia do Senhor”.⁹

Com a morte de Jesus, o estado de ânimo dos discípulos era péssimo: sofriam muito e não conseguiam compreender o porquê de o Senhor ter sido condenado e crucificado. A respeito, Humberto de Campos transmite-nos algumas considerações:

Dois dias eram passados sobre o doloroso drama do Calvário, em cuja cruz de inominável martírio se sacrificara o Mestre, pelo bem de todos os homens. Penosa situação de dúvida reinava dentro da pequena comunidade dos discípulos. Quase todos haviam vacilado na hora extrema. O raciocínio frágil do homem lutava por compreender a finalidade daquele sacrifício. Não era Jesus o poderoso Filho de Deus que consolara os tristes, ressuscitara mortos, sarara enfermos de doenças incuráveis? Por que não conjurara a traição de Judas com as suas forças sobrenaturais? Por que se humilhara assim, sangrando de dor, nas ruas de Jerusalém, submetendo-se ao ridículo e à zombaria? Então, o Emissário do Pai Celestial deveria ser crucificado entre dois ladrões?!

Enquanto essas questões eram examinadas, de boca em boca, a lembrança do Messias ficava relegada a plano inferior, olvidada a sua exemplificação e a grandeza dos seus ensinamentos. O barco da fé não soçobrava inteiramente, porque ali estavam as lágrimas do coração materno, trespassado de amarguras. O Messias redivivo, porém, observava a incompreensão de seus discípulos, como o pastor que contempla o seu rebanho desarvorado. Desejava fazer ouvida a sua palavra divina, dentro dos corações atormentados; mas só a fé ardente e o ardente amor conseguem vencer os abismos de sombra entre a Terra e o Céu. E todos os companheiros se deixavam abater pelas ideias negativas.¹⁰

Imagine, porém, a surpresa dos apóstolos com a notícia de que Maria de Madalena lhes trazia de ter encontrado o sepulcro vazio, que a pedra do sepulcro foi removida e que corpo de Jesus tinha sido retirado dali (v. 1 e 2). De imediato, Pedro e João correm até o local e constatam que o corpo desaparecera, que as faixas de linho e o sudário que envolviam o corpo de Jesus estavam no chão (v. 3 a 7). Perplexos, percebem, nesse momento, que Jesus ressuscitou (v. 8), como Ele anteriormente anunciara, em mais de uma ocasião, e que, também, fora previsto pelas Escrituras (v. 9). Essas e outras informações do evangelista são sucintas quando comparadas às dos Evangelhos de *Mateus*, *Marcos* e *Lucas*, que apresentam outros detalhes, as quais, na verdade, se complementam. Destacamos as seguintes diferenças:

- 1) “Mateus e Marcos registram a visita de diversas mulheres ao sepulcro, no fim da tarde do dia de sábado ou no começo da noite, que o evangelho de João não historia. (Ver Mc 16:1 e Mt 28:1-4.) [...]”¹¹
- 2) “Os evangelhos sinópticos mencionam o fato de diversas mulheres terem vindo ao sepulcro: Maria de Madalena, Maria, mãe de Tiago, Salomé e Joana (esta última por adição do evangelho de Lucas, em Lc 24:10). [...]”¹²
- 3) “Somente o evangelho de João registra a história da corrida de Pedro e João até o túmulo vazio (ver Jo 20:3 a 10), embora o texto de Lucas, 24:12 [...] mostre conhecimento dessa tradição histórica. [...]”¹³

Emmanuel destaca, a propósito, a importância da lição que representa a visita de Maria Madalena ao túmulo de Jesus:

De madrugada¹⁴

E no primeiro dia da semana Maria Madalena foi ao sepulcro, de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra removida do sepulcro. (João, 20:1.)

Não devemos esquecer a circunstância em que Maria de Magdala recebe a primeira mensagem da ressurreição do Mestre.

No seio de perturbações e desalentos da pequena comunidade, a grande convertida não perde tempo em lamentações estéreis nem procura o sono do esquecimento.

Os companheiros haviam quebrado o padrão de confiança. Entre o remorso da própria defecção e a amargura pelo sacrifício do Salvador, cuja lição sublime ainda não conseguiam apreender, confundiam-se em atitudes negativas. Pensamentos contraditórios e angustiados azorragavam-lhes os corações.

Madalena, contudo, rompe o véu de emoções dolorosas que lhe embarga os passos. É imprescindível não sucumbir sob os fardos, transformando-os, acima de tudo, em elemento básico na construção espiritual, e Maria resolve não se acovardar, ante a dor. Porque o Cristo fora imolado na cruz, não seria lícito condenar-lhe a memória bem-amada ao olvido ou à indiferença.

Vigilante, atenta a si mesma, antes de qualquer satisfação a velhos convencionalismos, vai ao encontro do grande obstáculo que se constituía do sepulcro, muito cedo, precedendo o despertar dos próprios amigos, e encontra a radiante resposta da Vida Eterna.

Rememorando esse acontecimento simbólico, recordemos nossas antigas quedas, por havermos esquecido o “primeiro dia da semana”, trocando, em todas as ocasiões, o “mais cedo” pelo “mais tarde”.

34.2 APARIÇÃO A MARIA MADALENA (JO 20:11 A 18)¹⁵

¹¹Maria estava junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro ¹²e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés. ¹³Disseram-lhe então: “Mulher, por que choras?” Ela lhes diz: “Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram!” ¹⁴Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. ¹⁵Jesus lhe diz: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Pensando ser ele o jardineiro, ela lhe diz: “Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!” ¹⁶Diz-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “Rabbuni!”, que quer dizer “Mestre”. ¹⁷Jesus lhe diz-lhes: “Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”. ¹⁸Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor”, e as coisas que ele lhe disse.

Maria de Magdala retorna mais tarde ao sepulcro de Jesus, sobretudo quando surgira a esperança da Ressurreição do Mestre amado. Emocionada, derrama lágrimas de ansiedade na expectativa de rever o Senhor, e, ao olhar para dentro do túmulo, depara com a visão de dois anjos, sentados no lugar onde Jesus fora colocado (v. 11 e 12). Um anjo aparece-lhe e pergunta por que ela chorava, recebendo a resposta de que era porque alguém tinha levado o corpo de Jesus e ela não sabia para onde (v. 13). Em seguida, Jesus aparece-lhe, mas ela não o reconhece, e, supondo ser o jardineiro, pergunta-lhe se foi ele quem levou o corpo de Jesus (v. 14 e 15). Jesus, então, faz-se reconhecido e exclama: *Maria!* (v. 16). Quando Maria o reconhece, responde-lhe em hebraico: *Rabunni!* – palavra que significa Mestre, porém, é “tratamento mais solene do que Rabi e, muitas vezes, usado quando se dirige a Deus. [...]”¹⁶ Ato contínuo, Jesus pede para não ser tocado, pois *ainda*

não havia subido ao Pai (v. 17) e recomenda-lhe ir aos discípulos anunciar que ela tinha visto o Senhor (v. 18).

Três grandes lições destacam-se nesse relato de João, que devem merecem a nossa atenção, pois refletem a inexperiência dos cristãos em relação ao Cristo ressuscitado, que, ainda hoje, mantém uma certa fixação no Calvário e na Crucificação. A primeira lição a ser apreendida é que Maria de Madalena “[...] procurava o Cristo morto, que ela não pode encontrá-lo, pois Ele não estava morto, e, sim, vivo. Muitos têm caído nesse mesmo equívoco, resultando em vastas perdas para eles mesmos. [...]”¹⁷ A segunda, demonstra que ainda temos dificuldades de caminhar até o Cristo: “[...] apesar de todas as suas buscas, Maria de Madalena não se chegou ao Cristo, mas foi Jesus quem a encontrou. Essa também é uma experiência comum. [...]”¹⁷ Por último, “[...] apesar de o buscar com todo o seu ser, Maria Madalena não reconheceu o Cristo quando o viu. [...]. Por semelhante modo, isso é o que sucede conosco, com frequência. [...]”¹⁷

Prossigamos sempre com Jesus, por maiores sejam os obstáculos e desafios que a caminhada evolutiva interponha em nosso caminho, como bem nos recorda Neio Lúcio:

Com Jesus, todavia, é diferente.

No túmulo de Nosso Senhor, não há sinal de cinzas humanas.

Nem pedrarias, nem mármore de preço, com frases que indiquem, ali, a presença da carne e do sangue.

Quando os apóstolos visitaram o sepulcro, na gloriosa manhã da Ressurreição, não havia aí nem luto, nem tristeza.

Lá encontraram um mensageiro do reino espiritual que lhes afirmou: “Não está aqui”.

E o túmulo está aberto e vazio, há quase [mais de] dois mil anos.

Seguindo, pois, com Jesus, através da luta de cada dia, jamais encontraremos a angústia da morte e, sim, a vida incessante.

No caminho de notáveis orientadores do mundo poderemos encontrar formosos espetáculos da glória passageira; contudo, é muito difícil não terminarmos a experiência em desilusão e poeira.

Somente Jesus oferece estrada invariável para a Ressurreição Divina.

Quem se desenvolve, portanto, com o exemplo e com a palavra do Mestre, trabalhando por revelar bondade e luz, em si mesmo, desde as lutas e ensinamentos do mundo, pode ser considerado cidadão celeste.¹⁸

Retornemos a Humberto de Campos que conosco compartilha as suas luminosas pesquisas, extraídas dos arquivos imortais do Plano Espiritual:

– Maria!...

Ela se supôs admoestada pelo jardineiro; mas, em breves instantes reconhecia a voz inesquecível do Mestre e lhe contemplava o inolvidável sorriso. Quis atirar-se-lhe aos pés, beijar-lhe as mãos num suave transporte de afetos, como fazia nas pregações do Tiberíades; porém, com um gesto de soberana ternura, Jesus a afastou, esclarecendo:

– Não me toques, pois ainda não fui a meu Pai que está nos céus!...

Instintivamente, a Madalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lágrimas de inexcedível ventura. Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição era a essência divina, que manteria eternidade ao Cristianismo.

A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e júbilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o ânimo em todos os espíritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam vê-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulçorosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum.

Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias.

A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Madalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os séculos terrestres.¹⁹

34.3 APARIÇÕES AOS DISCÍPULOS. A PRIMEIRA CONCLUSÃO (JO 20:19 A 31)²⁰

¹⁹À tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: “A paz esteja convosco!” ²⁰Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor. ²¹Ele lhes disse de novo: “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. ²²Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: “*Recebei o Espírito Santo. ²³Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos*”. ²⁴Um dos Doze, Tomé, chamado Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus. ²⁵Os outros discípulos, então, lhe disseram: “Vimos o Senhor!” Mas ele lhes disse: “Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão ao seu lado, não creerei”. ²⁶Oito dias depois, achavam-se os discípulos, de novo, dentro de casa, e Tomé com eles. Jesus veio, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!” ²⁷Disse depois a Tomé: “Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e

põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê!”²⁸ Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!”²⁹ Jesus lhe disse: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!”³⁰ Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro.³¹ Esses, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.

No fechamento deste estudo, temos o registro de alguns acontecimentos notáveis relacionados à Ressurreição de Jesus, caracterizados pelo aparecimento do Mestre Nazareno aos discípulos. O evangelista enfatiza, ao final (v. 30 e 31), que Jesus realizou muitos outros sinais, sobretudo diante dos seus discípulos, os quais extrapolam os registros do quarto evangelho. Estes sinais, somados aos ensinamentos e conduta do Mestre Nazareno revelaram um fato incontestável: *Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.* (Jo 20:31).

Allan Kardec assim se pronuncia a respeito:

Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com detalhes circunstanciados que não permitem se duvide da sua realidade. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anômalo em face do fenômeno do mesmo gênero, de que a História, antiga e moderna, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que ocorreram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todas as características de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que nem mesmo os seus discípulos o reconhecem; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem não tem a vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; todas as suas atitudes, em suma, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem [encarnado].²¹

O relato joanino assinala a aparição de Jesus aos apóstolos, estando eles em reunião a portas fechadas e a incredulidade de Tomé que, por estar ausente, não acreditou nas informações dos demais de que o Mestre estivera com eles (v. 25), a ponto de afirmar: *Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei* (v. 26). Esse pronunciamento de Tomé (também chamado Dídimo), não deixa de ser surpreendente, a ponto de passados oito dias, o Senhor vir para trazer-lhe a comprovação (v. 26 a 27): *Oito dias depois,*

achavam-se os discípulos, de novo, dentro de casa, e Tomé com eles. Jesus veio, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: A paz esteja convosco! Disse depois a Tomé: Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-na no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê! Tal acontecimento mereceu a seguinte admoestação de Jesus relacionada à descrença do apóstolo, que exigiu provas para crer: Jesus lhe disse: Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram! (v. 29).

Infelizmente, o mundo está repleto de “tomés”: por mais honrados e legítimos sejam os testemunhos ou evidências comprobatórias, há pessoas prisioneiras de pontos de vista ou movidas por um intelectualismo vaidoso que negam os fatos mais evidentes. Entretanto, tudo isto é questão de tempo, de aprendizado intelectual e moral. Chegará o dia em que as pessoas estarão mais esclarecidas, em que a Ciência e a Religião estabelecerão vínculos pela construção de pontes mútuas de entendimento.

Bittencourt Sampaio faz as seguintes considerações:

O pensamento do Divino Mestre aplica-se aos homens da época, que, sem as exigências da incredulidade de Tomé e sem terem acolhido, como os apóstolos, a aparição de Jesus, creram em sua Ressurreição. Só pelas palavras que Ele pronunciara, pelos atos que praticara na Terra e pelo testemunho daqueles que o viram ressuscitado.

[...]

São ainda suas palavras um ensinamento sobretudo para a era nova que começa e em que a fé e a ciência têm de apoiar-se uma na outra – a razão clareando os caminhos.

A fé esclarecida, sólida, inabalável, se obtém não só pelo que podem perceber materialmente os olhos do corpo, mas pelo que percebem os olhos do Espírito, com auxílio do estudo, do exame aprofundado e suficiente, do duplo ponto de vista, teórico e experimental, do Espiritismo, que é, em si e como Lei da Natureza, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal –; estudo e exame feitos com respeito e amor ao Criador, sem prevenção, sem ideias preconcebidas, antes com humildade, desinteresse, moralidade e a experiência que o homem precisa adquirir, sem outro móvel que o amor da Humanidade, o desejo ardente do progresso pessoal e coletivo, por meio da luz, da ciência da verdade.²²

Amélia Rodrigues analisa também que

Tomé era vítima da cegueira mais grave: a da alma, que dilacera o coração. O cego dos olhos pode imaginar e conceber na mente, mas o cego de espírito nega-se a pensar, sequer, na remota possibilidade de algo existir ou acontecer, conforme se narrava.²³

A benfeitora complementa:

O primeiro, às vezes, nega, porque não visualiza, mas o outro não pretende enxergar, nega-se a ver.

O mundo está repleto de cegos do espírito, aqueles que apalpam e apertam as coisas, que abarcam as posses, que se comprazem com o vinho do prazer espúrio que se lhes corre nas veias e artérias do sentimento.

Há também a cegueira dos néscios e dos que se jactam de sábios, dos esbirros dos poderosos e dos que se apresentam como tal, e que se enganam em relação à precariedade das suas forças... Há, ainda, os insolentes e astutos que se acreditam portadores de recursos que se lhe escasseiam, dos soberbos e fátuos que a tudo negam, quando lhes convém acreditar, ou simplesmente não desejam que se caracterize pela realidade.

Sobejam religiosos hipócritas, literatos presunçosos, artistas embriagados pela fantasia, que também são vítimas dessa estranha cegueira, gritando alto a sua recusa, a sua descrença na ressurreição de Jesus.

Acreditam, isso sim, que o seu corpo foi roubado pelos aturdidos discípulos, como fora propalado por testemunhas compradas pelo Sinédrio, para evitar que surgisse o mito do Seu retorno.

Não têm provas e creem. No entanto, o testemunho daqueles que O viram não lhes é válido.²³

Na conclusão do capítulo consta o seguinte relato de *João* (20:30 e 31), que enfatiza a missão messiânica de Jesus: *Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.* Amélia Rodrigues assim se expressa a respeito, endossando as palavras do evangelista:

Jesus é único!

Incomparável, ninguém se Lhe assemelhava em candura, em sabedoria, em majestade, em renúncia...

O Seu é o hino majestoso e de encorajamento para os anseios do coração e as aspirações do pensamento.

[...]

Não fundou qualquer doutrina, nada exigiu, aparecendo como se fosse uma brisa perfumada em manhã de Sol, amenizando o calor e esparzindo harmonia. Só apresenta uma recomendação: o amor indistinto a Deus, ao próximo e a si mesmo...

Alterou, porém, os conteúdos da Sociologia, da Metafísica, da Ética, da Filosofia, tornando a Sua uma Doutrina total, que explica os segredos da vida através de um autoconhecimento incomum e de uma revelação invulgar sobre todos os fenômenos existenciais.²⁴

REFERÊNCIAS

- 1 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 1, it. 2.
- 2 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 1, it. 10.
- 3 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 1, it. 11.
- 4 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 2, it. 6.
- 5 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 2, it. 10.
- 6 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. 1ª pt., cap. 2, it. 10.
- 7 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 61.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 20:1-10, p. 1.892.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 20:1. Nota de rodapé “ê”, p. 1.892.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 22 – *A mulher e a ressurreição*.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 20, it. 10 *A ressurreição e os aparecimentos de Jesus – 20:1-25*, n. 1, p. 830.
- 12 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 20, it. 10 *A ressurreição e os aparecimentos de Jesus – 20:1-25*, n. 2, p. 831.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 20, it. 10 *A ressurreição e os aparecimentos de Jesus – 20:1-25*, n. 3, p. 831.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 168.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 20:11-18, p. 1.892 e 1.893.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 20:16. Nota de rodapé “b”, p. 1.893.
- 17 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 20, it. 10 A ressurreição e os aparecimentos de Jesus – 20:11, p. 837.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Alvorada cristã*. Pelo Espírito Neio Lúcio. 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 1 – *Sigamos Jesus*.
- 19 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 22 – *A mulher e a ressurreição*.
- 20 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 20:19-31, p. 1.893 e 1.894.
- 21 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 61.
- 22 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XX*, p. 502 e 503.
- 23 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 21, p. 150.
- 24 FRANCO, Divaldo Pereira. *...Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. *...Até o fim dos tempos* [introdução], p. 8 e 9.

EPÍLOGO. APARIÇÃO À MARGEM DO LAGO DE TIBERÍADES. CONCLUSÃO (JO 21:1 A 25)

O último capítulo do *Evangelho segundo João* apresenta um *epílogo*, que faz referência a três assuntos: a última aparição de Jesus aos discípulos, uma pescaria que passou à História como milagrosa, seguida de breve refeição de despedida do Senhor, fatos ocorridos às margens do Lago de Tiberíades, também conhecido como Mar da Galileia. No texto joanino, consta também uma *conclusão*, na qual o evangelista dá testemunho de tudo o que escreveu a respeito do Messias Divino.

João faz correlação dessa última pescaria com o convite proferido por Jesus, quando da formação do colégio apostolar: *Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens* (Mt 4:19), sendo que na atual passagem evangélica, como também consta em *Lucas*, 5:10, João entende que a significativa quantidade de peixes pescados representa os futuros discípulos de Jesus, quando as lições do Evangelho se espalhem pelo mundo.¹

Este relato funde dois episódios primitivamente distintos: uma pesca miraculosa (*cf.*, como sendo Lc 5:4-10) e uma refeição pós-pascal (*cf.*, Lc 24:41-43), que o v. 10 se esforça em ligar. Nos v. 1 e 14, o verbo “manifestar”, dito de Cristo, é termo técnico herdado das tradições judaicas, para significar a manifestação de Cristo enquanto tal [...], para as aparições de Cristo ressuscitado. [...] Isso poderia ser indício de que, nas tradições joaninas, a pesca miraculosa estava na origem de acontecimentos relativos ao início do ministério de Jesus, como [afirma] Lucas.²

Para conhecimento, destacamos outro ponto relevante no estudo do capítulo 21 do quarto evangelho que merece ser assinalado: há quem conteste autenticidade a este registro, afirmando que não foi escrito pelo evangelista, tendo como base algumas divergências linguísticas e de estilo presentes no texto. Segundo tais estudiosos, o quarto evangelho se encerraria com o aparecimento de Jesus a Tomé (Jo 20:26 a 29), todavia não existe consenso

entre tais estudiosos: para uns, o Epílogo foi escrito, efetivamente, por João, ainda que se identifique, aqui e acolá, divergências redacionais, consideradas irrelevantes à exclusão do texto evangélico; outros supõem que o capítulo 21 foi um acréscimo de um provável discípulo do evangelista, fato cuja veracidade não há como comprovar; finalmente, há quem defenda a tese de que o capítulo, o *Epílogo*, teria sido escrito por um autor inteiramente diferente, talvez com o intuito de incluir as outras aparições de Jesus na Galileia, declaração que se reduz a simples suposição.³

Bittencourt Sampaio faz as seguintes ponderações a respeito das alegações dos que negam a autoria do *Epílogo* a João:

Não obstante, porém, os argumentos da sofisticada impugnação, as melhores razões existem para lhe aceitar a autenticidade, já pelo estilo da narração, já pela tradição permanente, como nos seria fácil provar, se o nosso fim não fosse unicamente apreciar, interpretando-os em *espírito* e em *verdade*, os fatos que o evangelista relata.⁴

35.1 APARIÇÃO À MARGEM DO LAGO DE TIBERÍADES (JO 21:1 A 23)⁵

¹Depois disso, Jesus manifestou-se novamente aos discípulos, às margens do mar de Tiberíades. Manifestou-se assim: ²Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos. ³Simão Pedro lhes disse: “Vou pescar”. Eles lhe disseram: “Vamos nós também contigo”. Saíram e subiram ao barco e, naquela noite, nada apanharam. ⁴Já amanhecera. Jesus estava de pé, na praia, mas os discípulos não sabiam que era Jesus. ⁵Então Jesus lhes disse: “Jovens, acaso tendes algum peixe?” Responderam-lhe: “Não!” ⁶Disse-lhes: “Lançai a rede à direita do barco e achareis”. Lançaram, então, e já não tinham força para puxá-la, por causa da quantidade de peixes. ⁷Aquele discípulo que Jesus amava disse então a Pedro: “É o Senhor!” Simão Pedro, ouvindo dizer “É o Senhor!”, vestiu sua roupa – porque estava nu – e atirou-se ao mar. ⁸Os outros discípulos, que não estavam longe da terra, mas cerca de duzentos côvados, vieram com o barco, arrastando a rede com os peixes. ⁹Quando saltaram em terra, viram brasas acesas, tendo por cima peixe e pão. ¹⁰Jesus lhes disse: “Trazei alguns dos peixes que apanhastes”. ¹¹Simão Pedro subiu então ao barco e arrastou para a terra a rede, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes; e apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. ¹²Disse-lhes Jesus: “Vinde comer!” Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: “Quem és tu?”, porque sabiam que era o Senhor. ¹³Jesus aproxima-se, toma o pão e o distribui entre eles; e faz o mesmo com o peixe. ¹⁴Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ressuscitado dos mortos. ¹⁵Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão,

filho de João, tu me amas mais do que estes”? Ele lhe respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta os meus cordeiros”.¹⁶ Segunda vez disse-lhe: “Simão, filho de João, tu me amas?” – “Sim, Senhor”, disse ele, “tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta as minhas ovelhas”.¹⁷ Pela terceira vez disse-lhe: “Simão, filho de João, tu me amas?” Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez lhe perguntara “Tu me amas?” e lhe disse: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta as minhas ovelhas”.¹⁸ Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres”.¹⁹ Disse isso para indicar com que espécie de morte Pedro daria glória a Deus. Tendo falado assim, disse-lhe: “Segue-me”.²⁰ Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo que Jesus amava, aquele que, na Ceia, se reclinara sobre seu peito e perguntara: “Senhor, quem é que te vai entregar?”²¹ Pedro, vendo-o, disse a Jesus: “Senhor, e ele?”²² Jesus lhe disse: “Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me”.²³ Divulgou-se, então, entre os irmãos, a notícia de que aquele discípulo não morreria. Jesus, porém, não disse que ele não morreria, mas: “Se quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?”

Os quatro evangelistas, *Mateus, Marcos, Lucas e João*, apresentam detalhes mais ou menos extensos a respeito das aparições de Jesus imediatamente após a Ressurreição. Lucas faz referências complementares em *Atos dos apóstolos*, e Paulo em carta remetida aos coríntios. A partir dessas informações, nos foi possível construir uma possível cronologia, que pode ser assim resumida:

- » Primeira aparição: descoberta do sepulcro vazio por Maria Madalena e, possivelmente, outras mulheres, entre elas Joana de Cusa e Maria de Cléofas, no dia seguinte à crucificação, ou seja, na manhã do Domingo de Páscoa (Mt 28:1; Mc 16:1; Jo 20:1). Maria Madalena avisa a Pedro e a João que o corpo de Jesus desaparecera (Jo 20:2). No mesmo dia, mais tarde, quando Maria Madalena retorna ao sepulcro, Jesus aparece a ela (Jo 20:11 a 18);
- » Segunda aparição: Jesus aparece a algumas mulheres quando elas retornam para casa, depois de terem se despedido de Maria Madalena (Mt 28:9);
- » Terceira aparição: Jesus manifesta-se a dois discípulos – um deles de nome Cléofas, segundo *Lucas* (24:18) – na estrada de Emaús (24:13 a 30), possivelmente três dias após a Crucificação;
- » Quarta aparição: Jesus aparece a dez apóstolos que se achavam reunidos a portas fechadas (Jo 20:19 a 21). Tomé encontrava-se ausente (Jo 20:24);

- » Quinta aparição: após oito dias desse encontro, Jesus aparece aos apóstolos, inclusive a Tomé que se encontrava presente. Nessa ocasião, o Senhor mostra ao apóstolo incrédulo as marcas da crucificação (Jo 20:26 a 29);
- » Sexta aparição: o Senhor aparece a Simão Pedro (Lc 24:34; 1 Cor 15:5);
- » Sétima aparição: Jesus manifesta-se aos onze apóstolos que se encontravam reunidos com os dois discípulos que viajaram para Emaús com o Senhor (Lc 24:33 a 40);
- » Oitava aparição: Jesus instrui os apóstolos a viajarem à Galileia (Mt 28:10; Mc 6:7). Chegando ao local indicado, o Senhor aparece-lhes às margens do Lago de Genesaré, também denominado Lago Tiberíades ou Mar da Galileia, onde estabelece significativo diálogo com Pedro (Jo 21:1 a 23);
- » Nona aparição: Jesus aparece a uma multidão de seguidores, conhecidos como os *500 da Galileia*. Essa aparição foi relatada por Paulo de Tarso (1 Cor. 15:6);
- » Décima aparição: Jesus aparece a Tiago, possivelmente Tiago Boanerges ou Tiago, o Maior, irmão de João, segundo relato de Paulo (1 Cor 15:7);
- » Décima primeira aparição: Jesus é visto por onze discípulos no “topo de uma montanha na Galileia”, considerando-se o relato de *Mateus* (28:16 a 20);
- » Décima segunda aparição: o Senhor instrui os apóstolos a se dirigirem a Betânia, onde os abençoa, e, em seguida, se eleva ao Céu (Lc 24:50 e 51; At 1:1 a 11). Antes de abençoá-los e elevar-se ao Céu, Jesus transmite-lhes a instrução final de que deveriam permanecer em Jerusalém, acrescentando: *Eis que eu vos enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneci na cidade até serdes revestidos da força do Alto.* (Lc 24:49).

É provável que essa cronologia esteja incompleta, sobretudo no que diz respeito à sequência dos acontecimentos ou, até mesmo entender que algumas aparições poderiam ser fundidas em uma só. Tais fatos, porém, não nos parecem importantes, pois a ideia é citar as principais manifestações do Senhor, imediatamente após a Ressurreição, tendo como base as informações dos autores do Novo Testamento, principalmente quando se considera o seguinte relato de Lucas, descrito em *Atos dos apóstolos*, 1:3, que anuncia ter Jesus aparecido durante quarenta dias consecutivos:

Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo, até o dia em que foi arrebatado ao Céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo. Ainda a eles apresentou-se vivo depois de sua paixão, com muitas provas incontestáveis: durante quarenta dias apareceu-lhes e lhes falou do que concerne ao Reino de Deus.⁶

Passados os tempos da Ressurreição e da Ascensão, Jesus continua aparecer aos discípulos, porém de forma mais ocasional, como indicam os seguintes textos:

- » A Estêvão, durante o seu apedrejamento (At 7:55 a 60);
- » A Paulo de Tarso: a) na estrada para Damasco, quando da sua conversão (At 9:3 a 8); b) em Corinto (At 18:9 e 10); no Templo de Jerusalém (At 22:17 a 21) e, mais tarde, outra vez em Jerusalém, antes do apóstolo da gentilidade viajar para Roma (At 23:11);
- » A João Evangelista, em Patmos, quando da transmissão do *Apocalipse* (1:9 a 20).

O texto de *João*, ora em estudo, apresenta duas ordens de ideias: a primeira refere-se à oitava aparição do Senhor às margens do Tiberíades (v. 1), estando presentes os Apóstolos Simão Pedro, Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu (João e Tiago – os irmãos Boanerges) e mais dois outros discípulos (v. 1 e 2), não nomeados no texto evangélico, que para ali se dirigiram para pescar. Porém, após uma noite, não conseguiram capturar um peixe sequer (v. 3 e 4). Pela manhã, Jesus aparece na praia e pergunta-lhes se tinham algum peixe (v. 5). Ante a resposta negativa, o Senhor os instrui a “lançar a rede à direita do barco, pois ali encontrariam peixes”. Assim procederam e pescaram uma grande quantidade de peixes (v. 6), sendo necessário um esforço extra dos discípulos para arrastar a rede (v. 7). Até esse momento, os apóstolos ainda não tinham reconhecido Jesus. João, porém, teve um vislumbre intuitivo de que era Jesus que ali se encontrava com eles (v. 8). Quando conseguiram atracar o barco e arrastar a rede, encontram o Senhor ao redor de uma fogueira onde Ele assava peixe e pão (v. 9).

A segunda ordem de ideias do registro joanino refere-se ao colóquio entre Jesus e Pedro, no qual o apóstolo declara o seu irrestrito amor ao Senhor. Este, por sua vez, pede a Pedro para apascentar as suas ovelhas (v. 15 ao 17), faz referência ao gênero de morte a qual o dedicado apóstolo seria submetido (v. 18 e 19) e pede-lhe, por duas vezes: “Segue-me”! (v. 20 a 22).

As aparições de Jesus eram perfeitas, a ponto de compartilhar com os discípulos atividades comuns, como ingerir alimentos, ainda que, no início

da tangibilidade do Mestre, os discípulos não o reconheciam de imediato, o que é muito natural, esclarece Bittencourt Sampaio:

A presença de Jesus ressuscitado impressionava sempre vivamente [...] tinham, em seu conjunto, de servir àquela época e ao futuro, até os nossos dias, preparando a base, os elementos e os meios da revelação, predita e prometida do Espírito da Verdade.⁷

Os seguintes esclarecimentos de *O livro dos médiuns* complementam as explicações a respeito do assunto:

As aparições propriamente ditas ocorrem quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo de plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa, inicialmente como uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão delineando. De outras vezes as formas se mostram claramente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se poder descrevê-las com precisão. As maneiras, o aspecto, são semelhantes ao que tinha o Espírito quando encarnado.

Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob aquela que melhor nos faça reconhecê-lo, se tal é o seu desejo. [...].⁸

Os apóstolos passaram a noite inteira na tentativa de pescar algum peixe, mas nada conseguiram. Retornam à praia, e um aparente desconhecido orienta-os a lançar a rede à direita do barco. Sem refletir muito a respeito, assim procedem e pescam uma grande quantidade de peixes, apresentando-se dificuldades para arrastarem a rede. Tal episódio revela significativo ensinamento espiritual, assim interpretado por Emmanuel:

Caminhos retos⁹

E Ele lhes disse: Lançai a rede para a banda direita do barco e achareis. (João, 21:6.)

A vida deveria constituir, por parte de todos nós, rigorosa observância dos sagrados interesses de Deus.

Frequentemente, porém, a criatura busca sobrepor-se aos desígnios divinos. Estabelece-se, então, o desequilíbrio, porque ninguém enganará a Divina Lei. E o homem sofre, compulsoriamente, na tarefa de reparação.

Alguns companheiros desesperam-se no bom combate pela perfeição própria e lançam-se num verdadeiro inferno de sombras interiores. Queixam-se do destino, acusam a sabedoria criadora, gesticulam nos abismos da maldade, esquecendo o capricho e a imprevidência que os fizeram cair.

Jesus, no entanto, há quase vinte séculos, exclamou:

“Lançai a rede para a banda direita do barco e achareis.”

Figuradamente, o espírito humano é um “pescador” dos valores evolutivos, na escola regeneradora da Terra. A posição de cada qual é o “barco”. Em cada novo

dia, o homem se levanta com a sua “rede” de interesses. Estaremos lançando a nossa “rede” para a “banda direita”? Fundam-se nossos pensamentos e atos sobre a verdadeira justiça?

Convém consultar a vida interior, em esforço diário, porque o Cristo, nesse ensinamento, recomendava, de modo geral, aos seus discípulos: Dedicai vossa atenção aos caminhos retos e achareis o necessário.

Após o lançamento da rede para a banda direita do barco, a pescaria foi exitosa, passando-se à História como milagrosa: “[...] tão grande era a *multidão de peixes*, [que] João, não podendo atribuir esse fato *miraculoso* senão a Jesus, disse a Pedro: – ‘É o Senhor’ (v. 7). O mesmo pensamento tiveram todos, quando a rede foi arrastada para terra com cento e cinquenta e três peixes [...]”¹⁰. Na sequência do relato evangélico, os apóstolos encontram Jesus assando um peixe e um pão em pequena fogueira, eles guardavam a expectativa que fosse o Senhor, após o anúncio de João, mas só tiveram certeza, quando Jesus procede assim: *Jesus aproxima-se, toma o pão e o distribui entre eles; e faz o mesmo com o peixe.* (v. 13). João afirma que essa foi a terceira vez que ele se manifesta aos discípulos, após a Ressurreição (v. 14), fato que não deixa de suscitar dúvidas, quando se consideram os textos dos demais evangelistas. Ou, talvez, *João* faça referência à cronologia de aparição do Mestre apenas aos discípulos. Não se sabe.

Devido às suas qualidades excepcionais, Jesus visualizou onde existiam peixes em abundância no Lago de Genesaré/Tiberíades, pelos fluidos naturalmente emanados. Em seguida, atraiu-os por efeito da força magnética, como interpreta Bittencourt Sampaio:

Sua vista não era obscurecida pela carne como a nossa; seu olhar penetrava no seio das águas. Espírito, sempre Espírito, seu corpo perispirítico deixando-lhe intacta e inteira a vista espiritual, o Divino Mestre viu os fluidos que traziam certas espécies de peixes e, por efeito da sua vontade poderosa, fez vir, pela ação magnética, para as águas onde estava a barca, aqueles fluidos e, portanto, os peixes que por eles eram conduzidos.

Não houve, pois, como não podia haver, derrogação das Leis Naturais e Divinas, que são imutáveis em toda a eternidade.¹¹

Allan Kardec também concorda que a pesca milagrosa nada tem de excepcional, quando se conhecem os efeitos da dupla vista:

Estes fatos nada apresentam de surpreendente para quem conheça o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade. Jesus a possuía em grau supremo e pode-se dizer que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande número de atos da sua vida e o que explicam hoje os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu peixes de modo espontâneo onde não os havia; Ele viu, com a vista da alma, como teria podido fazê-lo um lúcido vigeil, o lugar onde se achavam os peixes e disse com segurança aos pescadores que lançassem as suas redes.¹²

Após a refeição, consta em *João* (21:15 a 18) que Jesus perguntou a Simão Pedro, por três vezes: *Simão, tu me amas?* E, após a resposta positiva de Pedro, de que o amava, Jesus acrescenta: *Apascenta as minhas ovelhas*. Trata-se de uma passagem evangélica que surpreende a muitos, considerando que Jesus sabia, de antemão, que Pedro o amava. Emmanuel esclarece a respeito:

Amas o bastante?¹³

Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, amas-me? (João, 21:17.)

Aos aprendizes menos avisados é estranhável que Jesus houvesse indagado do apóstolo, por três vezes, quanto à segurança de seu amor. O próprio Simão Pedro, ouvindo a interrogação repetida, entristecera-se, supondo que o Mestre suspeitasse de seus sentimentos mais íntimos.

Contudo, o ensinamento é mais profundo.

Naquele instante, confiava-lhe Jesus o ministério da cooperação nos serviços redentores. O pescador de Cafarnaum ia contribuir na elevação de seus tutelados do mundo, ia apostolizar, alcançando valores novos para a vida eterna.

Muito significativa, portanto, a pergunta do Senhor nesse particular. Jesus não pede informação ao discípulo, com respeito aos raciocínios que lhe eram peculiares, não deseja inteirar-se dos conhecimentos do colaborador, relativamente a Ele, não reclama compromisso formal. Pretende saber apenas se Pedro o ama, deixando perceber que, com o amor, as demais dificuldades se resolvem. Se o discípulo possui suficiente provisão dessa essência divina, a tarefa mais dura converte-se em apostolado de bênçãos promissoras.

É imperioso, desse modo, reconhecer que as tuas conquistas intelectuais valem muito, que tuas indagações são louváveis, mas em verdade somente serás efetivo e eficiente cooperador do Cristo se tiveres amor.

A missão de Pedro, levar o Evangelho a diferentes pessoas, seria marcada, acima de tudo, por muito amor. Somente o irrestrito amor do admirável apóstolo lhe concederia as forças para suportar e superar todos os desafios da jornada que se iniciaria em breve tempo. Somente o amor lhe daria condições para apascentar as ovelhas do rebanho do Messias Celestial. O apóstolo passaria por dolorosas provações, seria perseguido até o final da existência, vindo a ser morto por crucificação (v. 18), mas estando ele de cabeça para baixo:

Ao se deixar ser crucificado de cabeça para baixo, Pedro lega à Humanidade um importante simbolismo, qual seja o de que ali morre o homem, para surgir o Espírito iluminado, diferentemente da crucificação de Jesus, de cabeça para cima, na qual se ergue de volta aos páramos celestiais o Espírito puro.

Só mesmo uma vida de dedicação integral a Jesus poderia dar sustentação moral às palavras: “O amor cobre a multidão de pecados” (cf. I Pedro, 4:8).¹⁴

Ao final do diálogo com Pedro, acompanhado atentamente pelos demais apóstolos, Jesus despede-se, mas antes de ir de vez, exclama: “Segue-me”. Pedro se preocupa se a orientação caberia também a outro apóstolo. Jesus, contudo, faz ver que cada um responderá por si mesmo (v. 19 e 22). Eis o que Emmanuel tem a nos ensinar a respeito:

Segue-me tu¹⁵

Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu. (João, 21:22.)

Nas comunidades de trabalho cristão, muitas vezes observamos companheiros altamente preocupados com a tarefa conferida a outros irmãos de luta.

É justo examinar, entretanto, como se elevaria o mundo se cada homem cuidasse de sua parte, nos deveres comuns, com perfeição e sinceridade.

Algum de nossos amigos foi convocado para obrigações diferentes?

Confortemo-lo com a legítima compreensão.

Às vezes, surge um deles, modificado ao nosso olhar. Há cooperadores que o acusam. Muitos o consideram portador de perigosas tentações. Movimentam-se comentários e julgamentos à pressa. Quem penetrará, porém, o campo das causas? Estaríamos na elevada condição daquele que pode analisar um acontecimento, através de todos os ângulos? Talvez o que pareça queda ou defecção pode constituir novas resoluções de Jesus, relativamente à redenção do amigo que parece agora distante.

O Bom Pastor permanece vigilante. Prometeu que das ovelhas que o Pai lhe confiou nenhuma se perderá.

Convém, desse modo, atendermos com perfeição aos deveres que nos foram deferidos. Cada qual necessita conhecer as obrigações que lhe são próprias.

Nesse padrão de conhecimento e atitude, há sempre muito trabalho nobre a realizar.

Se um irmão parece desviado aos teus olhos mortais, faz o possível por ouvir as palavras de Jesus ao pescador de Cafarnaum: “Que te importa a ti? Segue-me tu.”

35.2 CONCLUSÃO (JO 21:24 E 25)¹⁶

²⁴Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. ²⁵Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam.

No fechamento do capítulo 21 do *Evangelho segundo João*, o evangelista insere uma conclusão que é o testemunho da veracidade de tudo que escreveu e presenciou junto ao Mestre Nazareno, o Guia e Modelo da humanidade terrestre. Entretanto, reconhecemos que, por mais que os quatro autores dos textos evangélicos se tenham esforçado para relatar os acontecimentos relacionados ao Cristo, nem tudo foi registrado, como recorda Bittencourt Sampaio:

Todas as aparições, bem como todas as coisas que Jesus fez, não foram relatadas com pormenores pelos evangelistas, mas somente aquelas que eram necessárias aos resultados que devia produzir, aos frutos que devia dar – naquela época, e no futuro – a missão terrestre do Divino Mestre. É o que se infere das últimas palavras do Evangelista João, no canto [capítulo] antecedente, bem como neste com que nos ocupamos.

[...]

Assim finaliza o apóstolo do amor a sua Divina Epopeia, que ocupará sempre o lugar mais elevado entre os livros do Antigo e do Novo Testamentos, como será sempre o bálsamo mais puro e mais refrigerante para as dores de nossa alma.¹⁷

REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 21:11. Nota de rodapé “c”, p. 1.894.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 21:1-14. Nota de rodapé “a” – aparição à margem do lago de Tiberíades, p. 1.894.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 2 (Lucas/João). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 21, it. C – Epílogo, p. 856.
- 4 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XXI*, p. 505.

- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 21:1-23, p. 1.894 e 1.995.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 1:1-3, p. 1.900.
- 7 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XXI*, p. 506.
- 8 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 8. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6, it. 102.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 21.
- 10 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XXI*, p. 506 e 507.
- 11 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XXI*, p. 507.
- 12 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB, 2019. cap. 15, it. 9.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 97.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira; ARAÚJO, Denise Lino. *Humano, demasiadamente humano: a transformação moral de Pedro*. (Leitura de contos do Espírito Amélia Rodrigues pela psicografia de Divaldo Pereira Franco por Denise Lino). 1. ed. Salvador, BA: LEAL, 2020. cap. *O Soerguimento*, p. 129 e 130.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 2.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo João*, 21:24-25, p. 1.895.
- 17 SAMPAIO, Francisco Leite de Bittencourt. *A divina epopeia de João Evangelista*. (Trasladada para versos heroicos). 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2003. cap. *Notas ao Canto XXI*, p. 512 e 514.

O LIVRO ESPÍRITA

CADA LIVRO EDIFICANTE é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregrem na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reduto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

EMMANUEL*

* Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 25 de fevereiro de 1963, em Uberaba (MG), e transcrita em *Reformador*, abr. 1963, p. 9.

O EVANGELHO NO LAR

*Quando o ensinamento do Mestre vibra entre quatro paredes de um templo doméstico, os pequeninos sacrifícios tecem a felicidade comum.**

Quando entendemos a importância do estudo do Evangelho de Jesus, como diretriz ao aprimoramento moral, compreendemos que o primeiro local para esse estudo e vivência de seus ensinamentos é o próprio lar.

É no reduto doméstico, assim como fazia Jesus, no lar que o acolhia, a casa de Pedro, que as primeiras lições do Evangelho devem ser lidas, sentidas e vivenciadas.

O espírito compreende que sua missão no mundo principia no reduto doméstico, em sua casa, por meio do estudo do Evangelho de Jesus no Lar.

Então, como fazer?

Converse com todos que residem com você sobre a importância desse estudo, para que, em família, possam compreender melhor os ensinamentos cristãos, a partir de um momento de união fraterna, que se desenvolverá de maneira harmônica e respeitosa. Explique que as reflexões conjuntas acerca do Evangelho permitirão manter o ambiente da casa espiritualmente saneado, por meio de sentimentos e pensamentos elevados, favorecendo a presença e a influência de Mensageiros do Bem; explique, também, que esse momento facilitará, em sua residência, a recepção do amparo espiritual, já que auxilia na manutenção de elevado padrão vibratório no ambiente e em cada um que ali vive.

Convide sua família, quem mora com você, para participar. Se mora sozinho, defina para você esse momento precioso de estudo e reflexões. Lembre-se de que, espiritualmente, sempre estamos acompanhados.

Escolha, na semana, um dia e horário em que todos possam estar presentes.

O tempo médio para a realização do Evangelho no Lar costuma ser de trinta minutos.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Luz no lar*. Por Espíritos diversos. 12. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2018. Cap. 1.

As crianças são bem-vindas e, se houver visitantes em casa, eles também podem ser convidados a participar. Se não forem espíritas, apenas explique a eles a finalidade e importância daquele momento.

O seguinte roteiro pode ser utilizado como sugestão:

1. Preparação: leitura de mensagem breve, sem comentários;
2. Início: prece simples e espontânea;
3. Leitura: *O evangelho segundo o espiritismo* (um ou dois itens, por estudo, desde o prefácio);
4. Comentários: breves, com a participação dos presentes, evidenciando o ensino moral aplicado às situações do dia a dia;
5. Vibrações: pela fraternidade, paz e pelo equilíbrio entre os povos; pelos governantes; pela vivência do Evangelho de Jesus em todos os lares; pelo próprio lar...
6. Pedidos: por amigos, parentes, pessoas que estão necessitando de ajuda...
7. Encerramento: prece simples, sincera, agradecendo a Deus, a Jesus, aos amigos espirituais.

As seguintes obras podem ser utilizadas nesse momento tão especial:

- *O evangelho segundo o espiritismo*, como obra básica;
- *Caminho, verdade e vida; Pão nosso; Vinha de luz; Fonte viva; Agenda cristã.*

Esse momento no lar não se trata de reunião mediúnica e, portanto, qualquer ideia advinda pela via da intuição deve permanecer como comentário geral, a ser dito de maneira simples, no momento oportuno.

No estudo do Evangelho de Jesus no Lar, a fé e a perseverança são diretrizes ao aprimoramento moral de todos os envolvidos.



www.febeditora.com.br

© /febeditora f /febeditoraoficial ↗ /febeditora

Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Elizabete de Jesus Moreira

Revisão:

Mônica Santos

Capa:

Thiago Pereira Campos

Projeto gráfico e diagramação:

Rones José Silvano de Lima – [instagram.com/bookebooks_designer](https://www.instagram.com/bookebooks_designer)

Normalização técnica

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica e Editora Qualytá Ltda., Brasília, DF, com tiragem de 1 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 124x204 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em Minion Pro 12/15 e os títulos em Zurich Lt BT Light 22/26,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*